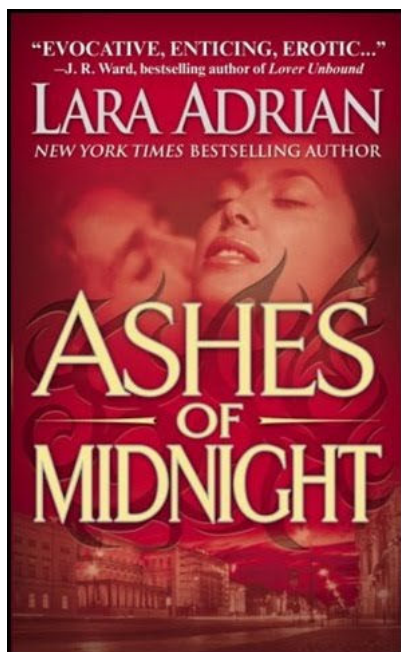




Formatado: Inglês (EUA)

Lara Adrian Ashes of Midnight

Midnight Breed 06

Uma mulher impulsionada pelo sangue. Um homem sedento de vingança. Um lugar onde convergem a escuridão e o desejo...

Quando cai a noite, Claire Roth foge de sua casa, impulsionada por uma feroz ameaça que parece ter saído do próprio inferno. Então, de entre as chamas e as cinzas, aparece um guerreiro vampiro. Ele é Andreas Reichen, seu antigo amante, agora um estranho consumido pela vingança. Apanhada no fogo cruzado, Claire não pode escapar de sua fúria selvagem, nem da fome que a arrasta a seu mundo de eterna escuridão e infinito prazer.

Nada impedirá Andreas de destruir o vampiro responsável pelo massacre de seus irmãos da Raça... mesmo que isso signifique utilizar sua ex-amante como isca em sua mortífera missão. Vinculada pelo sangue a seu perigoso adversário, Claire pode conduzir Andreas até o inimigo que busca, mas é um caminho repleto de perigos... e de profundos e inesperados prazeres. Pois Claire é a única mulher que Andreas não deve ansiar, e a única a que amou. Inicia-se assim uma perigosa sedução que confunde a linha que separa à presa do predador, e aviva as chamas de uma ardente paixão que pode consumir tudo em seu caminho...







Comentários:

Sandra: Fica até difícil comentar este livro. Eu amo essa série, e a cada livro o suspense cresce e você já fica esperando pelo próximo. Neste se fechou o ciclo do Andreas, o por que do ódio entre ele e o Roth. A paixão entre ele e Claire. Mas a caça a Dragos continua... e é o que eu acho legal. Todos os integrantes sempre participam do novo livro.

Gisa: Eles ficaram muito tempo separados. Muitos obstáculos que agora pareciam impossíveis de superar. Mas tinham o desejo. E o desejo sempre é o mais forte... aaaaaaaaaa eu quero o Hunterrrrrrrrrrr

Lucilene: Sabe aqueles livros que você pega e não quer largar antes que termine? Pois ai está um, muito bom, como todos da série. Faz a gente desejar por mais.

Capítulo 1

Berlim, ALEMANHA

O vampiro não tinha ideia de que a morte o esperava na escuridão.

Seus sentidos estavam carregados excessivamente de necessidade. Suas mãos e braços ocupados por uma ruiva com um micro vestido que o roçava com uma luxúria logo que contida. Muito febril para notar que eles não estavam sozinhos em seu quarto no Darkhaven. Ele abriu as portas duplas e dirigiu sua impaciente, e ofegante presa ao interior. A mulher se balançava em um par de saltos altos, rindo enquanto se retorcia longe dele e movia um dedo em frente de sua cara.

—Hans, deu-me muito champanhe, — disse entrecortada, tropeçando no escuro quarto. — Minha cabeça está zozna.

—Vai passar, — as palavras do vampiro alemão eram lentas, também, embora não pelo álcool que havia embriagado a sua despreparada companheira Americana. Suas presas estavam sem dúvida enchendo sua boca, a saliva transbordando-se de sua língua em antecipação da alimentação.

Ele a seguiu com movimentos deliberados enquanto fechava as portas detrás deles e virava para ela. Seus olhos brilhavam como o fogo, transformando-se de sua cor natural a algo de outro mundo. Embora a mulher parecesse não notar a mudança que se posava sobre ele, o vampiro mantinha sua cabeça baixa enquanto se aproximava dela, tratando de ocultar o calor de seu sanguíneo olhar.

Exceto por aquele resplendor âmbar escuro e o tênue brilho das estrelas para fora das altas janelas sobre a vista dos jardins privados da propriedade do Darkhaven, não havia luz no quarto. Então de novo, sendo um dos da Raça, poderia ver muito bem sem isso.



Então, poderia ver aquele que veio para matá-lo.

Envolto nas sombras do grande quarto, um escuro olhar observava como o vampiro agarrava sua anfitriã de sangue por detrás e baixou a cabeça para começar. O primeiro cheiro forte a cobre da veia perfurada da humana fez que as presas de quem observava brotassem de suas gengivas em resposta reflexiva. Ele tinha fome, muita, com mais urgência do que queria admitir, mas havia vindo aqui por um propósito maior que o de servir a suas próprias necessidades básicas.

Tinha vindo por vingança.

Por justiça.

Era aquela missão primitiva que mantinha os pés de Andreas Reichen firmemente no chão enquanto o outro vampiro bebia avidamente, e às cegas andava pelo quarto. Ele esperou, paciente só porque sabia que a morte deste macho o levaria um passo mais perto de cumprir a promessa que havia feito umas doze semanas atrás... a noite em que seu mundo havia se desintegrado em um montão de cinzas e escombros.

A paciência de Reichen se mantinha como uma corda atada. Seu interior se agitava com o calor de sua ira. Seus ossos pareciam barras de ferros fervendo debaixo de sua pele. Seu sangue corria através do corpo, líquido fervendo que o queimava do couro cabeludo aos calcanhares. Cada músculo e célula dentro dele gritava por vingança – gritando com uma fúria que se aproximava de uma explosão nuclear.

Não aqui, advertiu a si mesmo. Isso não.

O preço seria muito se cedesse à magnitude de sua raiva, e Por Deus, esse filho da puta não valia a pena. Reichen manteve a raia aquela parte explosiva dele, mas o esforço chegou uma fração de segundo tarde. O fogo já estava aceso, queimando as frágeis ataduras de seu autocontrole...

O outro vampiro de repente levantou a cabeça de onde havia estado alimentando-se do pescoço da mulher. Fez uma profunda respiração por seu nariz, logo grunhiu, selvagem e alarmado.

—Alguém está aqui.

—O que disse?— murmurou ela, ainda sonolenta por sua mordida enquanto ele selava sua ferida com a língua e logo a empurrou longe. Ela se cambaleou para diante, murmurando algumas maldições seletas sob sua respiração. Logo que seu lento olhar se iluminou sobre o Reichen, um grito saiu de sua garganta. —OH, Meu deus!

Sentindo seus olhos ardendo com o fogo âmbar de seu olhar, suas presas brotaram através de suas gengivas em antecipação de uma luta por vir, Reichen deu um só passo fora das sombras.

A mulher gritou de novo, aumentando a histeria em seus selvagens e aterrados olhos. Olhou a seu companheiro pedindo proteção, mas o vampiro não se importava mais com ela. Com um movimento insensível de sua mão, ele a golpeou, tirando-a de seu caminho e seguiu lentamente adiante. O golpe a enviou rapidamente ao chão.

—Hans!— gritou ela, —Oh, Deus, o que está acontecendo?

Silenciando-a, o vampiro enfrentou seu inesperado intruso e se agachou em uma posição de ataque. Reichen teve somente um momento para lançar um olhar à confusa e aterrorizada humana.



—Fora daqui!— enviou uma ordem mental que abriu as portas do dormitório e as manteve abertas. —Sai, mulher. Agora!

Enquanto ela se arrastava pelo gentil mármore debaixo dela e escapava do quarto, o vampiro do Darkhaven saltou no ar em um arco fluido de movimento. Antes que seus pés pudessem tocar o piso, Reichen se lançou contra o bastardo.

Seus corpos chocaram, a explosão da velocidade dianteira do Reichen os lançou a ambos através da largura do dormitório. Enormes presas chiaram, ferozes olhos âmbar se posaram sobre o outro no pior tipo de maldade, ambos chocaram como uma bola estrelada contra a parede do fundo.

Ossos soaram com o impacto, mas não o suficiente para Reichen.

Não o bastante, nem de perto.

Lançou uma furiosa investida que enviou ao macho de Raça ao chão e o imobilizou ali, com um joelho esmagando sua garganta.

—Bastardo ignorante!— bramou o vampiro, arrogante apesar de sua dor. —Tem alguma ideia de quem sou?

—Sei quem é, Agente de Execução Hans Friedrich Waldemar.

Reichen despiu seus dentes e presas em uma blasfêmia de risada enquanto o fulminava com o olhar.

—Não me diga que já te esqueceste de que quem sou?

Não, não o havia esquecido.

Reconhecimento cintilava atrás da dor e o medo nas afiadas pupilas do Waldemar.

—Filho da puta... Andreas Reichen.

—Assim é,— Reichen sustentou ao bastardo um olhar mortalmente furioso que deveria havê-lo queimado enquanto o submetia. —Que lhe passa, Agente Waldemar? Parece surpreso de me ver?

—N-Não entendo. O ataque ao Darkhaven no verão passado...— o vampiro tomou uma profunda respiração. —Havia ouvido que ninguém sobreviveu.

—Quase ninguém,— Reichen corrigiu fortemente.

E agora Waldemar entendia o porquê dessa visita inesperada. Não havia dúvida no triste olhar do outro homem. Ou o forte medo. Quando falou agora, sua voz tremeu um pouco. —Não tive nada a ver com isso, Andreas. Tem que acreditar.

Reichen bufou.

—Isso é o que os outros disseram, também.

Waldemar começou a retorcer-se, mas Reichen pressionou mais forte seu joelho plantando-a contra a garganta do vampiro. Waldemar ofegou, tentando levantar suas mãos quando o peso começou a esmagar seu canal de oxigênio. —Por favor... só diga o que quer de mim.

—Justiça.

Nem com satisfação nem remorso, Reichen agarrou a cabeça de Waldemar em suas mãos e deu um forte puxão. Seu pescoço quebrou, logo a cabeça do macho da Raça caiu no chão com um pesado golpe.

Reichen soltou uma profunda exalação que fez pouco para acalmar sua angústia, ou a dor



que sentia de estar vivo e sozinho. O único sobrevivente. O ultimo de sua linha familiar.

Enquanto ficava de pé e se preparava para esta ultima morte detrás dele, um brilho cristalino sobre uma das prateleiras mogno do quarto chamou sua atenção. Aproximou-se, seus pés movendo-se automaticamente, estreitou seu olhar fixando-a sobre o rosto de seu inimigo que o olhava de dentro da fotografia emoldurada em prata. Agarrou a fotografia e a observou, seus dedos quentes onde pressionaram o metal do marco. Os olhos de Reichen ardiam enquanto olhava aquele rosto que odiava, um grunhido baixo saiu de sua garganta, uma crua raiva instintiva, e até latente.

Wilhelm Roth parado no meio de um pequeno grupo de machos de Raça usando um traje cerimonioso da Agência de Execução. Todos estavam elegantemente vestidos de smoking preto e camisa branca engomada, seus peitos adornados com gravatas de seda e reluzentes medalhões pendurados, espadas douradas embainhadas nas laterais de seus corpos. Reichen bufou – todos com o poder e a faminta arrogância impressas em cada um de seus satisfeitos e sorridentes rostos.

Agora todos estavam mortos... todos exceto um.

Havia deixado o Roth para o final, depois de ter trabalhado meticulosamente seu caminho até a cadeia de comando. Primeira os membros da esquadra da morte da Agência que tinham emboscado sua casa no Darkhaven e que abriram fogo contra todo ser vivo – inclusive mulheres, e inclusive crianças dormindo em seus berços. Segundo, havia almejado o punhado de camaradas da Agencia de Execução que não tinha nenhum segredo de sua lealdade ao poderoso líder do Darkhaven responsável por ordenar a matança.

Um por um dos culpados durante as últimas semanas, tinham encontrado seu fim. O vampiro morto e destruído no chão era o último membro conhecido do círculo privado e corrupto de Wilhelm Roth reunidos na Alemanha.

Encarregaria-se de Roth ele mesmo.

O bastardo iria queimar pelo que havia feito.

Mas primeiro sofreria.

O olhar de Reichen foi à deriva de novo sobre a fotografia emoldurada em suas mãos e a sustentou ali. A primeira olhada, não havia notado a mulher. Toda sua concentração - toda sua fúria – tinha se centrado somente em Roth. Agora que a tinha encontrado, não podia apartar seus olhos dela.

Claire.

Ela se mantinha a distancia ao lado do grupo de machos de Raça, ainda bastante pequena em um vestido sem mangas cinza-pálido que fazia que sua pele morena parecesse tão suave e luxuriante como o cetim. Seu delicado cabelo negro estava preso em um cuidadoso coque, nem um só cabelo fora do lugar.

O tempo não a havia envelhecido tanto, não mais que um ano, desde que a havia conhecido - não é que isso fora impossível, quando ela estava jovem e forte pelo vínculo de sangue que compartilhava com seu companheiro escolhido aqueles trinta e tantos anos. Ela olhava Wilhelm Roth e seus amigos criminosos, sorrindo com uma expressão perfeitamente apropriada, perfeitamente doce.



Uma companheira perfeitamente apropriada para o vampiro que havia resultado ser o adversário mais traidor de Reichen.

Claire.

Depois de todo este tempo.

Minha Claire, pensou possessivamente.

Não, não dele.

Uma vez foi, talvez. Há muito tempo, e só por uns poucos meses. Um punhado breve de tempo.

História passada.

Reichen olhou sua imagem atrás do marco prateado de vidro, surpreso com a facilidade que sua fúria brotava pelo Wilhelm Roth que poderia sangrar ao vampiro companheiro de Raça. Doce, e encantadora... na cama com seu pior inimigo. Sábia ela da corrupção de Roth? Ela tolerou isto?

Pouco importava.

Tinha uma missão a cumprir. Justiça a reclamar. Uma última mortal vingança para servir.

E nada se interporia em seu caminho... nem mesmo ela.

O olhar de Reichen se dirigiu à fotografia, fúria ardendo à luz âmbar que o iluminava do marco do vidro. Seus dedos queimavam onde sua pele encontrava o metal do marco. Tentou refrescar a azeda tempestade que formava redemoinhos em seu estomago, mas já era muito tarde para esperar que inclusive uma pequena parte se acalmasse. Com um grunhido, jogou a fotografia no chão e girou afastando-se dela. Aproximou-se a uma das altas janelas a tentou abrir o painel, sabendo que não podia confiar em sua especialidade agora que sua fúria estava tão perto de governá-lo.

Reichen caminhou para a soleira e se agachou, escutando o quente chiado do derreter da prata e o som do vidro quebrando enquanto a fotografia emoldurada ardia em chamas detrás dele.

Logo pulou para a densa noite de outono, para terminar o que Wilhelm Roth tinha começado.

Capítulo 2

Os lábios de Claire Roth se franziram enquanto olhava o modelo arquitetônico estendido sobre a mesa de sua biblioteca.

—Que te parece mover a banquetta para tirá-la do caminho e colocá-la perto do aquário, simplesmente do outro lado da cabana de rosas?

—Uma excelente ideia,— disse uma surpreendente voz feminina acima do alto-falante do telefone situado perto. A jovem estava chamando de uma das regiões do Darkhaven. Tendo visto alguns de seus trabalhos em outros lugares dentro da comunidade de vampiros, Claire tinha trabalhado com ela durante a semana passada, em consultas privadas sobre o desenho de um



pequeno parque de jardim. —Decidiste o material para os corredores, *Frau*¹ Roth? Acredito que inicialmente tinha mencionado paralelepípedos ou pedra rústica.

—Seria possível manter os caminhos naturais? Perguntou ela enquanto se movia pelo lado da mesa, examinando atentamente o resto da maquete. —Estou pensando em caminhos de terra de suaves contornos com algo singelo mas acolhedor. Não-me-esqueças², possivelmente?

—É óbvio, isso ficaria encantador.

—Bem,— disse Claire, sorrindo enquanto considerava a mudança. —Obrigado, Martina. Fez um maravilhoso trabalho. Em realidade, não poderia estar mais agradecida com a forma em que tomaste minha confusão de ideias tolas e as converteste em algo muito melhor do que imaginava.

A voz da jovem companheira de Raça se esclareceu no outro lado da linha.

—O parque vai ficar formoso, *Frau* Roth. É óbvio quanto tempo e cuidado pôs em sua visão do que gostaria que fora.

Claire silenciosamente registrou o elogio, sentindo-se menos orgulhosa que aliviada. Queria que este pedaço de terra se convertesse em algo formoso. Queria que fora perfeito. Cada plantação, cada escultura cuidadosamente posta, exibindo-se, e todo o lugar fora destinado a ser um lugar de total paz e tranquilidade. Um santuário a inspirar a mente, o coração e a alma. Ela não era umas dessas que agarra a tocha pela causa – bom, não há muito tempo, em todo caso – mas tinha que admitir que este projeto havia se convertido em algo parecido a uma obsessão para ela.

—Só necessito que seja bonito,— murmurou ela, piscando pelas repentinas lágrimas em seus olhos. Estava muito emocional ultimamente, e se alegrava de que não houvesse ninguém em sua biblioteca para ver sua debilidade.

—Não se preocupe,— a alegre voz de Martina a acalmou. —Estou certa de que ele vai amar isso.

Claire tragou, pega de surpresa. —Q-Que?

—O *Herr*³ Roth,— respondeu a jovem companheira de Raça. Um incomodo silêncio se estendeu por compridos momentos. —Eu, hum... sinto se fui indiscreta. Pediste-me manter o parque e seu desenho em segredo, assim suponho e assumo que quer que seja um presente para ele.

Um presente para Wilhelm? Claire teve que trabalhar para conter sua reação de desconcerto à ideia. Nem sequer havia visto seu companheiro durante meio ano. Ele somente vinha ao país porque seu sangue o obrigava. Claire havia temido enormemente aquelas visitas, esperando enquanto seu companheiro se alimentava de suas veias e tomava seu sangue em troca. Wilhelm logo que pretendia fingir sentir-se indiferente sobre seu acordo com frieza obrigatória. Tinham vivido separados discretamente quase todas as três décadas de seu emparelhamento – ele em sua mansão do Darkhaven na cidade, e ela e um punhado de pessoal de segurança aqui na casa de campo a algumas horas de distância.

Não, o parque jardim não era um presente para seu companheiro cronicamente ausente. De

¹ Senhora em Alemão

² Espécie de flor, também chamada miosótis. Foto: http://1.bp.blogspot.com/_oKjxIRnQHg8/SSW8NTTs6GI/AAAAAAAAABXI/bGmPQ_dIGy0/s400/mios%C3%B3tis.jpg

³ Senhor em Alemão



fato, estava segura de que estaria furioso se averiguava que ela havia empreendido o projeto por sua conta. Felizmente para ela, Wilhelm Roth não havia mostrado interesse em algo que ela pensasse ou sentisse ou fizesse agora por algum tempo. Estava mais que satisfeito em deixá-la seguir suas diversas atividades filantrópicas e sociais; seus assuntos com a Agência de Execução era tudo o que lhe importava, sobretudo ultimamente. Essa era sua obsessão, e em um tranquilo canto de seu coração, Claire se alegrava por sua solidão. Especialmente estas últimas e difíceis semanas.

Martina deixou escapar um pequeno suspiro pelo fone.

—Por favor, *Frau* Roth... Perdoe-me se tiver ultrapassado meus limite de alguma maneira.

—Não, de maneira nenhuma,— Claire lhe assegurou. Antes que ela fosse oferecer uma mentira piedosa a Martina sobre suas motivações pela construção do parque ou explicar seu afastamento dos machos de Raça que via com pouca frequência, um forte golpe soou na porta da biblioteca. —Meus agradecimentos de novo por seu encantador desenho, Martina. Deixe-me saber se tiver alguma outra pergunta antes que procedamos com o projeto.

—É obvio, boa noite, *Frau* Roth.

Claire terminou a chamada, logo saiu da sala. Fechou a porta detrás dela, ainda sentindo-se protetorista de sua tarefa confidencial e não vendo nenhuma razão para aumentar as perguntas dos fiéis cães de caça de Wilhelm. Mas agora que estava parada sozinha com um dos Agentes de Execução atribuídos para vigiá-la e à propriedade que ocupava, compreendeu que seu pequeno projeto era a menor parte da preocupação do detalhe de segurança. O guarda parecia inquieto, extremamente nervoso.

—Sim, que acontece?

—Necessito que venha comigo, *Frau* Roth.

—Para que? Ela podia ver agora que o grande macho estava visivelmente nervoso. Considerando que era de Raça, além de estar armado de suas presas, com armas de fogo e equipe de combate, sacudir a alguém como ele não era pouca coisa. Algo estava terrivelmente mal.

O dispositivo de comunicação oculto em seu colete negro antibalas soava com estática entrecortada e fragmentos de conversas urgentes entre os outros agentes destinados à casa de campo.

—Estamos evacuando as imediações imediatamente. Por aqui, me siga por favor.

—Evacuação? Por quê? Que está passando?

—Temo que não há tempo a perder. Mais estática soava acima de seu colete de comunicação. Mais vozes emitindo ordens entrecortadas no fundo. —Temos pronto um veículo para você. Por favor, tem que vir comigo.

Começou a alcançar seu braço, mas Claire saiu de seu alcance.

—Não entendo. Por que tenho que ir? Exijo que diga o que está passando.

—Tivemos uma situação no Darkhaven de Hamburgo há um tempo atrás.

—Uma situação?

O guarda não se explicou, simplesmente continuou falando.

—Por precaução, estamos limpando aqui e levando-a a outro lugar. A uma casa segura em Mecklenburg.



—Espera um minuto, não tenho ideia do que está falando. Que situação em Hamburgo? Por que tenho que ser transferida a uma casa segura? O que exatamente significa isto?

O guarda deu uma impaciente olhada para ela enquanto ladrava sua posição por seu dispositivo de comunicação.

—Sim, estou com ela agora. Tragam os veículos pelo frente e preparem-se para sair. Estamos a caminho para te alcançar.

Fez outra tentativa de segurá-la e a paciência de Claire explodiu.

—Maldição, me fale!

—Que demônios está acontecendo? E onde está Wilhelm? Coloque-o ao telefone. Quero falar com ele antes que te permita me arrastar para fora de minha própria casa com apenas uma explicação.

—O diretor Roth está fora do país desde julho. --Disse-lhe o agente, sua adestrada expressão parecia sugerir que ele não havia notada sua vergonha pelo fato de que um detalhe básico de segurança poderia saber mais sobre o paradeiro de seu companheiro que ela. Ele se esclareceu a garganta. —Tentamos contatar o diretor agora para lhe informar sobre o ataque.

—Ataque,— replicou Claire, esquecendo a estupidez enquanto sua pele ficou fria e rígida. — Santo Deus. Foi alguém atacado no Darkhaven? Alguém foi ferido?

O guarda a olhou pelo que pareceu minutos intermináveis antes que finalmente soltasse uma maldição e deixasse escapar os detalhes em um derrame de palavras. —O Darkhaven de Hamburgo foi invadido faz menos de uma hora. Acabamos de receber uma chamada de um dos guardas que conseguiu escapar. O único guarda que escapou. Emendou. —Foi uma completa aniquilação. Todos os que estavam esta noite na mansão estão mortos.

—OH, Deus,— sussurrou Claire, recostando-se nas portas fechadas da sala para apoiar-se. — Não entendo... Quem poderia fazer algo assim?

O guarda sacudiu sua cabeça.

—Não temos ideia de quantos atacantes estiveram implicados no ataque, mas o agente sobrevivente disse que o assalto foi como nada que tivesse visto antes, fogo por todos os lugares, como se o inferno mesmo tivesse derrubado as portas e varrido pelo lugar. Não há nada mais que cinzas.

Claire estava de pé ali, afetada e muda, tentando processar tudo o que estava escutando. Era impossível... Incrível. Simplesmente não tinha sentido. Deus, muito do estava acontecendo ultimamente não tinha sentido para nada.

Tanta violência ao azar.

Tanta morte sem sentido.

Tanta dor e perda...

—Não podemos demorar,— estava dizendo o guarda agora. —Temos que conseguir evacuar esta locação antes que seja atacada, também.

—Realmente acredita que quem fez isto virá aqui? Por quê?

Desta vez o guarda não fez pausa para lhe dizer algo mais. Seus dedos se posaram fortemente ao redor de seu braço e começou a caminhar — rapidamente. A mensagem em seus longos passos rápidos era bastante clara: Claire poderia apressar-se para manter o ritmo dele, ou



ele a tiraria dali. De qualquer modo, estava deixando as imediações e sob ordens fortemente armadas, e severas de segurança.

Não havia uma parada para uma jaqueta ou uma bolsa. Ela fugiu com o guarda, saindo da casa e no frio da noite a fins de outubro. A brisa fria de outono sangrava através das fibras de seu suéter de caxemira vinho-tinto e suas calças de lã cinza enquanto corria junto ao guarda de caminho ao pavimento, as solas de seus sapatos de camurça se arrastavam no esforço por manter-se ao ritmo dos longos passos do agente que a arrastava pelo braço.

Claire chegou à aberta porta traseira do Mercedes que estava estacionado no centro de uma vanguarda de outros quatro veículos.

—Entra,— o guarda a instruiu, e gentil mas urgentemente a guiou ao interior diante dele.

Enquanto ele se deslizava a seu lado no assento de couro e fechou a porta, Claire tratou de esfregar os ossos para tirar o frio cruel que parecia emanar de dentro de seu corpo em vez de fora. Tudo estava ocorrendo tão rápido. Ainda estava tentando lutar contra as terríveis notícias do ataque ao Darkhaven em Hamburgo, muito menos compreender a ideia de que não faz poucos minutos sua maior preocupação era a apropriada localização de um banco no jardim ou o terreno de plantação. Agora um punhado de parentes do Wilhelm e pessoal de guarda que tinham residido no Darkhaven estavam mortos e ela havia sido transferida de sua casa no meio da noite, fugindo de um desconhecido e misterioso mal.

Por quê?

A pergunta soou em sua mente. Era a mesma coisa que havia estado perguntando-se faz uns três meses, quando outro Darkhaven havia caído em desgraça – uma tragédia que também havia deixado para trás só cinzas e fumaça. Mas que havia sido um acidente, segundo a investigação dos Agentes de Execução. Uma enorme explosão tão feroz e completa que provavelmente matou todos os residentes do Darkhaven imediatamente.

E ainda a pergunta a atormentava, tão dolorosamente como quando a havia feito a primeira vez que escutou a notícia...

Por quê?

—Estamos dentro e partindo,— disse o guarda sentado atrás do volante, via rádio para os outros veículos. Pisou no acelerador, e, como uma serpente avançou rapidamente, a frota de sedans pretos começou a acelerar enquanto baixavam a larga e cheia de árvores entrada de automóveis.

Claire se sentou atrás, tentando não sentir a ansiedade que flutuava no ar esvaziado do carro. Os bosques ao redor deles pareciam mais escuros que o usual, tão extremamente tranquilos. No alto, a luz da lua magra era apagada pelos densos topos dos imponentes pinheiros. A vanguarda⁴ limpou a primeira curva do caminho a quase um quilometro do trajeto privado. Aceleraram na reta, todos os automóveis acelerando a uma velocidade maior à medida que passavam pela estrada principal.

Não houve nenhuma advertência do assalto que sacudiu o automóvel principal nesse seguinte instante.

⁴ Vanguarda – parte do exercito ou forças armadas que vai adiante do grupo principal.



De fora do bosque como a boca do lobo veio uma cegadora bola de fogo laranja. Estrelando-se no primeiro Mercedes da linha, explodindo o automóvel com o impacto. Claire gritou, sentindo a forte vibração da explosão até a planta de seus pés.

—Que Caralho é isso? -- gritou o guarda ao lado dela no assento traseiro. —Jesus cristo, aciona os malditos freios!

As luzes vermelhas foi um brilho diante deles, e não havia nada que seu condutor pudesse fazer para evitar bater na traseira do outro sedam enquanto este patinava para deter-se. Como um trem de brinquedo que de repente saiu de sua pista, a caravana de veículos se desfez, sua linha enviesada e quebrada.

E mais adiante, o primeiro automóvel estava envolto em chamas que se elevaram ao negro céu.

Justo então outra bola de fogo foi lançada da cobertura da floresta. Voou em excesso de velocidade, um arco resplandecente como um cometa, projetada diretamente para os automóveis estacionados. Então outro círculo de chamas chegou rapidamente em sua direção, ambas as ameaças de ar impressionante em sua terrível, e ardente beleza.

O guarda sentado junto a Claire se inclinou para frente, seus dedos agarraram o cabecero do assento diante dele.

—Dá marcha ré rápido, maldita seja!— gritou ao condutor totalmente paralisado. —Lance esta coisa para trás e nos tire de uma maldita vez daqui!

Os pneus chiaram, o Mercedes deu uma violenta marcha ré. Enquanto o automóvel girava sobre a estreita pista de asfalto, seu para-choque bateu no veículo detrás deles pelo pânico do condutor, Claire olhou aos guardas nos automóveis restantes abrir de um golpe suas portas e tentar fazer uma fuga a pé. Um deles saltou à segurança do bosque.

O outro pulou somente uns minutos muito tarde. A primeira bola de fogo se estrelou na capota de seu automóvel, apagando ao homem e o metal, ambos em um rugido cruelmente doentio, voando escombros.

Claire gritou, girando sua cara longe do açougue assim que a segunda bola de fogo caía sobre o automóvel vazio diante deles na estrada. O trovejar da explosão sacudiu a terra e criou uma profunda cratera fumegante no chão.

O guarda a seu lado fez o sinal da cruz sobre seu peito, e logo empurrou as costas do assento do condutor com uma suja maldição.

—Vai idiota! Liga o maldito carro! Tire-nos daqui!

Muito tarde.

De alguma parte, de fora do céu, provavelmente, veio uma esfera ardente de calor. A bola de fogo se elevou por diante do para-brisa do veículo, o resplendor tão intenso que encheu o interior do Mercedes com uma cegadora luz branca. Fosse o que fosse, sentia-se carregado com uma potência de dez sóis, tão elétrico como um raio, concentrado em uma esfera do tamanho de uma bola de boliche. Todos os pelos do braço de Claire e a parte posterior de seu pescoço se arrepiaram quando a coisa se rompeu na terra a meros passos da capota do automóvel. Outra bola de fogo chocou detrás deles, estremecendo Claire e seus dois companheiros mandando-os para frente em seus assentos. A cabeça do condutor golpeou o volante com um rangido doentio.



O airbag⁵ se ativou pelo impacto, o que desencadeou o sistema de segurança do automóvel. Em meio do alarme e a baforada de fumaça química da bolsa de ar desdobrada, Claire também percebeu o aroma do rastro de sangue. Limpou a testa e engoliu com dificuldade quando seus dedos se mancharam de carmesim.

Merda.

Nunca era boa ideia sangrar na frente de vampiros, inclusive vampiros disciplinados pelo treinamento da Agência de Execução e dedicados ao serviço de seu implacável e muito, muito poderoso companheiro. Não é que realmente esperasse viver muito esta noite para preocupar-se pela sede de sangue potencial de seus guardas. Não parecia provável que ela ou algum deles pudessem sobreviver aqueles próximos momentos.

—Corre,— grunhiu o que estava atrás com ela. Tinha uma arma em cada mão. Suas pupilas estavam contraídas em ranhuras verticais no centro de sua íris âmbar enquanto olhava furiosamente o cabo da porta ao lado dela. O painel se abriu com a força de sua mente de Raça. — Corre tão longe como pode. É sua única esperança.

Claire saiu fora e golpeou a terra em um torpe cambaleio. Suas pernas estavam débeis, frouxas. Sua cabeça soava, seu coração martelava em seu peito. Escutou o som do guarda enquanto saía do veículo ao outro lado e esperava para enfrentar-se a qualquer luta que viesse.

Claire se encaminhou às altas sombras negras dos bosques enquanto o caos continuava ao seu redor. Alguns guardas correram ultrapassando-a, com suas armas postas, como se algum deles pudesse enfrentar-se ao inferno que havia chegado aqui esta noite. Não poderia imaginar a classe de exército que havia cometido tal brutal e ofensivo ataque. Claire lançou um aterrorador olhar por cima de seu ombro enquanto caminhava para o bosque.

Quem quer que fossem aqueles ferozes atacantes, estavam aproximando-se agora. O resplendor sobrenatural do bosque detrás dela era mais intenso, marcando seu progresso. Seus passos reduziram a marcha enquanto o resplendor laranja alcançava as árvores como raios de sol abrasando em meio da mais fria escuridão. Olhou fixamente, paralisada, incapaz de apartar o olhar do enfoque que provavelmente ia fazer sua morte.

Uma silhueta começou a tomar forma.

Não era um exército, a não ser um só homem.

Um homem cujo ser estava aceso em chamas.

Por um instante, um delirante instante, Claire acreditou reconhecer o corte largo de seus ombros, a arrogância fluída de seu passo. Impossível, é obvio. Entretanto, um brilho de familiaridade se acendeu na parte de trás de sua mente. Poderia conhecê-lo de algum jeito?

Mas este não era um homem, certamente nenhum que conhecesse, agora ou nunca, a criatura era algo tirado de um pesadelo.

Era a morte encarnada.

⁵ Airbag, também conhecido por bolsa de ar ou almofada de ar, é um componente de segurança dos carros, que pode ser usado em algumas máquinas industriais e em robôs de pesquisa, que funciona de forma simples: quando o carro sofre um grande impacto, vários sensores dispostos em partes estratégicas do veículo (frontal, traseiro, lateral direito, lateral esquerdo, atrás dos bancos do passageiro e motorista, tipo cortina no forro interno da cabina) são acionados emitindo sinais para uma unidade de controle que por sua vez checka qual sensor foi atingido e assim aciona o airbag mais adequado.



O som de uma arma disparada chamou a atenção de Claire ao grupo reunido de Agentes de Execução perto. Outra bala soou, logo outra e outra, até que o ar se encheu com o som. Pelo regozijo, alívio.

O homem de fogo seguiu caminhando, imperturbável. As balas estalavam como traques quando se aproximavam dele, explodindo inofensivamente quando se encontravam com a parede de calor que rodeava seu corpo.

Quando o ultimo projétil foi arrojado, ele se deteve.

Levantou suas mãos em frente dele, embora não em redenção. Com pouco mais que um segundo de aviso, soltou uma rajada de fogo sobre os guardas de defesa. Claire não poderia afogar seu grito de horror enquanto as chamas os envolviam. Incinerados no lugar.

Soube o instante em que o homem se fixou nela. Sentia o calor de seus olhos atravessando-a da distância, cada terminação nervosa em seu corpo estava tensa de medo.

—OH, Deus!— sussurrou ela, tropeçando uns passos para trás.

O homem de chamas deu um passo em sua direção, toda sua terrível fúria concentrada agora completamente sobre ela.

Claire começou a correr, não ousando olhar atrás de novo enquanto se inundava no bosque e corria por tudo o que acreditava valer a pena.

Capítulo 3

Caminhou imperturbável através das cinzas fumegantes e da ruína na calçada. Suas botas rangiam sobre vidros quebrados e metal arrancados, atoleiros de óleo em chamas e os restos fumegantes dos machos de raça que se incendiou graças a ele e suas armas mesquinhas.

Suas balas não o tinham parado. Nada poderia.

A terra chispava embaixo das solas pesadas de suas botas, não dos escombros dos refugos não aniquilados, mas do calor que seguia produzindo através de seus membros, um chiado elétrico que viajava cada centímetro de seu corpo em pulsos de ondas de energia letal, de vida pura.

Tinha deixado sua fúria fora de controle esta noite, ele sabia. Tinha compreendido muito bem quão importante era conter o fogo dentro dele, mas seu ódio por Wilhelm Roth o havia feito descuidado primeiro na cidade, e depois aqui. Sua sede de completar sua vingança, tinha-o empurrado para um precipício e agora estava caindo, caindo... quando a justiça estava tão perto de seu alcance.

Roth não tinha estado no Darkhaven de Hamburgo. Tampouco era um dos muitos mortos que tinham tentado fugir esta noite. Sua visão se alagou de vermelho com o calor, Reichen jogou um olhar implacável sobre os restos. Não via nenhum sinal desse bastardo.

Mas a companheira de Roth estava aqui.

Ela saberia onde encontrá-lo. E se seus lábios se negassem a confessar, seu sangue diria o bastante.



Claire.

Seu nome oscilava como um curto-circuito em sua mente, vagamente, obscuro, só para ser devorado pela raiva. Agora mesmo, para ele, ela não era ninguém que conhecesse, uma vez ou sempre. Não era aquela que tinha tido em seus braços, que alguma vez tinha amado. Neste momento, com sua fúria, só sabia que ela era a mulher que pertencia a Wilhelm Roth. E que a fazia tão inimiga como Roth.

Caminhou até o limite do bosque, onde assistiu a companheira de raça correr. Vagamente registrou o aroma da resina de pinheiro derretendo e queimando as folhas quando ele passou. Os ramos das árvores se dobravam pelo calor enquanto ele passava, saindo de seu caminho a cada passo.

Ele sabia com precisão por onde a fêmea tinha escapado. Podia ouvir o ofego rápido da respiração enquanto se dirigia mais profundo no bosque. Tinha medo, o aroma de seu terror era como uma nota rangente que a fumaça não podia ocultar.

Mais adiante seus passos ficaram em silêncio. Ela tinha encontrado um lugar para ocultar-se dele ou isso acreditava ela. As botas de Reichen tomaram um caminho certo em direção a ela. Seu enfoque estava bloqueado por uma enorme bola de terra e retorcidas raízes mortas de uma árvore caída, estava agachada detrás dela.

Reichen escutava os batimentos do coração da fêmea, até mais rápidos à medida que se aproximava. O corpo de Reichen começou a reagir, com vapor que saía do mais profundo de seu maciço corpo. Que era o que sentia justo antes que tudo se acenda. O calor era muito forte agora e saía para o exterior em turbulentas ondas. Ele não se acreditava capaz de deter a explosão que aproximava, embora tentasse.

—Sai, mulher.— Sua voz soava oxidada e estranha a ele, com um sabor tão seco como a cinza na garganta. —Não sobra muito tempo. Sai daí, enquanto ainda pode.

Não obedeceu. Uma parte distante dele, não estava exatamente surpreso por sua tenaz resistência, inclusive já a tinha esperado. Mas outra parte dele, a parte que se iluminava com fúria pirotécnica e mortal impaciência, soltou um rugido que fez tremer a terra.

A advertência, mostrou-se efetiva.

Observou um brilho de movimento, escutou os passos rápidos sobre as folhas pulverizadas na terra antes que a raiz da árvore detonasse. Faíscas dispararam em todas as direções, com flamas de cor laranja no alto. Reichen viu a mulher de Roth arremessar-se mais profundo nos bosques enquanto restos fumegantes choveram ao redor da cratera que tinha deixado na terra onde estava escondida anteriormente.

Como uma maldição sombria ele a perseguiu. Ela corria rápido, mas ele era mais rápido. Não havia nenhum lugar para ela ir. Não levou muito tempo dar-se conta disso por si mesmo. Seus passos se desaceleraram, até que parou. Reichen fez uma pausa onde se encontrava, a uns dez passos de distância dela. As folhas rangeram e murcharam em cima de sua cabeça, tudo ao redor dele se queimava por seu calor abrasador.

Suas mãos flexionadas e os punhos aos lados, com os pés trocando o peso de seu corpo, parecia sopesar suas possibilidades de escapar rapidamente.

—Se for me matar agora, faça-o.



Sua voz era tranquila, mas sem hesitar. O som de veludo despertava lembranças dispersas na cabeça e uma corrente de imagens: ele e essa mulher nua na cama, apanhados em um matagal de folhas, rindo, beijando-se. Seu profundo olhar marrom dançando à luz das velas de ouro enquanto lhe dava de comer as framboesas com açúcar em um piquenique a meia-noite no lago. Seus braços ao redor de sua cintura, a bochecha apoiada em seu peito nu enquanto ela confessava que se apaixonou por ele.

Claire...

Levou um bom momento esquecer-se desse passado. Obrigou-se a pensar em outras lembranças mais recentes, as que ainda tinham sabor amargo, que até estavam presentes como a fumaça que flutuava no ar do bosque. As lembranças que estavam empapadas do sangue de muitas vidas inocentes.

—Não vim causar sua morte, Claire Roth.

Ela ficou imóvel ante a menção de seu nome. Reichen olhou a coluna vertebral rígida diante dele, os delicados ombros quadrados e desafiantes, como a companheira de seu inimigo pouco a pouco virava para ele. Seus grandes olhos escuros, sustentava o olhar através da distância. Ele viu uma nota de reconhecimento ali, mas foi absorvido pela incredulidade. Ela sacudiu a cabeça em silêncio, olhando-o como se fora um fantasma ou, melhor, uma espécie de monstro.

Sabia que era ele, sobretudo depois desta noite, mas ao ver os olhos, fez que a ira nele provocasse uma onda mais selvagem.

—Me diga onde ele está,— Reichen exigiu.

Ela não parecia lhe ouvir. Olhou-o pelo que pareceu uma eternidade, recolhendo-o com aquele olhar fixo penetrante, inquisitivo. Finalmente, ela deu uma sacudida lenta de sua cabeça.

—Eu não entendo como pode fazer isto—, murmurou. Deu um passo adiante, só para retroceder um segundo depois, as folhas de pinheiro que caíram a seu redor se voltaram cinzas brancas a seus pés. —Meu Deus... Andreas. É isto um sonho? Quero dizer, devo estar sonhando, verdade? Isto não é real. Não pode ser...

As palavras saíam com dificuldade, som débil, afogado em sua garganta. Apesar do intenso calor, levantou a mão como se fosse ir até ele. —Pensei que estava morto, Andreas. Todos estes três meses do incêndio que destruiu seu refúgio... acreditei que tinha morrido.

Reichen grunhiu ante a ameaça de seu contato. Em um grito afogado de sobressalto, Claire puxou o braço para trás. Esfregou os dedos que se queimaram em contato com ele, sem dúvida alguma de que era verdade a sensação de sua pele desprotegida.

A confusão era evidente. Como era seu horror.

—Meu deus, o que te passou?

É obvio que não saberia. Tinha sido diferente quando o conheceu. Cristo, tudo tinha sido diferente então. O calor que viveu com ele agora era frio latente, à espreita nas profundidades de sua própria consciência.

Tinha tomado todo seu maldito poder e mantido oprimido dentro dele. Tinha passado tanto tempo desde que o calor tinha aumentado nele, em realidade tinha sido o suficientemente tolo para acreditar que tinha impulsionado o calor de volta para sempre. Mas ainda estava ali, proibido mas latente. Esperando pela mínima possibilidade de acender enquanto ele se esforçou por negar



sua existência.

Tinha vivido uma mentira nas últimas três décadas, só para vê-la estourar agora em sua cara.

Agora ele nunca seria a mesma pessoa. Agora, a traição de Wilhelm Roth tinha despertado esse lado monstruoso dele. Agora, a dor e a ira convidaram a habilidade terrível de volta em sua vida, e os incêndios estavam sempre queimando dentro dele.

Estavam começando a dominá-lo para acabar com Roth.

E por causa das ações inumanas de seu companheiro, Claire estava vendo aquela verdade horrível com seus próprios olhos.

Não, ele nunca seria o mesmo novamente.

E não descansaria até ter sua vingança.

Através das chamas, os olhos de Claire registraram preocupação, e parte compaixão.

—Não entendo o que está passando, Andre. Por que é assim? Me diga o que te passou.

Odiava a preocupação em sua voz. Ele não queria escutá-la, não da companheira de Roth.

—Por favor, me fale, Andre.

Andre. Só ela lhe tinha chamado assim. Depois dela, não o tinha permitido a ninguém. Depois dela, houve muitas coisas que não se atreveu a permitir, de si mesmo ou de outros.

O som de seu nome nos lábios agora era uma dor que não tinha previsto. Reichen mostrou os dentes e presas em uma careta destinada a acovardar, mas ela não cedeu com sua demanda de respostas.

—Quem, Andre... quem fez isso?

Deixou que o fogo de sua fúria respondesse por ele, como sua voz tão áspera na garganta.

—O filho da puta que enviou seu esquadrão da morte a minha casa, para sacrificar minha família a sangue frio. Wilhelm Roth.

—Impossível—, Claire se ouviu dizer, embora se se referia à acusação terrível contra Wilhelm ou o fato de que Andreas Reichen estava muito vivo, insondável e letal, nem sequer estava segura.

—Necessita ajuda, Andre. O que aconteceu... não importa o que tem feito esta noite... necessita ajuda.

Ele ridicularizou, sombrio e perigoso. Era um som bestial, em coincidência com o olhar selvagem em seus olhos. Sua fúria era evidente, uma força tão grande que seu corpo não parecia capaz de contê-la. Claire olhava a corrente de calor que rodeavam suas extremidades e torso e distorciam seus traços faciais a algo monstruoso e desumano.

Deus do céu.

Este calor infernal era sua raiva.

—OH, Andre,— sussurrou ela, apertando seu coração apesar da confusão de emoções que se lançavam através dela. —Sei como deve doer. Sofri por ti, também, quando me inteirei do que aconteceu.

—Quinze vidas—, espetou. —Todos mortos. Inclusive as crianças.

Doía pensar nele, Claire fechou os olhos.

—Eu sei, Andre. Ouvi, é obvio. Todos na região se viram afetados com a notícia que nos chegou de Berlim. Foi uma terrível tragédia inimaginável.



—Foi um banho de sangue maldito—, gritou-lhe, —Quinze vidas inocentes eliminadas por ordem de Roth. Todos eles assassinados, como cães por suas ordens.

—Não, Andre.— Claire negou com a cabeça, confusa. Consternada que lhe ocorreu tal coisa. —Houve uma explosão. A Agência de Controle de investigadores concluiu que tinha sido uma ruptura do ducto principal do gás. Chamaram de acidente, Andreas. Não sei de onde tira a ideia de que Wilhelm...

—Basta—, grunhiu. —Não pode proteger seu casal com mentiras. Nada pode protegê-lo da justiça que merece. Eu os vingarei.

Claire tragou saliva. Ela não era tão ingênua para acreditar que a honra de Wilhelm Roth estaria sem uma marca ou duas. Era um homem frio, distante, mas não cruel. Era um político implacável que nunca havia feito segredo de suas ambições. Mas um assassino? Alguém que poderia ser capaz da classe de morte e dor de que o acusava Andreas? Não, ela não podia acreditar.

Tão difícil como considerar - Claire se perguntou - se era Andreas, não Wilhelm, o verdadeiro monstro aqui. Ela só precisava olhar além de seus largos ombros para ver a fumaça e o fogo saindo do massacre que tinha deixado pelo caminho. E ainda havia mais morte e destruição em Hamburgo, onde Wilhelm Roth e um punhado de familiares e pessoal tinham sobrevivido.

A morte e destruição não era tão diferente do tipo que havia visto no próprio refúgio de Andreas há três meses. O fogo em Berlim foi imenso. A destruição foi desumana, completa. Nada tinha ficado da casa ou de seus habitantes quando a fumaça se apagou definitivamente. As chamas tinham consumido todos.

OH, Deus...

Claire ficou olhando Andreas, seu coração doía, e o calor rodeando seu corpo deformava o ar ao redor dele. Talvez houvesse uma explicação do que tinha acontecido em seu refúgio. Talvez o duto de gás houvesse quebrado de algum jeito. E se tivesse ocorrido algo que o obrigasse a chegar até o limite, deixando sair este lado aterrador dele?

—Andre, me escuta.— Deu um passo mais perto dele, com suas mãos estendidas ante ele em um gesto de paz, de calma. —Eu não sei o que aconteceu, mas quero te ajudar, se puder.

Grunhiu uma maldição desagradável. A onda de calor em cima dele pareceu se intensificar, pondo um sabor elétrico, agudo no ar.

Claire continuava, esperando que pudesse ser capaz de romper qualquer loucura que se apoderou dele.

—Fala comigo por favor. Me diga como ajudar, vamos resolver isto juntos. Estou disposta, se for...

Apesar de obrigar sua voz a não mostrar medo, não podia deixar de temer um pouco.

Ele grunhiu através de seus dentes e presas. Suas pupilas já reduzidas às mais elementares frestas verticais no centro de seus olhos de fogo cor âmbar. Ele era da Raça, um predador por natureza, mas o vampiro nunca tinha assustado Claire. Era este outro lado dele, o lado que nunca tinha notado que existia, e muito menos tinha visto, este outro macho que lhe gelava o sangue nas veias.

Insegura agora, horrorizada por tudo o que tinha ocorrido esta noite e cuidadosa deste



estranho que já não conhecia, Claire deu outro passo para ele.

—Por favor, deve saber que pode confiar em mim. Deixa-me que te ajude, Andre?

—Maldita seja, deixa de me chamar assim!

Em seu bramido, uma árvore a sua direita explodiu em chamas. Claire lançou um olhar nervoso ao fogo que de repente escalou o tronco do alto pinheiro. O maldito calor golpeava seu rosto como se estivesse apanhada num forno.

Ele queria lhe dar uma advertência ou uma ameaça?

Era capaz de controlar esta parte dele?

Ela não estava segura de que pudesse. Claire se separou das chamas, mantendo os olhos em Andreas, que a seguiu com um agudo olhar. Procurou em seus olhos um pouco da razão ou algum pequeno fio de prudência, mas tudo o que viu olhando-a foi raiva e dor. Querido Deus, tanta dor em seus olhos.

—Me diga onde está, Claire.

Ela deu uma sacudida débil da cabeça. —Não sei.

—Me diga.

Ela sacudiu sua cabeça outra vez, seus pés a levaram uns passos mais longe desta criatura que uma vez havia sido seu amigo... seu amante. Em certa época, tinha pensado que Andreas Reichen era tudo para ela. Agora estava segura de que ele procurava sua morte. A dela e a de Wilhelm.

—Não vejo Wilhelm há um bom tempo. Ele não me relata seus negócios ou suas viagens.— Mas ele não está aqui, e não sei onde está. É a verdade, André.

Outro rugido saiu voando dele, seu nome deslizou por seus lábios. Perto dali, outra árvore se acendeu como uma vela. Logo outra e outra. O calor explodiu em ambos os lados, o fogo alto no céu noturno. Claire não pôde conter um grito. Tampouco podia frear o instinto de sobrevivência que dizia que pusesse suas pernas em movimento quando o bosque ao seu redor começou a arder.

Correu na única direção que poderia, longe de Andreas. Seu sentido comum se perdeu no caos de seu terror, não que realmente esperasse escapar. Correu, esperando sentir o fogo infernal queimando sua pele, tinha certeza de que a fúria Andreas não lhe permitia viver.

Mas ainda corria.

Ela ficou sem fôlego no momento em que chegou ao fim do bosque. Sem fôlego e tremendo, seus pés tropeçando com a erva e o terreno abrupto. Levantou a cabeça e quase pôs-se a chorar aliviada ao ver a casa familiar diante dela. Atrás estava a escuridão e o resplendor das chamas na distância. Uma descarga de adrenalina subiu por sua corrente sanguínea, e Claire correu pela grama aberta até a porta de entrada do imóvel da fortaleza.

O lugar estava aberto, abandonado aberto com a pressa dos guardas por sair rápido. Claire voou dentro e fechou a porta, passando todas as trancas e fechaduras da porta. Correu para a zona mais alta, pegando um telefone sem fio no caminho e fugindo pelas escadas até o terceiro andar, rezando para que o santuário que acabava de encontrar não chegasse a ser sua tumba. Ela estava na metade da marcação do número telefônico do secretário de Wilhelm antes que se desse conta que o telefone não tinha tom de discar. Estava morta, nada mais que interminável estática



na linha.

—Merda!

Claire atirou o telefone, aproximou-se das grandes janelas fechadas na parede do fundo. Tinha já algum indício do que ia ver no outro lado do cristal, mas ainda lhe roubou o fôlego quando abriu a janela e se aproximou observando os amplos terrenos do imóvel. Cheios de fumaça negra do interior do bosque. O fogo cor laranja dançava ao longo das copas das árvores, lambendo o céu estrelado. E no centro do bosque, brilhava uma luz mais brilhante, agudo calor branco e intenso.

Andreas. Ele era a fonte dessa luz estranha.

Viria atrás dela agora? Se o fizesse, não tinha aonde esconder-se ou correr.

Mas a luz de seu corpo não se moveu. Tampouco Claire. Seus pés ficaram cravados no chão perto da janela, observando esse pulso sobrenatural, e não pôde afastar o olhar.

Observou até que se passaram as horas e o fogo no caminho e no bosque começaram a apagar-se.

Viu como a noite se arrastou regularmente para o amanhecer e o resplendor da fúria de Andreas seguia ardendo.

Capítulo 4

Ela não soube o que a despertou.

No princípio, Claire levantou a cabeça de onde sua testa estava pressionada contra o frio vidro da janela. Não sabia quanto tempo tinha dormido - tempo suficiente para que o rubor rosa pálido do amanhecer tivesse percorrido todo o caminho sobre o horizonte, trazendo consigo uma garoa carregada de um véu de névoa que cobria o bosque e o chão.

OH, Deus... Manhã.

A luz do dia cada vez mais brilhante com os minutos.

E nenhum leve sinal de Andreas em qualquer lugar.

O fôlego de Claire embaçou o vidro enquanto ela olhava pela janela ao lance sem vida de erva, vereda, e mais à frente pinheiros. Ele a tinha deixado enquanto dormia? Foi embora?

Estava morto?

Depois do que ela o testemunhou fazendo na noite anterior, não estava segura de por que o pensamento colocava um nó de medo em seu peito. Mas antes que Claire pudesse dizer a si mesma que devia estar condenadamente agradecida só por ter sobrevivido a noite passada, ela já estava na escada, descendo rapidamente através do coração da casa familiar. Ela liberou as fechaduras da porta principal e aliviada a abriu, tirando um dos casacos de um cabide no vestíbulo e envolvendo-o ao redor de seus ombros para se proteger do frio úmido enquanto caminhava para fora. A surpreendente tranquilidade a golpeou primeiro. Nenhum som absolutamente com exceção do tamborilar intermitente de uma ligeira chuva. Estava tão tranquilo e silencioso que ela poderia ter tido a tentação de pensar que a noite anterior tinha sido só um sonho horrível. Mas



então o acre fedor de incêndios extintos atravessou o terreno.

Tudo tinha sido real, pior que os pesadelos. Seu nariz queimava com o aviso cru da violência que tinha presenciado.

Claire se deslocou através da erva, sem passar pela larga entrada para evitar o massacre de sua escolta. Ela não queria ver o que os incêndios haviam feito aos varões da Raça que tinham morrido na noite anterior, nem queria saber quão rápido o sol consumiria tudo que pudesse ficar deles. Era esse pensamento - a compreensão de que a exposição prolongada aos raios ultravioleta faria a pele hipersensível da Raça - que levou Claire mais profundo no bosque.

Para o lugar onde finalmente soube que era Andreas.

Era difícil dizer onde terminava a névoa e fumaça que se arrastava das árvores queimadas e começava o terreno queimado. Tudo parecia envolto em abundante neblina cinza. Sua pele se umedecia a cada passo que dava, Claire olhou seus pés movendo-se através da névoa baixa, seguindo um atalho enegrecido que levava um pouco longe no bosque. A tranquilidade se estendeu quando ela passou a sarça chamuscada que a arranhou como dedos esqueléticos de mortos. O aroma de fumaça velha e vegetação queimada era mais forte aqui, capturando-se no fundo de sua garganta.

E entretanto outro aroma muito forte - não de frio, chamas extintas ou inclusive a espiga elétrica que caía do corpo de Andreas ontem à noite. Mas havia algo mais no ar. Forte, calor aumentando. O enjoativo assalto olfativo de carne queimada.

OH, não.

Ela deu uns passos ansiosos, um pouco vacilantes quando a terra caiu bruscamente, ao redor de seu pé. O buraco onde a raiz da velha árvore esteve, ela apenas registrou. O buraco que se converteu em uma cratera quando Andreas explodiu seu esconderijo em pedaços com sua raiva.

Foi neste espaço do bosque que ele se deteve ontem à noite. Ele não a tinha seguido absolutamente. E não tinha saído antes que o sol começasse a levantar-se.

Ele ainda estava aqui.

Claire cautelosamente se aproximou da grande forma escura aconchegada diante dela na névoa penetrada no chão. Não se movia, mal respirava. O fogo que esteve queimando ao seu redor e dentro dele agora se foi. Sua roupa estava queimada e rasgada. Sua pele chispava sob os raios brumosos do sol, já formando bolhas em todas as partes que estavam expostas.

Ele não parecia tão perigoso desta maneira. Não era o monstro que havia encontrado aqui na escuridão, não era mais que um homem agora. Um homem mortalmente vulnerável pela parte dele que era algo mais que humana. Desta maneira, não era difícil recordar que ela uma vez o amou como a nenhum outro. Surpreendeu-lhe a facilidade com que a dor de sua abrupta separação voltou para ela, também.

Esses dias eram tempo passado, mas não importava o que sentia por ele nem então nem agora, ela não podia deixá-lo sofrer. Não o abandonaria ao sol, não importava o que tinha feito ou no que se converteu no longo tempo desde que estiveram juntos.

—Andre— Claire sussurrou, sua voz entrecortada quanto chegou mais perto dele e viu a gravidade de suas queimaduras. —OH, Deus, Andreas... me ouve?

Ele gemeu algo inaudível, mas desagradável. Quando ela se agachou e estendeu sua mão



para tocar seu ombro, lhe mostrou suas presas e grunhiu como um animal apanhado em uma armadilha.

—Tem que se levantar.— Claire tirou o impermeável enorme e o levantou para que ele o visse. —Eu vou te cobrir com isto para te proteger do sol. Mas não pode ficar aqui ou vai morrer. Tem que se levantar e vir comigo. O fará?

Ele não respondeu, mas tampouco arremeteu contra ela quando colocou brandamente o casaco sobre a pele exposta.

—Pode se levantar?

Ele a olhou, seus lábios ainda mostrando seus dentes. Algo estava muito mal com ele, apesar de já não estar lívido de fogo. Suas pupilas elípticas ainda não se dilataram de volta à normalidade, e sua íris era ainda âmbar brilhante em lugar da interessante cor avelã que sabia que era.

Todos da Raça se transformavam desta maneira quando tinham fome ou em ocasiões de elevadas respostas emocionais, mas isto parecia diferente de algum modo. Mais grave. Claire não podia ver muitos de seus dermaglifos - as complexas marcas na pele presentes em cada membro da Raça - mas os que eram visíveis em seus braços e através das partes de tecido rasgado de sua roupa não se viam bem. Suas cores pulsavam rapidamente trocando e mudando, como se uma parte dele estivesse em curto-circuito no interior.

—Se levante.— Ela disse, com mais força desta vez. —Preciso que caminhe, Andreas.

Para sua surpresa, ele começou a obedecê-la. Lentamente, arrastou-se até o chão. Claire estendeu a mão quando lhe dobraram os joelhos no princípio, mas logo ficou de pé, elevando-se sobre ela apesar de que sua coluna vertebral estava dobrada e sua cabeça estava caída profundamente em seu peito. Claire puxou o pescoço do impermeável ao longo da parte detrás de seu pescoço e crânio para proteger sua cabeça de mais dano dos raios ultravioletas.

—Desta maneira—disse. —Pode se segurar em mim se for necessário.

Deu-se conta que ele nem sequer tentou assumir isso. Com um grunhido de dor, ele andou ao seu lado. Avançaram a um ritmo muito lento, caminhando com dificuldade em silêncio fora do bosque e de volta através da grama à casa. No momento em que chegaram à porta de entrada, os pés do Andreas estavam arrastando-se debaixo dele como pesos de chumbo.

Claire tentou ajudá-lo a poucos passos da porta, mas ele se separou com um tapa como se seu contato o queimasse ainda pior que os raios do sol surgindo fortes através da dissipação da neblina. Em lugar disso ela se adiantou e abriu a porta, mantendo-a para ele enquanto subia os degraus, mas ele caiu no vestíbulo. Caiu sobre um joelho, logo cambaleou para trás com um gemido.

—Maldita seja— ele grunhiu, sua respiração entrecortada entre seus lábios ressecados. Ele olhou para ela, seu rosto empapado em suor e cruas queimaduras de raios UV⁶. —Onde vamos agora?

Claire assinalou o outro lado do vestíbulo.

—Poderia ficar mais cômodo no porão abaixo. Wilhelm instalou um quarto privado ali quando a casa foi construída originalmente, mas nunca foi utilizado...

⁶ Raios Ultravioletas



Ele começou a mover-se inclusive antes que ela terminasse de falar. Claire o seguiu mantendo-se perto caso ele tivesse problemas na velha escada de pedra que levava abaixo do andar principal. Ela ouviu seu suspiro aliviado quando a fria escuridão envolveu-os. Ele não necessitava de luz artificial para ver, mas os olhos de Claire levavam mais tempo para adaptar-se ao entorno de tonalidade negra. Ela acendeu o interruptor e observou como Andreas cambaleou no último degrau e se sentou no frio chão de pedra.

Ele não se moveu para o luxuoso quarto pessoal de Wilhelm, só tirou o impermeável e o jogou de lado, então se deixou encolher em uma desolada postura desajeitada. Claire não disse nada enquanto descia para sentar-se no terceiro degrau da parte inferior. O olhou em silêncio durante um momento, sem saber o que fazer com ele.

—Por que o fez?— Sua voz áspera chiou fora das sombras, mas seu olhar era feroz com a luz âmbar sobrenatural. —Por que me ajudou?

Para Claire era difícil sustentar esse quente e mordaz olhar.

—Porque precisava de ajuda.

Ele zombou, um grosseiro som de brincadeira.

—Nunca foi estúpida, Claire. Mau momento para começar.

O ataque a ofendeu, mas ela só deu de ombros.

—E você nunca foi alguém que pensaria em matar dúzias de pessoas no espaço de poucas horas.

Ele piscou, essa íris âmbar fechada durante um longo tempo. Sabia o que tinha feito na noite anterior? Algo se registrava nele quando estava nesse estado?

Ele soprou uma baixa maldição, então voltou seu rosto longe dela.

—Andre— Claire murmurou brandamente. —O que seja que esteja mal contigo, estou segura de que há pessoas que podem te ajudar. Mas não tem que pensar em nada disso agora. Tudo o que precisa fazer é descansar, se deixar curar. Está a salvo aqui.

—Ninguém está a salvo agora— murmurou entredentes. Rodou seu rosto de novo para ela, fixando-a com os dois lasers de seus olhos transformados. —Especialmente não você, Claire.

Ela o olhou fixamente por uns longos momentos, insegura de como responder. Ela não podia fingir que não tinha medo. Inclusive maltratado pela luz UV, ele ainda era muito perigoso. Seguia sendo um predador mortal, armado com um terrível poder que ela não tinha nem ideia que possuía. Assombrou-lhe que ela houvesse acreditado que o conhecia tão bem nos quatro meses em que tinham sido inseparáveis, entretanto havia estado alheia ao lado dele que viu na noite anterior. Por outro lado, ela também pensou que ele a amava, só para ser tomada de surpresa quando ele simplesmente desapareceu de sua vida sem uma palavra de explicação.

Agora ele estava de volta - finalmente, depois de três décadas, ela o estava olhando uma vez mais - embora não como tinha imaginado que poderia ser reunir-se com ele. Agora ela não sabia quem era ele... ou o que era.

—Descansa um pouco.— ela finalmente conseguiu dizer.

Claire ficou de pé e começou a subir de novo do porão, consciente que os olhos de Andreas a seguiram todo o tempo. Moveu o interruptor de luz, mergulhando o lugar novamente na escuridão antes que fechasse a porta do porão e apoiasse suas costas contra ela.



Suas mãos tremiam, seu coração golpeava em toda sua caixa torácica.

Querido Deus. Ela esperava não ter acabado de cometer um terrível engano.

Uma coisa que sabia com certeza era que tinha que encontrar Wilhelm, e encontrá-lo rapidamente.

*** Tiamat-World ***

Wilhelm Roth estava recebendo uma chupada atrás do volante de um Jaguar XKR Coupe, a 200 km/h em um lance aberto da autoestrada quando viu que sua Companheira de Raça dormiu sem prévio aviso. Ela surgiu fora da via central e se deteve no lado da estrada iluminada pela lua ao redor de 400 m adiante.

Por um segundo, Roth manteve seu pé firme no acelerador, pensando em só voar por cima dela como se não estivesse ali - dando um aviso de como odiava seu talento único e que há muito tempo a proibiu de usá-lo com ele. Mas quando o Jaguar rugiu pela via rápida e o rosto de Claire entrou na luz de seus faróis altos, deu-se conta que estava transtornada por algo. Visivelmente afetada. Sem nada absolutamente da típica fêmea tranquila, serena e calma.

Ela levantou sua mão para proteger os olhos do resplendor dos faróis, e Roth teve a oportunidade de fazer desaparecer seu brinquedo dormido. A loira nua que tinha evocado do filme pornô que estava executando quando cochilou, desapareceu com apenas um pensamento; a dura ereção que tinha na braguilha de sua desabotoada calça Armani não ia desaparecer muito facilmente. Não é que Claire perguntaria a respeito disso se se desse conta. Ela tinha aprendido seu lugar anos atrás, e depois de tudo, não era como se pudesse ser responsável pelo que sua mente fazia quando estava dormindo.

Precisamente a razão que tinha lhe dado para a proibir de caminhar ao redor de seu sonho.

Isso e o fato de que simplesmente lhe enchia o saco ter sua privacidade invadida de qualquer forma.

Irritado, Roth colocou-se novamente dentro das calças enquanto parava o carro sem problemas, justo na frente de sua ansiosa Companheira de Raça. Ela não esperava que se dirigisse a ela, mas não se desculpou pela interrupção.

—Wilhelm, algo terrível aconteceu.— Ela agarrou a extremidade da porta do lado do motorista, seus escuros olhos intensos pela preocupação. —Houve um ataque na casa de campo.

Roth sentiu sua mandíbula ficar tensa com mais zanga que surpresa.

—Um ataque? Quando?

—Ontem à noite. Algumas horas atrás.

E ele estava só agora ouvindo falar disto? Através dela, e não de seus guardas?

Roth franziu o cenho.

—Me diga o que aconteceu.

—Foi terrível— ela disse, fechando os olhos como se a memória doesse. —Havia fogo por toda parte... explodia no bosque perto da casa e na estrada. Tanta fumaça e cinzas. Nós tentamos partir, mas era muito tarde.

Sua ira aumentou.



—Onde você está agora?

—Em casa... bom, em minha casa. Ainda estou na casa de campo.

—Muito bem.— Roth assentiu vagamente. —O que aconteceu aos homens de guarda ali?

Por que deixaram você me dizer tudo isto quando deveriam ser eles os que me devem uma explicação?

—Estão mortos, Wilhelm.— Sua voz se quebrou, caindo a um sussurro. —Todos os outros que estavam aqui esta noite morreram.

Roth soltou uma maldição forte.

—Muito bem. Fique ai. Entrarei em contato com o Darkhaven de Hamburgo e me encarregarei de que um comissionado te recolha e leve de volta à cidade.

Claire estava sacudindo sua cabeça antes que tivesse a oportunidade de completar a ideia.

—Wilhelm... não ouviu? O Darkhaven de Hamburgo foi-se.

—O que?

—O Darkhaven foi atacado primeiro. Não sobrou nada dele. Não há sobreviventes, além de um Agente de Execução que escapou do incêndio para nos advertir que provavelmente estávamos em perigo, também.

Roth assimilou esta notícia em mal-humorado silêncio. Ele não tinha uma grande quantidade de familiares - sem filhos para querer tirá-lo do poder, sem irmãos de qualquer geração que tenham conseguido viver tanto como ele o tinha feito. A comunidade Darkhaven que servia de guia em Hamburgo consistia só de uns quantos sobrinhos, que nunca tinham sido muito bons; pessoal da casa; além de uma pequena guarnição de guardas em empréstimo da Agência. Ele mal conhecia qualquer um deles, na verdade, e francamente, tinha coisas mais importantes a considerar que perder tempo em luto pela perda.

—Sinto muito, Wilhelm.— Claire disse agora, sentimento que ele despediu com um movimento brusco de sua mão.

Ele supunha que tinha que saber que algo assim ia acontecer. Ele sabia, na realidade. Soube no momento em que foi informado da primeira morte na Agência de Execução no escritório de Berlim várias semanas antes até a próxima e pessoal morte de um agente que respondia diretamente a ele em segredo, frequentemente em operações não oficiais. Quando a segunda morte violenta de seu contingente privado se produziu, logo a terceira e quarta, deixou poucas dúvidas de que alguém estava atrás de sangue.

O único problema com essa teoria era o fato de que a pessoa em questão estava morta. Pelo menos esse tinha sido o relatório que saiu da Agência. Nessa época, Roth não teve a oportunidade ou inclinação para duvidar da inteligência⁷; tinha negócios mais importantes que o requeriam longe de Montreal. Esses negócios seguiam sendo sua principal prioridade, mas este ataque a suas propriedades pessoais não podia passar em branco.

—Eu me ocuparei do assunto— ele disse a Claire. —E não se preocupe, vou requerer alguns favores para encontrar um refúgio temporário para você na região até que possa voltar.

—Onde está exatamente, Wilhelm? Um de seus guardas me disse que não está na

⁷ Inteligência.- termo militar que se refere à informação sobre os inimigos.



Alemanha.— Ela olhou ao seu redor à paisagem de sonho, seu olhar claramente tomando nota dos jaguares de granito escarpado que flanqueavam alguns dos lances da estrada rural que sua mente tinha fabricado. —Está na Nova Inglaterra?

Muito inteligente, sua Companheira de Raça nascida Yankee⁸. E muito curiosa agora para seu próprio bem. Roth não confirmou nem negou seu paradeiro.

—Fique aí, Claire. Vai estar bem.

—Wilhelm— ela disse lentamente. —Não tem nem sequer um pouco de curiosidade a respeito de quem nos atacou ontem à noite? Eu acreditei que queria saber quem é o responsável... e por que.

Roth a olhou fixamente.

—Andreas Reichen— disse ela, olhando muito de perto sua reação.

Ele tomou cuidado em não lhe dar nada, nem mesmo um abrir e fechar de olhos ou uma falta de seu pulso. Ele franziu o cenho depois de um momento, fingindo confusão.

—Fala de um fantasma, Claire. Andreas Reichen faleceu com o resto de seus parentes durante o verão passado quando seu Darkhaven queimou até os alicerces.

De fato, Roth pensou com decepção privada, o arrogante filho da puta deveria ter morrido muito antes.

Claire sacudiu sua cabeça.

—Está vivo. Ele mudou, Wilhelm. Tem uma raiva terrível dentro dele - um poder que mal posso compreender. Os incêndios e explosões aqui e em Hamburgo? Ele os fez. Saíram dele. Vi com meus próprios olhos.

Roth escutou, ao mesmo tempo incrédulo e preocupado.

—Wilhelm, ele diz que tem a intenção de te matar.

Ele ridicularizou.

—O bastardo nunca estará o suficientemente perto para tentar.

—Ele está aqui, Wilhelm.— Claire tinha o olhar suplicante. —Ele está aqui, na casa comigo, desmaiou no porão. Eu não sei o que fazer.

A maldição furiosa de Roth foi interrompido por uma campainha eletrônica que atravessou a estrutura de seu sonho. O ambiente se distorceu e vibrou. O asfalto negro e o perfeito céu estrelado acima tremeu, a visão de Claire começou a desvanecer-se com as ondas de som que o estavam despertando de seu sonho.

—Meu móvel está tocando— ele disse, preparado para terminar com ela de todo modo. Enquanto falava, o Jaguar em que estava sentado se evaporou, deixando-o de pé no pavimento iluminado pela lua ao lado dela. —Tenho que atender esta chamada agora.

A tênue imagem de Claire o alcançou.

—O que aconteceu a Andreas?

Ele apertou seus molares juntos pela evidente cômoda familiaridade que ela ainda parecia sentir pelo outro macho, inclusive depois de décadas de separação.

—Mantém o filho de puta preso na casa enquanto faço planos para cuidar dele.

⁸ Yankee.- atualmente se designa ao relacionado com os Estados Unidos. Originalmente se referia aos que habitaram a colônia de Nova a Inglaterra, ao nordeste do país.



—Quer que fique aqui com ele?— Ela o olhou, insegura —Por quanto tempo?

—Tanto quanto seja necessário. Vou enviar outro destacamento da Agência para tirá-lo em meio ao entardecer.

—Quer dizer retirá-lo para sua detenção na Agência? Não permitiria que seus homens o machuquem, verdade?

Sua aparente preocupação estava totalmente enchendo seu saco.

—Meus homens são profissionais, Claire. Eles sabem como dirigir uma situação como esta. Não precisa preocupar-se pelos detalhes.

O som discordante do timbre de seu telefone chegou de novo, o puxando mais longe dela, voltando para a consciência.

—E eu o que, Wilhelm?— Claire murmurou. —Como supõe que vou manter Andreas aqui até que cheguem seus homens?

—Faça o que precise— Roth respondeu rotundamente. —Você o conhece melhor que a maioria, depois de tudo. Intimamente, se a memória servir. Estou seguro que vai pensar em alguma maneira de detê-lo.

Ele não esperou que ela dissesse mais nada. O telefone soou de novo e os olhos de Roth se abriram de repente, rompendo sua conexão filiforme com Claire.

Pegou o móvel da mesa junto a sua cama.

—Sim.

—Senhor Roth— disse um nervoso macho da Raça no outro extremo da linha. —Sou o Agente Krieger do escritório de Berlim, senhor. Houve um assassinato aqui ontem à noite - o corpo do agente Waldemar foi descoberto em sua residência. Tinha o pescoço quebrado. E... há mais, senhor. Parece que houve um incidente em seu Darkhaven em Hamburgo, também.

Roth se burlou, cheio de sarcasmo.

—Não me diga.

—Senhor?

—Prepara uma equipe de combate e a envie para minha casa de campo assim que o sol baixe. O grupo no lugar foi atacado e eliminado. Agora minha Companheira de Raça está ali sem nenhum tipo de amparo. Ela está sozinha, e está retendo Andreas Reichen para você.

—Reichen?— Perguntou o agente. —Não entendo, senhor. Não tinha morrido nesse acidente fortuito em seu Darkhaven faz algum tempo?

Roth apertou os dedos sobre o fino estojo do telefone móvel. —Ao que parece o filho da puta está muito vivo... no momento. Ordene à equipe que o quero eliminado tão logo o vejam. Deixe-o morto, agente.

—Sim, senhor.

Capítulo 5

Reichen estava ao seu lado em silêncio, com as mãos apoiadas nos braços da cadeira cor



verde musgo em uma das salas de recepção do imóvel, onde Claire estava dormindo. Por um momento, quando acordou sozinho no porão escuro como a boca de um lobo, não tinha nenhuma pista de onde estava nem como tinha chegado até ali. Tampouco podia recordar imediatamente por que a maior parte de seu corpo estava se recuperando de queimaduras por raios UV. Isto se assemelhava ao que lhe ocorria às vezes, depois que a energia pirotécnica se desvanecia. Era difícil recordar os detalhes. Era difícil dar sentido ao seu redor.

Difícil recordar qualquer coisa, salvo a sede de sangue feroz que o surpreendia uma vez que seu fogo interior tinha uma oportunidade de esfriar.

Tinha ficado desorientado quando pela primeira vez recuperou a consciência no porão, mas então tinha aspirado o rastro mais suave de baunilha e especiarias picantes.

Claire.

O aroma de seu sangue o tinha tirado da escuridão e levado pela escada de pedra, direto a sala onde ela dormia agora. Ele a inalou enquanto se abatia sobre ela, tentado por fechar os olhos e saborear a lembrança do que tinha sido, mas em troca ele mal piscou. Observou o rápido movimento que fizeram seus olhos sob as pálpebras fechadas.

Ela estava sonhando.

Reichen se perguntou há quanto tempo ela dormia, ou onde seus sonhos a tinham levado para que seu pulso batesse tão rapidamente como uma lebre assustada. Seu fixo olhar se deslizou para baixo da delicada beleza de seu rosto a suave pele dourada de sua garganta. Pulsando freneticamente no lado direito de seu pescoço, sua artéria golpeava ao lado de uma pequena marca de nascimento de cor escarlate. As presas de Reichen já enchiam sua boca, mas agora palpitavam, seus olhos pousados naquela extensão sensível de carne que mostrava um símbolo numa diminuta lágrima dentro de uma meia lua que se acoplava tão perto do pulso de Claire.

Jesus, ele estava sedento.

Seu ventre estava apertado e vazio, suas pernas pesadas e fatigadas. Ele lambeu os lábios, apenas capaz de impedir-se o inclinar-se um pouco mais, até que o ritmo ligeiro de seu pulso golpeava em suas próprias veias tão forte e exigente como um tambor.

Deus, a sede... assim tão profundamente que a necessidade era primária, animal, impulsionando-o a roçar e tomar até encher-se como o predador que era em realidade.

Que fosse Claire a estar debaixo dele era a única coisa que o fez deter-se. Quanto tempo tinha se perguntado qual o seu sabor? Quantas vezes tinha estado perto do inferno, ainda mais perto que isto, pressionando suas presas entre a cremosa suave pele e beber de sua veia? Ele tinha desejado isto mais que tudo em alguma época. Mas era a única coisa que nunca tinha feito, nem sequer em seus momentos mais febris quando estiveram juntos.

Por muito que tivesse desejado prová-la, uni-la a ele pelo vínculo de sangue, ele nunca tinha levado sua necessidade por Claire tão longe. Ela era uma Companheira de Raça. Diferente da maioria da percentagem de fêmeas Homo sapiens que andam pelo planeta, ela era uma de um pequeno número que possuía um incomum sangue e propriedades de DNA.

Claire e aquelas como ela, nascidas com a marca cor carmesim em alguma parte de seu corpo, também estavam excepcionalmente dotadas de extraordinárias habilidades psíquicas. E, diferente de outras mulheres humanas, elas tinham a capacidade de formar um laço inquebrável



com membros da Raça e ter suas crias. Quando uma Companheira de Raça oferecia seu sangue a um da Estirpe de Reichen, era um presente precioso—, o mais sagrado de todos. Isto forjava um vínculo que só poderia ser quebrado pela morte.

Reichen não podia mentir a si mesmo e fingir que nunca tinha sido tentado. Mas ele, não era do tipo de estabelecer-se, especialmente naquela época. Por seus modos libertinos, e tão ridículos como pareciam agora, sua honra o tinha impedido de tomar um pouco de Claire, que jamais poderia ser reclamado de volta. Um gole de seu sangue significaria que ela viveria com ele durante o tempo que respirasse. Ele estaria ligado a ela sempre, atraído sempre por ela, independentemente de qualquer promessa que houvesse feito a outro macho.

Inclusive através da fumaça e da névoa de sua mente em recuperação, ainda podia recordar o quão difícil tinha sido exercer controle no concernente a sua fome por Claire. Mas tinha sido cuidadoso. Por difícil que fosse, tinha sido um pilar de moderação, diretamente até o final.

Se soubesse então que ela levaria tão pouco tempo para entregar-se a Wilhelm Roth...?

Reichen grunhiu só de pensar nisso.

Sua fúria não estava tão fria para que não aceitasse a ideia de apagar sua sede nela ali mesmo e neste momento. Ele se inclinou, incapaz de afastar seus olhos famintos do batimento rítmico de seu pulso. Seu aroma o chamava silenciosamente tanto como a corrente de seu sangue por baixo de sua pele.

Ela era ainda mais formosa do que ele recordava. Este detalhe, roubou-lhe o fôlego. Doía tocá-la.

Jesus Cristo, o fazia arder muito pior que a luz do sol ou a fúria.

Surpreendeu-se ao dar-se conta de que ainda a queria depois de todo este tempo. Depois de tudo que seu companheiro havia feito para acabar com ele. Ele queria Claire do mesmo modo... ainda.

Reichen respirou asperamente, seus lábios retrocederam despindo suas presas. A desejava, e, por Deus, a tomaria.

—Não—, grunhiu a si mesmo. —Maldita seja, não.

Os olhos de Claire se abriram de repente e se arregalaram. Ela gritou, retrocedendo na medida em que pôde afastar-se dele antes que a cadeira bloqueasse sua fuga. Seus olhos marrons escuros procuraram seu rosto, muito inteligente para mal entender o que quase aconteceu.

Reichen mentalmente parou seus pés para deter-se, apesar da fome que ainda vibrava por suas gengivas com o impulso de alimentar-se.

—Doces sonhos, Frau Roth?

—Não, absolutamente—, respondeu ela, olhando-o fixamente com dureza. —Depois do que aconteceu aqui ontem à noite, estou segura que terei pesadelos durante muito tempo.

Uma pontada de vergonha o aguilhoou, mas não fez conta. Tinha que manter o olho na bola.

—Não te ocorreu fazer uma visita durante o sonho ao seu companheiro neste momento, verdade?

Claire não piscou com tanto assombro. Ele podia ver a lembrança em seu olhar fixo, a compreensão de que embora muitos anos tivessem passado desde que se viram pela última vez, Reichen não se esqueceu de sua capacidade psíquica especial. Suas bochechas avermelharam um



pouco, e se perguntava se ela estava pensando em todas as vezes que tinha dirigido seu sonho REM entre algumas de suas mais eróticas fantasias durante esses meses intensos e apaixonados pelos quais estiveram juntos.

Ele não tinha esquecido um só momento do que tinham compartilhado, acordado ou entregue ao sonho, e estava malditamente recordando.

—Wilhelm não gosta quando me misturo em seus sonhos—, murmurou ela.

—Isso não é realmente uma negação—, respondeu Reichen. Ele manteve suas mãos apoiadas nos braços da cadeira, capturando-a ali, enquanto continuava seu interrogatório. —Onde está ele, Claire?

—Já disse, eu não sei.

—Mas você realmente tem alguma ideia—, disse ele, tentando não deixar-se distrair por sua fome ou sua repentina consciência do perto que seus corpos estavam um do outro. Podia sentir como seu calor se mesclava com o seu, realizando sua cura, a sensação de sua pele irradiada como se estivesse sendo tocado por uma chama. —Não se equivoque, eu vou encontrá-lo. Os outros não foram capazes de fugir, tampouco ele.

Ela o olhou cautelosamente, repelida.

—Que... outros?

—Seus cães fiéis, as pessoas que executaram suas ordens sem nenhuma consideração pelas vidas inocentes. Eu derrubei todos, um a um. Menos ele. Deixei-o por ultimo porque eu desejava que soubesse que viria por ele. Eu queria que entendesse que ia ter que pagar pelo que fez.

Claire se engasgou, deu uma pequena sacudida com sua cabeça.

—O que você disse ontem à noite — que Wilhelm é responsável pelo ocorrido ao seu complexo Darkhaven... é errôneo, Andreas. Você deve estar equivocado.

—O que disse é a verdade.

—Não pode ser.

—Por que não?— espetou ele. —Porque isto significaria que você está emparelhada não só a um conhecido valentão mas também a um assassino a sangue frio, também?

Suas fixas sobrancelhas escuras se uniram em uma expressão em algum lugar entre a compaixão e desprezo.

—Isso vem de alguém cujas próprias mãos estão manchadas com mais de uma dúzia de vidas?

Reichen cambaleou para trás, arrepiando-se com o aviso. Deu uns passos longe dela, e logo girou para começar um ritmo tenso no quarto. Não sabia aonde ia. Ele não teve o maldito cuidado. Ele sabia que não podia sair da casa enquanto tivesse luz do dia, e agora se sentia como numa jaula.

Claire foi à deriva atrás dele, seus passos quase silenciosos no chão de mármore polido do corredor.

—Andreas, sei que você deve estar terrivelmente ferido e confuso depois de tudo que passou. Podemos tentar ordenar tudo isto mais tarde. Agora mesmo você necessita um pouco de paz e tranquilidade enquanto seu corpo se cura das queimaduras dos raios UV. Você precisa descansar.



—O que necessito agora mesmo é sangue—, grunhiu ele, dirigindo um duro olhar com seus olhos âmbar sobre ela. —Já que está tão pouco disposta a entregar Roth para mim, não acredito que esteja disposta a me permitir beber até me saciar de você tampouco.

Ela empalideceu, horrorizada, como ele desejava que estivesse.

Reichen continuou seu andar impaciente pelo corredor, observando as variadas fotografias e as emolduradas artes sobre as paredes. Com sua cólera alimentada, procurou imagens de Claire e Roth, o adorável casal, impaciente para por mais lenha na fúria que ainda ardia em suas vísceras. Havia só um punhado de fotos deles juntos, frequentemente entre um grupo do Darkhaven ou membros da Agência de Imposição, ou na frente das cerimônias de inauguração que tinham lugar em diversos eventos pela tarde. O sorriso de Claire era perfeito em cada uma delas: agradável, sem estar muita excitada, cortês sem ser muito fria.

Reichen não conhecia aquele sorriso. Parecia tão polida e frágil como o cristal que a cobria.

— Onde Roth trabalha aqui?— perguntou, afastando-se dela congelada, o perfeito olhar de Claire em pé atrás dele a pondo fora do alcance de sua mão. —Se ele tiver computadores aqui, ou qualquer tipo de arquivos, quero vê-los.

—Você não encontrará nada disso aqui—, disse ela, simplesmente mencionando o fato. — Wilhelm realiza todos os seus negócios pessoais no complexo Darkhaven de Hamburgo e em um escritório que mantém na cidade... pelo que eu sei. Nunca discutimos seus negócios.

Reichen grunhiu, nada surpreso. Ele já estava se movendo mais à frente para outro quarto do corredor, olhando casualmente o mobiliário sofisticado de uma das salas de estar, depois passando por um íntimo salão de baile que parecia uma caverna de paredes com espelhos, chão de parquet polido e cremoso, teto elegantemente lavrado. Na parte posterior havia um grande piano de ébano, seus múltiplos reflexos brilhando ao redor de todo o cristal polido.

—É bom ver que algumas coisas não mudam—, murmurou ele. Claire deu uma olhada no salão de baile, mas parecia confundida. —O piano—, disse ele. —Você tem um dom para a música, se me lembro.

Seu cenho vacilou um pouco quando ela o olhou fixamente.

—OH, não... não pratiquei em muito tempo. Suponho que me ocupei com outras coisas mais importantes. A música não é realmente uma parte de minha vida mais.

—Não, acredito que não—, disse ele, consciente de quão cáustico soava. —Sobrou algo em você do que eu recordo, Claire?

Um longo silêncio se estendeu entre eles. Reichen esperou que ela se afastasse, ou talvez fugisse pela porta principal e para a luz do dia onde não podia segui-la. Mas ela se manteve firme, perfurando-o com seus olhos marrons escuros. Tenaz, como sempre.

—Como se atreve. Eu não te pedi para assaltar minha vida e destruí-la, mas aqui está. Eu não tenho que explicar nada a você, ou justificar onde a vida me levou.

Não, não o fez, e ele sabia que estava sendo injusto aqui. Ter essas respostas não o ia levar mais perto de Wilhelm Roth, tampouco. Não que qualquer um desses argumentos significasse uma maldita coisa quando Claire estava somente a distância de um braço dele e fervendo com uma cólera que rara vez tinha visto nela, mas que corretamente era merecida.

— Ambos continuamos em frente, não é assim, Andreas?



—Certamente o fez.

—O que esperava que fizesse? Você foi o que se foi, lembra?

Ele recordou a maneira abrupta em que tinha deixado as coisas com ela: sem terminar, sem explicações. Pensou em suas razões, ironicamente, nenhuma das quais importava. Certamente, não depois do acontecido ontem à noite.

—Eu não podia ficar.

—Nem sequer podia me dizer por quê? Um dia estávamos juntos e no seguinte você se foi sem dizer uma palavra.

—Eu tinha coisas a resolver—, disse ele.

Deus, odiava que ainda fosse capaz de sentir o golpe do medo incontido— o golpe e entristecedor auto-rechaço, que o tinha obrigado a fugir de tudo e de todos os que conhecia e amava. Depois do que aconteceu na última vez que viu Claire, ele não teve mais remédio, só abandoná-la. Ele não queria lhe causar dano, e não podia confiar em si mesmo para estar perto dela, ou perto de alguém, até que tivesse conseguido controlar o poder terrível que despertou nele pela primeira vez em todos aqueles anos. Naquele tempo, ele a perdeu para Roth.

Ele encolheu os ombros.

—Realmente voltei, Claire.

—Mais de um ano depois,— respondeu ela bruscamente: —Ou ao menos isso ouvi, quando meus amigos no Darkhaven me disseram que por fim tinha aparecido de novo em Berlim. Ela sacudiu a cabeça, com um arrependimento que brilhava em seu olhar. —Eu não pensei que retornaria outra vez.

—Assim não esperou.

—Você me deu alguma razão para fazê-lo?

—Não—, disse ele, deixando que a palavra deslizasse lentamente de sua língua.

Havia mais coisas que desejava dizer, coisas que provavelmente deveria dizer, mas era inútil falar agora. Claire tinha razão. Ambos tinham avançado. Ambos tinham vivido vidas muito distintas, e apesar do fato de que essas vidas estavam unindo-se agora, pela violência e o derramamento de sangue, nada do que pudesse dizer mudaria alguma coisa sobre o passado ou o que poderia ter sido. Ele estava aqui por uma razão: para vingar o mal que Wilhelm Roth tinha liberado sobre ele.

Reichen começou a caminhar de novo.

Claire o seguiu, ficando atrás dele como se não quisesse se aproximar muito.

—O que está fazendo?

—Eu disse a você. Procurando qualquer pista sobre o paradeiro de seu companheiro.

—E eu disse que você não encontrará nada dele aqui. Esta é minha casa, não a dele.

Reichen escutou o comentário peculiar, mas já estava avançando. Ele viu um quarto cheio de estantes com livros do chão até o teto e se dirigiu para essa porta aberta.

—Andreas—, disse Claire atrás dele. —Por favor, pare com isto. A biblioteca é meu espaço. É privado. Você não encontrará nada importante em...

—Então você não se importará se der uma olhada—, disse ele, com mais intenção que nunca já que ela insistia virtualmente que ficasse fora.



O que escondia ela aí dentro? Ele cruzou a prateleira elevada passando pelas estantes cheias de livros, passando pelo pequeno sofá e a mesa final onde um abajur em forma de pote ainda brilhava da noite anterior. Mais longe na sala, viu uma mesa de nogueira escura em um ligeiro estado de desorganização, como se o trabalho tivesse sido abandonado a toda pressa.

E mais à frente da mesa, estendida sobre uma ampla mesa de trabalho, estava uma espécie de maquete arquitetônica. Reichen adivinhou que era algum tipo de projeto Darkhaven — algo que provavelmente daria lugar a outra fotografia de Claire e seu sorriso perfeito, fazendo-se passar pela companhia perfeita ao lado de Roth e vários de seus amigos. Mas à medida que se aproximava do modelo, os cabelos da parte posterior de seu pescoço começaram a arrepiar-se.

Ele conhecia este pedaço de terra.

Ele conhecia a forma dela, a aparência dela... a sensação dela.

Era seu.

A cunha da borda do lago da propriedade no modelo era o lugar de seu Darkhaven. Ou, melhor dizendo, tinha sido, antes que a traição de Roth e o próprio desespero de Reichen o tivessem deixado em escombros e ruínas.

—Que diabos é isto?

Claire se aproximou de seu lado, com expressão preocupada.

—Andreas, todos pensavam que você estava morto. Não havia nenhum herdeiro vivo para reclamar a propriedade. Ela ia ser leiloada entre o resto da comunidade de vampiros em Berlim.

—Esta é minha terra.— Sua voz tomou uma sacudida rara. —Esta era minha casa.

—Sei—, disse ela rapidamente. —Sei, e não podia permitir que fosse vendida. Quando alguns de nós na zona celebramos o serviço comemorativo para você e sua família há algumas semanas e me inteirei que ninguém se apresentou para reclamar a terra, comprei a propriedade eu mesma. Ninguém sabe. Desejava pôr algo especial nela. Tinha a esperança que pudesse ser uma espécie de santuário em memória das vidas que se perderam.

Reichen contemplou o modelo do tranquilo parque com suas piscinas para reflexão e atalhos para caminhar meticulosamente riscados por canteiros de flores. O desenho era formoso. Perfeito.

Claire fez isto... para ele.

Ele estava assombrado. Ficou mudo.

—Provavelmente não era meu direito fazê-lo—, disse ela. —Sinto muito. Eu não podia suportar a ideia de que seu lar — e a vida de seus familiares — ficassem no esquecimento ou se vendessem ao melhor concorrente. Não me pareceu correto. Por outro lado, o que fiz provavelmente não parece correto a você, tampouco.

Reichen ficou ali de pé, em silêncio, imóvel pela surpresa do ato de compaixão de Claire, que era a atenuação ao extremo. Estava emocionado, — mais profundamente do que podia recordar em muitos anos. Ele ficou contemplando o modelo arquitetônico, observando todos os detalhes, todo o esmero que pensava ter sido posto no desenho.

Para ele, e para a memória de seus parentes.

Pouco a pouco se voltou para Claire, sabendo que seu rosto devia estar tão rígido como a pedra pela forma em que ela deu um passo atrás.

Bem, pensou ele. Bem. Mantém sua distância.



Porque tudo o que ele desejava fazer nesse momento era arrastá-la com força em seus braços e beijá-la até que nenhum deles pudesse respirar.

Mas ela era a companheira de Roth.

A companheira de seu inimigo.

E até era perigoso, estava muito perto do limite da fome. Se tocasse Claire agora, ele não confiava em deter-se ali. Se foi honrado em algum momento em sua vida, o fogo que despertou em seu interior, há três meses, tinha devorado quase toda aquela parte dele. Ele era uma ameaça para Claire, de mais de uma forma.

—Preciso ficar sozinho—, resmungou ele, com um profundo grunhido.

Ele necessitava isso, não podia estar perto dela agora mesmo. Ele não desejava pensar no breve mas inesquecível passado, que teve com ela, ou com que rapidez seu corpo—, ou seu fraco querido coração, também, —respondia à mera presença dela.

Não queria olhá-la agora, quando se aproximava dele, sua tenra expressão e preocupação, sua mão estendida como se quisesse tocá-lo. Algo nele desejava esse momento com cada fibra egoísta de seu ser.

Seu pulso martelou com força nas veias. Sua boca estava úmida com a fome por ela, seu sexo estava pesado e apertado com o desejo.

Só um único passo a separava dele. Ele deixou de respirar quando ela levantou sua mão e brandamente a colocou contra seu peito.

—Andreas, sinto muito. Eu nunca tive má intenção...

—Vá, Claire!.— Ele exalou um suspiro que assobiou através de seus dentes e presas. — Agora, maldita seja!

Ela se surpreendeu por sua crua e ensurdecadora ira, saltando para trás como se fosse golpeá-la. Piscou durante um momento, seus lábios entreabertos, mas sem falar. Então fugiu da sala sem dizer uma palavra. Quando esteve seguro de que ela se foi, Reichen se dirigiu imediatamente para as portas da biblioteca e as fechou com força. Disse que estava aliviado de que ela se fosse. Se ela valorizava seu bem-estar, deixaria a casa e correria tão longe dele como conseguisse.

Ele só rogava que fosse o suficientemente forte para resistir ir atrás dela entre agora e o pôr do sol, quando teria a oportunidade de sair e saciar sua sede de sangue com outra pessoa... qualquer pessoa exceto ela.

Capítulo 6

Boston, MASSACHUSETTS

Lucan Thorne apertou sua boca contra a cálida e suave pele justo atrás da orelha esquerda de sua companheira. Estando com ela no salão de seus aposentos privados dentro do imóvel subterrâneo que pertencia à Ordem, achou difícil deixar Gabrielle fora de seus braços. Em vez



disso, a sustentava, intencionalmente descuidando de seus deveres como líder dos guerreiros da Raça por outro momento para desfrutar do prazer de senti-la perto. Deixou que sua língua brincasse sobre a pequena mancha de nascimento carmesim que ocultava sobre a suave e cremosa pele atrás de sua orelha, o lugar onde suas presas tinham furado há pouco enquanto ele e Gabrielle faziam amor.

—Sim, continue assim,— murmurou ela, —vamos ficar aqui toda a noite.

Ele grunhiu, sorrindo enquanto continuava cheirando seu pescoço.

—Não é má ideia. E deveria saber que continuar assim nunca é problema quando estou perto de você.

—É terrível, sabia?

Ele tomou seu lóbulo entre os dentes e deu uma pequena dentada. —Isso não é o que disse faz vinte minutos sob a ducha comigo. Ou antes, em nossa cama, quando tinha suas compridas e bonitas coxas ao redor de meu traseiro nu, movendo-se. Então você não pensava que eu fosse tão terrível. Estava muito ocupada gozando e gritando meu nome, me dizendo que não parasse nunca.— Ele nem sequer tentou ocultar seu orgulho masculino. Não que necessitasse, quando sua excitação era definitivamente óbvia tanto no emergir de suas presas como no forte crescimento em seu jeans escuros. Sob sua camiseta cinza, podia sentir seus dermaglifos pulsando em resposta ao desejo por ela. —me corrija se estou errado, ou disse em algum momento que eu era um deus? Um surpreendente e fodido deus, foi, eu acredito, sua opinião exata.

—Arrogante bastardo—, burlou-se ela, mas pode ouvir o humor em seu tom.

Sua suave risada se mesclou em um inalado e trêmulo gemido enquanto roçava as pontas de seus afiados caninos ao longo da curva de seu ombro. Ele enfiou uma mão no grosso cabelo mogno e ela inclinou a cabeça para lhe dar melhor acesso ao seu pescoço, suas unhas marcando seus ombros enquanto a mão livre afundava sob sua folgada camiseta de linho e a cintura de suas calças de ioga. Ela tremeu enquanto ele riscava com sua boca e língua a delicada linha de sua garganta, soltou um débil grito enquanto seus dedos se metiam na aveludada fenda de seu sexo. Ela estava ainda úmida, ainda quente e gloriosamente sensível ao toque.

—Lucan—, ela ofegou. —OH, Meu Deus, Meu Deus...

—Sim, isso está melhor— ele grunhiu, tomando sua boca em um profundo beijo enquanto a levava a um rápido e estremecedor clímax.

Quando ela se recuperou, Gabrielle elevou um olhar irônico mas saciado para ele. —Seu ego conhece algum limite, vampiro?

Ele sorriu, levantando uma escura sobancelha. —Provavelmente não.

Com um movimento de seus olhos, ela agarrou sua mão para guiá-la fora de seus aposentos. Ele podia ter ficado ali toda a noite e não cansar-se de amá-la, de lhe dar prazer. Mas o anoitecer pertencia à Ordem, e ao trabalho crucial que pedia suas mãos sobre a mesa—inclusive as mulheres da ordem, que estavam demonstrando ser companheiras incomparáveis em uma batalha contra um mal que poucos podiam imaginar. Um mal que parecia concentrado em nada menos que a guerra suprema.

Pelo menos agora o mal tinha um nome: Dragos. Nos meses passados, a Ordem tinha desbaratado muitos vampiros da segunda geração e a operação que estavam realizando durante



décadas—séculos, em realidade—enquanto se ocultavam atrás de múltiplos aliados e alianças nas sombras dentro da população geral da Raça. Mas havia muito que eles não sabiam também. As suspeitas eram muito sérias para ficar sem respostas. Era a atual missão da Ordem descobrir as alianças de Dragos, localizar sua base de operações, e paralisar seus esforços antes que pudesse conseguir qualquer terreno mais crítico.

Eles tiveram alguns êxitos, o mais recente sendo o desbaratamento de uma reunião fora de Montreal, onde Dragos e alguns de seus sócios tinham acordado este verão passado. A Ordem ainda não havia descoberto o objetivo da reunião, mas a inesperada chegada de vários guerreiros ao lugar onde o grupo se reuniu forçou Dragos e seus conspiradores a pulverizar-se.

O desbaratamento dessa reunião havia também dado à Ordem um aliado muito inesperado—dois, se o assassino Gen Um que tinha sido alimentado e cuidado para servir a Dragos e havia vindo a bordo com a Ordem podia ser de confiança. Lucan ainda não estava completamente entusiasmado com o vampiro chamado Hunter. O macho era tão frio como uma máquina, reservado e distante. Não que sua incomum educação, sem qualquer comodidade e em total isolamento de outra alma viva exceto pelo Subordinado atribuído ao nascer como seu manipulador, pudesse esperar produzir um membro de equipe de trato fácil. Hunter não tinha dado causas exteriores para desconfiar dele, mas ainda parecia a Lucan um lobo solitário de duvidosa origem, e um cuja lealdade não tinha sido ainda provada. Mas o outro novo aliado que saiu do desenvolvimento de Montreal era uma indisputável grande ajuda para a Ordem. Seu nome era Renata, e ela tinha vindo à Ordem como companheira de Nikolai. Lucan e Gabrielle a viram, enquanto passavam pela sala de armas para o laboratório tecnológico, eliminando alvos duplos no final da linha. Combinava perfeitamente com Niko emparelhar-se com uma mulher que sabia usar armas automáticas. Mas os interesses compartilhados do casal estavam muito mais à frente do metal e explosivos; eram também guardiães de uma jovem órfã companheira de Raça chamada Mira, a quem tinham resgatado de uma perigosa situação em Montreal e colocaram sob sua asa como se fosse sua própria filha.

Com Niko e Renata nas filas estava Tegan, um dos membros de mais longa duração da Ordem, e a companheira do guerreiro, Elise. Quando Tegan viu Lucan e Gabrielle caminhando, disse algo perto do ouvido de Elise, beijou-a, depois veio ao corredor.

Deu a Gabrielle um assentimento de acordo, mas quando seu olhar verde voltou sobre Lucan, era todo seriedade.

—Já falou com Gideon esta noite?

Lucan agitou sua cabeça.

—Íamos a caminho do laboratório tecnológico agora para o ver. Por que tenho o pressentimento de que não vai ser uma boa noite?

—Más notícias da Alemanha— disse Tegan, passando uma mão através de seu alvoroçado cabelo. —Sem dúvida recorda a explosão que destruiu o Darkhaven de Andreas Reichen?

—Sim. Lucan recordava tudo muito bem. A Ordem perdeu um de seus melhores aliados civis —um verdadeiro amigo—na noite que Reichen e sua família foram assassinados na monstruosa explosão que assolou seu imóvel. A perda golpeou os guerreiros muito forte, e não só pelo fato de que Reichen tinha sido um companheiro instrumental nos atuais esforços da Ordem para eliminar



Dragos. Ele era um bom homem, um macho honorável que deveria ter vivido para ver a paz que seus esforços com a Ordem estavam ajudando a assegurar.

O tom de Tegan era tão grave como sua expressão.

—Gideon conseguiu um relatório de Hamburgo hoje. Parece que outro Darkhaven ardeu em chamas ontem à noite. Completa aniquilação.

—Senhor— sussurrou Gabrielle, agarrando um pouco mais forte a mão de Lucan. —Houve algum sobrevivente?

—Só um—, disse Tegan. —Um agente da lei que estava fazendo segurança conseguiu escapar e informar o ataque. Morreu umas horas mais tarde.

—Disse ‘ataque’?— Lucan franziu o cenho, sem gostar do som de tudo aquilo. —O que sabemos exatamente sobre isto?

—Não muito até agora. Gideon ainda está reunindo informações, mas a agência está mantendo muito disso fechado em seu círculo. O Darkhaven que caiu ontem à noite pertencia a um de seus diretores. Um civil de segunda geração chamado Wilhelm Roth. Aparentemente, o diretor e sua companheira estavam ambos fora da cidade, afortunados eles.

Lucan não conhecia Roth, mas ele e o resto da Ordem não estavam exatamente em termos amistosos com a maioria da Agência da Lei, aqui nos Estados Unidos ou no estrangeiro. A Ordem tendia a pensar que a agência era muito jactanciosa e pomposa, mais interessada em seu próprio ganho pessoal que na segurança pública, e a agência tendia a acreditar que a Ordem eram um bando de perigosos vigilantes sem consideração pela lei. Particularmente certo, Lucan tinha que concordar. Ou ele ou algum de seus companheiros de raça teriam alguma utilidade para o círculo de imbecis políticos com a cabeça escondida na areia que eram a noção da lei para a Agência. Como resultado, geralmente os ignoravam a favor de atuar e ter a merda feita. Se isso não se adequasse bem com gente como Wilhelm Roth e o resto da Agência da lei, eram mais que bem-vindos a beijar o traseiro da Ordem e afastar-se de seu caminho.

—Vejamos o que conseguiu Gideon—, disse Lucan, já dirigindo-se com Gabrielle para o laboratório tecnológico no fundo do corredor.

Tegan entrou num passo fácil junto a eles, e Lucan não pôde evitar pensar numa época não faz muito quando ele e seu amigo guerreiro—ambos Gen Um com muitos séculos de vida entre eles—tinham passado mais tempo nas gargantas do outro que caminhando juntos como iguais. Agora, enquanto os dois se dirigiam para o laboratório tecnológico com Gabrielle, os outros guerreiros reunidos no que servia como sala de conferências da Ordem elevaram todos a vista do que estavam fazendo, como se o ar ficasse de algum jeito mais pesado com a chegada dos dois maiores e mais poderosos membros do grupo.

As três somas mais recentes às filas da Ordem—Kade, Brock e Chase—estavam vestidos com a roupa negra básica de patrulha, desde seus sapatos e jeans escuros até suas camisetas negras, jaquetas de couro e arsenal de semi-automáticas e espadas que levavam em seus quadris. O trio de machos não era muito amigável, mas tinha tomado muitas das missões, e numa noite problemática de caça nos becos de Boston terminaram caçando um tipo diferente em alguns clubes noturnos da cidade.

Também os outros, guerreiros e companheiros dividiam a pesada carga da Ordem, mas os



olhando agora — Rio estava sentado junto a sua companheira de raça, Dylan, e Dante, incapaz de parar de acariciar a torcida barriga de grávida de seis meses de sua companheira Tess enquanto casualmente dirigia a merda com Chase e os outros—estava claro que as coisas estavam mudando aqui no imóvel. Evoluindo, pensou Lucan, enquanto Gabrielle soltava sua mão para caminhar e sentar-se no chão junto à pequena Mira e Savannah, que era a companheira do atual gênio, Gideon. O coração de Lucan ficou um pouco tenso quando olhou sua companheira de raça sorrir e conversar com a menina e Savannah, que estava passando entre elas uma borracha, jogando para mantê-la afastada do feio terrier que pertencia a Dante e Tess.

A cena completa era desconcertante como o inferno.

De algum jeito, em um ano e meio, o imóvel tinha começado a sentir-se menos como um forte militar e mais como um lar. Isso deu a Lucan mais que um pequeno desconcerto. Os lares podiam ser vulneráveis, especialmente em tempos de guerra. Ele pensou nos dois Darkhaven da Alemanha que tinham sido fortes um dia e eram escombros no seguinte. Era duro fazer desaparecer o frio que havia em seu estômago quando considerou quão fácil as vidas—e seres queridos—podiam deixar de existir.

—Posso ver pelo olhar em seu rosto que Tegan o informou rapidamente sobre as notícias de Hamburgo—, disse Gideon, afastando-se de sua frota de computadores e contemplando Lucan sobriamente sobre os aros de seus pálidos óculos azuis. —Quer ouvir a parte realmente fodida de tudo isto?

—Por que não?— assinalou Lucan.

—Estive escavando um pouco nos arquivos da agência na Alemanha. Resulta que estão tendo alguns problemas para manter seus homens vivos por ali.— Ante o olhar interrogativo de Lucan, Gideon continuou. —Durante as últimas semanas, nove agentes da lei entre os escritórios de Berlin e Hamburgo foram assassinados.

Tegan se uniu à conversação agora, aparecendo para olhar os dados nos monitores de Gideon. —Está falando de assassinatos?

Lucan estava pensando o mesmo, instantaneamente perguntando-se se os outros como Hunter, treinados para assassinar Gen Um e ordenados recentemente por Dragos para rastrear e assassinar os membros mais velhos da raça vampira, haviam agora fixado de algum jeito seus alvos sobre indivíduos dentro da agência da lei. —Não é como qualquer coisa que já vimos entre a população civil— disse Gideon. —Estes assassinatos são meticulosos—merda, são virtualmente obras de arte de tão eficientes.— Ele se balançou pelos arredores e digitou algo que trouxe uma imagem cadavérica de um macho da raça arroxeadado e ensanguentado que tinha perdido parte de seu crânio. —Estes assassinatos da agência são brutais, muito pessoais. Uma unidade de campo completa foi eliminada homem a homem, e havia agentes de alta escalão—estou falando de gente a nível de diretor—que foram eliminados, também. Alguém aí fora está tentando fazer uma afirmação muito alta. Se me perguntar, parece vingança.

Capítulo 7



Andreas não tinha saído da biblioteca todo o dia.

Claire se sentou no vestíbulo fora das portas fechadas, silenciosamente quieta apoiada em uma coluna sobre um pequeno banco estofado uns minutos depois que ele a tinha expulso da sala com sua vociferante demanda de que ela se fosse. Suas costas doíam pelo assento incômodo e estava esgotada, não se atrevendo a dormir por mais que uns poucos minutos de vez em quando.

Ela não sabia o que estava fazendo ali. Ela ainda não sabia se ele era bom. Não houve nenhuma resposta quando ela golpeou há algumas horas nas portas para inspecioná-lo. Agora estava sentada sobre o pequeno banco com seus pés recolhidos sobre a almofada e seus braços fechados ao redor dos joelhos, enquanto olhava fixamente o silencioso quarto como se um animal selvagem, raivoso esperasse dentro.

Era quase pôr do sol. Não demoraria muito tempo antes que a Agência de Execução entrasse em detalhes com Wilhelm para que retirassem Andreas.

Clara sabia que havia feito o correto em ir a Wilhelm por ajuda. Ela havia feito a única coisa que poderia fazer, não só por sua própria segurança iminente e de seu companheiro, mas também por Andreas. O medo severo que ela tinha sentido por ele ontem à noite havia suavizado para um tipo de compaixão cautelosa. Estava tão destroçado agora. Ferido no mais vivo de sua fúria.

Ela só esperava que tivesse o julgamento de ir silenciosamente com os Agentes de Execução quando chegassem. Se apresentasse uma luta... bem, ela não podia deixar que sua mente viajasse ali.

A fechadura das portas de biblioteca deu um suave clique.

Claire olhou para cima, deixou suas pernas deslocarem e seus pés irem para o chão do vestíbulo quando Andreas saiu da sala. Ele estava muito melhor fisicamente e mesmo que enviasse um franzido cenho em sua direção, ele parecia mais tranquilo, mais descansado que quando o tinha deixado ali.

Talvez houvesse alguma esperança de que pudesse ser razoável depois de tudo.

—Você ainda está aqui, — comentou, claramente aborrecido. —Pensei que estaria a horas daqui.

—Não, — Claire murmurou.

Andreas se mofou.

—Roth deve conhecer um bom número de casas seguras da Agência na área onde poderia tê-la enviado. Estou surpreso que não escapasse para uma delas na primeira chance que teve.

Claire não disse que Wilhelm tinha ordenado ficar na casa de campo. Isto a tinha incomodado então, mas agora, sendo forçada a sustentar o olhar penetrante de Andreas, ela sentiu mais que um indício de vergonha por pensar que seu companheiro a reteria voluntariamente em algum tipo de perigo. É obvio que ela nunca se apresentou como uma mulher desafortunada e necessitada, e Wilhelm não teria esperado que ela permanecesse na companhia de Andreas a não ser que confiasse que ela podia dirigir a situação.

Essa justificativa era um pouco vazia quando recordou a maneira mordaz que havia dito que fizesse o que fosse para deter Andreas durante o tempo suficiente até que os agentes pudessem chegar ali.



—Você o conhece melhor que a maioria. Estou seguro que pensaria em algo.

—Deve estar perto do crepúsculo. — A voz profunda de Andreas correu por toda sua pele como uma carga. — Quanto tempo supõe que Roth demore para chegar aqui?

Claire piscou, logo sacudiu sua cabeça. — Não sei o que significa.

Sua risada de resposta estava fria, pouco convencida.

— Realmente vai sentar-se aí e fingir que não o buscou por ajuda e o advertiu sobre mim?

—Quando ela teria tentado negar isto, sua boca ficou um pouco mais dura. — Somente você o conhece, Claire, esperava que realmente fosse para ele. Espero que tenha lido isto para vir tão rápido como possa, porque eu estou malditamente preparado para terminar com isto.

Seu sangue esfriou. — Você realmente está tão impaciente por morrer, André?

Ele se mofou. — Não é por mim que você tem que preocupar-se.

Faíscas de cor âmbar se acenderam em sua íris, e ela podia ver os pontos de suas agudas presas brancas quando falou, um aviso potente que embora sua cólera parecesse amortecida, não demoraria muito para se acendesse de novo. Poderia ser mais seguro tentar mentir, mas ela sentiu que devia um pouco de honestidade independentemente dos riscos.

—Muito bem. Realmente fui a Wilhelm. Caminhando em sonhos para ele enquanto você estava no porão, tal como adivinhou.

—Mas sua equivocada necessidade de vingança terá que esperar por que ele não vem.

— Você disse que eu estava aqui?

—Sim.— Claire ficou de pé quando Andreas deu um passo mais perto dela sobre o banco. — É meu companheiro. Tive que o advertir.

—Você disse sobre os fogos? Sobre seu Darkhaven em Hamburgo?—Com seu assentimento, seus olhos se estreitaram sobre ela.

Ele se moveu pouco a pouco mais perto, prendendo-a entre seu corpo grande e o banco estofado pressionando fortemente contra suas pernas. — Ele sabe que está a sós comigo, em minha misericórdia?

—Claire tragou. — Ele sabe tudo isso.

— E mesmo assim não vem.

Embora Andreas não falasse as palavras, elas estavam escritas bastante claramente sobre sua rosto. Claire deu uma olhada longe dele porque repentinamente ficou muito difícil manter seu fixo olhar perspicaz. Para sua completa comoção, ela sentiu seus ligeiros dedos brandamente debaixo de seu queixo. Quando seguiu aquele toque, levantando seus olhos até ele, não havia a menor amabilidade em sua expressão.

— Ele tem alguma ideia de quão perigoso é para você estar sozinha comigo deste modo, Claire?

Ele procurou seu rosto, seu fôlego quente deslizou através de sua testa. Ele estava de pé tão perto dela, que podia sentir os batimentos de seu coração, fortes e regulares fazendo totalmente louco seu próprio pulso, também.

Um desejo espontâneo se armou dentro dela, quente e mórbido. Isto levou toda sua força de vontade para não girar sua bochecha em sua palma e acariciá-la contra a curva quente de seus dedos contra sua pele.



Isto estava mau.

Isto era insano.

OH, Deus, isto era algo que ela não tinha há muito tempo.

O que somente demonstrou que Andreas tinha razão. Estar sozinha com ele era muito, muito perigoso.

— Se fosse minha, — murmurou ele sob seu fôlego, — eu caminharia através dos fogos do inferno para mantê-la longe de um homem como eu. — Claire olhou fixamente para seus salpicados olhos âmbar insegura do que dizer. Insegura do que pensar.

Tudo o que sabia era o sentimento que estava repentinamente ardendo dentro dela - um sentimento que acendia o desejo e o pesar que sacudia seu coração.

O pesar foi o que conseguiu triunfar.

Franzindo o cenho repentinamente, Andreas rompeu seu olhar fixo. Ele jogou uma olhada sobre seu ombro, sua cabeça se inclinou ligeiramente de um lado, escutando. Claire não escutou nada, mas certamente não possuía o ouvido sobrenaturalmente penetrante da Raça. Mas tampouco tinha que escutar para entender o que estava ocorrendo fora da casa de campo.

— Agentes de Execução, — ela sussurrou. — Wilhelm disse que pediria que uma unidade chegasse ao entardecer para resolver tudo com você.

Andreas a empurrou atrás com um sorrisinho escuro.

—Uma brigada de morte.

—Não, — ela disse. Deus querido, ela esperava que não.

—Nada vai acontecer a você. Não deixarei. André...

Não estava escutando agora. Em um movimento fluido, ele andou a passos longos para as escadas e começou a subir dois degraus de uma vez.

—Sai da casa, Claire. Sai agora.

Por merda nenhuma ela o faria. Ela assobiou uma maldição e correu atrás dele em troca.

Ele procurou refúgio em um dormitório dianteiro do segundo andar da casa, indo diretamente para a janela. Ele arrancou os bloqueadores de UV e olhou atentamente através do metal destroçado para o pátio, jurando algo repugnante. Claire se aproximou atrás dele bem a tempo de ver as formas negras de vários agentes armados que subiam em formação de cautela para a casa.

Andreas girou ao redor, as pontas de suas presas brilhando atrás de seu lábio superior. A acusação cintilou com força em seus olhos.

— Parece que vieram para negociar comigo? — Claire não tinha nada a responder.

Escada abaixo, escutou-se um choque contra o cristal, seguido de passos pesados de botas que golpeavam o polido mármore. Os agentes estavam entrando.

— O que fará? — perguntou em um sussurro, sentindo a energia no quarto já começando a esquentar. Era Andreas que gerava o estranho rangido no ar. Sua fúria crescia, trazendo com isso o poder terrível de seu pyrokinesis⁹.

— Andre, me escute ... você não pode continuar deste modo. Por favor. Rogo-lhe... Seu

⁹ Pessoa capaz de formar fogo com sua mente ou quando esta entra em cólera



rosto era feroz, seus olhos estavam ardendo.

— Wilhelm Roth é quem deveria me rogar. Não você.

Os estrepitosos passos seguiram no primeiro andar quando os agentes se separaram para revistar a casa. Alguém chamou Claire, a aconselhando a mostrar sua posição à unidade de invasão.

— Anda, — Andreas disse. —deixe que a levem para a zona de segurança.

Ela sabia o que devia fazer. Que Deus a ajudasse, mas sabia com cada pedaço de lógica em sua mente que a coisa mais razoável que podia fazer era deixar que os homens de Wilhelm a escoltassem para fora da casa enquanto tentavam convencer Andreas a entregar-se tranquilamente.

Sua mente sabia tudo isso.

Seu coração foi que vacilou.

OH, Cristo...não.

—Maldita seja, Claire. — Andreas caminhou com passo majestoso para ela e agarrou seus braços em um apertão doloroso. Deu uma sacudida enérgica. — Que diabos está mal com você?

Um estrepitoso som explodiu atrás dela. Uma flecha quente passou por sua orelha direita, fazendo voar fios de cabelo em seu rosto. Ela sentiu o impacto repentino da bala quando a roçou por menos de uma escassa polegada e se fechou de repente no lado esquerdo superior do peito de Andreas.

— Nãoo! — ela gritou, horrorizada.

Ele cambaleou para trás sobre seus calcanhares, mas o tiro não o venceu. Os aromas mesclados de pólvora e sangue encheram a cabeça de Claire.

Eles tinham acertado um tiro nele.

OH, Cristo...não.

Bloqueando Andreas com seu próprio corpo, girou o corpo para confrontar o Agente de Execução que estava de pé na entrada aberta do dormitório. Seu enorme rifle negro ainda estava apontado para Andreas, seu dedo se abatia perigosamente no gatilho.

— Está bem, Frau Roth? —Durante um longo momento, ela não teve fôlego para falar. Seu coração estava pulsando enlouquecidamente no peito, seus joelhos quase se derretiam debaixo dela. O agente falou, mas seu foco estava totalmente centrado sobre Andreas, que surgiu atrás dela, enviando calor como um forno.

— Está bem, — disse o agente. — Está coberto. Não lhe fará mais dano.

O agente deu um passo para dentro do quarto, progredindo cautelosamente sobre o braço estendido de Claire. Sua arma permaneceu fechada sobre o objetivo. Quando se aproximou, Andreas deixou sair um rugido selvagem. O calor que Claire sentiu antes descendo dele, estava se fazendo mais forte agora, fazendo que os cabelos finos atrás de seu pescoço se arrepiassem até o final de suas costas.

—Por favor,— ela finalmente conseguiu grasnar. —Você não tem ideia do que está fazendo. Solte sua arma.

Os olhos do agente se lançaram para ela por somente uma fração de segundo, como se estivesse calibrando sua prudência—ou a falta disso. —Você precisa por-se de lado, Frau Roth. Eu



tenho ordens específicas aqui. E as quero cumprir.

Ordens específicas para matar Andreas.

A compreensão caiu em seu conhecimento como veneno.

Ali estavam os esquadrões da morte, justo como Andreas sabia que seria. Wilhelm tinha pedido sua morte. Não só isso mas também tinha mandado seus homens matar Andre a sangue frio, bem na frente dela.

A voz do agente estava letalmente fria agora, e no estreito corredor fora do dormitório, mais agentes estavam subindo as escadas.

—Ponha-se de lado, Frau Roth. Temo que não possa pedir isto de novo.

O rifle se aproximou mais, uma ameaça muito convincente. Ela não tinha nenhuma intenção de cooperar com o agente, mas naquele mesmo instante ela sentiu mais do que viu, o braço de Andreas surgiu ao redor dela para alcançar a arma com uma velocidade surpreendente. Todo o calor viajou ao longo dela com um movimento, enviando uma corrente elétrica que vibrou profundamente em seus ossos.

Andreas fechou seu punho ao redor do cano da arma. Seu braço estava aceso com o calor que irradiava de seus dedos como pulsantes auréolas de extremo calor. A energia saltou dele para o rifle em brilhantes ondulações.

Imediatamente, os olhos do agente se ampliaram. Sua cabeça caiu para trás sobre seus ombros e seu corpo entrou em um violento espasmo que o fez fazer ruídos com seus dentes. Claire cheirou pele e cabelo queimados. Enojada, ela olhou longe quando o macho da Raça caiu no chão e se convulsionou com a dose de poder letal.

Antes que estivesse morto, outro agente veio correndo para o quarto, com sua arma pronta.

— Claire, fique atrás! —Andreas bramou.

Naquele mesmo instante, ele atirou mais calor e luz, expulsando-o como uma bala de canhão que se materializava da palma de sua mão. Ele lançou o círculo de fogo no agente recém-chegado, matando-o ali mesmo. As chamas estalaram por toda parte. O fogo se aproximou das paredes e do teto.

Andreas lançou um olhar feroz sobre seu ombro sangrando aonde Claire estava de pé atrás dele, aterrada pelo terrível poder que ele possuía.

—Vamos. Temos que sair aqui. —Ela o seguiu através do ardente quarto de volta ao segundo andar. Mais dois agentes subiam pelas escadas para apanhá-los. Ele os parou ali na metade de caminho, soltando bolas de fogo iguais que explodiram como bombas, fazendo um buraco na empapelada parede de seda e tomando um grande pedaço da madeira das escadas.

Quando chegaram ao pátio, Claire ficou muito perto dele - mas não muito, atenta à energia aguda que deslizava em cada polegada de seu corpo. Mesmo ficando a um metro de distância de Andreas, seu calor era esmagador. O brilho incinerador que o tinha coberto nos bosques ontem à noite estava de volta. Se o tocasse agora, inclusive por acaso, ela sabia que isto a mataria. Mas quando o pavoroso incêndio se levantou mais quente acima e no vestibulo, e quando Andreas eliminou o resto da brigada de morte que tinha vindo para matá-lo sobre o que só poderiam ter sido as ordens explícitas de Wilhelm, Claire sabia que este mortal ser - este homem que possivelmente nunca tinha entendido de tudo - era sua melhor possibilidade de sobreviver nos



seguintes poucos minutos.

Então ela correu quando disse que corresse. Ela ficou tão perto dele como se atrevia. Só quando ambos estavam fora da casa de campo, com seus pés voando sobre a erva fresca de outono, iluminada pela lua, que Claire se permitiu cair sobre os joelhos e derramar algumas lágrimas.

Ela olhou ao redor, sufocando no ar espesso da noite e em sua própria confusão de emoções. Sua casa estava em chamas. Mais vidas estavam perdidas. Ela queria gritar, mas no canto mais profundo de seu coração, tudo que ela sentia era um pouco egoísta, sentindo alívio que Andreas ainda respirava.

Ela girou sua cabeça para olhá-lo.. A forma grande e brilhante dele cambaleou através das lágrimas de alívio.

Quantas vezes nos últimos meses tinha desejado que ainda estivesse vivo?

Quantas foram as lágrimas que derramou em segredo por ele e sua família falecida?

Custe o que custar Andreas disse, mas ela não podia se permitir acreditar durante um segundo que Wilhelm tinha algo a ver com a destruição do Darkhaven de Andreas. Ela esperava com cada fragmento de seu ser que suas acusações estivessem equivocadas.

Mas agora, depois do que aconteceu aqui esta noite, ela não podia desalojar nenhum pingo de dúvida que se arraigou sob sua pele. E sabia que não seria capaz de descansar até que soubesse se era culpa de Wilhelm ou sua inocência a ciência certa.

Ela necessitava respostas. Agora mais que nunca, ela tinha que entender que tipo de homem era realmente Wilhelm Roth.

—Está bem?— Andreas perguntou quando ela limpou seus olhos molhados e ficou de pé.

Claire assentiu, mas dentro se sentia intumescida, um sentimento crescente de enfermidade que se enrolava dentro de uma fossa em seu estômago.

— Ele os enviou para te matar esta noite, — murmurou ela. — Eu não sabia, Andreas. Juro, eu não sabia...

Ele a olhou fixamente em silêncio, olhando-a através do brilhante fogo que ainda viajava por seu corpo. Ele estava sangrando e ferido, monstruosamente quente, e tudo devido a Wilhelm. E devido a ela. Ela lamentou entrar em contato com Wilhelm agora, independentemente de qualquer obrigação que pudesse ter como sua companheira de raça.

Ela virtualmente tinha assinado a ordem de execução de Andreas.

— Eles enviarão mais agentes daqui a pouco, — disse ela. — Quando esta unidade não fizer um relatório a Wilhelm, ele só enviará mais para te encontrar.

— Sim, — Andreas disse, com um tom forte e aceitando gravemente. — Ele enviará mais homens e eu os matarei também, até que eu dê baixa a tantos que Roth não terá outra opção que vir me confrontar ele mesmo. Dou boas-vindas a esse momento. Não me importa o que acontecer até chegar lá.

Claire estremeceu internamente com o pensamento de tanta violência e morte. Ela estava desesperada por respostas do próprio Wilhelm, e não estava disposta a esperar enquanto isto acontecia e ser testemunha de mais derramamento de sangue e fogo.

Ela caminhou diante de Andreas e se dirigiu ao caminho que conduzia à cidade.



—Claire, — ele chamou atrás dela, mas ela continuou andando, movendo-se com um novo tipo de resolução. A voz profunda de Andreas se estendeu a ela como uma escuridão.

— Claire... onde merda pensa que vai? — Ela fez uma pausa, girou e fez uma expressão cansada. — Você diz que precisa localizar Wilhelm e tomar sua vingança sobre ele. Agora necessito a verdade dele. A maior parte de seu negócio é feita num escritório privado na cidade. Talvez se formos ali, ambos encontraremos as respostas que precisamos.

Capítulo 8

Reichen não estava seguro do que era pior: a persistente dor de seu ferimento, ou a forma que seu intestino se retorcia pela urgência de comida. Uma coisa se encarregaria de ambos os problemas. Sangue.

Sentiu um grunhido caminhar através de sua seca garganta enquanto suas fossas nasais se enchiam com os mesclados aromas de dúzias de humanos próximos a ele, todos presos no estreito compartimento do trem de Hamburgo. A tentação de dar uma olhada e selecionar uma presa viável—a necessidade de apagar o ardor da sede—era quase esmagador.

—Mantém sua cabeça abaixada,— sussurrou Claire, sua respiração patinando contra sua orelha. —Seus olhos também, Andre.

Já era suficientemente mau que estivesse ferido e sangrando, e ambos, ele e Claire, cheiravam como um par de limpadores de chaminés. Não seria uma boa ideia deixar que algum dos passageiros sentados ao seu redor dessem uma olhada em seus transformados olhos ou sequer na sua incomum situação dental.

Ao menos sua fúria esfriou.

Ele e Claire tinham caminhado durante aproximadamente uma hora antes que o resplendor de seu Pyrokinesis tivesse sumido. Não tiveram outra escolha que viajar a pé. Até que seu metabolismo se estabilizasse, tudo o que tocasse, tudo o que estivesse muito perto dele viraria cinzas. Claire parecia entender esse fato, e manteve uma prudente distância enquanto ele lutava para conseguir colocar seu sistema interno de novo em linha.

Sendo da Raça, e mesmo ferido, Reichen podia ter caminhado facilmente as duas horas da casa de campo de Roth ao seu escritório privado em Hamburgo. Podia ter cruzado os quilômetros a uma velocidade que os olhos humanos não poderiam rastrear facilmente, mas não podia abandonar Claire sozinha na noite. Não depois de tudo o que havia acontecido. Ou, melhor, tudo o que a havia feito passar.

Estava cansada e fatigada, inclusive agora, sentada ao seu lado no trem. Não havia argumentado absolutamente quando a levou a estação rural e perguntou que caminho tomar. Não tinham nenhum dinheiro com eles, por isso Reichen tinha conseguido suas passagens com um pouco do que havia herdado da raça, um passe de mágica. Por sua sugestão, o homem que recolhia as entradas caiu em um transe rápido, mas breve, dando a oportunidade de deslizar além das catracas e no trem sem que ninguém se inteirasse.



O truque tinha esgotado quase todas as suas forças, mas ao menos Claire estava longe do frio e capaz de relaxar. Ele, por outro lado, estava tão tenso como podia. Reichen dobrou o queixo até o peito e curvou os ombros para ajudar a ocultar seus visíveis problemas de qualquer olhar curioso dos humanos.

Sua sede era outra coisa.

Corroia-o, sempre em seu ponto mais febril depois do incêndio. Sob circunstâncias comuns, ele e seus semelhantes podiam passar uma semana sem alimentar-se, mas desde o ataque em seu Darkhaven e o despertar da força mortal em seu interior, sua sede era persistente.

Quase constante.

Ele havia visto outros caírem no vício do sangue. Não acontecia frequentemente entre os de mentes mais débeis e menor idade, mas sim aos das primeiras gerações da Raça, cuja linhagem estava menos diluída com os gens humanos e mais perto dos Anciões— os pais alienígenas da raça de vampiros na Terra.

A pyrokinesia de Reichen já era ruim o suficiente, mas a sede que se estendia o horrorizava tanto quanto os incêndios que podia criar à vontade. E se fosse honesto consigo mesmo, quase não podia negar que os incêndios eram cada vez menos uma resposta à sua fúria e mais uma parte do que era ele.

Desde que tinha começado sua missão de vingança contra Roth algumas semanas atrás, os incêndios estiveram se fortalecendo. Agora saltavam à vida com apenas um pensamento, queimando mais e mais, cada vez mais explosivos. E uma vez que sumiam, o atacava uma sede de sangue que não podia ser contida ou saciada.

Estava se perdendo para ambos, e sabia. Se ficasse na companhia de Claire por muito mais tempo, ela saberia também.

Inclusive enquanto a gravidade desse pensamento girava ao seu redor, Reichen não pôde deixar de assistir com sua visão periférica quando um rapaz levantou de seu lugar e se moveu a outro que ficou livre na última parada. Reichen seguiu o humano com um olhar predador, tomando nota da falta de consciência do jovem quanto ao seu redor quando se deixou cair no assento. Os fones brancos emitiam pequenos ecos da música que estava tocando na cabeça do ser humano. Abatido, os antissociais olhos apareceram debaixo de uma escura e irregular franja varrida, toda a atenção do rapaz se concentrava na tela tateante de seu iPhone enquanto se ocupava de um extensa ronda de mensagens de texto.

Reichen observou com o mesmo interesse de um leão por um bebedouro com animais selvagens, seus instintos de caça ferroando por atenção, separando já a presa mais fácil da manada de passageiros. O trem ficou mas lento. Quando se deteve em uma estação, o homem levantou. Os músculos de Reichen se estiraram como reflexo. Começou a persegui-lo, a fome o governando, mas a mão de Claire desceu brandamente em seu antebraço.

—Este não. Desceremos na próxima estação.

Sentou-se e tentou não deixar escapar um grunhido de irritação enquanto as portas do trem se fechavam e sua antiga comida perambulava distraidamente entre a multidão que saía pela plataforma.

Uns minutos depois, ele e Claire alcançaram sua parada. Desceram do trem e caminharam o



resto do caminho até Speicherstadt, distrito de armazéns de Hamburgo. Fileiras de edifícios de tijolo vermelho divididos por canais de água brilhavam com luz incandescente no céu noturno.

Os aromas se mesclavam dos grãos de café e especiarias pairando na brisa enquanto Claire os levava além de uma ponte arqueada e logo aprofundava mais no distrito histórico. Como indicavam os aromas, alguns dos edifícios góticos até pareciam estar em uso como armazéns; enquanto que outros se converteram em lojas de tapetes orientais.

Claire continuou durante algumas quadras antes de deter-se em frente a um edifício de tijolo e pedra calcária que parecia igual aos edifícios vizinhos. Um trio de colunas de concreto flanqueadas por delicadas grades de ferro forjado conduzia a uma porta sem identificação, sem número.

—Este lugar pertence a Roth?

Reichen perguntou ao chegar à etapa superior.

Ela girou.

—Um dos vários escritórios privados que mantém na cidade. Será capaz de abrir os cadeados?

—Se não for pela força de vontade, então pela bruta,— disse ele, movendo-se na frente dela para dirigir uma ordem mental aos parafusos duplos na porta. Golpeou-os forte com sua mente, com cuidado para não despertar o fogo que ainda espreitava no limite de seu controle, esperando por uma desculpa para queimar de novo. Com uma série de cliques metálicos, os parafusos se liberaram e a porta abriu amplamente. Quando Claire começou a andar e entrar, Reichen a deteve com um olhar. —Espere aqui enquanto olho ao redor. Pode ser que não seja seguro.

Reconheceu a ironia de seu sentido protetor quando entrou no edifício escuro e procurou qualquer sinal de problemas. Correr de mais Agentes da Ordem seria um problema definido, mas era de longe a pior ameaça à segurança de Claire. Especialmente em seu atual estado de fome.

—Está bem,— disse quando esteve certo de que o tranquilo edifício estava vazio. Apertou um interruptor quando ela entrou.

Os gostos de Roth neste lugar eram uma mescla incongruente do Velho Mundo e a moderna minimalista. Peças de cromo e vidro competiam com deliciosas antiguidades. A arte nas paredes eram obras de mestres, entretanto, cada quadro representava uma cena de horrível brutalidade. Cenas de morte pareciam ser as favoritas, sem importar se o tema eram homens, mulheres ou animais. Aparentemente Roth não discriminava na hora de reconhecer a violência.

—Com que frequência se hospeda aqui?— perguntou Reichen, sem perder o fato de que havia um dormitório que ocupava todo o piso superior.

—Frequentemente. Pelo menos, acho,— disse Claire em voz baixa, mas sem amargura enquanto se aproximava do computador e ligava a máquina. Enquanto carregava, ela abriu uma das gavetas da mesa e começou a filtrar seu conteúdo. —sei que seu trabalho para a Agência também o leva a Berlim, de vez em quando.

Reichen a olhou, vendo a dúvida em seu suave cenho franzido. Podia não querer acreditar nas acusações contra seu parceiro, mas Claire estava lutando com ao menos um certo grau de incerteza a respeito de Wilhelm Roth.

—Como está sua ferida?— perguntou, sentindo remorso quando não tinha razão de ser.



Reichen encolheu seu ombro bom. A bala tinha atravessado limpamente, e uma vez que se alimentasse, poderia acelerar a cura.

—Viverei,— disse. —o suficiente para fazer o que tenho que fazer.

Ele podia ver sua garganta trabalhar enquanto tragava.

—Quando acabará tudo isto, Andre? Quantas pessoas têm que morrer?

Sua resposta foi sombria e resolvida. —Só uma.

Ela manteve o duro olhar. —Que fará se suas acusações contra ele forem falsas?

—Que fará se forem verdade?

Ela não disse nada quando se aproximou de onde estava, só se afastou uns passos e deu acesso ao computador e ao punhado de cartões de visita e relatórios que tinha tirado da mesa. Reichen olhou o e-mail de Roth e começou a procurar em seus discos—procurando precisamente o que, não estava seguro. Pistas das atividades de Roth, seus contatos. Algo que o conduzisse ao seu paradeiro atual.

Qualquer coisa.

O que tinha a fazer era concentrar-se em suas razões para estar ali em primeiro lugar, não a consciência inevitável de Claire de pé ali, tão perto dele, um calor e uma presença que sentia diretamente na medula. Estava trabalhando duro para ignorar sua resposta visceral a ela quando olhou à desordem de cartões no escritório de Roth três vezes antes que seus olhos se enfocassem no pergaminho prateado com desenho negro e elegante.

Pegou o cartão da coleção e o leu, apesar de saber o nome e o endereço que aparecia nele com o coração. Apesar de que realmente não era uma surpresa encontrar o cartão entre os pertences de Roth, ainda sentia seu sangue gelar nas veias.

—O que encontrou?— perguntou Claire, sem dúvida sentindo sua repentina tensão. Ela se aproximou, olhou ao redor o papel transparente que tinha na mão. —Afrodite. O que é isso?

—Um clube em Berlim,— respondeu Reichen. —trata-se de um bordel exclusivo muito caro.

Olhou Claire a tempo de ver sua mudança de curiosidade a tranquila moléstia. —Wilhelm nunca teve escassez de companhia feminina. Consideraria abaixo dele ter que pagar por elas. O fato que tenha essa cartão não significa nada.

—Significa que esteve ali,— disse Reichen. —Não preciso deste pedaço de papel para demonstrá-lo. A proprietária do Afrodite e eu somos... próximos. Confiei em Helene implicitamente.

Claire olhou longe dele por um momento.

—Ouví faz um tempo que tinha tomado uma mortal. Uma de muitas pelo que entendi...

Deixou que o comentário ficasse incompleto, mas se surpreendeu ao escutar que estava consciente de seus assuntos pessoais. E sim, existiram muitas mulheres em sua vida com o passar dos anos, uma série de ligações esquecíveis das quais ele nunca se orgulhou, até agora. Especialmente agora.

Mas tinha respeitado Helene mais que as outras fêmeas humanas que teve em sua cama ou em virtude de suas presas. Converteu-se em uma confidente, uma amiga de verdade, embora tenha sido alheia ao seu lado sombrio, mortal, pelo que tinha trabalhado tão duro por suprimir.

—Helene era uma boa mulher. Ela sabia que eu era da Raça e manteve o segredo. Também



me manteve a par das coisas que aconteciam no clube. Recentemente me inteirei que uma de suas empregadas tinha começado a sair com um homem rico muito importante. Esta empregada se apresentou para trabalhar mais de uma vez com marcas de mordidas no pescoço. Não muito tempo depois, ela desapareceu sem deixar rastro. Pedi a Helene que averiguasse, e ela retornou com um nome: Wilhelm Roth.

Claire franziu o cenho.

—O fato desta garota ter passado algum tempo com ele não significa que a matou.

—Ele não se deteve aí,— disse Reichen, com a voz apertada. —Enquanto estava ausente, em outro assunto, Helene se apresentou em meu Darkhaven. Alguém a deixou entrar, sem dar-se conta que era uma emboscada. Helene se tornou uma Servente desde que a tinha visto pela última vez. Seu amo a enviou a minha casa com uma unidade de assassinos armados — um esquadrão da morte da Agência de Controle. Mataram a todos dentro. Dispararam a todos, a sangue frio, Claire. Inclusive às crianças.

Ela o olhou boquiaberta, movendo a cabeça.

—Não... houve uma explosão. Um terrível incêndio...

—Sim, houve,— admitiu Reichen, tomando-a pelos braços quando sua ira começou a turvar sua lembrança. —Deixei a casa em chamas, mas não até chegar e ver o massacre no interior. E não até depois que encontrei Helene me esperando, coberta pelo sangue de minha família. Disse-me quem a fez, Claire... justo antes que pusesse fim a sua miséria e depois queimei minha casa e mandei todas as almas à terra.

Os sensíveis olhos café de Claire nadaram em uma brusca maré de lágrimas, mas não disse nada. Nenhuma palavra de negação ou incredulidade. Nenhuma só sílaba em defesa de seu companheiro.

—Andre...

Ela não deveria tê-lo tocado. O quente roce de sua palma descansando brandamente em sua bochecha o levou além do limite em que havia estado cambaleando desde o momento em que pousou seus olhos nela. Um inferno muito maior, se fosse honesto.

Reichen levou a mão ao arco suave da nuca e a atraiu para si. Baixou a cabeça e apertou sua boca contra a dela. Não houve liberdade, nem humildes começos, já que seus lábios se juntaram em um beijo febril que era tão familiar e legítimo, como proibido.

Claire.

Ah, Cristo.

Quase tinha esquecido o que sentia ao abraçá-la, beijá-la. A desejava com uma necessidade tão quente como lava em seu ventre. Seu corpo recordava todas as maneiras que uma vez a havia feito arder. A excitação se apoderou dele, convertendo seu sangue em fogo e seu duro membro em aço forjado. Nesse instante, não importava se estava machucado e sangrando ou desejoso de vingança.

Não importava que ela pertencesse a outro—seu inimigo mais traiçoeiro. Tudo o que sentia era o calor de Claire em sua boca. A cálida pressão de suas curvas contra ele.

Queria mais.

Queria tudo dela, agora a fome se obstinando a ele de maneira tão implacável, envolvendo



seus tentáculos ao redor dele até mais forte. Seu estômago retorceu, ardendo. Suas presas saíram de suas gengivas, as pontas afiadas pulsavam com cada úmido roçar de seus lábios contra os dela.

Queria saboreá-la. Que Deus o ajudasse, queria afogar-se nela, aqui e agora.

Ela devia ser dele. O beijo lhe disse que ela era dele, inclusive se a lei da Raça e o vínculo de sangue que a havia dado a outro homem o proibiam.

Ela devia ser sempre dele...

Não.

Reichen grunhiu quando separou sua boca da dela e a afastou asperamente, com as mãos trementes. Seu peito estava agitado, a respiração passando através de seus dentes e presas. A ferida de bala na parte superior do peito deu um grito com dor renovada, tanto ou pior pela forma em que suas veias estavam golpeando com fome. A sala estava muito quente, sufocante. Tinha que esfriar antes que sua puída restrição se fizesse menor.

Claire o olhava com os dedos pressionando sobre sua boca torcida pelo beijo, como se não soubesse se gritava ou chorava.

—Necessito um pouco de ar,— murmurou ele. —Jesus Cristo, vir com você foi uma merda de engano. Tenho que me afastar daqui.

—Andreas.

Voltou-se para dirigir-se à porta, mas antes que pudesse dar mais que alguns passos, Claire já estava atrás dele. —Aonde vai? Fale comigo, por favor.

Seguiu caminhando, esperando como o inferno que só o deixasse ir. Queria que Roth pagasse por tudo o que havia feito, mas na verdade tinha o direito de tomar Claire no processo? Uma parte egoísta o motivava a que não só seria justo como a companheira de Roth seria parte do preço. Que melhor vingança que arruinar o corrupto filho da puta e reclamar sua mulher como dele?

Jesus.

Não queria estar ali.

Por muito tentador que fosse, não se tratava disso. Havia ido muito longe por décadas para proteger Claire do mortal monstro em que se havia convertido. Ele não fez isso só para voltar e destruí-la... ou sim?

—Andreas, por favor não se afaste de mim.— Sua voz chegou quando se estirava para abrir a porta. Ela deixou escapar uma afogada risada, cheia de dor e desprezo. Quando finalmente encontrou sua voz de novo, era suave mas condenatória. —Maldito seja. Como pode me fazer sentir assim depois de todos estes anos? Maldito seja por me deixar! E maldito seja por retornar assim, justo quando pensei que tinha ido para sempre e que finalmente seria capaz de te esquecer.

Apesar de todos os instintos que gritavam que pusesse um pé diante do outro e levasse seus mortais assuntos com Roth longe de Claire, Reichen se deteve. Ela não sabia o quão perigoso era agora. Ou talvez sim, mas estava muito confusa e zangada para lhe importar.

Ela tomou uma respiração audível e logo a apagou em um suspiro derrotado.

—Maldito seja, Andre, por estar aqui e me fazer duvidar de cada decisão que tomei.

Voltou-se para encarar sua justa indignação. A sede de sangue o alagou enquanto a olhava,



sua necessidade de sustento físico rivalizando com o desejo carnal que nenhuma quantidade de ar frio seria capaz de esfriar. Ela era tão formosa e forte. Tão boa e honesta. E estava furiosa com ele agora; o frenético tic-tac de seu pulso na base da garganta era prova disso.

Reichen não podia afastar o olhar dos constantes batimentos de seu coração.

O fogo cobrava seu preço nele tanto como o golpe no peito que lhe tinham dado no princípio da noite. Já não estava controlando sua sede; tinha tombado sua vontade, agora. Era tudo o que sabia enquanto se movia para Claire, tudo o que era da Raça nele estava focado completamente nela.

—Por que me deixou?— perguntou ela enquanto se aproximava.

Ele grunhiu, saboreando o doce aroma de baunilha de seu sangue enquanto corria sob a delicada pele.

—Para te proteger.

Ela franziu o cenho, duvidando.

—Do que?

—Do pior de mim.

Ela deu uma lenta sacudida de cabeça.

—Nunca tive medo de você, Andre. Inclusive não tenho medo agora.

—Deveria ter... Frau Roth.

Mostrou suas presas e a imobilizou com o brilho de seus transformados olhos âmbar—um breve instante de advertência, o suficiente para que se afastasse, atacasse ou gritasse. Ela não podia saber o quão difícil era para ele lhe dar isso. Moveu-se mais perto dela, encurralando-a com seu corpo, inclusive enquanto dizia a si mesmo que tinha honra, que o fogo vivendo dentro dele não havia queimado toda a sua humanidade.

Mas era uma mentira.

Sentiu o vazio desolador dessa esperança desmoronando-se no instante que suas presas se cravaram na tenra carne da garganta de Claire.

Ela ofegou. Suas mãos se aproximaram da dura pressão de seu corpo contra o dele, suas palmas se esmagaram contra seu esterno. Ele sentiu sua repentina tensão, sua sacudida de adrenalina enquanto a enjaulava em seus braços e tomava a primeira prova de seu quente sangue, delicioso em sua boca.

No princípio alimentou-se com fome sem sentido. Gole atrás de gole, impulsionado pela necessidade primitiva de alimentar-se. Mas através da bruma de sua mente febril de sangue, enquanto bebia da veia de Claire, começou a sentir... algo.

O aroma de seu sangue o alagou, enchendo sua cabeça como a mais doce intoxicação. O rápido batimento de seu pulso contra sua língua agora florescia em um forte eco em seu próprio sangue. A posse se elevou dentro dele, sombria e perigosa. Sustentou-a em sua mordida, saboreando seu sabor enquanto seu corpo ficava rígido com a necessidade de reclamá-la de uma forma mais carnal, também.

Ele sentiu seus dedos cravarem-se em suas costas enquanto bebia dela. Seus sentidos se encheram dela. Um baixo poder fluiu dentro dele, sentiu-o rugir através de suas células, e em cada fibra de seu corpo. Ainda mais profundo, na malha de sua alma, no núcleo de todo seu ser.



Claire era a primeira, a única Companheira de Raça da qual havia bebido, e agora não podia haver outra para ele enquanto ela vivesse. Tudo o que era da Raça nele cobrou vida como se tivesse dormido toda sua vida e agora se transbordasse com uma profunda consciência desta mulher—agora e para sempre. Um selo eterno, um vínculo de sangue.

Uma conexão com ela que não podia desfazer, exceto pela morte, a dela ou dele mesmo.

—Andreas.

O suave grito de angústia de Claire o atravessou como uma faca.

Horrorizado pelo que havia feito—a ambos— selou a ferida com um movimento rápido da língua e cambaleou para trás sobre os calcanhares. Tinha as bochechas com um rosa escuro, seu fôlego era entrecortado através dos lábios entreabertos enquanto o olhava em absoluto choque. Reichen sentiu seu temor como dele. Cada intensa emoção que sentisse a partir de agora seria dela, também.

—Andre,— sussurrou, levantando a mão para tocar a mordida curada. Seu rosto estava torcido em uma miserável espécie de confusão. —OH, Meu Deus... o que fez?

Deu um passo atrás, nivelado pela vergonha.

Claire pertencia a outro homem. Não a ele. Ela se havia dado a Roth, mesmo que Reichen gostasse ou não.

Ela já tinha um vínculo de sangue, assim como Roth tinha com ela. Agora, com esta violação intolerável desse sacramento, Reichen impôs a si mesmo nesse vínculo.

Ao beber de Claire, vinculou-se a si mesmo de maneira irrevogável.

Estaria emparelhado com Claire sempre. Consciente dela sempre. Era o presente mais sagrado que uma Companheira de Raça poderia dar a um de sua espécie, e ele tomou isso dela —roubou—em um ato de puro egoísmo.

—Me perdoe, Claire,— murmurou. Doente de si mesmo pelo muito que a queria, com ou sem a intensidade de um vínculo de sangue, afastou-se dela. Voltou a recuar, avançando para a porta. —Ah, Cristo... Por favor, me perdoe.

Capítulo 9

—Andreas espere.

Ele não esperou. Não, ele nem sequer podia vê-la. Dando voltas, chegou na porta mais rápido do que seus olhos humanos podiam ver. Atravessou a porta aberta para a fria noite. Saiu pela escada de cimento ao exterior.

—Andre...

O breve olhar que lançou por seu ombro foi selvagem e quente. Suas presas brilharam completamente brancas e terrivelmente grandes. Claire ainda podia sentir suas pontas na região sensível do pescoço. Se vivesse cem anos mais, ela achava que jamais esqueceria a terrível dor sensual de sua mordida. Ou o prazer.

Deus, o ardente, maravilhoso prazer de sentir Andreas sugando suas veias.



Condenou ambos um instante. Ela sabia, e mesmo assim sucumbiu, a verdade estava escrita através das linhas em seu rosto tenso, e agora o resplendor de seu olhar atormentado se deteve a olhá-la sob a luz das luzes.

Ela não estava em seu direito de reclamação. Claire teve que recordar a si mesma desse fato, quando suas pernas começaram a mover-se instintivamente para ele. Pertencia a outro pelo sangue e voto, mas não por amor.

Outro havia sentido o pico emocional no corpo de Claire como se fosse o seu próprio. Segundo a lei da Raça, não há maior pecado que trair o sacramento da união pelo sangue.

Mas quando Andreas deu a volta e saltou as escadas, e Claire correu à porta só a tempo de vê-lo desaparecer na noite, ela sabia que havia um pecado muito pior. O pecado de haver-se entregue a alguém como seu companheiro de sangue em condições de servidão, enquanto seu coração tinha desejado outro.

Há trinta anos, tinha sido uma jovem mulher com apenas uns vinte anos - ingênua a respeito de muitas coisas, ao menos da existência de outra raça de seres que se nutriam de sangue e escuridão, inconcebível e que os seres humanos eram parte de alguma forma... mas longe da mesma.

Ela era uma estudante no estrangeiro, quando pela primeira vez foi assaltada por um vampiro no distrito de Hamburgo. Foi salva da mordida por outro como ele, não uma besta bruta que se lançou sobre ela das sombras, mas um homem alto, louro, um cavalheiro sofisticado chamado Wilhem Roth.

A levou a sua casa- seu DarkHeaven como sabia que se chamava- e ofereceu seu amparo enquanto se encontrava na cidade. Claire havia sentido agrado por Wilhelm Roth e sua companheira, uma tímida moça chamada Ilsa que usava a mesma velha e estranha marca de nascimento no tornozelo que Claire tinha ao lado do pescoço. Claire tinha aprendido muito nas primeiras semanas da vida entre a Raça vivendo com ele, inclusive o fato de que era perfeitamente possível para ela apaixonar-se por um de sua espécie, que foi exatamente o que aconteceu uma vez que se reuniu com Andreas Reichen. Depois de quatro meses juntos, tinha ficado devastada quando Andreas bruscamente desapareceu de sua vida.

Que terrível e estúpido engano cometeu! Ela sabia agora- uma amarga lição de quando sua cabeça estava cheia de dúvidas a respeito de Wilhelm e seu coração se rompeu de novo com Andreas. Claire ainda estava comocionada por essa falta de compreensão quando um SUV negro parou bruscamente na calçada perto dela... Dois agentes fortemente armados desceram do veículo e lançaram o feixe cegador de uma lanterna.

—Frau Roth?- perguntou um deles, claramente surpreso por encontrá-la ali. - Fomos alertados por um alarme silencioso de um roubo no escritório. Encontra-se bem?

Ela não sabia se respondia ou não. Sentia-se intumescida, à deriva... desconsolada.

—Há alguém mais no edifício?- perguntou o outro guarda.

—Está só aqui, Frau Roth? Como conseguiu escapar do louco que esteve causando estragos sangrentos nas duas últimas noites?

Claire não tinha resposta para eles. Tudo o que queria fazer era correr atrás de Andreas, mas os dois grandes e bem armados agentes a mantinham perto até que entraram e começaram a



vasculhar o lugar.

—Não se preocupe- alguém assegurou- Este pesadelo é tudo por agora. Nós, junto com o Diretor Roth vamos encontrar esse bastardo que atacou sua casa e o vamos domar como o cão raivoso que é.

—É certo- concordou o segundo homem, sorrindo, como se fosse suficiente para tranquilizá-la -Já verá. Logo será um lugar seguro, como se nenhuma das duas últimas noites tivessem acontecido.

Claire usou a desculpa de que tinha que ir ao banheiro e se sentou na escuridão tentando não gritar.

Em uma instalação subterrânea escondida debaixo de um bosque virgem no sul da Nova Inglaterra, uma criatura que não pertencia a este tempo, -- ou de fato a esta Terra -- mostrou suas enormes presas e soltou um grunhido discordante. 2,15m de altura, sem cabelo e nu salvo por um espesso matagal de ondulantes marcas na pele que o cobriam dos pés a cabeça, o Ancião era imponente e um terrível espetáculo a contemplar. O desejo de sair da prisão UV cilíndrica e o assassinato ardiam nas frestas situadas em poços de âmbar de fogo.

Assistindo de uma distância segura acima da sala de observação da ala do laboratório de alta tecnologia, Wilhem Roth foi distraído por uma verdade repentina e simples: Sua companheira de raça estava traindo-o com Andreas Reichen.

Os sentidos de Roth disseram imediatamente que ela tinha sangrado por Reichen. O sabor era ácido na língua. Igual ao antigo na outra sala, Roth estremeceu com o repentino impulso de uma raiva selvagem.

Inclusive agora podia sentir a tortura de Claire, a ponta de suas emoções, sua confusão e o desespero reverberando em suas veias. Que ainda suspirasse por Reichen não era uma surpresa para ele.

Esforçou-se muito para desterrar seus sentimentos por ele todos estes anos, mas sua vontade era débil e seu sangue havia tornado fácil criar a distância. Não que Roth se preocupasse com tudo que acontecia no coração sem fé de Claire. O amor era fugidio, a emoção volúvel nunca tinha tido muito uso. Ambição e impulso, posições e ganhar... estas coisas eram as que valorizava. E ele era um perdedor da maldita dor.

—O antigo se nega a alimentar-se há 21 dias - disse o homem que via da janela junto a ele. Seu nome era Dragos, apesar de que foi com outro nome, um de vários que se aproximou de Roth para unir-se a sua revolução. Ou, melhor, sua EVOLUÇÃO, pois o plano de Dragos tinha a intenção de elevar a Raça do submundo sombrio que eram obrigados a viver agora, a um lugar de poder supremo sobre a humanidade. Podia ver Dragos e a alguns de seus sócios tomando o poder. —A prolongada falta de alimento é dolorosa, é óbvio - Dragos continuou - mas em poucos dias, suas funções corporais começarão a diminuir a um nível adequado. Enviamos a administração de doses regulares de sedativos para acelerar o processo que é tão longo, mas infelizmente com este tipo de operação, o tempo é o único método provado e mais seguro... diga se o estou aborrecendo, Herr Roth.



Roth saiu de sua distração. Inclinou a cabeça em um gesto que estava cheio de cuidadoso respeito

—Não, absolutamente senhor.

Era um suicídio discutir com Dragos, e baseado no macho da Raça de tom agradável, este era positivamente fervente.

—Está começando a me preocupar Roth. É o problema que teve ultimamente com essa praga que anda envolvida na sua casa na Alemanha o que desvia sua atenção de assuntos mais importantes?

Embora furioso, baixou a cabeça até mais baixo

—Não senhor. Absolutamente.

Dragos sabia sobre a destruição do Darkheaven de Roth em Hamburgo e em sua casa de campo. Sabia que a companheira de Roth tinha sido apanhada entre essa violência, mas não sabia de nada que pudesse ligar os assaltos e ela em uma história juntos.

Roth tinha sua própria história com Reichen também. Um ódio que começou meses antes que Claire entrasse na história, embora frequentemente se perguntava se Reichen entendia a profundidade de sua inimizade, ou os extremos a que Roth estava disposto a chegar para ver Reichen sofrer.

Teve que frear a situação até voltar para sua casa em Hamburgo, o que significava que devia assegurar-se que Andreas Reichen tivesse uma morte rápida, segura e preferivelmente dolorosa.

Roth levantou a cabeça para encontrar o duro olhar de seu comandante.

—Você não tem nenhuma causa de preocupação, senhor. Nossa missão é nossa única prioridade.

—Bem - o ardiloso olhar de Dragos o perfurou - Verei para crer, Herr Roth.

No outro lado da janela de visualização o antigo soltou outro gritou agônico. Dragos observava sem concessões, como a criatura que foi o pai de seu pai, com as garras em si mesmo gritava de dor.

—Não tenho necessidade de continuar com você neste momento - murmurou Dragos ignorando Roth – Vá buscar um relatório de seu estado atual esta tarde.

—Sim, senhor - Roth sussurrou com um sorriso que sustentava firmemente. Sorriso que se transformou numa careta ao sair do laboratório e ir verificar o negócio para Dragos. Quando soou seu móvel no bolso, estava já terminando.

—O que é? - espetou no receptor. Ele escutou enquanto o sangue fervia em suas veias, quando um agente da aplicação informou que tinha sua companheira em segurança e custódia - Está sozinha?

—Sim, Diretor Roth. E por algum milagre, parece estar intacta. Temo-la conosco aqui, em seu escritório na Speicherstadt.

—Excelente- Roth entrou em uma sala de fornecimento desocupada e fechou a porta atrás dele. — A ponha na linha. Eu gostaria de falar com ela.

Claire queria ignorar o agente batendo na porta do banheiro, mas não podia esconder-se ali para sempre. Não mais do que podia falar com Wilhelm, quem parecia estar no telefone, esperando para falar com ela agora mesmo.



—Frau Roth- chamou o agente - Está tudo bem aí dentro?

Ela levantou do chão, onde esteve sentada e abriu a porta. Ao sair do aposento escuro, o agente empurrou o telefone móvel para ela. Ela pegou. Pouco a pouco o aproximou de seu ouvido. Logo se inteirou que Wilhelm estava ali com seu fôlego soprando acaloradamente no receptor, e sabia que estava furioso. Suas veias soavam uma advertência que não tinha paciência para reconhecer.

—Mentiu. - disse ela a modo de saudação - Mas já me mentiu sobre muitas coisas, não?

Sua resposta foi uma brincadeira tão cortante como uma lâmina.

—De que diabos está falando?

—Os homens que enviou a casa no começo desta noite. Não tinham intenção de tomar Andreas e sair pacificamente dali. Enviou um esquadrão de morte para matá-lo.

—Andreas Reichen é um indivíduo muito perigoso- foi sua resposta de gelo - E eu só pensava em sua segurança, Claire.

—Sério? - sua voz subiu ligeiramente, o suficiente para chamar a atenção do agente de aplicação. - Se minha segurança era nada mais que um problema para você, então porque insistiu que ficasse com ele? Praticamente me empurrou para ele.

Uma baixa risada, soando mais divertida que nervosa lhe respondeu:

—Para falar a verdade, não vejo o ponto de angústia, querida. Arrumou isso muito bem para sair da situação com seu pescoço bastante ileso, suponho.

Claire desprezou o comentário, obviamente pesado com um movimento firme de cabeça. Ela não ia deixar que a vergonha do que fez a deixasse doente e a repugnância lhe desse um pouco de medo.

—O que aconteceu com a garota do Aphrodite, Wilhelm? Ela se afastou de você ilesa? - O silêncio se estendeu do outro lado da linha e deu a Claire a valentia para seguir adiante, para lançar tudo em uma rajada de ar. - O que sabe sobre o ataque ao Darkheaven, Wilhelm? Teve algo que ver com isso? - Ela quase se engasgou com as terríveis palavras - Enviou um servo a sua casa com um esquadrão da morte com a ordem de matar todos em seu interior? É um assassino a sangue frio?

—Pelo amor de Deus, Claire. Escute a si mesma. Está me lançando um monte de tolices paranoicas.

—Estou? - ela escutou a vacilação em sua voz. Ela quase podia ouvir em sua mente sagaz a reflexão, o cálculo de seus enganos e quão suaves eram - O que há entre você e Andreas? Ameaçou te denunciar de algum modo, ou é algo pessoal... Pelo passado?

—Não me importa o passado - respondeu, carente de qualquer emoção - E a menos que eu esteja enganado, Claire, esta coisa entre Reichen e eu só se tornou pessoal pouco tempo atrás. Que tipo de companheiro seria eu se o deixo profanar a santidade de nossa união e sem oposição? Não há um homem vivo na nação de toda a Raça que se negue o direito de defender sua honra.

OH Deus, ele tinha razão.

A violência que Andreas tinha orquestrado nas últimas semanas não era razão suficiente para beber dela, uma companheira de raça unida por sangue, ele acabava de escrever sua própria sentença de morte.



Claire tragou o nó de medo que se formou em sua garganta.

—Você nunca me amou, Wilhelm. Ou sim? Por que você me queria como sua companheira? Por que importa o que faço agora, quando nunca fui realmente uma parte de sua vida? Nosso vínculo nunca foi algo mais que uma farsa.

—Se está procurando uma maneira de justificar suas ações, Claire, está muito equivocada. O fato é que você é minha companheira. E quando puser minhas mãos em Andreas Reichen, eu demandarei todos os direitos que me deve. Pode contar com isso.

Ela podia escutar o perigo em seu tom e soube de forma aguda que ele teria piedade em absoluto. Ela nunca tinha sido de rogar mas o pensamento dele enviando seus repartidores de morte dentro da cidade para perseguir Andreas fez que seu coração se apertasse como se estivesse amordaçado.

—Wilhelm, por favor...

—Não me rogue, Claire. Não por ele,— lançou, cheio de veneno. —Ponha o agente de novo no telefone agora. Vai à sede dos agentes da ordem e os ajude com a busca deste... animal.

—Wilhelm, não.

—Ponha o agente no telefone, maldita seja!

Ela não teve que chamar a atenção dos guardas. Ambos ficaram boquiabertos como ela pelo furioso grito de Wilhelm, que ressoou em toda a sala. Um dos agentes se aproximou dela e obteve o telefone de seu alcance relutante. Escutou só um momento antes que indicasse ao outro guarda a respeito de Claire, e lhe deu instruções de não deixá-la sair de sua custódia.

O coração de Claire golpeou em seu peito enquanto o agente concluía sua conversa privada. Ela podia ver a confusão e simpatia nos olhos do macho da Raça, enquanto desligava e se aproximava dela com a calma constante de um soldado acostumado a dirigir situações difíceis.

—Você precisa vir conosco agora,— disse gentil mas firmemente —Nós temos ordens, Frau Roth. Sinto muito.

—Não.— Ele chegou até ela e o pânico de Claire disparou. —Eu não vou com vocês. Tira suas mãos de mim!

O segundo agente se moveu, sua expressão grave.

—Melhor não fazer isto difícil, de acordo?

Claire arrancou seu braço do alcance dos hematomas. Ela deu dois passos afastando-se deles, completamente preparada para fugir se pudesse alcançar a porta. Ela nem sequer se aproximou. Um guarda estava aí antes que ela tivesse uma oportunidade para pestanejar. O outro se aproximou por trás dela e empurrou algo duro e frio contra a parte baixa de suas costas.

Ela sentiu a mordida abrasadora da arma taser por só um instante antes que o choque tombasse suas pernas por baixo dela.

Ela caiu contra o chão com um grito quebrado, a dor ondulando através dela.

—Recolhe-a,— escutou um deles dizer a respeito dela. —Eu irei abrir o veículo.

Claire se sentia mole, duras mãos a puseram de pé. Escutou a porta do apartamento abrir-se, sentiu o frio do ar noturno patinar através do chão para fora. Logo um grunhido baixo e um doente, encharcado, de alguém afogando-se, ofegando, tentando respirar.

O agente sustentando Claire se foi como se enfrentasse o que quer que estava



agora na soleira da porta aberta.

—Que merda!

Claire levantou a cabeça e não pôde conter seu pranto de aturdido alívio.

Andreas.

OH Deus... voltou por ela.

Seu grande corpo bloqueava a entrada, seus olhos flamejantes, presas de um branco brilhante com ameaça. A seus pés jazia o sangrento cadáver do agente que a tinha neutralizado, sua garganta brutalmente cortada e separada por uma barra negra de ferro forjado. Enquanto o segundo agente tirava sua arma e se preparava para o fogo, Andreas o jogou dentro e disparou com a arma de seu companheiro, matando-o com o rápido e mortal objetivo de um franco-atirador.

Logo estava ao seu lado como se nada mais existisse.

—Claire... Jesus Cristo,— sua voz rouca, sua expressão mais grave do que ela jamais viu. A suavidade de suas mãos pelo rosto dela, tocando cada palmo como se temesse que estivesse machucada. Seus fortes dedos tremiam através de sua pele. Por um momento ela pensou —desesperadamente esperanças— que poderia beijá-la de novo. —Está ferida?

Ela sacudiu a cabeça, sentindo-se instável e vacilante até que Andreas envolveu seu braço por seus ombros e a conduziu fora de todo o sangue e morte no chão.

—Nós não estamos mais a salvo na cidade agora,— disse a ele. —Eu acabo de falar com Wilhelm. Sabe que eu estou com você. Sabe que bebeu de mim esta noite.— A boca de Andreas se comprimiu fortemente. Algo sombrio cintilava em seus olhos. Remorso, talvez? Era arrependimento?

—Eu não acredito que nenhum de nós está a salvo dele a partir de agora,— ela disse.

Ele ficou olhando-a por um longo momento, um intenso, penetrante olhar. Logo deu um curto assentimento.

—Você vem comigo, Claire. Não importa o que acontecer, eu te mantereí a salvo.

Capítulo 10

Despojado de suas armas, chaves, celulares e dinheiro Reichen deixou os agentes da ordem mortos onde estavam, depois fez um sinal a Claire para que o seguisse ao SUV estacionado na rua.

—Onde vamos?— perguntou enquanto entravam no veículo e Reichen se afastava da calçada. — Wilhelm não levará muito tempo para ter a metade da agência sobre nossas cabeças.

Reichen reconheceu este fato com um gesto sombrio.

—Não podemos ficar em Hamburgo. Provavelmente seria sábio deixarmos a Alemanha por completo.

—E ir aonde? Ele tem contatos por toda a Europa. Não podemos confiar em nenhum dos Darkhavens ou que os agentes da ordem não nos entreguem na primeira oportunidade que tenham.



—Podemos confiar na Ordem.

Pelo canto do olho, Reichen viu a reação duvidosa de Claire.

—A Ordem? Pelo que escutei deles, não têm exatamente uma política de porta aberta. Por que um grupo de perigosos vigilantes estariam dispostos a nos ajudar?

Reichen resistiu a tentação de corrigir sua opinião da ordem, uma incorreta embora amplamente aceita entre a população da Raça em geral por gerações. Ele deslizou seu olhar por ela.

—Eu estive trabalhando com Lucan, Tegan e os outros guerreiros a cerca de um ano. Na noite que meu Darkheaven foi atacado, eu estava longe de Berlin, seguindo uma missão da Ordem. Nós estávamos compilando informações relativas a uma série de assassinatos de Gen Um e procurando possíveis vínculos com os clubes de sangue ao redor da Europa.

—Você e a Ordem...trabalhando juntos?— ela se tranquilizou, considerando-o em um silêncio estudado enquanto ele girava o SUV por uma agitada alameda que levava para fora de Hamburgo. —Há tanto que já não sei de você, Andre. Tudo parece tão diferente agora.

Não tudo, ele pensou, recordando o modo muito familiar que a sentia pressionada contra ele, sua boca na dele em um beijo quente. Se sentia possessivo ao seu lado. Ferozmente possessivo. Todas as coisas que sentia com ela no princípio. O tempo não tinha mudado nada disso, apesar de que isso dificilmente lhe dava uma causa para celebrar.

A necessidade de tê-la perto neste momento era quase entristecedora. Ele sabia que ela estava basicamente bem. Mas só a ideia dela sendo empurrada pelos agentes... neutralizada por eles, pelo amor de Deus... Fazia seu sangue ferver com fúria. O sabor de seu medo, sua dor, ainda ecoava em suas veias.

Aqui estava uma coisa que era diferente agora: o vínculo que tinha roubado com sua mordida sem convite. Apesar de Claire todavia não o condenar por isso, levaria a culpa de suas ações para sempre. Especialmente uma vez que a deixasse viúva e sozinha, depois de esmagar a vida de Wilhelm Roth.

Alguma parte mercenária dele encontrava a perspectiva da morte iminente de Roth inclusive mais atraente por liberar Claire para tomar outro companheiro. Particularmente se esse novo companheiro pudesse ser ele. Mas apesar do fato de que já se vinculou com ela por sangue, Claire merecia algo mais do que pudesse lhe dar. Ela sempre o tinha feito.

—Tem fome?— ele perguntou, ansioso por afastar sua mente de todas as coisas que haviam feito mal a ela, agora e antes. —Não comeu o dia todo. Deve estar faminta.

Ela encolheu os ombros evasiva.

—Se não for uma boa ideia parar em algum lugar, eu entenderei...

—Precisa de comida,— disse mais rudemente do que havia tentado. —Pararemos.

Como Companheira de Raça, a saúde perfeita de Claire e sua longevidade eterna dependia do influxo regular do sangue de um macho da Raça, mas seu corpo ainda requeria comida para funcionar. Era um inferno muito mais apetecível para Reichen arriscar o tempo para buscar um sanduiche do que pensar em Wilhelm Roth nutrindo Claire como somente seu verdadeiro companheiro podia fazer. Ele se perguntava quanto tempo tinha passado desde que ela tinha se alimentado da veia de Roth. Não muito, adivinhou, apoiado em quão forte e juvenil se via. Se



perguntava quanto tempo tinha passado desde que ela se deitou com Roth. Ela alguma vez o amou?

As perguntas eram amargas em sua língua, mas as sufocou de volta. Não queria saber de qualquer maneira se Wilhelm Roth havia estado com Claire, ou quão recente. Não lhe pertencia e seria melhor que pusesse todos os seus pensamentos sobre ela de lado para manter sua concentração no que importava agora... Manter sua promessa de vingar as inocentes almas que Roth destruiu. Se não podia fazer isso, então não era bom nem para ele nem para ninguém mais.

Reichen dirigiu por um momento sem falar, trabalhando duro para ignorar o fato que só uma pequena peça de couro e plástico o separava de Claire. Ele não se tornou pyro no escritório de Roth. Podia agradecer ao sangue de Claire por essa pequena bênção. Sentiu que o fogo voltavam a vida dentro dele quando sentiu sua angústia a umas quadras do lugar, mas de algum jeito, no momento que voltou para enfrentar os agentes que a caçavam, conseguiu controlar as chamas de erupcionar.

Apenas.

Apesar de todas as suas promessas de que a manteria a salvo, sabia que seu poder destrutivo era um perigo real para ela. Quanto mais o usava, mais seu domínio escorregava. Não sabia quanto tempo poderia levar antes que o fogo preso dentro dele queimasse seu controle completamente. Não podia importar menos o que lhe acontecesse, mas se o calor escapasse de seu controle quando Claire estivesse perto dele...

Reichen olhou para seu formoso perfil na luz leitosa do painel. Sua cabeça estava desviada tentando tirar algo desagradável de seu suéter. Ela se concentrou na imperfeição, preocupada por perder o fio solto entre seus graciosos dedos de pianista, seu cabelo de ébano solto se agitava sob o sopro caloroso da ventilação.

—Do que tem medo?— ela murmurou franzindo o cenho agora. —O que Wilhelm tem que proteger de você?

Reichen sacudiu sua cabeça.

—Não sei, e francamente, não posso dizer que me importa agora. Não me importa porque fez o que fez. Tudo o que resta é o fato que deve pagar.

Ela girou em seu assento, seus olhos escuros brilhavam, suspeitos.

—Ele se sente ameaçado por você Andreas. Não por algo que aconteceu nestas duas noites passadas, mas antes disso. Por que tomaria um passo tão drástico ordenando atacar seu Darkheaven?

—Suponho que não apreciasse que eu estivesse escavando em seus assuntos. Sentiu que precisava enviar uma forte mensagem para mim.

Claire assentiu entusiasticamente.

—E o que acredita que poderia encontrar? Não posso acreditar que tenha algo a ver com a garota desaparecida do clube. Não para justificar o tipo de represália que tomou.

—Assim, acredita agora?—ele perguntou.

Lhe deu um franco, inquebrantável olhar.

—Eu não quero, mas depois de falar com Wilhelm essa noite...é mais difícil para mim duvidar de você agora que confiar em algo que ele me disse. Você o assustou, Andre. Ele ainda tem



medo do que possa saber ou do que poderia fazer. A pergunta é, por quê? O que esta protegendo?... Ou a quem?

Um nó de frieza se formou nas vísceras de Reichen enquanto Claire falava. Ele nunca se perguntou por que Roth veio atrás dele. Assumiu que era por uma combinação de velha animosidade e a nova oportunidade quando Reichen sem saber enviou Helena a um ponto na mira de Roth. O porquê disso na verdade não tinha parecido importante. Não quando a raiva e dor eram as únicas coisas que Reichen havia conhecido nas sequelas do massacre.

Ficou cego por sua fúria. Pela necessidade de vingança. Nunca se deteve para considerar a simples verdade que Claire acabava de mostrar tão plenamente.

Roth tinha algo muito importante para ocultar. Algo que ia muito além de suas sussurradas alianças gangsteres com ladrões e políticos que tendiam a gravitar acima dos agentes pela ordem. Estava protegendo um segredo monumental. Algo pelo que valia acabar as vidas de mais de uma dúzia de pessoas sem duvidar um instante. Valia inclusive mais que isso. Reichen estava seguro agora.

Enquanto observava à linha negra da estrada, um nome deslizou em sua mente como uma serpente: Dragos.

Bom Deus. Poderiam os dois estar conectados de algum modo? Havia chegado muito perto para detectar um tipo de aliança entre Dragos e Roth?

Se tinha um motivo para contatar a Ordem em Boston antes, agora não podia comunicar-se com eles o suficientemente rápido.

Reichen se apoiou no acelerador, seus pensamentos voando tão negros como a paisagem noturna que passava pelas janelas do SUV.

Uns minutos fora da cidade, viu um cibercafé. Saiu da estrada e se dirigiu para lá, rezando como o inferno para que seus instintos estivessem equivocados sobre Roth e Dragos juntos. E se seus instintos tinham razão?

Ah, merda

Se tinha razão, então acabava de cravar o ultimo prego na tampa não só de seu caixão mas no de Claire também.

Ele a levou dentro do café, para uma mesa vazia tão afastada dos clientes como pôde encontrar. Usando alguns euros que tinha tirado dos agentes mortos, Reichen comprou para Claire um prato de sopa e um sanduíche, e conseguiu para si mesmo uma hora em um computador.

Enquanto ela foi comer, abriu a busca da internet em seu computador alugado e inseriu o acesso de segurança de emergência que pertencia à Ordem. Era uma página de busca genérica, basicamente negra, com um sistema sem título que piscava na tela como se esperasse carregar.

Reichen digitou um código de acesso e a chave que Gideon havia dado em Boston há alguns meses, quando havia começado seu trabalho à distância para a Ordem. Apertou a tecla enter e esperou, inseguro se a identificação única que lhe tinha sido atribuída ainda era válida, então o sistema desapareceu e ficou olhando a tela negra e vazia.

—O que está fazendo?— Claire perguntou, aproximando-se.

Reichen sacudiu sua cabeça, pensando que os guerreiros deveriam tê-lo dado como morto



nos três meses que havia estado fora de contato pela destruição de seu Darkheaven.

—Esta página se vincula ao composto de Boston. Está completamente encriptada e continuamente monitorada pela Ordem. Uma vez que seja verificada, deveríamos receber uma resposta de Gideon.

Apenas havia falado quando o sistema voltou a aparecer perguntando pelo método de contato. Reichen escreveu um dos números dos telefones celulares da Agência, informando que a linha era roubada, e provavelmente comprometida e longe de ser segura.

A resposta do Gideon foi instantânea: reconhecida, e não é um problema. Chamando agora.

O celular começou a soar.

Reichen respondeu, falando seu nome e uma série de palavras de segurança ao pedido computadorizado que simplesmente disse: identificar.

—Suponho que foi uma maldita boa coisa que eu estivesse preguiçoso e mantivesse seus dados de acesso no sistema,— Gideon disse quando a chamada conectou. —Jesus. É bom escutar sua voz, Reichen. A última notícia da Alemanha foi que o havíamos perdido. Vejo que está chamando de Hamburgo. Que diabos está acontecendo aí?

Reichen tentou relatar as últimas semanas numa explicação sucinta dos eventos, contando tudo, desde o ataque a sua casa por Wilhelm Roth a sistemática caça pelo vampiro e seus associados conhecidos após.

Disse que Roth e seus agentes cupinchas da agência estavam em seu traseiro e que a situação estava inclusive mais complicada agora que Claire estava fugindo com ele. E não podia deixar de confessar o que havia feito com Claire no escritório de Roth.

—Pelo amor de Deus, Reichen— o guerreiro vaiou no outro lado da linha. —Ela é sua companheira de sangue. Sabe que ele está em seu direito de te matar por isso. Diabos, poderia cortar sua cabeça na frente de cada líder de Darkheaven em toda a nação de vampiros e ninguém poderia condená-lo por isso.

—Sim, eu sei. — Não pode se abster de olhar Claire e pensar o quão longe tinha descido sua vida nos poucos dias que havia ficado em sua companhia. —Não me importa o que Roth possa tentar me fazer. É Claire que necessita de amparo agora. Roth está mais que irritado, e não acredito que não descarregasse sua raiva nela. Só esta noite seus agentes tentaram pô-la em custódia sob suas ordens. Um deles a golpeou com um taser antes que eu tivesse a oportunidade de desativá-lo.

Gideon deixou escapar um suspiro agudo.

—Jesus. Este Roth é um verdadeiro príncipe, né?

—É tão sujo como vêm,— Reichen disse. —e há mais. Estou começando a suspeitar que pode estar envolto em algo muito maior que seus entendimentos habituais. Há uma possibilidade de que possa estar misturado com Dragos.

—Ah, merda... tem uma prova? Ou está seguindo seus instintos?

—Instintos por agora, mas certo como o inferno que não me surpreenderia...

—Ok,— Gideon disse. Houve um repentino som de dedos voando sobre um teclado enquanto o guerreiro em Boston falava. —Primeiro, temos que tirá-los ambos de Hamburgo. Estou arrumando para recolhê-los agora, mas infelizmente não seremos capazes de pôr as asas no



chão até amanhã de noite. Tem algum lugar onde ficar as próximas horas antes do amanhecer para esperar seu transporte?

Reichen considerou suas opções, que eram perto de inexistentes.

—Nada seguro agora, temo. Roth tem os dedos nos bolsos de muita gente. Qualquer um poderia nos entregar ...

—Entendido. Muito bem, escute. Você só está a três horas da Dinamarca. Se conseguirmos um teto a salvo com um amigo da Ordem, acredita que pode fazer a viagem por si mesmo?

—Faremos— Reichen disse, convencido de que o fariam. Sua ferida de bala estava se reparando rapidamente, e sua força estava a todo poder. Se tinha que fazer a viagem para a Dinamarca a pé, levando Claire em seus braços, por Deus, que o faria.

Mais som de teclas soou do outro lado.

—Estou enviando a mensagem para nosso contato enquanto falamos,— Gideon disse. — Deve levar um minuto ou dois para ouvir a resposta.

—Gideon,— Reichen disse. —Não posso agradecer o suficiente.

—Não é necessário agradecer. Tem cobrido nossas costas mais de uma vez. Nós cobrimos a sua agora.— Houve uma ligeira pausa no extremo de Gideon, depois uma risada baixa. —Ok, acabamos de ter uma confirmação da Dinamarca. Seu contato te encontra na estação de trens em Varde. Ela saberá como cuidar de você. Procure uma loira escultural com um menino pequeno em seu quadril. Seu nome é Danika.

Reichen escutou, depois deu a Claire um assentimento assegurador.

—Muito bem. Estamos a caminho agora.

Dragos saltou acordando de um pesadelo, o suor frio caindo de sua testa. Sentou em sua cama e piscou olhando em volta, aliviado por ver que se encontrava em seu quartel general. Era amo e senhor do oculto, em seu domínio subterrâneo que tinha esculpido numa grande extensão de granito de Connecticut nas pedras angulares há mais de um século. Tudo estava ali.

O pesadelo não era real.

Não ainda, de todo modo.

E nunca o seria, se tinha algo a dizer sobre isso.

Nas várias semanas desde que o teve pela primeira vez, havia tido a visão de sua humilhante derrota... uma visão que havia sido revelada nos olhos de uma jovem bruxa presumivelmente agora instalada com a Ordem... Dragos estava sendo acossado com pesadelos. Não podia livrar-se da visão de seu laboratório cheio de fumaça, toda a sua equipe destrozada e destruída... e a jaula de luz UV vazia, seu monstruoso ocupante - a arma secreta de Dragos - já não estava em seu interior.

O pior de tudo era a lamentável visão que havia visto de si mesmo: vencido, suplicando, rogando de joelhos por piedade.

—Nunca, — disse bruscamente, como se pensasse poder desvanecer a revelação da menina vidente só com sua fúria. Saiu da cama e pôs um robe de seda charmeuse sobre seu corpo nu



enquanto saía de seu quarto para o estúdio adjacente. Um grande monitor touch screen¹⁰ estava em uma mesa antiga, ornamentada, que tinha pertencido a um imperador romano. Dragos passou um dedo pela superfície da tela trazendo um vídeo de seu laboratório.

Ah, sim, pensou, preocupado pela profundidade de seu alívio. TUDO ESTÁ ALI.

O brilho das estreitas barras verticais UV incomodava seus olhos hipersensíveis, mas não importava. Ele aproximou a imagem para a letárgica criatura meio morta de fome que continha a cela - a criatura que compartilhava a mesma linha de sangue dele. O letal de outro mundo que era, de fato, seu avô. Não que a linha de sangue importasse pessoalmente. O poder das poderosas células sanguíneas do antigo e seu DNA, haviam provado ser um instrumento para os objetivos de Dragos.

Depois de décadas de trabalho, depois de séculos de paciência permanecendo escondido, organizando suas peças enquanto esperava o momento correto para fazer seu movimento, a hora vitoriosa de Dragos estava quase em suas mãos.

Seria maldito se deixasse que a Ordem a arrebatasse antes que tivesse a oportunidade de se apoderar da glória que ia ser dele.

Já estava em marcha para se acautelar da visão que presenciou de voltar-se realidade. Estava fazendo umas quantas mudanças na sua operação. Tomando drásticas medidas para proteger seu patrimônio.

E não ia sentar-se e deixar que os guerreiros em Boston prejudicassem seu trabalho. A Ordem era um problema que não necessitava - um com o qual não podia correr risco quando estava tão perto da vitória. Eles o tinham convidado à guerra quando irromperam em sua reunião fora de Montreal no verão passado, obrigando a ele e seu círculo privado de aliados da alta sociedade a fugir pelos bosques como ratos num navio que afunda. Tinha sido um imbecil golpe público que surrupiou sua autoridade, sem mencionar o custo de seu precioso tempo. Ele faria que os guerreiros pagassem por isso.

Mas Dragos também tinha outro problema.

Ele abriu o programa de teleconferências em seu computador e chamou o quarto de Wilhelm Roth do outro lado da fortaleza. O vampiro alemão, um diretor de uma agência de Hamburgo, não estava sem dúvida acostumado a brincar de subordinado, e Dragos se divertia com a noção de que chamaria metade da manhã para despertar o homem. Para seu crédito, ele respondeu a chamada antes do segundo toque, eficiente como sempre. Era uma de suas virtudes que preocupava Dragos. Isso, e o fato de que Roth era implacável com suas ambições.

—Senhor,— ele disse, seu rosto movendo-se para a frente do monitor de seus aposentos. — Como posso servir?

—Relatório,— Dragos ordenou, olhando fixamente seu tenente.

Roth esclareceu sua garganta.

—Tudo está arrumado. O primeiro passo da operação começou na noite passada. Não deve levar muito tempo antes que tenhamos o compromisso.

Dragos grunhiu sua aprovação.

¹⁰ tela sensível ao toque



—E o outro assunto?

Houve um momento de dúvida, mas isso foi tudo. Dragos se perguntou se Roth sabia que sua honestidade agora era a única coisa que o mantinha com vida. Roth esclareceu a garganta.

—Estou dirigindo algo como... uma situação pessoal em Hamburgo, senhor.

—Sim,— Dragos disse, sem necessidade de acanhamento. Tinha ouvido tudo sobre o devastador assalto nas duas residências alemãs por outros contatos no estrangeiro. Também ouviu que a companheira de Roth estava desaparecida. Depois do confronto com os agentes no escritório privado de Roth em Hamburgo, presumia-se que foi sequestrada por um vampiro que evidentemente tinha algum osso que reclamar com Roth. Um vampiro que segundo rumores tinha laços com a Ordem.

A mandíbula de Dragos se apertou com fúria enquanto pensava em todos os cenários que poderiam trazer um monte de problemas e fazer que aterrissassem em sua porta.

—Que pensa em fazer, Herr Roth?

—Será tratado, Senhor.

—Veja isso,— Dragos vaiou. —estou seguro que não preciso dizer que a mulher é um risco agora. Se está nas mãos do inimigo, então não é mais que um instrumento a ser usado contra nós. E contra mim.— Roth o olhou com os olhos estreitados. —Ela não tem ideia de onde estou. Ela não sabe onde estou. Eu nunca lhe confiei nada de importância. Ademais, ela sabe seu lugar quando as coisas envolvem meus assuntos.

—E quanto acredita que levará a seu captor te encontrar através de seu vínculo de sangue com ela?— Dragos perguntou. —Se a usarem para te encontrar, me encontrarão também.

—Isso não acontecerá, Senhor.

—Eu quero uma solução permanente para isto,— Dragos disse, sabendo o que estava pedindo ao homem. —Está preparado para finalizar, Herr Roth?

O alemão sorriu friamente.

—Considere-o feito, Senhor.

Dragos assentiu.

—Bem. Obviamente, enquanto esta mulher esteja respirando, sua presença é veneno para esta operação. Se mude para Boston até que possa me assegurar que eliminou este problema. Deverá ir até o amanhecer, Herr Roth.

O vampiro inclinou a cabeça em um gesto diferente.

—É obvio, Senhor. Como desejar.

Capítulo 11

Um pouco de horas depois que saíram do cibercafé em Hamburgo tomaram um trem até a Dinamarca, e Claire e Andreas foram escoltados a um Darkhaven rural, cortesia da Ordem. Seu contato, uma formosa loira Companheira de Raça chamada Danika, os tinha levado para dentro de sua moradia como se fossem sua própria família- toda calidez e hospitalidade, sem perguntas.



—Espero que fiquem confortáveis,— ela disse enquanto os conduzia a uma alegre cozinha localizada na porta traseira. —Nós só temos um quarto para descanso e um banheiro, mas são bem-vindos a eles.

A granja em que Danika vivia com seu bebê Connor, e outro casal de companheiros era pequena para os padrões Darkhaven. Usualmente os membros da população da Raça viviam em mansões ou grandes casas de pedra, algumas vezes ocasionais edifícios de alto-padrão. Os Darkhavens geralmente eram constituídos por comunidades muito unidas de uma dúzia ou individuais, todo mundo procurando por outro como familiar, embora não estivessem relacionados por sangue.

Mas a organização da vida de Danika não era o único incomum a respeito dela. Ela era mãe de um menino muito jovem, um doce bebê com sua cor inegável de fortes genes de um pai que era da Raça. Ela não tinha mencionado um companheiro, e aí parecia haver um ar de nostalgia na mulher, especialmente quando olhava seu filho.

Como agora, quando o pequeno Connor estava recostado nos braços de Danika para assinalar empaticamente Andreas. Os grandes olhos azuis do menino estavam arregalados e ansiosos, enquanto o olhar de Andreas estava sombrio pela ruga de sua testa.

—Sinto muito,— Danika disse. —São os dermaglifos aparecendo no alto de seu pescoço. Connor está fascinado por eles nas últimas semanas.

Andreas grunhiu e deu um assentimento ao jovem da Raça.

—Ele já reconhece aos de sua espécie. Menino inteligente.

Danika sorriu.

—Sim, é.

Claire olhava em silenciosa surpresa enquanto Andreas empurrava sua manga para revelar mais de suas marcas de pele da Raça, para o óbvio deleite de Connor. O menino vampiro procurou com sua pequena mão gordinha e deu uns tapinhas nos formosos redemoinhos e arcos que corriam através do musculoso antebraço de Andreas.

—Pá,— ele exclamou. —Pá! Pá!

—OH!— As bochechas da tez esbranquiçada de Danika se voltaram instantaneamente rosa brilhante. —Não, carinho, este não é seu pai. OH, Deus... sinto. Que embaraçoso.

Claire riu e Andreas gargalhou, também.

—Está bem,— ele disse. —Asseguro que fui chamado de coisas muito piores.

Danika sorriu, mas o rastro de dor estava de volta em seus olhos.

—O pai de Connor, Conlan, foi um guerreiro com a Ordem. Foi assassinado em uma missão com a Ordem antes que Connor nascesse.

—Sinto tanto,— Claire murmurou, dando-se conta que a perda era recente, já que o filho de Danika provavelmente não tinha nem dois anos de idade.

Danika deu um suave encolhimento de ombros, esclarecendo sua garganta.

—Depois que perdi Conlan, fui para a Escócia — sua terra natal — ter Connor. Pensei que talvez pudesse ficar lá permanentemente e criar nosso filho nas terras altas que Conlan tanto amava, mas estar em seu país sem ele me fez sentir mais saudades. Retornei para a casa na Dinamarca no ano passado.



Andreas deslizou sua larga mão pelo topo da cabeça loira pálida de Connor.

—Ele estaria orgulhoso de você, Danika, não importa onde escolheu criar seu filho.

—Obrigado por dizer isso.

Ela sorriu timidamente, encantada, Claire supôs pelo suave olhar que lhe deu. E Andreas estava encantado, particularmente enquanto pegava o pequeno menino em seus grandes braços para deixá-lo mais perto para explorar os dermaglifos que tanto o intrigavam. Claire viu uma cintilação do homem que recordava antes – o despreocupado, carismático homem que se apaixonou sem remédio há todos esses anos.

Desde que tinha retornado à sua vida há duas noites, Claire pensou que o homem que conheceu e adorou estava desaparecido. Ela pensou que uma parte dele tinha sido consumida pelas chamas que levaram sua família e o tinham deixado como único sobrevivente, teimando na vingança.

Pensar que em realidade o tinha condenado por não ser o suficientemente sério a respeito da vida... a respeito dela. Ela chegou a temer suas evasivas, e bem – se importou muito. Ela se preocupou que talvez nunca ficaria contente com uma só mulher, e talvez não o fizesse depois de tudo. Ela certamente escutou sobre suas numerosas companhias femininas através dos anos, mulheres mortais, todas elas.

Ela sabia que nunca tinha tomado uma Companheira de Raça para si e se assentado para ter filhos com ela, e Claire tinha nutrido uma secreta alegria por ter permanecido sem união todo este tempo. E por seu próprio mal-escolhido companheiro, sua união sem amor com Wilhelm Roth não tinha produzido descendência tampouco – era uma bênção, agora que estava começando a entender mais a respeito da traição de Wilhelm.

Apesar da temeridade e tendências libertinas exteriores quando Claire o tinha conhecido melhor, ele poderia ter feito de alguma mulher uma maravilhosa companheira. Ela viu isso agora, na maneira em que falava tão compassivamente a Danika e como pegava seu filho com tanta facilidade.

Claire o olhou e se perguntou como perderam tanto tempo – tantos enganos e equívocos – intrometendo-se entre eles.

Ela se perguntou quanto tempo levaria para esquecer este vibrante, magnético lado dele de novo, uma vez que o pó e as cinzas se assentassem na perigosa viagem em que se encontravam juntos.

Como podia sua vida sair à luz com tudo que estava sabendo sobre Wilhelm e tudo que desejava ter uma vez mais com Andreas?

—Meu Deus, não posso acreditar que já é quase amanhecer,— Danika disse, sua melódica voz rompendo através do peso dos pensamentos de Claire. —Vocês devem estar exaustos. Gostariam de ver onde vão dormir?

Claire assentiu, com medo que seus sentimentos se mostrassem em seu rosto, pela maneira que a outra Companheira de Raça a estava olhando com tanta ternura e simpatia. Fez uma expressão agradada, ilegível- uma habilidade que tinha aperfeiçoado durante anos como companheira de Wilhelm Roth.

—O que eu realmente gostaria é de um grande banho quente,— ela disse, sentindo o olhar



de Andreas nela, embora parecesse uma demanda perfeitamente razoável.

—É obvio,— Danika replicou. Deu um olhar a Andreas, que ainda estava sustentando o deleitado Connor.

—Se importaria de cuidar dele enquanto mostro a Claire o andar de cima?

—Sem problemas,— ele disse, seus olhos em Claire com uma intensidade que fez que seu sangue vaiasse nas veias.

—Leve o tempo que precisar. O pequeno e eu estaremos bem por nossa conta.

Claire sentiu seu quente olhar seguindo-a, tão evidente como uma carícia prolongada, enquanto Danika a conduzia fora da cozinha para cima das escadas ao segundo andar da casa.

—O banheiro é aqui,— disse a alta fêmea loira, assinalando à porta aberta de um banheiro inteiro no princípio das escadas. —Ninguém usa esta parte da casa, assim por favor considerem-na sua. O dormitório fica no final do corredor.

Claire conteve arduamente um suspiro enquanto caminhava dentro do quarto de hóspedes com seu piso de madeira dourada, móveis de cerejeira escura, e uma cama king size, completamente coberta. Passou muito tempo desde que esteve em um quarto que emanava algo tão caseiro, simplesmente quente.

—Eu coloquei uma camisa de dormir para você, e encontrarão muitas toalhas no banheiro. Eu não sei o que usam em sua casa, mas espero que estejam o suficientemente cômodos aqui.

—É adorável,— Claire replicou. Ela se aproximou da maciça cama e deslizou seus dedos através do cuidadosamente elaborado e formoso tecido cinza e creme de desenho nórdico. —Este quarto me recorda a casa de minha família em Rhode Island.

Danika sorriu.

—OH, então é americana?— ela caminhou para um alto armário e abriu o gabinete envernizado em portas de bronze dirigido. —Eu não pensei pois soa como uma alemã nativa. Não tem nada de sotaque.

—Não. Eu vim para a Europa há muitos anos, estudar música, em realidade.— Claire caminhou para ajudar à outra mulher a tirar alguns travesseiros extras e uma manta de lã dobrada. —Suponho que era muito idealista então, como muita gente jovem. Eu estava dividida entre meu amor pelo piano e minha necessidade pessoal de fazer algo importante com minha vida, como salvar o mundo.

—Não estou segura que o mundo possa ser salvo,— Danika disse, pondo um solene olhar azul em si mesma. —Há tanta corrupção e tragédia por todos os lados onde olha. Pessoas boas morrem todo o tempo, inclusive os que se esforçam por fazer um bom trabalho e fazer as coisas melhores para os outros.

Claire assentiu.

—Meus pais foram esse tipo de pessoas. Minha mãe deixou uma vida muito confortável na Nova Inglaterra para ajudar a trazer água limpa e suplementos médicos a um pequeno país na África. Ela conheceu meu pai, um jovem doutor do Zimbábue, enquanto estava trabalhando no estrangeiro. Eles se apaixonaram quase instantaneamente, mas naquele tempo, o matrimônio não era algo tão fácil de conseguir para uma mulher branca americana e um homem negro da África. Quando minha mãe engravidou de mim, ela retornou aos Estados Unidos antes que eu nascesse.



Meu pai ficou atrás para continuar com seu trabalho e esperar que retornássemos para que fôssemos uma família. Uns poucos meses depois, um conflito explodiu em nossa região. Minha mãe não podia suportar estar afastada dele enquanto a vila em que trabalhavam tão duro para construir estava sendo destruída pela guerra. Ela retornou à África, e depois de um mês de sua chegada os dois foram assassinados quando as forças rebeldes se apresentaram em seu campo.

—OH, Claire.— Danika a empurrou dentro de seu carinhoso abraço. —Que horrível para você e sua família. Sinto tanto.— Tinha passado muito tempo desde que pensou a respeito de perder seus pais— um casal que ela conhecia só por fotos e histórias que sua avó em Rhode Island tinha compartilhado com ela enquanto ia crescendo, sem pais e diferente, ainda uma menina na privilegiada alta sociedade de Newport. Agora todos os seus parentes nos Estados Unidos se foram. A casa em Newport ainda era de sua propriedade, atendida por empregados que cuidavam das contas e manutenção básica do lugar, mas passaram-se quase duas décadas desde que Claire tinha retornado. Ela sentiu saudades repentinamente, saudades do sentimento de estar realmente em casa.

Danika a soltou depois de um momento e apertou um interruptor de luz.

—Assim, qual de suas metas terminou por alcançar?

—Nenhuma, de fato,— Claire admitiu. —Não muito depois que eu cheguei a Alemanha, tive meu primeiro encontro com um dos da Raça. Ele era muito jovem— quase um adolescente. Era tarde na noite, eu estava caminhando para casa depois de um concerto que fui sozinha. Eu pensei que queria roubar minha carteira, mas estava realmente atrás de algo mais. Estava a ponto de me morder quando outro macho da Raça o deteve.

—Andreas?— Danika supôs, sorrindo.

Claire sacudiu sua cabeça.

—Não, não ele. Era alguém... mais. Alguém muito importante em Hamburgo, embora não o soube imediatamente. Capturou o aroma de meu sangue quando o outro macho me jogou no chão e eu raspei os joelhos. Compreendeu em seguida que eu era uma Companheira de Raça, assim partiu contra o outro vampiro e me tomou como sua pupila. Não conheci Andreas até depois.

E, como a condenada relação de seus pais, ela e Andre também caíram instantemente, e impossivelmente, apaixonados. Havia passado os últimos trinta anos tentando esquecê-lo, tentando convencer-se a si mesma que ainda não estava apaixonada por ele depois de todo este tempo.

—Passei algum tempo afastada. Sei o difícil que é ser privada de coisas que seu coração anseia,— Danika murmurou um pouco ausente.

Claire lançou um olhar sobressaltado para ela.

—Que... como sabe?

A outra Companheira de Raça soltou sua respiração.

—Me perdoe. Não quis me intrometer em seus pensamentos.— Levou seu dedo indicador à sua têmpora. —Meu talento, me dá medo. Eu não gosto de ler pensamentos, e digo a verdade, a maior parte do tempo odeio o que posso fazer. Infelizmente, desde que Conlan se foi meu talento está se voltando intratável. Não tomei outro companheiro, nem sequer o tentei, e sem beber



regularmente do sangue de Conlan minhas habilidades parecem retornar e sair conforme seu próprio desejo. Sinto muito, Claire. É mal educado da minha parte.

—Está bem.

—Não sei se trará algum tipo de consolo, mas não está sofrendo sozinha. Andreas o sente, também, sabe. Ele sente a mesma dor que você.— Danika sorriu brandamente. —Seus pensamentos estão tão claros para mim na outra sala como os teus estão agora. Está debatendo-se e rompendo de raiva, mas está ferido de outra maneira, também.

Claire a olhou fixamente, incapaz de falar. Escassamente capaz de respirar.

—A vida é preciosa,— continuou Danika. —E é tão curta, inclusive para aqueles como nós. Quatrocentos e dois anos com Conlan não foi bastante tempo. Não temos frequentemente segundas oportunidades, nem na vida nem no amor. Se tivesse só um minuto a mais com Conlan, não desperdiçaria um segundo em lamentações. Deixe que Andreas saiba o que verdadeiramente sente.

—Mas ele não é meu,— murmurou Claire brandamente. —Não mais.

—Tenta dizer isso ao seu coração,— Danika deu um ligeiro apertão na mão de Claire. —Tenta dizer isso ao dele.

***** Tiamat-World *****

Reichen evitou subir por horas depois que Danika retornou para buscar seu filho. Ela e Connor tinham ido entreter-se pelo resto do dia, deixando Reichen rondar pela silenciosa granja, matando o tempo e tentando não pensar no fato que Claire estava na cama em algum lugar do andar acima dele.

Na cama completamente sozinha, seu doce corpo relaxado e lânguido. Sua pele ligeiramente morena e aveludada ao toque, cada polegada deliciosa de seu delicado, suave e caloroso...

Bom Cristo.

Desde o momento que havia pedido para tomar um banho, estava condenado a imaginá-la sem vestido e refrescada depois de uma longa ducha quente. Foi tentado quase além da razão por saltar os degraus atrás dela quando se foi com Danika, uma sensação do que ainda tinha que acontecer. Não queria mais nada que estar com ela agora, confortando-a e deixando-a saber que estava a salvo de Roth e seus comparsas. Para assegurá-la que não importava o pior que estavam as coisas ao redor deles, ele a manteria a salvo a qualquer custo.

Coisas que não tinha proporcionado aos seus familiares ou a Helene.

Passar o tempo ao redor de Danika e seu jovem filho trouxe sua atenção de volta a essa realidade com feroz concentração. Ele não estava aqui para diminuir os medos de Claire, nem para satisfazer seus próprios desejos por ela ou para responder à primeira chamada do vínculo de sangue que o atrairia a ela sempre. O vínculo de sangue que havia imposto a ela, rapidamente se recordou a si mesmo.

Não. Estava agora aqui por um único propósito: vingança.

Todo o resto – seus gostos e desejos, seu futuro, seu direito de exigir inclusive o momento mais escasso de egoísmo – se havia queimado no fogo que devorou sua casa no Darkhaven. Vivia



há tempo nisso, pensou severamente, lembrando desde a última noite que havia visto Claire. Foi uma noite de estupidezes e violência que o deixou vencido e ensanguentado, assando num campo aberto sob o potente sol da manhã. Até esse momento, não sabia nada do poder a que estava condenado para sempre – um poder passado por uma mãe Companheira de Raça que nunca havia conhecido, que não havia vivido bastante tempo para o advertir do que sua fúria poderia fazer.

Havia aprendido essa lição em um momento brutalmente vivido nessa horrível manhã que foi a Hamburgo, e o horror do que havia feito nunca o deixaria.

Tantas vidas inocentes se haviam transformado em cinzas ao redor dele. Sua própria vida estava direcionando rapidamente nessa mesma direção, mas ainda tinha tempo para fazer justiça, ao menos por aquelas vidas que se perderam por ordem de Wilhelm Roth. Não tinha dúvida de que sua fúria e ódio estavam só fortalecendo o fogo que vivia dentro dele. Destruiria-o cedo ou tarde, mas não se condenaria se levasse Roth com ele.

Só esperava que sua resolução fosse bastante firme para manter Claire longe dele enquanto se movia mais perto daquele inevitável fim.

Foi a profundidade dessa convicção que finalmente lhe deu a força para subir os degraus e achar o quarto que Danika deu a eles. Tampouco sabia se o casal que compartilhava a granja era consciente dele e Claire, e não estava na posição de fazer Danika mentir para cobri-lo se os outros habitantes tinham que descer e encontrar um estranho em seu meio.

Reichen fez uma pausa na frente do quarto fechado no final do corredor. Seu pulso palpitava fortemente com o conhecimento de Claire no outro lado daquela porta branca. Achava que estava dormindo, imaginava que tinha que estar depois das horas que havia passado no andar de baixo. Tão silencioso como pôde, girou a maçaneta de porcelana danificada e entrou.

—Olá,— disse ela, sussurrando. Estava sentada em um lado da enorme cama, usando uma fina camiseta azul que não ocultava realmente as pontas escuras de seus mamilos ou o vulto bem formado de seus peitos. Um abajur pequeno brilhava na penumbra ao lado dela, ressaltando o ligeiro dourado de seu cabelo castanho e seu encantador rosto.

Ele franziu o cenho e entrou no quarto, fechando a porta atrás sem fazer nenhum som.

—Deveria estar dormindo.

Ela elevou um ombro.

—Pensei que o banho me relaxaria, mas não posso fechar meus olhos.

Ele teve que trabalhar condenadamente para ignorar a inesperada luxúria que disparou através dele com a renovada imagem de Claire nua, sentada em uma banheira cheia de água fumegante e borbulhas brancas de seda.

—O anoitecer virá logo,— resmungou ele. —Temos que estar preparados para pegar o voo de volta aos Estados Unidos ao pôr do sol. Deveria apagar esse abajur e tentar descansar um pouco.

Ela se acomodou na cama, mas só estendeu a mão e gesticulou ao lado vazio.

—Peguei um dos travesseiros mais suaves, mas se o quiser pode pegar.

Ele a olhou carrancudo, mais pelo desconforto de sua crescente ereção que por sua oferta da opção do travesseiro. Seu movimento no colchão havia estirado sua camiseta como uma segunda pele. E afastando a colcha enquanto se acomodava, seu ardente olhar pousou no



diminuto pedaço de suas calcinhas.

Calcinhas vermelho carmesim, pelo amor de Deus.

Gelou onde estava parado ou cada terminação nervosa em seu corpo ia terminar com uma nuclear excitação.

—Deve lembrar que sou bastante dorminhoca,— disse ela, mas ele mal ouvia o que estava dizendo. —Não se preocupe em me despertar se der voltas ou monopolizar as cobertas. Provavelmente nem me darei conta.

Deu um passo atrás quando compreendeu que ela esperava que dormisse na cama com ela. Justamente ao lado dela, quando a única coisa que o impedia de atuar em seu desafiante desejo por ela era um pequeno pedaço de algodão e um minúsculo triângulo de seda vermelha.

—A cama é tua,— disse ele, sua voz raspava asperamente a garganta. —Isto não é um pijama, uma porra que não é. Realmente não pode esperar que eu durma com você, Claire.

Sua expressão vacilou.

—Não quis dizer...

—Jesus Cristo.— Murmurou ele. Sua pele ferroava com um repentino banho de calor e fome tornando seu desejo mais quente. —Entrar na cama com você é a última maldita coisa que preciso fazer agora.

Deve ter soado inclusive mais áspero do que imaginou, apoiado em quão rápido ela afastou o olhar dele. Ela sacudiu sua cabeça, logo soltou um suspiro.

—A cama é o bastante grande para ambos. Isso é tudo o que estava tentando dizer.

Ele a olhou fixamente por um longo momento, seus músculos puxavam bruscamente pela ânsia de mover-se, para enviá-lo onde ela estava no colchão e acomodá-la debaixo dele.

Queria tudo isso que tão condenadamente podia ver. Tudo o que podia provar enquanto as pontas de suas presas surgiam na carne de sua língua.

—Dorme um pouco, Claire.

Obrigou-se a afastar a vista dela e tomar seu próprio lugar perto do chão. O tapete que cobria as tábuas velhas de madeira era volumoso e cheirava vagamente a cera de limão. Pôs-se de lado no duro chão, a única posição que não o fazia dolorosamente consciente do quanto estava duro como uma coluna de pedra.

Realmente tinha que tentar avisá-la há uns minutos que o anoitecer chegaria logo?

Como o inferno.

la ser uma espera filha da puta até o pôr do sol.

Capítulo 12

Claire estava sobre a enorme cama, muito acordada, olhando na escuridão as persianas do quarto. Não tinha se movido desde que Andreas se acomodou no chão. Arrastando o tempo, e por um bom tempo esteve segura que estava tão acordado e alerta quanto ela — assim como determinado a ficar ali em silêncio e pretender que não notava nada.



Mas em algum lugar ao redor de uma hora, sua respiração havia mudado do regular inalar e exalar que mal que podia distinguir, a um profundo e rítmico som de sonho.

Claire escutava o lento som de seu sonho, enquanto as palavras da Danika sobre uma segunda oportunidade e não perder o precioso tempo em lamentações estava jogando uma e outra vez em sua mente como uma canção que não podia tirar de sua cabeça. Havia muitas coisas que queria dizer a Andreas. Coisas que necessitava que escutasse.

Não que ele quisesse escutar. Não parecia disposto a deixá-la aproximar-se o suficiente para chegar a ele para nada. E precisava estar perto dele agora, mesmo que fosse só para sentir sua força ao seu lado quando tudo o que acreditava saber sobre seu mundo estava caindo a seus pés.

Havia sentido que uma parede se interpunha entre eles esta noite. Parecia crescer mais alto e menos escalável do que na granja do Darkhaven. Claire não estava segura do que havia feito para incomodá-lo, ou possivelmente era simplesmente o fato de que se havia visto obrigado a cuidar dela agora que Wilhelm estava caçando-os com uma escopeta.

Por um momento desejou ser dotada do talento de Danika para que a mente de Andreas, e suas emoções secretas, não fossem um mistério para ela justo agora.

Sua própria habilidade poderia ajudá-la ali, também. Todos eram mais acessíveis no reino dos sonhos. Nem todo o visto ou dito era verdade, é obvio, mas a natureza surrealista dos sonhos tinha uma forma de coibir as inibições.

Claire se aventurou a olhar sobre a extensão da ampla cama o grande volume do corpo de Andreas onde dormia no chão. Envolveu seu braço sobre a cabeça e se encolheu ao seu lado, olhando-o. Perguntando-se onde seus sonhos o tinham levado. Fechou seus olhos e pensou nele enquanto se permitia relaxar o corpo, desejando que sua mente se acalmasse e preparasse para dormir.

Deixou que seu talento se expandisse, sensibilizando a consciência para alcançar... buscar. Geralmente precisava de uma incrível concentração para encontrar o sonhador, mas com Andreas, nem bem havia deslizado sob o véu da consciência e o sonho de repente estava ali. Sempre havia sido assim com ele, como se sua conexão estivesse ali no primeiro instante em que se conheceram e nunca havia se debilitado.

Houve vezes, muito depois que Andreas partiu de sua vida, que Claire tentou buscá-lo, só no reino dos sonhos. Mas teve tanto medo de enfrentar seu rechaço, e muita vergonha de si mesma que, por mais que o tentasse, não podia encontrar nada por Wilhelm próximo ao amor que havia sido incapaz de remover por Andreas.

Depois de tudo o que havia passado nas últimas noites, o que sentia agora por Wilhelm e o vínculo de sangue que a encadeava a ele era uma fria e cortante desconfiança. Desprezo, se tudo o que estava aprendendo dele era verdade.

Depois de tudo o que havia passado com Andreas nestas dilaceradoras e intensas longas horas juntos, tinha que admitir que tinha um certo grau de temor pelo letal indivíduo que era agora. Mas junto com o temor vinha aumentado uma emoção que a aterrorizava até mais pela intensidade que sentia ainda.

Pelo muito que ainda o queria, e o necessitava.

Com que facilidade ela poderia ver-se apaixonando de novo dele... se alguma vez havia



deixado de fazê-lo verdadeiramente.

Enquanto avançava em seu sonho agora, sua respiração se cortou ao encontrá-lo sob a luz das estrelas de uma clara noite, sentado sem camisa e descalço na fresca grama do sagrado parque que havia desenhado para sua propriedade no Darkhaven. Todos os detalhes estavam tal e como os tinha no modelo arquitetônico, até o último banco e o caminho de flores.

Bom senhor. Ele havia memorizado tudo.

—É formoso,— disse ele, sua profunda voz era uma vibração que sentia em todas as partes de seus ossos. —Soube exatamente que precisava estar aqui. De algum jeito, sabia.

Ele não girou para enfrentá-la enquanto se aproximava cautelosamente no limite de seu sonho, onde a terra que ele estava imaginado em seu sonho abraçava o resplandecente lago além. A pele dourada de Andreas estava iluminada pela lua, fazendo tudo mais chamativo pelo entrelaçado à vista de dermaglifos que percorria suas musculosas costas, como obra de arte do pincel de um artista. Claire recordou riscar aquelas formosas marcas com sua língua; como se fechando seus olhos, pudesse ainda imaginar cada arco único e adorno que riscava sobre sua suave e firme pele.

—Sabe que não deveria estar aqui,— disse ele uma vez que seus pés se detiveram e ela estava de pé junto a ele. Agora ele a olhou, e sua expressão não era o que ela considerava amigável. Suas íris estavam arrojando uma luz âmbar penetrante. Quando franziu seus lábios para falar, a ponta de suas presas brilhava completamente brancas e com grande nitidez. —Não pertence aqui, Claire. Não comigo. Não assim. Não deveria ter vindo aqui quando não é convidada.

—Tinha que te encontrar.

—Para que?

—Precisava te ver. Queria... falar...

—Falar.— Cuspiu a palavra ao soprar uma exalação. Antes que Claire soubesse o que estava fazendo, ficou de pé, ultrapassando-a. Seus olhos estavam brilhando, tão quentes que era uma maravilha que sua camiseta e calcinhas não se derretessem à medida que seu intenso olhar vagava sobre ela do topo de sua cabeça até os dedos dos pés descalços. —Do que quer falar, Frau Roth?

—Não faça isso,— disse ela, fazendo uma careta ao seu tom mordaz. —Não o use para abrir uma brecha entre nós.

—Ele é uma brecha entre nós, Claire. Os dois o pusemos aí, não foi assim? Se só está lamentando agora, esse não é meu problema.

Ela o olhou com cenho franzido, sem querer sentir o roce de suas palavras quando chegou ali por afeto a ele, como sua amiga.

—Por que faz isto, Andre?

—O que estou fazendo?

—Me afastando. Me tratando como Wilhelm e eu sou uma coisa diferente, ambos somos inimigos.

—O que quer que eu faça? Te diga que tudo se resolverá entre nós no final? Pretender que Roth não existe para que você e eu possamos continuar de onde paramos há tantos anos?

Claire olhou para baixo, sentindo-se tola por querer dizer todas aquelas coisas — e mais.



Palavras que nunca poderia oferecer de novo, inclusive no débil refúgio de um sonho.

Ele levantou seu queixo com a ponta de seus fortes dedos.

—Não podemos mudar nada do que aconteceu, Claire. Não vou ficar aqui e dizer mentiras que fariam a um de nós sentir-se melhor. E não vou te fazer promessas que não posso manter.

—Não,— disse ela. —Prefere fugir.

Sua boca se fechou e sacudiu sua cabeça, seus olhos escuros resplandeceram.

—Acredita que quero te deixar.

Não era uma pergunta, mas uma tranquila acusação.

—Importa se o faço?— ela se afastou dele. Esquivando-se, ainda sentindo a ferida que ele havia causado há trinta anos. —Não importa, não responda isso. Não quero te pressionar a dizer algo só para me fazer sentir melhor.

Compreendendo que havia cometido um engano ao vir ali, girou a ponto de partir e deixá-lo com seu mau humor sozinho em seu sonho. Mas antes que pudesse dar um só passo para afastar-se, seus dedos se envolveram ao redor de seus braços e a manteve ali. Ele se moveu na frente dela, com seu rosto tenso e mortalmente sério.

—Te deixar era a última coisa que queria fazer,— franziu o cenho, seu aperto a sustentou mais firme, movendo-a além da parede de seu corpo. —Foi a coisa mais condenadamente difícil que fiz, Claire.

Ela o olhou fixamente sem falar, perdendo-se no brilho escuro de seus olhos. No momento seguinte, ele inclinou sua cabeça e a beijou, suas bocas fundindo-se em uma longa e ofegante união.

Ela não queria parar. Não acreditava que pudesse afastar-se dele agora que estava de novo em seus braços, embora só em seus sonhos.

—Deus, desejo-te, Claire,— gemeu contra sua boca, a pontada de suas afiadas presas roçando seus lábios. —Quero estar contigo agora... Ah, Cristo, necessitei estar contigo por tanto tempo.

Porque era um sonho, os desejos frequentemente só precisavam ser sussurrados para se tornarem realidade. Em um instante, Claire se encontrava aprisionada sobre a suave e fresca grama, com o magnífico corpo de Andreas sobre ela.

Estavam nus agora, a roupa devia ter caído como se fosse feita de névoa. Mas inclusive nos sonhos, a pele de Andreas era cálida e firme ao tato. Seus largos ombros e grossos braços, seu musculoso peito e rígido abdômen... tudo nele era real, forte e perfeito em sua masculinidade. Claire não podia evitar que seus olhos viajassem para a longitude dele. Recordava tão vividamente essa perfeição de Andreas que se estendia mais abaixo, também.

Porque era um sonho, afastou o conhecimento de todas as razões pelas que não deveriam estar juntos. Só sabia da chamada de seu coração, e como a palma de sua mão como o resto devia descansar no centro de seu peito, na chamada de seu coração, também. Seu pulso martelava contra seus dedos. Sua respiração era rápida, pesada, quente com necessidade. Claire olhou os olhos que queimavam tão intensos como uma chama, seu rosto era uma firme e atormentada máscara.

—Sim,— disse ela entre dentes, quase incapaz de formular palavras.



Conteve sua respiração quando a longa cabeça de seu membro a tocou levemente, penetrando-a. Com um impulso lento de seus quadris estava escorregando dentro dela, enterrando-se por completo, empurrando gloriosamente fundo. Claire gritou, arqueando-se para tomar tudo dentro dela, necessitando-o para enchê-la. A estirou firmemente, sua longitude tocando-a bem no centro.

—OH, sim,— ofegou ela quando encontraram um ritmo familiar, encaixando juntos como se nunca estivessem estado separados.

Ele era um amante feroz, ela sabia e já estava preparada e se deleitava com sua selvagem intensidade. Cada golpe duro a fazia um pouco em pedacinhos, cada gemido baixo e grunhido enviava um arrepio correndo por suas veias.

Sabia como mover-se com ela, precisamente o tempo justo para espremer até a última gota de prazer de seu corpo. Claire sentia os primeiros tremores da liberação através dela como pequenos volteios de um relâmpago em seu sangue. Não podia contê-lo, não tinha forças para resistir ao domínio de Andreas em seus sentidos.

Ela só podia cravar seus dedos no grosso músculo de seus ombros e esperar enquanto a levava para um estilizado clímax. Não sabia se ele a seguiria. Tudo o que sabia era a incrível onda de prazer que se precipitava sobre ela... então a repentina e oca dor da compreensão de que Andreas havia partido.

Claire o chamou no sonho, mas ele não estava em nenhuma lugar.

E agora o santuário onde tinham permanecido juntos havia sumido, também. Ela estava sentada em meio a um campo ensolarado, a luz do dia cegando seus olhos.

—Andre?

Levantou-se e começou a caminhar, sustentando seu braço sobre a testa como uma viseira enquanto se esforçava por conseguir seu paradeiro. Não conhecia este lugar. Não podia valer-se da dourada luz, ou do penetrante aroma de fumaça ou algo pior, algo irreconhecível que enchia suas fossas nasais e afogava sua garganta. Tossindo, Claire avançou pela vegetação chamuscada.

Tropeçou, seu pé se chocou com uma parte negra carbonizada que jazia no chão. O horror se apoderou dela inclusive antes que seus sentidos processassem o que estava vendo.

Era um menino.

Um menino morto, totalmente queimado e irreconhecível.

—OH, Meu deus,— Claire retrocedeu, perturbada. Afetada. —Andreas!

Girou sua cabeça e gritou de alívio ao ver a verde e ampla grama e a mansão de pedra e madeira, que havia sido propriedade do Darkhaven de Andreas, no topo de uma costa ligeiramente inclinada. Claire correu para a casa. Estava nua e fria, aterrorizada e confusa pelo que acabava de ver no exterior.

—Andre?— chamou freneticamente enquanto caminhava pela parte detrás da mansão, não havia luz ou movimento no interior. —Andreas... está aí dentro?

Foi para o frente, seus braços envolveram sua nudez enquanto subia os degraus da elegante entrada. Golpeou a porta. As dobradiças abriram-se facilmente em silêncio, mas ninguém a esperava dentro.

Claire cruzou a soleira e entrou num estranho mausoléu branco. Por toda a parte que olhava



—pisos, paredes, móveis – tudo era delicado e branco como a neve. E silencioso como uma tumba.

—Andreas, por favor. Estou assustada. Onde está?

Ele saiu de uma das salas do fantasmal vestíbulo. Estava nu como ela, com os olhos ainda ardendo âmbar, suas presas ainda enchendo sua boca. Aproximando-se furtivamente sem dizer uma palavra e a agarrou em um doloroso e inflexível puxão. Beijou-a com tanto calor e desejo que seus joelhos quase se dobraram debaixo dela.

Então, justo quando estava começando a sentir-se segura de novo, ele se separou dela. Afastou-se tão fortemente, empurrando-a fora de seu alcance, que ela tropeçou um pouco antes de equilibrar-se. Algo úmido e escorregadio estava sob seus pés. Escorregou nisso... Um momento antes que aquele estado acobreado de sangue derramado fosse registrado por seu nariz.

—OH, Meu Deus.

Claire olhou para o chão, que já não era branco, mas de mármore nesse tom. Mármore que estava manchado e horripelantemente coberto de sangue. As paredes e os móveis já não eram mais delicados e descoloridos. Agora tudo estava arruinado, crivado de balas, ensanguentado. O mobiliário e a arte da parede caíam, partidos, tudo em ruínas.

—OH, não... OH, Deus...não.

Não sabia o que fazer com o campo queimado ou o trágico menino lá fora, mas não havia nenhuma dúvida do que estava vendo aqui. Claire o olhou com horror e miséria dolorida, compreendendo que estava mostrando a destruição de sua casa. A destruição feita por Wilhelm Roth, tal como havia dito naquela primeira noite na casa de campo. Estendeu sua mão a Andreas, mas ele não a tomou. Sua expressão era dura, condenada. Quando olhou para baixo, viu por que.

O sangue cobria seus dedos e as palmas das mãos. Estava salpicada por toda a sua frente, inclusive seu cabelo estava pegajoso com ele. E ali, a seus pés, estava o corpo sem vida de um menino pequeno – um dos filhos dos sobrinhos de Reichen, assassinado pelo tiroteio. Ainda mais corpos jaziam em outras partes da mansão, no primeiro andar, na metade da escada, perto de uma porta no porão debaixo do vestíbulo. Ela estava parada no centro do massacre que não teria podido imaginar no pior de seus pesadelos.

Quando olhou Andreas de novo, estava envolto em um calor mortalmente claro-candente. As chamas saltavam de seu corpo para incendiar as paredes e os móveis. Em questão de segundos, tudo o que Claire podia ver era fogo.

O grito dilacerador que saiu de sua garganta era frio e desesperado.

Sacudiu-se a si mesma do sonho, incapaz de suportar por outro momento a crueldade disso.

Doente e tremendo, sentou-se na cama e puxou a um lado a colcha e as cobertas. Não havia sangue sobre ela agora. Nem cinzas. Só o frio suor do verdadeiro terror e a angústia de ter presenciado o horrível pesadelo de Andreas por ela mesma.

Claire esperaria que despertasse e lhe ofereceria algum tipo de explicação ou consolo. Ele tinha que saber como estava afetada agora. Mas ele continuou dormindo, ainda deitado e respirado tranquilo no chão junto à cama. Dava-lhe seu tempo e sua profunda angústia sozinha, como se quisesse perturbá-la – horrorizá-la – com o que havia mostrado.

Possivelmente tinha querido horrorizá-la com ele de algum modo também.

Claire esperou até que seu pulso se estabilizou e seu corpo deixou de tremer, logo se



acomodou lentamente sob as cobertas e contou as horas até o anoitecer.

Capítulo 13

—A merda deste lugar está morto esta noite—, murmurou Chase enquanto examinava a cheia pista de dança e ao que parecia, a encontrou pouco a seu gosto. —Tínhamos que ir à parte norte da cidade, como disse, em vez de perder tempo em Dorchester.

Kade deu de ombros, sorrindo para Brock, o terceiro membro de sua patrulha.

—Quer ver clubes mortos, me deixe te levar ao Alaska. É patético, homem. Temos mais alces por quilômetro quadrado que mulheres.

—É certo?— Chase grunhiu. —Não me admira que aproveitasse a oportunidade para sair dali e vir para Boston no ano passado. Quantos meses tem que congelar a cabeça antes de todo aquele alce americano apareça no seu traseiro?

Brock riu baixo, Kade franziu os lábios para trás até que mostrou suas presas e saudou os dois homens Raça com a dupla caneca de cerveja.

—Bom, isto foi divertido, mas vou embora,— Chase anunciou. Passou a mão pela barba cheia da mandíbula, seus olhos azuis olhando pouco confiáveis e desfocados por debaixo da boina. —Tenho vontade de mergulhar em algo que não seja este antro. Boa sorte com a caça do alce.

Kade deu ao ex-agente um movimento de cabeça.

—Vemo-nos na volta ao recinto.

—Finalmente,— Chase respondeu, dirigindo-se à saída do clube.

Quando se foi, Brock deixou escapar um suspiro e sacudiu a cabeça.

—Esse filho da puta tem um grave problema.

—Quer dizer, um que não seja caminhar todo o tempo pela Agência com um pau metido no traseiro?— Kade disse, olhando o grande guerreiro que tinha sido recrutado na Ordem de Detroit na mesma época em que ele tinha vindo do Alaska.

Não é que Kade não gostasse de Sterling Chase - ou Harvard, já que às vezes se fazia referência de seu elaborado pedigree do Ivy League. Chase era um guerreiro bastante competente, um dos melhores, de fato. Ele era um excelente atirador e um inferno de homem para ter as suas costas em combate, mas do lado pessoal, era tão frio como uma geleira.

—Não sei qual é a sua intenção,— disse Brock. —Mas é melhor que cuide seus passos, é tudo o que digo. Golpeia como um cara que tem um pé na tumba e outro ansioso por entrar. Não dá uma merda por nada, e isso é perigoso. Não só para si mesmo, mas também para qualquer um que precise contar com ele.

Kade o considerou enquanto olhava o outro lado do bar e a pista de dança.

Algumas mulheres jovens se dirigiam a uma mesa próxima. Brock lhes deu seu melhor sorriso, um que nunca falhava para pescar às mulheres mais quentes do lugar. O cara tinha que fazê-lo, sem dúvida. Kade não fez nenhum tipo de encolhimento. Olhou duas belezas que passeavam através da multidão, bloqueando os dois vampiros como mísseis teleguiados.



—Você pode ficar com a loira—, ele murmurou, estabelecendo sua própria vista sobre a morena com as pernas que pareciam eternas debaixo de sua curta minissaia de couro vermelho.

Levou três segundos para falar com as damas e sair com elas.

Infelizmente, uma vez que estavam no estacionamento, só levou outros três para que o nariz de Kade se contraísse com as fortes espetadas de seus sentidos Raça.

Cheirava sangue. Sangue fresco, e muito, procedente de algum lugar ao redor da parte traseira do clube.

Um olhar a Brock disse que ao outro vampiro não tinha passado inadvertido o sabor de cobre vermelho derramado dos humanos. Puseram-se a correr juntos, deixando às mulheres se queixando quando os dois levaram seus traseiros à parte posterior do edifício.

Não havia nada.

A solitária luz de emergência no teto brilhou sobre o concreto do lugar que se via vazio. Mas o aroma de sangue impregnava o ar, particularmente forte para Kade e qualquer um de sua espécie.

—Aqui—, disse, ao ver a mancha escura no chão a poucos metros dele.

Salpicaduras próximas entre si empapavam a terra seca perto de um lance inclinado irregular da cerca. Quem sangrou teve seu pior momento ali, e o atalho da hemoglobina na terra deixou claro tudo o que tinha acontecido, a vítima não ia chegar muito longe antes que ele ou ela sangrasse por completo.

—Isto não é só sangue humano—, disse Brock, sua voz sombria. —O atacante é Raça. Ele derramou um pouco de seu próprio sangue no processo.

Agora que o guerreiro mencionou, o nariz de Kade também recolheu algo mais que as básicas células Homo sapiens.

—Não é um Renegado—, supôs, não detectando nenhum dos maus aromas deixados pelos viciados de sua Raça. —Quem mais poderia ser o suficiente idiota para alimentar-se tão descuidadamente e deixar seu anfitrião como se fosse um porco entupido?

Brock sacudiu a cabeça, mas a suspeita obscureceu seu firme olhar de obsidiana¹¹. Embora não o dissesse, Kade pôde ler a tranquila dúvida nos olhos do homem mais velho.

—Chase?— Kade se burlou — De maneira nenhuma.

—Algo não está bem com ele, homem.

—Não é possível—, disse Kade. O ex-agente não é o Sr. Rogers, mas sangrar um humano e romper uma das leis mais essenciais da Raça? Quando disse que tinha outras coisas das que se ocupar, estou seguro que não se referia a algo como isto...

Brock assentiu com gravidade.

—Talvez seja melhor ir vê-lo, só para estarmos seguros.

Partiram seguindo o rastro de sangue através do terreno baldio e um beco estreito. Quanto mais profundo iam, mais grave o derrame de sangue era. Jorros formando poças, algumas delas muito grandes e manchas onde a vítima parecia ter caído, e logo depois de alguma maneira conseguiu levantar-se e seguir um pouco mais.

¹¹ **Obsidiana** é um tipo de vidro vulcânico, formado quando a lava esfria rapidamente, por exemplo, fluindo sobre água.



O caminho os levou à entrada de um depósito de sucata no final de uma zona industrial. O lugar estava fechado, mas o cadeado e a corrente se afrouxaram. Não havia espaço suficiente para que alguém entrasse. E alguém o tinha feito, as manchas no trinco e a borda da porta não deixavam dúvida sobre isso.

—Vamos—, disse Kade, abrindo o suficiente para que ambos passassem através dela.

Ouviu os movimentos um instante antes que os grandes cães negros se deixassem cair em torno de um montão de sucata e lixo. Dois rottweilers, grandes como tanques e maus como o inferno.

—Merda!

O grito de Brock estava quase afogado pelos latidos selvagens e grunhidos dos cães. Nenhum animal poderia vencer um vampiro, mas isso não significava que a visão da combinação de 130 kg de fervente e furioso cão não fosse motivo para alarmar-se um pouco. Kade se manteve firme, as pernas se separaram preparadas quando os dois rottweilers rapidamente cortaram a distância até ele. Olhou para baixo, a seus olhos. Desaceleraram... logo se detiveram se encolhendo de medo a seus pés. Os cães gemeram, deitaram-se e mantiveram a cabeça baixa.

—Fora daqui. Partam, tão dóceis como cachorrinhos.

Brock se afastou.

—Que diabos foi isso?

—Por aqui— disse Kade, ignorando a pergunta e o olhar de assombro que o seguiu enquanto se aprofundava mais no depósito. Eles tinham coisas mais importantes a enfrentar neste momento.

Não foi difícil encontrar a vítima ensanguentada. O jovem desabou contra uma caixa de metal oxidada, vestia uns jeans com uma perna dobrado no joelho. Via-se sem forças e cansado, como uma marionete cujos fios se cortaram. Levantou a mão para sua garganta quando a hemorragia piorou. Não podia conter o fluxo. Em somente alguns minutos mais, estaria morto.

—Jesus Cristo,— Brock assobiou.

A voz do guerreiro era grossa e tensa, fosse de repulsão ou pelo simples fato de que a vista e o aroma de sangue fresca fizessem com que inclusive o vampiro mais controlado parecesse estar morrendo de fome, isso não havia maneira de saber.

As próprias presas de Kade saíram mais de suas gengivas quando olhou a hemorragia. Ele fez o possível para ocultar as pontas afiadas se estendendo e se aproximou.

—O que aconteceu?—, Perguntou, apesar das lesões evidentes que só podiam provir de um de sua espécie.

—Saltou por mim... —, respirava dificultosamente. —Meu pescoço... filho da puta... mordeu-me.

Quando o homem tirou a mão para mostrar a lesão, o cobre de seu sangue se pegou como um punho no estômago de Kade. Alimentou-se ontem, mas a necessidade de beber de novo puxou nele. Sua visão afiada, tudo banhado em âmbar.

—Quem o mordeu?— Brock perguntou ao humano, intervindo sem problemas quando Kade teve que afastar o olhar. —Você pode descrever quem fez isto?

O homem deixou escapar um lento suspiro tremente. Não restava muito tempo. Olhou para



cima, com os olhos indiferentes e frágeis na escuridão. Levantou o braço, pouco a pouco estendeu o dedo para algum ponto atrás de Brock.

—Ele—, disse com voz entrecortada, a voz filiforme e sem ar. —Atrás de você... é ele...

Kade e Brock giraram ao redor de suas cabeças em uníssono, bem a tempo de ver um homem Raça enorme correndo pela parte traseira do ferro velho. O vampiro vestia uniforme negro e uma camisa de manga larga de ponto negro. Tinha a cabeça raspada, a parte posterior de seu crânio coberto com um padrão inconfundível de dermaglifos.

—Santo Inferno —, Kade murmurou.

Ele pôs-se a correr com Brock lhe pisando os calcanhares. Correram para a parte traseira do pátio coberto, mas o homem Gen Um à frente deles era dez vezes mais rápido. Subiu uma montanha de veículos esmagados com um salto rápido, logo tinha ido.

Não era Chase quem atacava grosseiramente os humanos e os deixava mortos, mas outro homem Raça que era recentemente familiar para todos da Ordem. Um Gen Um que se uniu a eles fazia só umas semanas.

—Hunter—, Brock grunhiu. —Filho da puta.

Capítulo 14

Claire se sentia um pouco enjoada pelo voo quando ela e Andreas desceram do jato privado da Ordem em Boston mais tarde dessa noite. Havia sido uma longa viagem, principalmente pelo enorme silêncio incômodo que parecia se abrir entre Andreas e ela. Felizmente sua falta de sono depois do desastre de sonhar acordada com ele a havia cansado bastante no voo da Dinamarca aos Estados Unidos. Dormiu a maior parte do trajeto, mas ele parecia muito nervoso para descansar.

Inclusive agora, enquanto a dirigia através do hangar privado para uma elegante Land Rover negra que aguardava para recebê-los, Andreas virtualmente vibrava com energia mal-humorada e perigosa.

—Tegan e Elise,— disse-lhe enquanto um grande macho Raça de cabelos-castanha e sua delicada companheira loira saíam do veículo. Ao vê-los, o comportamento de Andreas mudou de uma atitude indiferente a que a havia estado submetendo no voo, a uma cálida familiaridade. —Meus amigos,— disse ele, dando um passo para frente para saudar o resplandecente e formoso casal.

Em um de seus breves momentos de conversa no voo, Andreas havia mencionado que Elise havia sido a companheira do diretor da Agência de Execução aqui em Boston. Ela o havia perdido há alguns anos numa briga com um patife no trabalho, e tinha perdido seu único filho mais recentemente. Claire não estava a par de como Elise havia encontrado a felicidade de novo com Tegan, mas era óbvio o brilho de paz que ambos irradiavam enquanto se aproximavam, os dois estavam profundamente apaixonados.

Claire ficou atrás enquanto Andreas levou a mão da fêmea a seus lábios e pressionou seus



dedos com um simples, mas amistoso beijo. Ela não tinha direito de sentir a mínima possessividade sobre ele, mas a pontada a apunhalou enquanto a formosa Companheira de Raça pegava Andreas em um abraço de boas-vindas.

O companheiro de Elise parecia quase tão afetado como Claire. O alto e musculoso guerreiro da Raça tinha um forte olhar – afiado sobre ele, do selvagem emaranhado de seu cabelo dourado aos reluzentes e formosos olhos verdes que olhavam sua mulher com uma combinação de orgulho e amparo puramente masculinos. Andreas havia dito que Tegan era um macho de Raça Gen Um, e ao vê-lo de perto, Claire o teria adivinhado por sua conta. Sua estudada tranquilidade trazia a sua mente o aspecto de um grande gato, todos os músculos poderiam parecer estar em forma de espiral e relaxados, mas levaria só uma fração de segundo para que saltasse à ação letal se sentisse seu mundo ou sua companheira, que abertamente adorava, estavam ameaçados de algum jeito.

—Olá, Claire. Sou Elise,— disse a Companheira de Raça de Tegan, soltando Andreas para vir saudá-la com igual amabilidade. Enquanto os dois machos estreitavam as mãos, Claire se encontrou sumida em um rápido e acolhedor abraço de boas-vindas. Elise deu um passo atrás, seus olhos cor de lavanda-claros brilharam com inteligência e calidez, seu queixo e seu resplandecente corte de cabelo curto emoldurava seu delicado rosto. —É um grande prazer te conhecer. Embora nossos caminhos nunca se cruzaram na Agência, estou familiarizada com alguns de seus trabalhos filantrópicos em Hamburgo. Realmente fez muito pela comunidades Darkhaven ali.

Claire encolheu ligeiramente os ombros pelo incômodo elogio, dado o propósito da urgente chegada aos Estados Unidos com Andreas. E embora os dois homens falassem em voz baixa, escutou as condolências murmuradas por Tegan pelas mortes dos familiares de Andreas e a destruição de seu Darkhaven.

—Lembro de um de seus jovens sobrinhos e sua tímida Companheira de Raça que teve um menino quando estivemos pela última vez em Berlim há um ano,— adicionou Tegan, suas sobrancelhas franzindo-se sobre aqueles ferozes olhos verdes.

Andreas lhe deu uma prudente inclinação.

—Pediram que fosse o padrinho enquanto estive ali, acredito.

—Sim,— respondeu o guerreiro, um leve sorriso surgiu pela lembrança antes que sua expressão se escurecesse com simpatia. —Surpreendeu a todos escutar o ocorrido. O ataque não será em vão, não se a Ordem tem algo a dizer a respeito.

Tegan enviou um breve olhar em direção a Claire, reconhecendo-a imediatamente como companheira daquele que perpetrou a tragédia a que só Andreas havia conseguido sobreviver. Seu sentido de culpa e estupidez aumentou, igual ao nó de tensão em seu estômago. Seus nervos se estenderam peculiarmente tensos, pondo uma ansiosa vibração em seu peito.

Andreas pôs sua mão sobre o ombro de Tegan enquanto continuavam sua agradável conversa.

—Quero sua palavra em algo, meu amigo. Se Dragos estiver remotamente envolvido com o que aconteceu em meu Darkhaven farei o que possa para te ajudar a capturar o bastardo e acabá-lo. Mas Roth é só meu, pode me garantir isso?



O guerreiro inclinou sua cabeça em um gesto lento.

—Sei o tipo de ódio que sente. Estive ali. Sou o último a dizer como lutar com seus próprios demônios, mas só tome cuidado, sim? Muitos bastardos por aí merecem uma boa matança, mas a vingança te consumirá se não a controla.

Podia ser muito tarde para aquele conselho, pensou Claire, olhando a rígida postura e tortura de Andreas, o forte olhar enquanto os quatro se dirigiam para o SUV esperando. A necessidade de vingar sua família e sua amante humana só parecia estar crescendo mais rápido, mais volátil, pelo fato que a justiça que ansiava tinha que ser cobrada.

Depois dos horrores que havia mostrado em seus sonhos, havia uma parte dela que compreendia sua raiva, inclusive a compartilhava. Mas desde que ela o havia visto naqueles últimos dois dias, preocupava-lhe que sua própria vida poderia não significar nada para ele. Manteria algo sagrado se finalmente tivesse sua oportunidade de destruir ao que o havia ferido?

Wilhelm.

Só pensar lhe revolveu seu estômago pelo desprezo. Claire não podia aferrar-se a uma esperança razoável de que as acusações de Andreas contra Wilhelm não tivessem fundamento. Mas o que mais a aterrorizava era que sua relação agora com Andreas pudesse não trazer nada de bom – nada para nenhum deles. Seu afeto por ele era algo que não parecia querer ou necessitar. Tinha um só propósito agora em sua vida, e ela o conhecia bastante bem para entender que se isto chegava a uma escolha entre sua própria vida e obter a justiça que sentia que necessitava, gastaria seu último fôlego vendo aquela proposta chegar ao final.

A ideia de Andreas morrendo de novo - depois do milagre de sua ressurreição e a volta à sua vista - era algo que Claire não poderia suportar. A ideia quase a aniquilou enquanto se aproximava do veículo e sentia o frio ar da noite vindo além da cidade.

A sensação de inquietação a perseguia agora, e havia uma irritação aumentando em suas veias. Uma sensação de uma presença aumentando que ela realmente não havia reconhecido até agora, quando estava ressonando em suas células como um alarme.

Wilhelm está perto.

OH, Deus. Como havia esquecido isso? Havia estado tão enfocada em Andreas e em seus amigos, em sua própria confusão de emoções, que não havia notado os sinais em seu corpo que seu obstinado companheiro de sangue estava em algum lugar próxima.

Em algum lugar da cidade de Boston, estava segura disso.

O que estava fazendo aqui?

—Claire, está bem?— Elise pôs sua mão em seu braço com preocupação. —O que é?

Ela sacudiu sua cabeça, mais fervorosamente quando Andreas se deteve com Tegan com um interrogativo e suspeito olhar sobre ela.

—Sinto-me um pouco enjoada,— disse ela, lançando uma desculpa razoável que não envolvesse dizer a Andreas que o inimigo que pensava matar - que estaria igualmente determinado a matá-lo, também - estava provavelmente a poucas milhas de distância de onde estavam. Andreas não podia saber que Wilhelm estava tão perto agora, não podia deixá-lo saber disso, pensou, um repentino temor se arrastando em sua garganta.

—O que aconteceu?— a profunda voz de Andreas se impregnou sobre ela, mas não era o



bastante para acalmar o alarme que estava aumentando agora em seu interior.

—Não aconteceu nada,— disse ela, mentindo só porque a verdade o enviaria direto às mãos da morte. —Estou bem. Não voei há muito tempo, assim provavelmente seja um pouco de enjoo. Estarei bem. Preciso de um momento enquanto passa, isso é tudo. Há algum banheiro em algum lugar?

—Por ali,— disse Elise, gesticulando para o terminal anexo mais próxima. —Eu te levo.

—Não,— exclamou Claire. —Posso encontrar sozinha. Por favor... espere aqui. Retorno em alguns minutos.

Tudo o que a impediu de correr foi o duvidoso olhar de Andreas. Sabia que estava de causar pena, o vínculo de sangue que os unia agora lhe diria isso bastante fácil. Mas era seu outro vínculo – o que lhe poria grilhões sobre Wilhelm Roth enquanto vivesse – que a enviou fugindo num estado perto do pânico.

Vooou em direção ao banheiro, ofegante e trêmula. Sentia em seu sangue que Wilhelm estava perto, então tinha que saber que estava na cidade agora, também. As probabilidades que viesse buscá-la eram muitos horríveis para considerar. Pelo contrário, se Andreas a forcesse a encontrar Wilhelm através de seu vínculo de sangue? Ela nunca perdoaria a si mesma, ou a ele.

E havia uma maior e preocupante pergunta, também. Se Wilhelm Roth estivesse envolvido em algo maior do que ela supunha – algo relacionado com Dragos? Como podia Andreas enfrentar os esquadrões da morte de Wilhelm e o grande mal de alguém que nem sequer a Ordem havia sido capaz de derrotar até o momento?

OH, Deus. Não podia deixar Andreas saber que Wilhelm estava próximo.

Por muito que quisesse vingar-se, Claire o queria vivo. Ela não podia ser parte de sua destruição, que era exatamente onde estava agora, enquanto ela permanecesse em sua companhia.

Tinha que sair de Boston.

Tinha que afastar-se de Andreas... antes que o vínculo que compartilhava com Wilhelm Roth a traísse e o levasse diretamente a sua morte.

—Está certo de que isso é o que viu? Por que isto é uma merda séria, e preciso estar absolutamente certo.— Lucan deixou de passear pelo laboratório de tecnologia para olhar Kade e Brock, que acabavam de chegar da patrulha com uma merda de relatório. Não havia dúvidas em seus rostos de que era Hunter.

—Sim,— disse Kade, rastelando seus dedos por seu cabelo negro e espetado. Através de suas escuras pestanas, seus olhos sustentaram o olhar de Lucan. —Era ele. Dificilmente poderia confundir esses dermoglifos, e não é como se encontrássemos com um Gen Um todas as noites de patrulha.

Lucan grunhiu.

—E viu vocês dois, te reconheceu, também?

—O filho da puta nos olhou justamente antes de desaparecer da cidade.— Respondeu



Brook. O guerreiro mostrou seus dentes em um grunhido mal contido. —Era como se quisesse que o víssemos. Da mesma forma como queria que víssemos o que havia feito.

Enquanto Lucan absorvia esse momento de felizes notícias, as portas do laboratório de tecnologia se abriram e Chase chegou à espreita na sala. Cheirava a pólvora, adrenalina, e aroma metálico da coagulação de sangue humano.

Com a interrupção, Gideon se separou de seu computador enquanto uma tela cheia de dados se deslocava atrás dele.

—Jesus, Harvard. Que diabos aconteceu?

O ex-agente se derrubou com os ombros caídos na cadeira mais próxima e tirou a boina negra atirando-a sobre a mesa de conferências em frente a ele.

—Acabo de passar a ultima hora me desfazendo de um delinquente morto no lado norte da cidade. Alguém rasgou a garganta do bastardo e virtualmente o esgotou. Deixaram-no atirado onde caiu, diretamente ao ar livre para que alguém encontrasse o corpo.

Lucan notou o olhar de relance de Kade. A descrição e a descarada forma do ataque era muita malditamente familiar para ser coincidência.

—Viu algum rastro do vampiro que o fez?

Chase elevou a vista e duvidou, como se não estivesse seguro de poder falar suas suspeitas alto.

—Vi alguém na zona, mas se foi antes que conseguisse me aproximar o bastante e olhar possivelmente sua identidade.

—Sim, bom, seguro como a merda que chegou bastante perto.— Interveio Kade.

Os olhos azuis de aço do Chase se estreitaram.

—Que quer dizer?

—Depois que saiu do clube esta noite, Brock e eu encontramos o mesmo tipo de coisa em Dorchester. Humano com grave caso de laringe feita em migalhas, jorrando sangue pelo menos por duas quadras e deixado morto em uma área publica. Quando seguimos à vítima, seu assassino se encontrava rondando perto. Enorme com dermoglifos de Gen Um e uma cabeça raspada.

—Ah, porra,— disse Chase em uma lenta exalação. —Assim, realmente era Hunter. Vi-o, também, mas meu instinto me dizia que não o julgasse até que pudesse ver melhor. Maldito seja, sei que o tipo não tem muitas habilidades sociais, dada sua trajetória, mas esta merda é psicótica.

—Suponho que não temos que perguntar o que gosta de fazer em seu tempo livre,— Propôs Gideon secamente.

Lucan disparou um sombrio olhar a seus guerreiros.

—Se alguém o vir ou escutar falar dele, quero sabê-lo o quanto antes. E se algum de vocês é testemunha de outra matança humana como a desta noite e nosso menino estiver na vizinhança e se negar a vir com toda tranquilidade tem minha permissão para eliminar o bastardo.

—Merda, Lucan, fala a sério?— Gideon deu uma sacudida a sua cabeça. —há uma pequena menina que vive aqui no complexo que vai ter seu coração partido se algo acontecer com Hunter. Poderia não estar ganhando uma disputa de personalidade, mas Mira o adora. Por estranho que isto vai soar, acredito que o sentimento é mútuo. Viu como é cuidadoso com essa menina. Sabe que se não fosse por Mira que advogou por sua vida depois da incursão recente de Dragos, Niko



teria posto uma bala em seu crânio. Hunter faria qualquer coisa por essa menina.

—Isso não diminui o fato do que é,— Lucan recordou Gideon e os outros. —Quero acreditar que está de nosso lado tanto como os outros – demônios, como vão as coisas ultimamente, necessitamo-lo de nosso lado. Mas não esqueçamos que há três meses era justamente outra arma no arsenal de Dragos. Uma pedra-fria, uma arma mortal.

Gideon fez um gesto de aceitação.

—Possivelmente Tegan deveria ter um bate-papo com ele, ver que tipo de leitura consegue tirar do homem-extermínio agora,— disse ele, referindo-se à capacidade de Tegan de distinguir as emoções de alguém com um toque. Uma habilidade que havia dado luz verde a Hunter quando havia dado seu braço ao serviço da Ordem no verão passado em Montreal.

—Tegan está recolhendo algo no aeroporto,— disse Lucan. —Alguém sabe quando Hunter tinha previsto retornar de suas patrulhas esta noite?

À ronda de encolhimentos de ombros que percorreram a sala, Lucan deixou escapar um suspiro.

—Temos bastante em nossos pratos agora sem ter que lutar como uma merda como esta. Quero-o imobilizado, e quero que tão logo chegue Hunter possamos conseguir algumas malditas respostas.

Kade, Brock e Chase murmuraram estar de acordo, logo saíram do laboratório de tecnologia juntos. Quando se foram, Lucan girou sua atenção a Gideon.

—Se tiver alguma boa notícia daquele informe de desaparecidos que Dylan e Savannah estiveram trabalhando sobre as áreas do Darkhaven, estarei encantado de ouvi-lo.

Pelo olhar que Gideon deu, Lucan teve a sensação que sua noite ia de mal a pior.

Reichen estava sentado na Rover com Tegan e Elise, ficando mais ansioso a cada minuto. Claire havia saído há um bom tempo. Dezessete minutos e contando.

Ela faria tudo menos escapar imediatamente depois que ele e Tegan estiveram discutindo sobre o que fazer com Wilhelm Roth. Havia sido imprudente falar tão insensivelmente enquanto ela estava presente; deu-se conta disso agora. Apesar do ódio que sentia por Roth, o macho ainda era o companheiro de Claire desde muitos anos, e isso contava algo. Devia uma desculpa, que daria logo que ela retornasse ao veículo.

Ele havia sentido o claro desconcerto de Claire durante o voo também, e sabia que também era culpado disso. Sentia-se como um bundão depois do que aconteceu quando ela entrou em seu sonho na casa de Danika. O sexo, mesmo incrível, não havia sido planejado. Ele a tinha tratado tão mal, e uma vez que esteve de pé em frente a ele - em seu sonho mesmo ou não - havia sido incapaz de afastá-la.

Era a outra parte do sonho que lamentava.

Igualmente impossível de conter, não teve a intenção de levar Claire ao centro do açougue em seu Darkhaven. Tampouco quisera expor a outra parte do verdadeiro pesadelo que o havia açoitado durante tanto tempo, e sempre o faria.



Ninguém precisava ser testemunha desse tipo de horror, e ainda menos ela. Claire não tinha culpa de nada disso, mas isso não havia detido sua mente de projetá-la na matança, e pior ainda, no papel de Helene. Sua culpa sobre tudo o que havia acontecido com seus familiares e com Helene continuava sendo uma crua dor em sua alma.

E, possivelmente em algum canto paranoico de seu coração ele se preocupava que, como Helene, Claire pudesse ser usada contra ele - que seu vínculo de sangue pudesse traí-lo de algum jeito com Roth. Havia muito pouco mais que Roth podia fazer para machucá-lo; ele já havia tomado tudo que Reichen tinha.

Mas poderia ferir Claire.

Reichen havia suportado e sobrevivido mais do que se achava capaz de fazer. Se qualquer rajada viesse sobre Claire, especialmente por sua indisposta participação em sua busca de vingança, sabia sem dúvida que o enviaria ao limite. Mataria-o, sem dúvida.

—Demora muito,— murmurou ele, uma estranha sensação de vazio começava a expandir-se em seu peito. —Algo não está bem.

Elise girou para ele do assento de passageiros dianteiro.

—Faz um bom tempo. Irei me assegurar que está bem.

A Companheira de Raça de Tegan saiu do SUV e se dirigiu ao terminal onde Claire havia ido. Voltou a sair sem sequer ter passado um minuto, um olhar de preocupação que apertava sua boca enquanto se apressava para o automóvel.

—Não está no banheiro. Revistei todos os postos e a zona fora do terminal. Ela não está ali.

—Maldita seja. Entra, neném,— disse Tegan a Elise. —Não pode estar longe, conduziremos até encontrá-la.

—Não,— Reichen abriu a porta traseira e saiu. —Me encarregarei disto. Acredito que sei onde pode ter ido.

Compreendeu pelo vínculo de sangue que lhe dizia que ela estava movendo-se rápido para afastar-se dele, centrando seus sentidos nela como farol. O vínculo o levaria a ela, mas inclusive sem isso, tinha a sensação de saber para onde Claire poderia correr se estivesse afligida e confusa.

Tegan olhou sob sua janela e fixou seu intenso olhar esmeralda nele.

—Está certo que não precisa de uma mão?

Reichen sacudiu sua cabeça.

—Continue sem mim. Tenho que ir atrás dela.

Tegan lhe deu uma inclinação de cabeça, e logo colocou a mão no bolso de sua jaqueta e sacou um telefone celular.

—Toma isto. As duas últimas marcações rápidas o conectam ao complexo.

—Obrigado,— disse Reichen. —Estarei em contato logo que possa.

Capítulo 15

Os passos de Claire faziam eco no chão nu da casa de sua avó. Havia muito tempo desde que esteve na grande casa vitoriana que se encontrava na baía de Narragansett, mas ainda parecia a



mesma. Ainda cheirava igual, como madeira e mobílias velhas e ar fresco. É obvio, desde que a viu pela última vez, antes dela partir quando jovem para estudar na Alemanha, tinha mudado muito. Sua avó já havia falecido, e agora o imóvel se mantinha em nome de Claire, como sua única herdeira e a última da linha de sua mãe. Nem sequer Wilhelm sabia sobre este lugar. Ela tinha mantido sua existência só para ela, um segredo que estava contente de ter.

Os zeladores contratados haviam feito um trabalho excelente cuidando da casa e dos extensos terrenos depois que sua avó faleceu. Como se estipulava no acordo, uma chave extra estava atrás de um tijolo teoricamente solto junto ao terraço, o mesmo lugar que tinha sido utilizado desde que a mãe de Claire era uma menina que crescia na velha e grande casa. Claire tinha contado com a custódia da chave quando fugiu do aeroporto de Boston e pegou um ônibus que a levou a Newport.

Vendo seu antigo lar teve a esperança de que talvez tudo estaria bem outra vez. Talvez ainda encontrasse um pouco de paz em sua verdadeiro casa, quando todo o pó se assentasse do motim de sua vida agora mesmo.

O problema era que com a esperança seguia imaginando Andreas em seu futuro, o que só estava levando-a a decepção.

Ela tentou tirá-lo de sua mente enquanto deslizava através do andar térreo da casa, familiarizando-se com as lembranças de seu passado distante. Retratos de família e arte emoldurada tinham sido desmontados e embalados para sua conservação. O mobiliário elegante com que sua avó tinha tomado um cuidado meticuloso estava envolto em grandes lençóis brancos, dando um aspecto fantasmagórico, o aspecto esquecido inclusive com todas as luzes acesas. As cortinas e as persianas estavam jogadas sobre as janelas e a parede de portas francesas que levavam ao pátio que dava ao mar.

Então Claire se aproximou das portas francesas. Abriu os quatro pares, e deixou que soprasse o vento salubre de outono sobre o Atlântico. Sua chamada era muito forte para que resistisse. Ela saiu e cruzou a gama de tijolos do terraço, pátio, e logo desceu à grama, respirando profundamente o aroma do oceano que sempre quis para sua casa.

Mais adiante havia um saliente de rochas que sempre foi um de seus pontos de pensar favoritos. Foi para lá agora, andando com cuidado sobre a volumosa pedra negra na escuridão. Ela encontrou a borda plana que formava o assento perfeito na beirada áspera da saliente pedra e se acomodou sobre ela.

Durante muito tempo, ela simplesmente ficou olhando a água, observando o brilho das ondas sob a pálida luz da lua e das estrelas.

Poderia ficar nesse lugar tranquilo durante mais horas, mas a maré se arrastava cada vez mais alta nas rochas e de repente a água saltou longe. Infelizmente, deu a volta e muito lentamente se levantou da beirada. Quando ficou de pé, se surpreendeu ao ver que não estava sozinha.

—Andreas- disse, surpreendida por vê-lo.

Seu peito subia e descia de maneira visível, as inquietações surgiam através das linhas de seu rosto tenso.

Claire teve que obrigar seus pés a permanecer conectados à terra e não mover-se para ele



reflexivamente. Ela não queria que estivesse ali, apesar do que seu coração parecia pensar.

—Como me encontrou?

Apesar de fazer uma pergunta que sabia a resposta. Um Raça com sentidos sobre-humanamente agudos. Como se o vínculo de sangue que agora tinha com ela não fosse suficiente, poderia facilmente ter seguido seu aroma. Não que parecesse disposto a explicar. Estava irritado e preocupado, e o fato de ter vindo tão longe para encontrá-la deveria ter sido tranquilizador, inclusive adulator.

Poderia ser, se não fosse o fato que não havia menos de cem quilômetros de distancia de Wilhelm Roth, que era o que necessitava Andreas para ter ido tão longe por ela. E quanto antes, melhor.

—Saiu sem uma palavra, Claire.

Ela não tentou esquivar-se da ironia disso.

—Eu esperava que fosse um pouco mais fácil de aceitar, tendo em conta sua história com despedidas longas.

Ficou olhando-a, com os olhos entreabertos:

—O que acontece com você?

Ela deu de ombros com uma indiferença que não sentia.

—Nada.

—Por que saiu assim? Não pensou por um minuto que seríamos afetados se simplesmente desaparecesse sem explicação alguma?- Soprou uma maldição baixa e sacudiu a cabeça, contrito, apesar que seus olhos estavam ainda quentes pela ira. —Eu muito bem o merecia, sei. Mas se assustou muito antes. Fale comigo. Me diga o que está acontecendo.

Ela não podia dizer. Medo pelo que faria se soubesse que Roth estava perto congelou essa parte da verdade na garganta. Ela desviou de seu intenso olhar de sondagem.

—Tenho medo, Andreas. Eu só queria estar num lugar familiar, em algum lugar que eu pertencesse. Depois de tudo o que aconteceu, suponho que só queria estar em casa. Eu queria um pouco de paz.

—Lar e paz- disse, a dúvida marcando sua boca com linhas de tensão —Não, eu não acredito. Você saiu disparada dali como se fosse eu e não podia sair com suficiente rapidez. Quero saber por que. Foi por causa do que aconteceu... no sonho? Por que eu não quis te machucar. Quero que saiba que te quero...

Quando só o olhou em muda tortura, sua mão se aproximou para acariciar brandamente sua bochecha.

—Deus, Claire... tudo o que queria era te manter a salvo.

Um soluço abriu caminho até a garganta.

—Por quê?- Murmurou. —Por que me mostra carinho agora, Andre? Por que não então?

Ele xingou em voz baixa.

—Tive que te deixar ir para te manter a salvo.

Sacudiu a cabeça, pouco disposta a aceitar essa desculpa, mas ele a agarrou brandamente pelo queixo. A ponta do polegar era um suave contato, roçando os lábios.

—Fui pelo que tinha me convertido. Você viu agora, O fogo que vive dentro de mim. Eu



estava horrorizado ao pensar no que poderia fazer aos que amava. A você, Claire. Cristo... especialmente a você.

Ela tragou saliva com a garganta seca.

—Por que não me disse tudo de uma vez? Poderíamos ter trabalhado nisso.

—Não- disse —Não havia como trabalhar isso, então não. O artefato explodiu fora de mim sem nenhuma advertência. Eu vivi parte de minha vida sem saber o que minha fúria podia fazer. Uma vez que se soltou a primeira vez, é minha propriedade. Sai da Alemanha porque era a única coisa que podia fazer. Levou grande parte do ano para finalmente domar o fogo. No momento em que retornei, já estava com Roth.

Claire escutava, tentando pôr todas as peças em seu lugar em sua mente.

—Portanto, por toda sua vida, nunca soube nada a respeito de sua capacidade pirotécnica?

—Não até a última noite que te vi.

—Discutimos- disse, recordando suas palavras de despedida.

Passaram a maior parte da noite em Hamburgo, desfrutando da companhia um do outro como haviam feito durante os vários meses que ficaram juntos. Mas então se converteu em ciúmes quando outra mulher começou a paquerar com ele. Andreas tinha sido sempre um ímã para companhia feminina, com sua boa aparência e seu carisma fácil, mas jurou que só estava interessado nela. Claire não acreditou. Disse que queria uma prova, um compromisso que seu amor era verdadeiro. Quando duvidou, incomodou-se e ficou assustada que em realidade não a amava. Ela o chamou de egoísta, irresponsável. Coisas desagradáveis. Ela tinha parecido razoável e sábia então.

—Arrependi-me de minhas palavras no momento em que as disse- falou. Era uma desculpa algumas décadas atrasada. —Eu era jovem e tola, e fui injustamente dura contigo, Andreas.

Ele deu de ombros.

—E eu era um tonto cabeçudo que deveria saber melhor. Em seu lugar, eu estaria muito ansioso de provar sua verdade.

—Depois de te deixar no Darkhaven de Roth, fui à cidade em busca de uma briga. Encontrei umas poucas, em realidade, e depois que houvesse feito sangrar suficientes nódulos e utilizá-los para romper o rosto de alguns outros, encontrei-me em um hotel de estrada em companhia de duas mulheres intoxicadas que me pegaram de um bar no caminho.

A decepção de Claire ao conhecer este momento foi retratada por sua preocupação pelo que parecia ter acontecido a seguir.

—Em algum momento, alguém bateu na porta. Outra mulher. Deixei-a entrar, e porque estava distraído... por minha própria estupidez, não me dei conta que tinha uma faca na mão até que ela me cortou na garganta.

Claire deu um coice, torcendo seu coração ante a ideia.

—O que fez?

—Eu sangrava- respondeu simplesmente. —Eu sangrava muito, pensei que ia morrer por isso. Quase o fiz, de fato. Eu estava muito fraco para lutar, quando um grupo de homens Raça entraram na habitação e me levaram a um caminhão no beco exterior. Algemaram-me e me deixaram no campo de um agricultor remoto sangrando e para virar pó com o amanhecer.



—OH, meu Deus. Andre... Vi esse campo, não? Você me mostrou isso em seu sonho de ontem.

Seu olhar era uma resposta a uma confirmação sombria.

—Em algum momento entre essas horas terríveis e o amanhecer, senti um calor natural que começava a arder dentro de mim. Segui crescendo, até que meu corpo estava banhado em ampolas de energia. E então explodiu de mim. Não recordo tudo, que é um dos efeitos secundários menos desagradáveis, como eu vim a aprender.

Os incêndios queimaram dentro de mim, mas minha pele não se ardeu. No início quando começou a crescer, as algemas se dissolveram. Tentei lutar por um pouco de sombra, mas estava fraco pela perda de sangue. Não vi a jovem até que ela ficou de pé junto a mim.

Um nó de medo apertou atrás do esterno do Claire.

—Uma garota?

Ele assentiu com a cabeça, só o mínimo movimento de sua cabeça.

Tinha a boca estirada, seu rosto rígido com pesar.

—Ela devia ter uns dez ou doze anos, pela manhã chamando um gato perdido. Ela veio para mim lutando com a terra e me perguntou o que podia fazer para me ajudar. Devido à lesão na garganta, eu não tinha voz. Não a poderia ter advertido a distância, embora não tinha a menor ideia do que aconteceria se ela se aproximasse muito a mim, enquanto meu corpo ainda morria com o calor.

Claire fechou os olhos, compreendendo agora. Pôs sua mão na bochecha, sem palavras para expressar a dor que sabia que devia ter sentido pelo que havia feito à menina. A dor era evidente e se sentia inclusive agora, todo este tempo depois.

—Arrastei-me fora do campo como um animal, que é como me senti. Pior que um animal, que destruí alguém tão inocente e pura. Encontrei refúgio em uma cova para que pudesse me curar. Uma vez que me recuperei, fugi. Não podia ficar... não depois do que tinha feito. E no tempo, já que apesar de passarem muitos anos sem que os incêndios retornassem, eu todavia vivia com o temor de machucar às pessoas que me importava mais. Seus dedos eram luz em seu cabelo, de licitação, já que lhe roçou a testa. Te deixar nunca esteve em meus planos. Depois retornei e ouvi que a juntaram a Roth, então fiquei em Berlim, e me disse que estava melhor com ele. Assim poderia estar seguro de que sempre estaria a salvo da morte dentro de mim.

—Vi seu poder, Andre. Vi o que pode fazer. Mas não me dói. Não me machucou.

—Ainda não- respondeu, seu tom sombrio —Mas agora é mais forte que nunca. Foi imprudente de minha parte convocar os fogos na noite que meu Darkhaven foi atacado. É mais mortal que antes, e cada vez que a fúria cobra vida em mim, queima mais quente que a última vez.

Claire viu sua tortura, mas em vez de despertar sua simpatia, provocou raiva.

—Sua vingança vale tudo isso? É algo digno de tirar a vida a fim de consegui-la? Isso é o que está fazendo, Andre. Está se matando com este terrível poder, e sabe.

Burlou-se bruscamente, uma negação sem palavras.

—Estou fazendo o que devo fazer. Não me importa o que me acontece no final.

—Eu- disse —Maldita seja, importa-me o que te aconteça! Estou olhando agora e vejo um homem que está destruindo a si mesmo com fúria. Quantas vezes mais poderá sair das chamas,



sem se perder nelas? Quanto tempo antes que o fogo consuma sua humanidade?

Olhou-a durante um longo momento, sua mandíbula quadrada apertou forte.

Sacudiu a cabeça.

—O que quer que faça?

—Pare- disse. —Pare tudo isto, antes que já não tenha a capacidade de pôr um fim.

A lógica era tão clara para ela. Havia uma opção óbvia: soltar-se da raiva e viver, ou continuar sua busca de vingança e perecer, seja pelo poder que podia ver que era a destruição dele, ou pela guerra com Wilhelm Roth.

—Não posso deter-me, Claire. Cheguei muito longe para voltar atrás e sabe. Pressionei muito Roth nestas últimas noites e nas semanas em que o estive procurando. Ele exalou um suspiro cortado e a boca se curvou em um sorriso sem senso de humor. -Irônico, não? Que o que me levou longe de você seja o que nos juntou de novo, tal como é. Mas o que disse antes é correto. Merece a paz agora... e a deixo...

Aproximou-se e apertou seus lábios contra sua testa, logo baixou um tenro beijo na boca. Deu um passo atrás, voltou-se e começou a se afastar.

Claire o viu iniciar sua partida. Seu coração se rompeu um pouco com cada passo que dava. Não podia deixá-lo ir, não assim. Não, quando cada fibra de seu ser estava pedindo a gritos que ficasse.

—Andreas, espera.

Ele seguiu, passos longos que o levavam cada vez mais longe dela.

Ela não podia parar mesmo se estivesse acorrentada e esquecida atrás dele. Claire correu para a grama e pegou sua mão. Deu a volta para o olhar, tantas palavras e pesares que obstruíam sua garganta.

—Não vá- foi tudo que pôde dizer. Era uma súplica.

Seus olhos escuros brilhavam com faíscas âmbar. Sua pele dourada parecia mais fina na lua, sua boca uma linha determinada que não chegava a ocultar o fluxo de presas atrás dos lábios.

—Andre, por favor... não vá.

Claire se levantou sobre seus pés e curvou seus dedos ao redor de sua nuca forte, arrastando-o para baixo para encontrá-lo com seus lábios. Ela o beijou com toda a paixão que sempre havia lugar para ele - todo o desespero, desejos impossíveis que tinham vivido em seu coração todos estes longos anos.

Ele devolveu o beijo com ardor ainda maior. Seus braços a envolveram, esmagando-a contra ele para que pudesse sentir o calor duro de seu peito e coxas e a mais difícil, uma parte mais quente que pulsava como uma parte de aço espessa no quadril. Claire se deleitava em sua excitação, no quente e áspero gemido que vibrava em seus ossos, enquanto rompia o beijo para enterrar seu rosto na curva de seu pescoço e ombro. Ele a queria, tanto ou mais que ela o queria - necessitava.

Isto não era um sonho agora. Isto era real e cru, e mesmo assim, tão correto.

—Deus, Claire- ofegou, a ponta de suas presas lesando a pele suave de sua clavícula —Por que não pôde me deixar ir?

Sacudiu a cabeça, também faltando palavras ou razão. Tudo que sabia era o desejo que



sentia por este homem, esse incrível macho Raça honorável que deveria ter sido dela. Que nunca poderia ser seu uma vez mais, uma vez que a busca da justiça que o consumia, finalmente o afastasse dela.

Claire passou as mãos sobre os músculos dorsais de seu corpo, jogando a cabeça para trás para deixar que sua boca vagasse por onde quisesse em sua pele. Ela ofegava com fome, com as pernas sob a fusão de calor que era detonante em seu núcleo.

Andreas voltou o olhar ao seu rosto. Estava tão formoso, tão selvagem e poderoso, que a fazia sofrer. Viu a paixão nua em seus crepitantes olhos âmbar e sabia que ele via a mesma necessidade nela. Ela não podia negá-lo. Ela não era suficientemente forte para tentar.

Ficaram muito tempo separados. Muitos obstáculos que agora pareciam impossíveis de superar. Mas tinham o desejo. Claire estremeceu nele, e sentiu uma vibração similar através de Andreas enquanto se aferrava nele.

—Por favor- sussurrou, precisando sentir seu peso.

Precisava sentir seu corpo se fundindo com o dela, não em um sonho ou memória, mas carne à carne. Nu e carnal.

—OH, Deus, Andre... por favor. Fique comigo de novo agora.

Ele grunhiu contra sua garganta, uma blasfêmia bruta, que só fez o pulsar mais forte.

Com segurança e uma graça fluída de movimento, levantou-a, elevando seus pés do chão e a carregou com a força dos músculos de seus braços. Ele a levou através da grama, às portas francesas da casa. No interior, pouco a pouco a deixou em meio dos envoltos móveis fantasmiais. Beijou-a com ternura, com doçura, puxou a borda de um lençol branco que cobria uma antiguidade, uma cadeira almofadada e o jogou a um lado.

Claire se deixou guiar por ele ao assento elegante, recostada enquanto se abatia sobre ela como uma espécie de imenso deus. Beijou-a um pouco mais, enquanto seus dedos começaram a desabotoar seu suéter.

A diferença de seu encontro em sonho, desta vez a roupa não se limitou a dissolver-se. Andreas levou seu tempo para despi-la, a boca roçando com adoração em cada polegada de sua pele. Ele sugou os seios e brincou na curva de seu ventre e quadril. Quando cuidadosamente cortou as calças e as calcinhas, colocou a cabeça entre as coxas e atacou enlouquecedoramente a tenra pele, sua língua nas pétalas úmidas de seu núcleo.

Claire jogou atrás a cabeça e gemeu de prazer, enquanto a amava com sua boca e brincava com as pontas brancas de suas presas.

Seu primeiro orgasmo a tomou totalmente de surpresa. Equilibrou-se sobre ela e a levou mais alto, um prazer que ela não poderia conter mais que o grito quebrado que enviou até o teto, quando o orgasmo se apoderou dela. Andreas rodou em seu amor, paciência, apesar de que lhe tremiam as mãos, já que patinava sobre seu corpo nu, amassava e acariciava sua pele quente.

—Tem um gosto tão bom- murmurou contra sua umidade -Inclusive mais doce do que eu recordava. Melhor que qualquer sonho.

Claire pôs as mãos sobre seus ombros, empurrando de volta quando se endireitou. O empurrou para baixo, e logo se arrastou por cima dele, a cavalo entre as pernas com as coxas nuas. Passou as mãos por baixo da camisa aberta, despiendo-o para que sua boca o explorasse.



Quando tinha trabalhado seu caminho até a garganta, despojou-o da camisa por completo e deixou que seus olhos desfrutassem da beleza única de seus padrões de dermaglifos. Agora, com o desejo gravado em cada músculo tenso de Andreas e expressão, seus dermaglifos estavam cheios com o anil, vinho e ouro mais escuro. Claire riscou com a ponta do dedo, logo com a cabeça inclinada e seguiu os redemoinhos complicados e floridos com a língua como tinha desejado desde que o viu sentado na beira do lago iluminado pela lua de seu sonho.

Alguns dos dermaglifos seguiam mais abaixo de seu corpo, recordava vividamente. Não querendo se descuidar de nenhuma parte dele, Claire desabotoou sua calça e afrouxou o zíper. Conteve a respiração enquanto acariciava a suave pele da virilha e os desenhos em sua carne tenra. Quando puxou as calças, além da arena onde sobressaía a cabeça de seu pênis, continuando, mais abaixo, exalou um xingamento.

Claire beijou ao redor de seu membro grosso, admirando a largura, a longitude e a potência dele antes que baixasse a cabeça e tomasse a ponta dele na boca. Ela só brincava, por agora, sentindo o sabor salgado dele. Ela não queria se apressar. Ela queria prolongar este momento, esta noite roubada que tinha sonhado durante tanto tempo.

Quando falou, sua voz estava rouca de paixão.

—Tem alguma ideia de quantas vezes quis te procurar quando estava dormindo? Havia dias, às vezes semanas, que era tudo o que pensava... tudo o que queria fazer era sair correndo para te procurar. Para conhecer este prazer de novo com você. Você foi o único, André. Sempre foi você.

Ele grunhiu, um som de posse total, descarada. Suas mãos foram ao seu cabelo, com força contra a parte traseira de sua cabeça enquanto se inclinava sobre ele uma vez mais e o levou totalmente na boca. Ele se arqueou, assobiando um grito mudo enquanto se afundava mais profundamente nela.

—Ai, Deus!- disse com voz entrecortada. -Isso é tão condenadamente bom. Claire, não se detenha...

Ela não se deteve. Ela não se cansava dele, nem sequer quando seu corpo estremeceu duro e em sua liberação rugiu. Ela o acariciou com a língua e a garganta, ávida por tudo que lhe daria depois de tantos anos de querer.

De amá-lo.

Ela não podia negar que era amor o que sentia por ele à medida que saiu de seu alcance e saqueou sua boca com febris beijos exigentes. Era amor o que enchia seu coração enquanto enchia seu corpo com o dele.

Era amor que a fez gritar seu nome quando a levou para outro ponto culminante devastador, antes de começar a seduzi-la de novo.

A cadela estava dolorosamente provando sua paciência.

Wilhem Roth fechou suas mãos em punhos e as conduziu através da janela nublada do armazém de Boston ao que se viu obrigado a atravessar a pouco. A dor passou através dele quando tirou a mão dos cristais quebrados, a carne sobre os nódulos ralada e ensanguentada. Sabia que Claire ia sentir também, de longe, tal e como sentia a prova de sua infidelidade atual



com Andreas Reichen.

Seu prazer fez ferver o ácido no estômago.

A alegria que compartilhava com Reichen lhe deu vontade de matar a ambos.

Grosseiramente.

Tinha ficado um pouco mais que surpreso ao detectar a presença de Claire, perto de Boston no início desta noite. A consciência dela se desvaneceu, mas estava seguro que estava na Nova Inglaterra, em alguma parte. Ela e Reichen, ao que parecia. A única coisa que o impedia de caçar o casal era o fato de que suas mãos estavam cheias com a missão atual de Dragos na cidade. Dragos deixou suas prioridades muito claras quando o tinha banido a Boston, e Roth não o ia defraudar.

Ele teria sua oportunidade para fazer Claire e seu maldito amante pagar.

Estava seguro que teria uma grande oportunidade para infligir uma grande dor em ambos logo.

E não podia esperar.

Ele tinha estado mastigando o fato de que Dragos tinha dado a entender que Reichen estava envolto com a Ordem. Não seria surpreendente se fosse certo. Apesar da arrogância do varão e insubordinação, teve durante muito tempo um ar de justiça com ele.

Roth supôs que o homem tinha um determinado código de honra, mesmo assim, no passado, quando esteve farejando as saias de Claire depois que Roth já tinha decidido que seria só dele. Não importava que já tinha uma companheira, ele e Ilsa tinham sido um casal pobre, que haviam se unido a toda pressa em um momento de paixão e se aborrecido não muito tempo depois.

Devia ter-se liberado dela antes do que tinha feito, mas logo Claire se aproximou e lhe deu a desculpa que necessitava.

Ou, melhor, Andreas Reichen tinha proporcionado a desculpa, pouco tempo antes que outro homem tivesse encontrado à bela Claire Samules.

Roth se perguntava frequentemente se Reichen sabia do desprezo fervente que tinha inspirado quando Ilsa mostrou um débil gesto de amabilidade na recepção Darkhaven. Tinha sido uma coisa pequena, em realidade, uma jaqueta seca para cobri-lo quando Roth os tinha enviado a um balcão empapado de chuva, quando se atreveu a contradizê-lo diante de seus companheiros. Teve a intenção de castigá-la em privado, mas Reichen saiu ao exterior e a descobriu sentada só no frio. Embora pareça incrível, teve o descaramento de insistir que pegasse seu casaco e logo dispôs seu condutor a enviá-la para casa sem a permissão de Roth.

Roth se acendia inclusive agora com apenas pensar nisso.

Houve febre então também, e esperou uma oportunidade para pôr Reichen firmemente em seu lugar. Encontrou-se ao azar, uma vez que Claire chegou a Hamburgo e chamou a atenção de quase todas as Raças disponíveis na região. Reichen inclusive. Assim Roth tinha esperado e observado, e quando foi o momento, pôs seus homens frente a Reichen. Claire devastada recolheu os pedaços de seu coração destroçado e logo se lançou à tarefa de ajudar aos pobres. Tomá-la como sua companheira não foi mais que a cobertura em um bolo já delicioso.

OH, ele teve que matar Ilsa para limpar o caminho, mas foi um pequeno inconveniente para ter a satisfação de saber que havia feito seu ponto com Reichen e roubado a mulher que amava.



Não pode ficar mais surpreso ao saber que Reichen tinha reaparecido em Berlim nesse mesmo ano. Para crédito dos jovens do sexo masculino, depois do que provavelmente foi uma lição muito amarga para aprender, ficou muito longe de Hamburgo e de Claire. Até o verão passado, quando a prostituta humana que tinha sido a última amante de Reichen começou a farejar os assuntos de Roth.

Não tinha tido a paciência para tratar com Reichen de novo, e assim enviou uma rápida e clara mensagem ao Darkhaven de Berlim, onde Reichen e sua família viviam. Rápida e clara, mas não funda o suficiente, já que o ataque tinha deixado Reichen vivo.

Não de novo, Roth prometeu.

Quando voltasse a ter Andreas Reichen em sua mira, o filho da puta morreria.

Melhor se pudesse enviar Claire com ele à morte.

As agradavelmente sádicas reflexões de como poderia obter estes dois objetivos formavam redemoinhos em sua cabeça quando o telefone celular no bolso do casaco soou.

—Sim, senhor.

—Confio que sua operação corre como estava previsto- disse Dragos, em um tom quase desafiando Roth a defraudá-lo.

—O desvio está perfeitamente sob controle, senhor. Como prometi que seria- Dragos grunhiu. — Mantém este caminho. Estou quase terminado com os preparativos aqui. Logo o novo objetivo estará em marcha.

—Muito bem, senhor- disse Roth —Vou continuar com o plano como falamos e aguardando mais ordens.

Capítulo 16

Na manhã seguinte, enquanto Reichen ficava e tentava não ser paranoico sobre o perigo que espreitava em cada esquina da rua ou beco, Claire partiu da casa com seus euros restantes e se dirigiu à cidade para trocar o dinheiro e buscar um pouco de comida para ela e roupa para ambos. Reichen tinha tentado convencê-la que esperasse até a noite quando podia ir com ela, só em caso que se metesse em problemas, mas o roçou com um olhar e o deixou sentado na casa. Esqueceu-se de tão independente que era, e uma parte dele admirava o fato que várias décadas sob o polegar de Roth não tinham roubado seu espírito.

Entretanto, se preocupou.

Ele sabia que estava a salvo de Roth ou Dragos ou qualquer outro membro da Raça tanto tempo como durasse o dia e o sol os mantivesse encerrados. Mas a parte protetora dele, a parte que ainda não aceitou que não era o líder de um Darkhaven, responsável por manter seu lar e sua família fora de perigo, opôs-se à ideia de Claire caminhar por aí sem ele. Ela era muito preciosa, muito vulnerável em um mundo cheio de perigos ocultos.

Ela era um tesouro digno de preservar a qualquer custo.

E ela não era sua...



Maldita seja, ela não era dele, mas levou pouco esforço para recordar a noite anterior. Tinham passado uma noite incrível juntos, fazendo amor na sala de estar com vista ao Atlântico, logo outra vez em cima, na cama com dossel que foi de Claire quando era uma moça na casa de sua avó. E outra vez antes do amanhecer desta manhã, depois que ela se levantou para assegurar que todas as persianas e cortinas estavam corridas para protegê-lo do sol.

Teria gostado de tê-la seguido na ducha antes que ela partisse para realizar suas atividades, mas ela o repreendeu brandamente e o recordou que teriam um monte de tempo juntos. Mas não tinham esse luxo, e ele sabia. Era fácil imaginar que sua reunião era uma pausa em um entorno idílico, sem constantes avisos que a escuridão que deixaram atrás na Alemanha poderia durar para sempre.

Não podia.

Sentia-se tão bem por estar de novo com Claire, mas não podiam ficar em Newport juntos por muito tempo. Até que Roth fosse encontrado e eliminado, ela precisava estar num lugar protegido e fora de seu alcance, não ia gostar, mas enquanto Roth estivesse vivo e capaz de pôr suas mãos sobre ela, deveria estar sob a guarda da Ordem. Quanto antes melhor.

Para Reichen, cada minuto que não estava procurando Roth era uma oportunidade para o bastardo cavar mais fundo onde estava e continuar suas maquinações junto com Dragos. Reichen sabia que tinha que gastar cada respiração e esgotar todos os esforços para caçar Roth. Sua vingança ainda ardia em seu ventre e seu problema com Wilhelm Roth não seria perdoado simplesmente porque tinha Claire para esquentar seu coração e sua cama.

Não podia permitir que Roth continuasse respirando, quando ele era mau até a medula. Nem enquanto poderia decidir sancionar Claire afastando-a da vida de Reichen de novo.

Com aquele pensamento alimentando sua cabeça, ele tirou o telefone celular que Tegan lhe deu e discou o último número da marcação rápida. O número soou duas vezes antes que o acento britânico de Gideon respondesse a linha.

—Quem fala? — disse, a voz ao outro lado da linha.

—É Reichen. Peço desculpas por não chamar ontem à noite.

—Não se preocupe. Onde está?

Nu depois de sua recente ducha, recostou-se em uma cadeira em Newport, Rhode Island.

—Encontra-se com sua fêmea?

—Sim, — respondeu Reichen, sem incomodar-se em esclarecer que ela não era sua fêmea, de fato, sua nada.

—Tudo está bem. Claire está a salvo, e eu também. Encontrou algo sobre Roth?

—Nada ainda, mas estamos trabalhando nisso. Estou falando com alguns contatos internacionais neste momento. Confia em mim, queremos conseguir este bastardo tanto quanto você. Ele pode ser nosso vínculo mais sólido para chegar a Dragos neste momento, assim estamos golpeando com força sobre cada pista que podemos juntar sobre ele.

A forma que Gideon falou, fez Reichen considerar o fato de que deveria estar ali com os guerreiros, aprofundando todas as pistas sobre o paradeiro de Roth e ajudando-os a encontrar o filho da puta. Estava ansioso por fazer precisamente isso, sentia coceira nas palmas com a necessidade de estrangular o pescoço de Roth até deixá-lo sem vida, por tudo que tinha feito.



—Então, como está a história aí em Newport?— Gideon perguntou. —Você vai atrasar um pouco mais?

— Não — disse, apesar de sua resposta estar dividida entre o que seu coração queria dizer e o que seu dever exigia. —Sem mais atrasos. Tenho que esclarecer umas coisas, mas Claire e eu podemos ficar prontos para ser recolhidos mais tarde esta noite, se pode arrumar isto.

—Não há problema. Posso ter um dos homens ao redor de uma hora depois do pôr do sol.

Reichen franziu o cenho, calculando o breve lapso de horas, o que o faria dar a notícia a Claire assim que chegasse em sua casa. Outra vez.

—É possível que necessite um pouco mais de tempo, Gideon. Claire não sabe que eu chamei, ou que vamos sair esta noite de Newport. Ela acaba de sair de uma jaula dourada, tenho a sensação que não estará ansiosa para entrar em outra.

—Ah.—O guerreiro deixou escapar um suspiro de pouca profundidade. —Portanto têm que falar com ela sobre algumas coisas? Bem, boa sorte com isso.

—De fato, — respondeu Reichen, sabendo que era uma conversa que devia ter antes com Claire, —Vou estar em contato mais adiante sobre a programação da caminhonete.

Ao desconectar a chamada, a fechadura da porta dianteira se abriu. Claire entrou, olhando com cautela dentro da casa para assegurar-se que não estaria no caminho da luz que se derramava em torno dela.

—Olá—, disse sorrindo enquanto fechava a porta e ficava de pé para saudá-la. —Está nu.

—E você deveria estar—, disse, surpreso pela rapidez com que seu corpo respondia à vista dela.—Como foi com as compras?

—Bem sucedida—. Levantou duas sacolas cheias de comida em uma mão e um monte de sacolas de lojas de departamento na outra. —Uma destas sacolas é para você—, disse, sustentando uma sacola com o logotipo de uma loja de roupas para homens. Este é um jogo de lençóis e travesseiros, e o resto é para mim. Não posso esperar para pôr algo mais fresco que estas coisas.

Reichen caminhou para ela, com suas intenções descaradamente claras.

—Acredito que deveria te ajudar—. O sorriso que lhe deu de resposta foi brincalhão. Mato ao que tente me separar de você.

—Primeiro tem que me pegar.

Deixou cair as sacolas de comida e correu para a escada com as sacolas de roupa ao seu lado. Reichen se lançou atrás dela, dando um passo para cada três dos seus. Ele a pegou na metade do caminho até o segundo andar. Escutou um grito sobressaltado dissolvido entre risada... então, em pouco tempo, gemidos e suspiros de uma mulher plenamente satisfeita.

Essa noite, depois de uma longa ducha quente, Claire se secava com a toalha, seu corpo ainda zumbido das horas de amor que tinha passado com Andreas. Ela saiu do banho e o encontrou descansando como um rei na cama. Sua longa e musculosa perna se estendia até o final do colchão, a outra dobrada por acaso no joelho. Estava apoiado nos travesseiros, seu braço direito escondido atrás de sua cabeça. Os dermaglifos no torso, braços e coxas estavam ainda com vida mas pouco a pouco mudavam para o tom dourado de sua pele.

Inclusive em repouso, seu sexo era impressionante.



Ela não podia acostumar-se a vê-lo nu. A lenta curva de seus lábios dizia que sabia exatamente o que a vista fazia a ela, e seu ego masculino, por não mencionar outras partes - se orgulhava de ser observado de maneira regular e agradecida.

Claire rompeu o feitiço que seu corpo nu parecia pôr sobre ela e se aproximou para pegar a roupa limpa que tinha escolhido para vestir. Dirigiu-lhe um olhar irônico, tirou as etiquetas das calças jeans e o suéter de cor cinza pálida.

—É mau para mim, sabia?

—Sem dúvida -replicou-, mas enquanto ela estava brincando, parecia sombrio. Ele parecia preocupado de algum jeito, como se os pensamentos sombrios pesassem. Estava a ponto de perguntar o que acontecia quando se levantou da cama e caminhou para ela, trazendo uma rodada saia de lã negra com ele. —Usa a saia esta noite em lugar das calças jeans, também as botas altas.

Ela o olhou, duvidosa.

—Pode me mostrar os arredores de sua cidade natal.

—Agora?—Perguntou ela, sem dúvida emocionada pela ideia.

Parte de sua dúvida era pelo fato que todo o dia Andreas não mencionou Wilhelm Roth ou o negócio com a Ordem que ainda o esperava em Boston. Claire não queria que nenhuma dessas coisas interferissem em seu tempo juntos, mas não era tão ingênua para pensar que algumas horas de sexo -sexo realmente surpreendente- o faria esquecer a vingança que arrastava.

Como ela o via, esta era possivelmente uma pausa prazenteira antes de uma tormenta. Que poderia despertar e verificar que esta breve fuga com Andreas tinha sido só um sonho. Esperou que esta fração de tempo perfeito se fizesse em pedacinhos e caísse ao redor de seus pés, mas o sorriso de Andreas era tão encantado como sempre, mais ainda, seu corpo ainda estava quente e emitindo zumbidos pelo resplendor de seu amor.

—Passou muito tempo desde que te pedi um encontro adequadamente, Claire. Aceita?

—Sim—. Ela assentiu com entusiasmo. —Eu adoraria.

—Vista-se—, disse. —Vou tomar uma ducha, me espere no térreo.

Ela estava feliz como uma colegial apaixonada, pôs a saia e o suéter, e logo colocou as botas sexy e desceu flutuando para a sala para esperá-lo. Quando desceu uns minutos mais tarde, recém-tomado banho, barbeado e vestido, seu cabelo castanho despenteado e úmido ao redor de seu rosto, Claire sentiu um puxão no peito. Estava incrível numa calça cinza e camisa negra de seda que comprou. Tão assombroso que tudo o que queria fazer era tirar tudo e ter seu corpo nu com ela de novo.

— Está pronta? - perguntou.

Ela assentiu e pegou sua mão estendida. Foi uma noite agradável, mas claro, percorreram a curta distância ao centro histórico de Newport. Mudou muito desde a última vez que Claire tinha estado em seu lar há uns vinte anos atrás. Boutiques, lojas familiares e os restaurantes foram deslocados pelos hotéis e compartilhados pelas lojas de roupa em pequenas quantidades e restaurantes chiques.

A parte favorita de Claire da cidade continuava sendo o cais de Newport. O cais era um lugar mágico, especialmente à noite. Flutuando brandamente na corrente escura. A entrada era uma



mescla eclética de iates e veleiros milionários junto aos barcos de pescadores e turísticos por toda a parte do porto. Galerias, lojas e restaurantes beiravam as calçadas que os levava ao cais, radiantes com suaves luzes amarelas e vibrantes com o som da risada e conversa de uma multidão de turistas de finais do outono que estavam a passeio, igual a Claire e Andreas.

Aí fora, entre esta humanidade imensa, tão anônima e muito longe do trauma e violência da vida que tinha deixado só a algumas noites, Claire quase podia fechar os olhos e imaginar um futuro em paz. Muito melhor com sua mão brandamente presa por Andreas. Com ele ao seu lado como estava, quase podia fingir que seu amor era como tinha sido antes, com nada mais que a aventura e a felicidade diante deles.

Claire não tentou pensar em Wilhelm Roth. Já não podia pensar nele como seu par, se alguma vez havia realmente feito esse papel. Ela sabia que era perigoso, mais ainda agora que era consciente de que se deitou com Andreas. Havia-lhe feito conhecer seu desgosto ontem à noite, quando enviou uma pontada de dor física através da conexão de sangue que compartilhava com ele. Sua mensagem não pôde ser mais clara. Companhia ou não, Wilhelm Roth agora era seu inimigo tanto como era de Andreas.

Esse pensamento se aferrou a ela quando entraram em uma chocolateira junto ao cais.

—Vêm aqui—disse, levou-a às vitrines brilhantes que continham uma variedade de deliciosos doces.

Claire o olhou com curiosidade, sabendo que o sistema digestivo da Raça não podia processar os alimentos humanos, exceto em quantidades insignificantes e, em geral só para efeito de aparentar ser um ser humano. O que era uma lástima, pensou, olhando à coleção de chocolates que deslumbrava os olhos e a tentação do paladar.

—Qual quer provar primeiro?

Mordeu o lábio, em apuros para decidir.

—O brilhante com as bordas vermelhas se vê bem. Ooh, também o pequeno com manchas de ouro. E o que tem coco na parte superior.

Enquanto estava vacilando entre suas opções, um calvo homem de meia idade saiu da parte traseira da loja. Ele deu um sorriso amável e com um gesto de saudação, deixou suas coisas atrás do balcão.

—Outra boa noite de verão—, disse. —Poderia ajudá-los com algo?

—A senhora gostaria de provar alguns de seus chocolates,— disse Andreas.

—É obvio. Quais são de seu interesse, querida?

Claire levantou a vista e se reuniu com o amável olhar do comerciante.

—Posso provar um pouco desse chocolate?

Ele assentiu com a cabeça.

—Uma excelente escolha. É o chocolate da casa.

Claire deu uma pequena dentada e saboreou o sabor agridoce de cacau com uma percentagem alta de chocolate escuro. Derreteu como manteiga na língua.

—OH, meu Deus—, murmurou ao redor da explosão de felicidade na boca. —É maravilhoso.

O lojista sorriu, seus olhos pareciam deter-se no rosto de Claire durante um bom tempo



antes que olhasse Andreas.

—Para você, senhor?

—Não, obrigado. Mas por favor, dê o que ela gostar.

O homem pôs-se a rir.

—Uma filosofia de sábios.

Claire assinalou ao chocolate escuro com bordas vermelhas.

—Qual é este?

—Chocolate preto com purê de framboesa. Quer um?

E quando Claire o olhou ele sentiu que a reconhecia.

—Sinto muito—, disse franzindo o cenho. —Conhecemo-nos?

—Não, eu não acredito.

Riu, coçando o queixo cinza.

—Você parece com alguém que conheci faz muito tempo. A viva imagem, de fato.

—É mesmo?— Perguntou Claire, sua atenção se dirigiu até a etiqueta de latão prateado que levava o logotipo da loja e seu nome: Robert Vincent.

—Não acredito que o conheça.

—É a coisa mais disparatada. Você é exatamente igual a minha companheira de escola secundária. Te diz algo o nome de Claire Samuels? Significa algo para você?

Junto a ela Andreas tinha guardado um mortal silêncio. Claire piscou, surpreendida por ouvir seu nome de solteira sair da boca do homem. É obvio que poderiam ter sido companheiros de classe. Ela tinha viajado para estudar no estrangeiro quando tinha vinte anos. Se não fosse pelo sangue de Wilhelm Roth e a composição química incomum de seu próprio corpo, ela teria sinais externos similares a meia idade. Em troca, parecia a mesma de trinta anos.

—M-minha mãe—, balbuciou. —Você deve estar pensando em minha mãe.

—Ah!— Seu sorriso foi ainda maior agora. —Sua mãe, é obvio. Meu deus, você poderia ser sua gêmea!

Claire sorriu.

—Ouço isso de vez em quando.

—Devemos seguir nosso caminho—, Andreas interveio, um tom sombrio em sua voz.

—Como está sua mãe?— Perguntou o lojista.

—Bem—, respondeu Claire. —Ela vive no estrangeiro há muitos anos.

—Ela era a garota mais bonita de nossa classe, também uma das mais amáveis. E tocava piano. Aí é onde a vi pela primeira vez. Eu era assistente do diretor da orquestra sinfônica em nossa escola secundária.

—Buddy Vincent,— Claire exclamou, recordando o moço simpático, mas com dificuldade, já que olhava um rosto cansado e envelhecido pelo tempo, um homem mortal.

—Falou de mim então?—, Disse sorridente.

Andreas esclareceu a garganta com impaciência, mas Claire o ignorou.

—Sempre foi muito doce—, disse Buddy, recordando como, muitas vezes tinha tentado a fazer sentir-se bem-vinda e especial num momento em que ser diferente nem sempre era a coisa mais fácil.



—Significou muito para ela ter você como amigo.

—Bom—, disse. Aproximou-se para recolher uma das caixas de presente pequena e começar a encher com várias peças dos dois chocolates que chamaram a atenção de Claire. —Nunca foi uma tarefa ser amável com uma moça e bela. Quando você falar com ela, por favor, diga a sua mãe que envio meus melhores desejos.

—Farei-o,— disse Claire.

Voltou e entregou a caixa cheia.

—Desfrute destes, com minhas saudações.

—Está seguro?

—Vamos pagar por eles—, disse Andreas, ao mesmo tempo. —Quanto custam?

Buddy só sacudiu a cabeça.

—Eu não vou aceitar seu dinheiro. Por favor. São um presente.

Claire se aproximou e deu a mão com uma compressão suave.

—Obrigado, Buddy. Foi um prazer te ver.

—Cuide-se muito. Você e sua formosa mãe.

Claire disse um amável adeus a seu antigo companheiro de classe, e Andreas saiu num silêncio estranhamente inquietante. Mais que isso, parecia francamente irritado por algo.

—Está... ciumento?

Soprou.

—Por favor.

Claire jogou atrás a cabeça e riu.

—OH, não posso acreditar. Caminhamos através de uma multidão de homens e mulheres por igual. E acredita que me chama a atenção um idoso inofensivo.

—Nenhum homem é inofensivo, Claire.

—Vincent Buddy tem uns cinquenta anos de idade e é tão doce como um gatinho, — assinalou, sem deixar de sorrir e completamente divertida.

—Segue sendo homem—, Andreas grunhiu. —E segue olhando.

—Sim?— Claire puxou a parte dianteira da camisa para chamar sua atenção. Então, melhor deixar de pensar nele e me dar um beijo.

Com um olhar sombrio que prometia mais que uns beijos, Andreas fez exatamente o que ela pedia.

Capítulo 17

Kade capturou o aroma de sangue humano recentemente derramado só a algumas horas na patrulha da noite.

—Abaixo por esse beco.—disse a Brock e Chase, e ambos assentiram com a cabeça em silêncio.

Os três guerreiros se dirigiram juntos, sigilosos, as armas desencapadas e prontas para



disparar, enquanto começaram a descer o lance sem luz de asfalto que separava dois velhos edifícios de tijolo na parte mais sórdida da cidade. A estreita faixa de pavimento era asquerosa com o fedor de refugos humanos e lixo podre. Mas nada disso podia dissimular o cheiro acobreado que emanava do outro lado de um contêiner de lixo em mal estado.

Kade alcançou o primeiro ser humano morto. Era uma jovem mulher desta vez, rasgada tão brutalmente como o varão que ele e Brock tinham encontrado na noite anterior. Por desgraça para ela, o vampiro que tinha massacrado sua garganta, também tinha tido um gosto por algo mais. Sua saia curta estava destroçada na parte dianteira e ensanguentada. Suas brilhantes unhas pintadas de rosa estavam quebradas, seus joelhos raspados, como se tivesse tentado sem êxito afastar-se de seu assassino.

—Jesus— Brock murmurou entre dentes. —Esta garota é a filha de alguém. Talvez a irmã de alguém. Que classe de maldito animal faria...

O punho de Chase subiu em um sinal para cortar o bate-papo. Ele assinalou para os telhados sobre suas cabeças. Alguém estava ali. O rangido de uma pegada viajou até o beco na quietude da tranquila noite de outono.

Era Hunter?

Este novo cadáver verdadeiramente parecia encaixar em seu passatempo aparente.

—Vou subir.—Chase articulou.

—Não sem respaldo.—Kade respondeu, mas o ex-agente já estava em marcha. Ele embainhou sua arma e saltou sobre o contêiner de lixo em silêncio antes de saltar dali para agarrar a parte inferior de uma escada de incêndios negra no edifício. Com apenas um ruído, escalou os degraus de ferro desvencilhado, depois saltou acima e sobre o teto.

Um tiroteio se desatou no instante que Chase desapareceu da vista.

—Ah, merda.—Brock vaiou. —Esse demente filho da puta. Você pega a escada interior; vou subir a escada atrás dele.

Impulsionaram-se através de vias separadas para o teto, ambos chegaram em questão de segundos para encontrar Chase jazendo em um atoleiro de seu próprio sangue, sangrando de uma feroz ferida no peito. Ele estava gravemente ferido, mas respirando.

—Filho da puta.—Kade disse enquanto corria para o lado do guerreiro caído.

—Não... ele— Chase gemeu, contraindo a rosto com o esforço. —Não era Hunter...

—O que quer dizer com não é Hunter?— Kade disse. —Então quem diabos...

Outra chuva de balas atravessou a escuridão de um ponto invisível. O metal assobiou como uma bala. Os velhos tijolos destrocados.

Kade e Brock devolveram o fogo, disparando para a fonte do assalto, mas sem ver nada sólido para apontar. Mais balas voaram sobre eles.

Brock gritou de dor repentina.

—Merda! Me acertaram.

—Maldito seja.—Kade grunhiu, jogando uma olhada por cima a tempo de ver que o grande guerreiro negro tinha recebido uma bala na parte superior do bíceps. Tratava-se de uma ferida debilitante, mas nada grave. Chase, por outro lado... merda, o tipo estava realmente em mal estado.



A fúria por seus irmãos feridos rugiu pelas veias de Kade enquanto se apertou fora de uma chuva infernal de balas. Captou um brilho em movimento - escuro contra a escuridão - e viu seu agressor saltando ao terraço do edifício adjacente.

—Sacana em movimento. Vou atrás dele.

Deixou Brock para cobrir Chase e arrastou o traseiro atrás do enorme vampiro que saltava de um edifício a outro como um gato. Por não ser um Gen Um, como era obviamente sua presa, Kade não tinha esse tipo de velocidade, mas tinha determinação. Manteve-se acima, conduzindo pela desordem de uma variedade de sistemas de ventilação, portas de acesso, tubos soltos e ferramentas, e outros objetos que de algum modo tinha encontrado em seu caminho pelos tetos sobre Boston.

Justo quando estava ganhando terreno sobre o filho da puta, ele viu mais problemas encabeçando seu caminho. Em um teto longínquo, outro Gen Um vestido de negro saiu. Este tinha uma arma automática, também. Se ambos os vampiros viessem atrás dele com armas de fogo abrasadoras, ele estava mais que fodido.

Mas o segundo Gen Um não abriu fogo sobre ele. Ele abriu fogo contra a presa que fugia de Kade.

Houve um ruído espantoso quando as duas pistolas iluminaram a noite. Kade ficou no terraço mais próximo e viu com assombro enquanto o combate atravessava o caminho de volta com armas de fogo de mão em mão.

A luta foi feroz. Ossos foram partidos, a carne rasgada, e sons que não eram nada perto de ser humanos dividiram o ar quando a batalha se intensificou.

Kade sustentou sua própria arma apontada e preparada para abrir fogo, mas em meio da briga não podia estar seguro de qual dos vampiros eliminar. Finalmente um ganhou controle sobre o outro. Ele golpeou a cabeça de seu oponente no concreto do teto, logo pegou o que parecia ser uma parte de tubo e o elevou por cima de sua cabeça. O Gen Um que o sustentava soltou um rugido furioso, então desceu o tubo como um martelo do próprio inferno.

Um ruído metálico e agudo soou um instante antes que um relâmpago de luz branca e pura saísse disparado da escuridão.

Kade golpeou o chão. O instinto o levou a deitar-se sobre seu ventre e o manteve ali até que o raio penetrante saísse um momento depois. Quando ficou escuro outra vez, sentou-se de cócoras. No outro terraço, o Gen Um vitorioso também começava a levantar-se. Apesar da maior parte de seus músculos e quase a totalidade de seu sentido comum lhe dizer que mantivesse seu traseiro plantado, Kade pegou sua arma e saltou através da distância para fazer frente a ele.

Ele se aproximou com cautela, o dedo preparado para carregar o filho da puta com um monte de chumbo. Quando se aproximou, conseguiu uma olhada do Gen Um morto. Sua cabeça estava separada de seu corpo, queimaduras ainda candentes em um círculo perfeito ao redor de seu pescoço e esses familiares dermaglifos que Kade tinha visto no vampiro que tinha seguido na noite anterior.

No chão junto ao cadáver defumado havia um colar negro e amolgado equipado com algum



tipo de dispositivo eletrônico. Um pequeno LED¹² vermelho com luz de alerta, logo se desvaneceu.

Kade olhou o rosto do vampiro morto e amaldiçoou em voz baixa. Chase tinha razão. Não era Hunter. Pareciam-se o suficiente para ser relacionados em sangue - irmãos, inclusive - mas não era o assassino Gen Um que tinha chegado a bordo com a Ordem há umas semanas.

Não, Hunter se levantou e se aproximou de Kade agora. Ele deu uma olhada desapaixonado sobre a terrível morte que acabava de propiciar a alguém evidentemente muito próximo a ele geneticamente. Adiantou-se, depois se inclinou para recuperar o estranho colar de seu ninho de sangue.

—A última vez que vi Dragos, me disse que havia outros como eu.—Hunter disse rotundamente. —Estive seguindo este na cidade durante as últimas três noites. Ele não está sozinho. E mais virão. Logo.

Kade passou uma mão por cima de seu couro cabeludo.

—Bom, não são precisamente um raio de sol encantador.

Hunter girou a cabeça e o olhou sem responder.

—Vamos— disse Kade. —vamos cuidar dos outros e informar o recinto.

Ele não queria que sua noitada juntos terminasse. O passeio ao redor de Newport tinha sido bastante agradável, embora fosse só para ver a forma que Claire se iluminava quando mostrava todos os lugares que recordava quando moça, os lugares que ainda pareciam lhe importar. Este era seu lar, não a Alemanha. Ela pertencia aqui, com as brisas salgadas e a fresca Nova Inglaterra outonal ruborizando suas bochechas com um profundo e rosado vermelho.

Reichen não podia vê-la retornando a Alemanha. Ele não sabia onde estaria nos próximos dias ou semanas, o tempo que levaria para encontrar Wilhelm Roth e tirá-lo de sua existência. Nem sequer sabia se ele mesmo estaria vivo uma vez que toda a fumaça se dissipasse. Mas sabia isto: o tempo que tinha com Claire, agora mesmo, esta inverossímil - e muito breve - união que estavam experimentando resultariam ser as horas mais preciosas de sua vida.

Na verdade, se não sobrevivesse ao seu enfrentamento com Roth, sua morte valeria a pena, só por ter conhecido Claire de novo como estava e ter a certeza que Roth não poderia fazer nada para machucá-la.

—É realmente uma lástima que não possa compartilhar qualquer destes chocolates comigo— disse ela, mordendo um pedaço enquanto passava junto a ele dentro da casa. Fechando a porta atrás deles, ele acendeu as luzes para ela e observou o balanço fluido de seus quadris na saia negra que abraçava sua forma. Essa vista tinha sido a mais tentadora da noite. —Está certo que não posso te convencer a provar, embora fosse um pinga?

Ele fechou o espaço entre eles em aproximadamente o tempo que ela levou para piscar. Beijou-a, varrendo sua língua além de seus lábios suaves e dentro do delicioso calor de sua boca. O chocolate era agri-doce em sua língua, mas de nenhuma forma tentador como a sensação dela em seus braços.

—Delicioso— murmurou contra sua boca. —Acredito que tenho que te comer.

¹² LED.- Light—Emitting Diode, Diodo Emissor de Luz



Ela riu e deu um empurrão zombador, mas seus olhos brilhavam com interesse quando o olhou.

—Vamos dar um passeio ao longo da costa.

Ele sacudiu sua cabeça.

—Tenho uma ideia melhor.

—OH, sim, aposto que sim.

Ele sorriu, deu-lhe na bochecha avermelhada uma carícia suave.

—Quer fazer algo por mim em seu lugar?— Em seu olhar inquisitivo, ele tomou sua mão e a acompanhou ao piano de cauda¹³ que estava coberto com uma cortina de tecido. —Toca para mim, Claire.

—OH, não sei...—ela respondeu com evasivas, franzindo o cenho enquanto ele tirava o grande pedaço de tecido e revelava o reluzente Steinway¹⁴ negro. —Tenho tanto tempo sem tocar nada. Estou certa que seria terrível. Além disso, é provável que passou anos desde que este piano foi afinado.

—Por favor— disse, negando-se a ser dissuadido. Sairiam de Newport em questão de algumas de horas - tão logo desse a notícia a ela e chamasse à Ordem para que enviassem um carro - e não sabia se este poderia ser um de seus últimos tempos juntos. Egoísta ou não, ele queria espremer cada último momento desta noite especial juntos. —Toca o que quiser. Não estou interessado em perfeição. Só quero escutar sua música de novo. Para mim.

—Para você— respondeu ela, dando um suave sorriso enquanto tirava o banquinho e se sentava. —Está bem, mas não me culpe quando seus ouvidos começarem a sangrar.

Ele se pôs a rir.

—Não tenho preocupação alguma. Toca, Claire.

Ela levantou a tampa que protegia as teclas, então suspirou pensativa quando pousou suas mãos sobre elas.

Desde as primeiras notas, ela o cativou. Não conhecia a peça que tocava, mas era formosa - inquietante e triste, intensa. Ali estava um coração quebrado em cada nota, o movimento lírico tão profundo e emocional, ele só podia ficar ali e deixar à música mover-se sobre ele... através dele.

Enquanto a via tocar a peça de cor, ele sentiu a profundidade de sua própria reação à música. Ela estava vivendo como tocava, cada estrofe cheia de significado. Era sua própria criação, ele se deu conta.

A bela composição tinha vindo do próprio coração de Claire... sua própria alma.

—Você escreveu essa— ele disse em voz baixa quando a nota final se desvaneceu.

Ela o olhou com olhos brilhantes.

—Depois que se foi, a música foi tudo o que tive por um tempo. Escrevi várias peças, incluindo esta. Parecia-me que... não sei... saia de mim nas primeiras semanas depois que partiu.

Reichen foi para perto dela, movido pela força de tudo que estava escutando e sentindo quando estava na presença desta mulher.

¹³ Piano de cauda.-é um tipo de piano no que as cordas e a caixa de ressonância se encontram em posição horizontal

¹⁴ Steinway.-marca do piano



—É incrível, Claire. É incrível.

Sentou-se ao seu lado no banquinho. Ele olhou dentro de seus olhos escuros, seus dedos acariciando brandamente a lisa perfeição de sua formosa pele morena.

Quando a beijou nesta ocasião, não foi com fome abrasadora, mas com infinito cuidado e respeito. Ele a sustentou como se fosse feita de vidro, adorando sua boca como se fosse a mais rara delicadeza.

Ele a amava.

Se tivesse querido negar - inclusive a si mesmo - a verdade o estava olhando no rosto agora. Ele amava esta mulher, apesar de não ser dele. Apesar de não ser o suficientemente bom para ela, e nunca tinha sido. Se em nada mais, Roth tinha tido razão sobre isso por todos esses anos.

—Ele sabe de nós— exclamou Claire em voz baixa enquanto Reichen a tinha em seus braços.

—Ele sabe que estivemos juntos - que eu estou com você agora.

Não o sobressaltou escutá-lo. O vínculo de sangue de Roth com Claire o tinha traído. Mas o tremor de medo em sua voz fez ferver o próprio sangue de Reichen.

—O que aconteceu? Ele fez algo contra você?

—Ontem à noite, enquanto estávamos fazendo amor, ele me deixou saber que era consciente de minha infidelidade para ele. Não sei o que poderia ter feito, mas sua mensagem de dor veio forte e clara contra mim.

—Não me disse isso.—Reichen a levou longe dele e olhou fixamente seus olhos. —Por que escondeu isso de mim?

—Porque não há nada a fazer a respeito, André.

—O inferno que não há— ele chiou. —Logo que saiba onde se esconde esse filho da puta, condenadamente bem vou fazer algo com ele.

Claire deu um pulo, moveu sua cabeça.

—Tenho medo do que ele te fará. Vai te matar se puder. Tem que saber isso. Não é difícil supor que foi ele quem tentou te matar de volta em Hamburgo faz tantos anos. Ele estava ali no Darkhaven depois que você e eu discutimos. Eu estava chorando quando entrei. Disse o que ocorreu, como desejava mais que algo que me quisesse como sua companheira. Conte tudo, André. E o seguinte que soube, é que tinha desaparecido. Não pensei no fato de falar com ele sobre você então, mas agora...

Reichen a atraiu para si e a beijou na parte superior de sua cabeça.

—Não fez nada errado. Senti todo o tempo que o assalto sobre mim foi muito pessoal e violento para ser ao azar. Poderia inclusive não estar centrado exclusivamente em nós estando juntos. Mas se Roth teve ou não uma mão nisso não importa, porque o resultado final - a mudança que se apoderou de mim nesse campo - foi o que me levou longe de você. Foi só o que podia me manter longe.

Ela se abraçou a ele e afundou seu rosto em seu peito.

—Sinto muito. Sinto por tudo o que ele tem te feito. Sua família, seu amigo em Berlim que ele converteu em Subordinada... OH, Deus, André. Sinto tanto por toda a dor que sofreu.

Reichen a fez calar, apertando-a.

—Isto é entre Roth e eu. Nenhuma parte da culpa recai em você. O que aconteceu comigo



é insignificante. Mas minha família merece justiça. Assim como Helene.

Claire guardou silêncio um longo momento, e logo perguntou brandamente:

—Amava-a muito?

Ele pensou em Helene e o forte laço de confiança e compreensão que tinham compartilhado. Ela foi uma mulher extraordinária que tinha sido algo mais que outra em sua longa lista de namoricos ocasionais e sem compromisso. Havia-o quase matado vê-la esgotar sua humanidade, mas não mais do que o tinha devastado ter que ser o que terminasse com ela depois que Roth tinha deixado uma casca de ovo vazio, sua mente escravizada para cumprir suas ordens malvadas.

—Preocupava-me com Helene profundamente— ele admitiu. —Amei-a como melhor fui capaz. Mas eu não fui capaz de lhe dar meu coração, porque já estava com outra.

Claire saiu de seus braços, e o olhou.

—Sempre foi teu, sabe.—Ele tomou seu rosto entre suas mãos. —Estive apaixonado por você todo o tempo.

Ela fechou os olhos por um longo momento. Quando os abriu de novo, estavam cheios de lágrimas.

—OH, Andreas. Ainda te amo. Nunca deixei de fazê-lo.

Com um grunhido que não podia conter, Reichen capturou sua boca em um beijo possessivo. Quando ambos estavam ofegando com desejo, ele empurrou o banco do piano e a pôs de pé diante dele. As teclas soltaram uma rajada de ruídos discordantes quando Claire se apoiou nelas. Ele levantou sua larga saia até suas coxas.

—Ai, Jesus— ele sussurrou através de suas enormes presas. —Não está usando roupa interior.

Lhe deu um sorriso insolente.

—Surpresa.

Se tivesse sabido, jamais a teria feito sair de casa em primeiro lugar. Esfomeado pelo sabor dela, afundou sua cabeça entre suas pernas e saqueou sua doçura. Ela se aferrou a ele, retorcendo os dedos em seu cabelo. Ele a beijou sem piedade, precisando senti-la desfazendo-se contra sua boca. Quando ela se retorcia, gemendo e suspirando com o ataque de um feroz orgasmo, ele se agachou para desabotoar suas calças e liberar sua furiosa ereção.

Ele se levantou do banco e se encaixou entre suas magníficas coxas. Tudo o que queria fazer era conduzir seu pênis para casa, mas ela estava muito atraente para precipitar-se, seu sexo profundamente avermelhado e succulento, seus cachos negros como seda úmida. Ele se pegou a si mesmo na mão e moveu a cabeça de seu pênis ao longo da fenda escorregadia de seu corpo, deleitando-se com sua choramingação ofegante de prazer.

Era uma tortura que o venceu totalmente antes que ela.

No fio da navalha só pela próxima sensação dela, ele moveu seus quadris e empurrou dentro. Ela era calor fundido ao seu redor, seu envoltório de veludo engolindo-o da ponta até as bolas. Ele começou a bombear, lentamente a princípio, ainda bastante enganado para pensar que tinha paciência quando se tratava de amar Claire. Seu corpo ordenhando-o, o calor, a fricção úmida impulsionando-o a um ritmo mais urgente. Não podia parar. Ele não podia suportá-lo, não



por um segundo mais.

Apertou seus dentes e soltou um rugido agudo quando seu sêmen explodiu fora dele e profundamente nela. Ela chegou ao clímax com ele, suas unhas marcando seus ombros quando gritou com a própria liberação. Ele murmurou seu nome uma e outra vez, seu membro tão duro como o mármore inclusive quando os últimos tremores do orgasmo o afligiram.

Andreas ficou olhando seus olhos, impressionado como sempre por sua deliciosa e delicada beleza. Ele amava a maneira em que pareciam juntos, o contraste de suas peles, o ajuste perfeito deles quando se uniam. E amava o especial aroma de seu sangue quente, especialmente quando se mesclava com o perfume almiscarado de sua excitação.

—Eu não quero deixar você esta noite— ele murmurou, olhando a interessante cor de seus olhos. —Eu não quero me afastar de você.

—Então não se afaste.—Ela se abraçou a ele um pouco mais apertado. —Desta vez, não vou te deixar ir.

Ele sorriu, arrependimento e dever rasgando-o por dentro. Ele teve a intenção de explicar pelo menos meia dúzia de vezes esta noite que seu tempo em Newport tinha terminado. Tinha a intenção de explicar agora, também, mas em vez disso se encontrava perdido em seus olhos. Perdido no prazer embriagador de seu corpo.

—Por agora,— ele disse, beijando-a enquanto falava —Nenhum dos dois vamos nos afastar.

—Sim,— ela disse, movendo seus quadris de uma maneira provocante. Então ela o olhou, seus olhos intensos e suplicantes. —Quer fazer algo mais por mim esta noite, Andre?

Ele grunhiu, inclinando sua cabeça para provar a suave pele debaixo de sua orelha.

—Tudo.

—Faça amor comigo novamente, da forma que faria se estivéssemos realmente emparelhados.

Ele se elevou para olhá-la com o cenho franzido.

—Bebe de mim. —ela disse, acariciando seu rosto com um toque tenro de amor. —Deixe-me fingir que estamos juntos como companheiros unidos de sangue. Só por esta noite.

Deus, a ideia se acendeu por suas veias como um brilho de fogo. Podia sentir seus dermaglifos emergindo com as cores da fome, e suas presas estendendo-se ainda mais em sua boca.

—Quero que o faça. —ela disse, uma suave demanda. —Bebe de mim como se eu fosse realmente tua.

O som que saiu de sua boca era cru, profano. Ele retrocedeu, lutando contra a necessidade que disparou através dele. Mas então Claire inclinou sua cabeça para um lado e moveu seu cabelo longe de seu pescoço, e ele estava perdido.

Equilibrou-se sobre ela em um arranque primitivo de movimento, suas presas procurando sua veia enquanto se afundava profundamente em seu acolhedor calor uma vez mais.

O sabor de seu sangue doce e quente se estrelou contra seus sentidos em uma corrente de poder crescente. Não pôde frear seu grunhido possessivo enquanto sugava com força em sua garganta. Tampouco pôde enquanto sustentava Claire apertada contra ele e ia até o fundo. Ele bombeou duro e rápido, não podia ser suave quando seu sangue estava estimulando-o como a



mais potente e embriagadora droga.

Ele nunca tinha conhecido este tipo de união primária e visceral.

Assombrou-o.

Honrou-o.

Machucou-o também, quando queria mais que tudo entregar-se a Claire da mesma forma, mas não podia fazê-lo porque ela já estava unida a outro homem. Reichen podia oferecer sua veia, mas não importa quanto dele ela bebesse, seu vínculo permaneceria com Wilhelm Roth.

Uma faísca de agressão e fúria começou a girar e acender-se no estômago de Reichen quando pensou em um varão com direito a reclamar Claire. Que fosse Roth só punha mais combustível na ira que ameaçava incendiar seu interior.

Não, ele pensou ferozmente, negando o calor que estava tão impaciente para saltar à vida, só à espera de sua chamada.

Reichen centrou toda sua atenção em Claire, fazendo caso omissos de tudo salvo o ritmo forte de seu pulso contra sua língua, e a pressão suave de seu sexo ao seu redor. Ele se deleitou com seus suaves gritos quando ela gozou, memorizando cada rubor e tremor que percorreu seu corpo enquanto a agradava uma e outra vez, pouco disposto a permitir que a noite - e seu fugaz tempo juntos - chegasse a seu fim.

Capítulo 18

—Como se encontra Harvard?— Lucan perguntou a Gideon quando este saiu da enfermaria do complexo.

—Ainda está inconsciente, o que é provavelmente o melhor agora. Felizmente a bala cruzou por completo, mas os orifícios de entrada e saída que deixou em seu peito vão necessitar um pouco de tempo para curar-se. Ele vai ficar bem, mas doerá por algum tempo, e ficará fora de serviço por uma semana, no mínimo.

—Merda.— Lucan resmungou. —A última coisa que precisamos é perder qualquer um dos nossos, enquanto Dragos está aparentemente no topo de sua operação.

A briga da noite passada na cidade tinha resultado um inferno de revelação. A Ordem se deu conta do fato de que Dragos tinha outros assassinos altamente peritos como Hunter a seu serviço, todos supostamente mantidos leais por irremovíveis colares que projetavam raios UV, programados para desencadear e separar a cabeça de qualquer um que manipulasse indevidamente o dispositivo ou desobedecesse a sua ordem. Mas o que Lucan e a Ordem não tinham suposto – e, francamente, tinham temido supor – era que um ou mais desses assassinos poderiam ser da primeira geração da Raça, como Hunter.

E levando esse pensamento perturbador um passo mais à frente, era fácil supor que se Dragos tinha outros assassinos de primeira geração a seu serviço, os Gen Um se pareceriam notavelmente ao mesmo Hunter e com dermaglifos similares, e nesse caso então o filho da puta teve que criá-los do zero de um dos originais, os pais da raça do mundo do vampiro deste planeta.



Um antigo.

O mesmo que a Ordem recentemente descobriu tinha sido mantido em hibernação intensa dentro da rocha das montanhas romenas por provavelmente séculos. Que Dragos tinha despertado e movido Deus sabe há quanto tempo.

Se essa criatura estava em realidade viva, sendo utilizada para reproduzir os novos filhos com habilidades e força da primeira geração e – se um processo reprodutor como esse se mantinha por décadas ou mais tempo – então não era só a Ordem e a nação dos vampiros que tinha que preocupar-se, mas todo o gênero humano. Criada em grandes números, uma força tão brutal, tão sedenta de sangue e poderosa, seria virtualmente incansável.

Os pensamentos escuros seguiram Lucan até que ele e Gideon deixaram a ala da enfermaria e caminharam pelos corredores serpenteantes para o laboratório de alta tecnologia. O recinto inteiro estava reunido ali, os guerreiros das patrulhas, e todas as companheiras de raça. Hunter também estava presente, o enorme Gen Um se dispunha ameaçadoramente na parte dos fundos do quarto, enquanto o resto do grupo tinha tomado assentos ao redor da ampla mesa no centro.

Lucan dirigiu ao macho uma breve inclinação de cabeça em sinal de boas-vindas, reconhecendo silenciosamente a assistência de Hunter esta noite – assistência que provavelmente havia salvo mais de um traseiro dos guerreiros e também dava à Ordem uma visão próxima à maravilha tecnologia do colar UV do assassino morto. Embora parecesse pedaços e detonado, Gideon tinha estado brincando com o dispositivo desde que chegou, tentando conseguir uma ideia de como funcionava a coisa e como poderia ser usada potencialmente contra seus caçadores.

—Como está seu braço?— perguntou Lucan, dirigindo sua atenção para Brock, que se sentava entre Kade e Nikolai na mesa.

O guerreiro negro corpulento encolheu seu ombro ferido e esboçou um amplo sorriso.

—Me sentirei muito melhor quando demônios tenha a oportunidade de fumar um destes fenômenos da natureza Gen Um.— Ele dirigiu seu olhar para Hunter. —Sem intenção de ofender.

O fixo olhar dourado do vampiro era tão plano quanto o quadro-negro.

—Não ofendeu.

Lucan tomou seu lugar junto a Gabrielle na cabeça da mesa e se dirigiu à equipe reunida.

—Obviamente, depois do que aprendemos há algumas horas, nossa missão para desativar Dragos e sua operação adquiriram um novo objetivo, imediato. Não preciso dizer a nenhum de vocês que a última coisa que precisamos é um assassino Gen Um solto na cidade, matando os humanos à vontade e causando estragos em geral. Agora, poderíamos supor que fosse simplesmente um único indivíduo, um incidente isolado, mas não sou do tipo que acredita na esperança. Necessito respostas. Sólidas informações do que poderíamos simplesmente estar tratando aqui – antes que Dragos os envie a nossa porta.

Houve algumas inclinações de cabeça ao redor da mesa, e mais de um dos guerreiros emparelhados dirigiram a Lucan um olhar que comunicava o mesmo temor que sentiam cada vez que pensavam sobre o potencial de sua guerra com Dragos dirigindo-se a casa no complexo.

—Amanhã de noite quero um esquadrinhamento na cidade inteira.— ele disse. —Vamos nos dividir: Tegan, Hunter e eu, cada um acompanhará a cada um dos grupos no caso de toparmos com mais Gen Um. Esta é uma missão de exterminação. Se um dos assassinos de Dragos é



divisado, acabamos. Quero enviar uma mensagem muito clara a esse filho da puta e fazê-lo retroceder. Duro.

—Isso poderia ser exatamente o que ele quer que façamos.— Tegan respondeu. — Considerou que isto que aconteceu nestas passadas duas noites poderia ter sido a forma que Dragos nos colocou uma isca? Tentando nos arrastar para um combate de ruas com seus subordinados assim é que nós não deveríamos ir atrás dele?

Lucan assentiu com a cabeça.

—Pode ser. Mas se enviou assassinos à cidade, nós realmente podemos nos dar a esse luxo de correr esse risco e não enfrentar a ameaça de frente?

Muito sutilmente, com ternura, Tegan deslizou sua mão sobre a mão de Elise.

—Não, não podemos.

—Muito bem— disse Lucan. —Passemos para o mapa e vamos repartir os territórios da patrulha para esta noite.

*** Tiamat-World ***

Reichen fechou o telefone celular e passou sua mão sobre a parte superior de sua cabeça.

—Jesus Cristo.

—Eram más notícias?— Claire saiu do banheiro envolta em uma toalha, seu corpo ainda refulgindo com gotas de água da ducha.

—Não são boas. — respondeu, olhando para cima de onde estava sentado sobre a borda da cama. Eram aproximadamente meia-noite, e estava esperando que Claire tomasse banho e se vestisse antes que tocasse no assunto de deixar Newport, quando uma perturbadora chamada chegou da Ordem. —Dois dos guerreiros receberam disparos mais cedo esta noite numa confrontação com um dos asseclas de Dragos.

—Meu Deus. — ela sussurrou. —Sinto muito ouvir isso, Andreas. Que terrível!

Reichen assentiu com a cabeça com gravidade.

—Estão com menos um homem agora, e pensando em jogar a rede intensiva sobre a cidade amanhã de noite para rebuscar algumas outras ameaças potenciais.

Claire avançou lentamente para ele para unir-se onde ele estava sentado, mas em lugar de tocá-lo, ela abrigou os braços ao redor de si mesma. Ele poderia sentir sua ansiedade tanto na forma tentativa como se movia assim como com no repentino aumento de sua adrenalina, o qual ecoou em suas veias.

—Acreditam que Dragos está em Boston, então?

—Não sei. Mas já é bastante ruim que tenha enviado seu assassinos Gen Um para provocar problemas.

—Ele tem assassinos que são também da primeira geração da Raça?— A expressão de Claire decaiu um pouco mais. —Não tinha nem ideia. Dragos deve ser um inimigo muito perigoso para ter.

—Sim.— Reichen esteve de acordo. —Mas os assassinos Gen Um são só parte do que o faz tão perigoso. Ele tem outras coisas, também... a Ordem acredita que controla um dos antigos,



escondido em algum lugar que ainda temos que descobrir.

Claire franziu o cenho. —Mas todos os antigos foram mortos durante a Idade Média. Foi a Ordem que lhes declarou a guerra e processou os assassinatos. Até eu sei parte da história da Raça.

Reichen lentamente negou com a cabeça. —Um se livrou da guerra com a Ordem. Ele foi oculto secretamente em uma cripta em Praga por um tempo longuíssimo — até que Dragos o libertou. Vi a cripta vazia por mim mesmo, no ano passado, quando escalei a montanha fora de Praga com alguns dos guerreiros. Esperamos que o Ancião estivesse morto e convertido em pó neste tempo, mas não estava. Aparentemente Dragos vinha mantendo viva a criatura por séculos, utilizando-o para criar uma geração nova de vampiros mais poderosos que existisse. Com suficiente tempo e recursos, Dragos pôde criar seu próprio exército pessoal de assassinos Gen Um treinados para fazer sua vontade.

—Não, se a Ordem o detiver. — disse Claire esperançosa.

—Temos que detê-lo. — corrigiu Reichen. —Temos que atacá-lo onde for e de qualquer forma que pudermos.

Claire o observou com olhos cautelosos.

—Nós? Mas você não é...

—Devo. — disse ele solenemente. —A Ordem esteve ali para mim quando necessitei no passado, e dei minha palavra de que estaria lá quando precisassem de mim. Eu não posso me retratar dela.

—O que está dizendo?

—Estão com menos um homem em Boston agora. Preciso intervir e ajudá-los.

—Parte para Boston?— Não soube por que sentiu uma estocada em seu pulso como o fez, mas ele sentiu seu alarme ecoar em suas veias. —Mas não é um deles, Andreas. Você não é um guerreiro, como poderiam pedir isso a você?

—Não me pediram nada . Ofereci minha ajuda porque são meus amigos.

Ela afastou a vista dele, parecendo lutar contra suas palavras.

—Mas eu acreditei que estávamos... pensei, depois de ontem à noite, depois de tudo o que dissemos um ao outro...

Ele colocou sua mão amavelmente ao lado de seu rosto.

—Não muda nada do que compartilhamos aqui, ou como me sinto próximo de você. Amo você, Claire. Mas esta não é uma escolha entre você e eles. É simplesmente meu dever. Minha honra. E se trabalhar em equipe com a Ordem para avançar contra Dragos me levar mais perto de encontrar Roth, melhor.

Claire se levantou e caminhou longe dele, através do quarto. Seus ombros estavam em uma linha tensa. Mesmo que ele não se vinculasse com ela pelo laço de sangue, saberia sem lugar a dúvidas que estava preocupada com algo mais profundo que tudo que havia dito até agora.

—Não quero que vá, Andre. Você não pode ir a Boston. Não agora.

—Sabia que nenhum de nós poderia ficar aqui tranquilamente por muito tempo.— Ele se aproximou dela, brandamente a virou para olhá-lo. —A Ordem vai enviar um veículo. Estará aqui dentro de uma hora.



—Você vai morrer. — disse ela, com voz quebrada. —Andreas, você morrerá se for a Boston. Posso sentir em meu coração. Se esta vingança não matá-lo, então sua fúria certamente o fará.

Ele elevou seu queixo a fim de que ela se visse forçada a olhar diretamente em seus olhos.

—Tenho mais razão para viver do que tive alguma vez. Não ando procurando a morte, mas não posso dissimular que não terei um momento de paz até que Roth e sua índole sejam apagados da existência. Nem o fará você.

—Você não pode ir. — ela se queixou, recusando-se a ouvi-lo. Quando começou a negar com a cabeça, ela falou com até mais determinação. —O que faria se pedisse que esquecesse de seu ódio por Wilhelm Roth? O que faria se pedisse que escolha...

— Não o faça.— ele sussurrou. —Não há escolha alguma para fazer aqui.— Ele alisou o cabelo de seu rosto, sentindo que algo belo deslizava por seus dedos. —Se ficasse agora – até se pusesse de lado meu ódio por Roth – o que vamos fazer quando ele vier nos buscar? Porque ele virá, Claire. Você sabe disso tão bem quanto eu.

—Então o enfrentaremos juntos. Sempre e quando chegar esse momento, o derrotaremos juntos.

Reichen negou com a cabeça lentamente.

—Esta é minha batalha, não sua. Não a quero perto quando finalmente pegar Roth. É muito grande o risco. O que acredita que aconteceria se o fogo dentro de mim começar a arder e não se extinguir?

Meu Deus, ele tinha pensado nesse cenário terrível centenas de vezes, desde o dia no campo de agricultura fora de Hamburgo. Ele tinha pensado a respeito disso recentemente como ontem à noite, e também hoje, quando até podia sentir o rescaldo quente irradiando em seu ventre.

Como poderia perdoar-se alguma vez se fizesse algum dano a Claire?

—Não posso correr o risco. — disse ele outra vez, com mais força agora. —E eu não deixá-la se arriscar tampouco. Quero que venha comigo esta noite ao centro de operações da Ordem. Estará protegida em seu Recinto, e pode ficar ali até...

—Até quando?— Ela fechou seus olhos por um longo momento, como absorvendo o peso de suas palavras. —Até que esteja morto ou muito próximo disso? Deseja que eu cruze de braços e observe como persegue sua própria destruição, Andre? Agora é você que pede muito.

Ele desejava dizer a ela que seus medos eram infundados. Mais que tudo, ele desejava prometer que não tinha nenhuma dúvida a respeito de como as coisas iam acabar com Roth. Ele desejava poder assegurar que de algum jeito retornaria uma vez que tudo isto acabasse, que poderiam ter um futuro juntos – o futuro que Wilhelm Roth lhes tinha negado há tantos anos.

Mas não poderia enganá-la.

Acabar com Roth poderia exigir o último de seu fino controle. Se tivesse que liberar seu poder no máximo infernal para vencer esse bastardo, ele o faria. E se a situação exigisse isso, ele sabia das probabilidades de sair dela com qualquer ápice de sua humanidade intacta era virtualmente nula.

Ele contemplou abaixo seu belo rosto e meigamente alisou uma mecha úmida de sua testa.

—Viu agora, está bem? Podemos falar um pouco mais, mas não demorará muito tempo antes que nosso veículo chegue para nos recolher. E você vem comigo, Claire. Isso não está aberto



a discussão.

Ela o olhou por um longo momento, não dizendo nada. Nesse momento apertou seus lábios e sacudiu a cabeça.

—Sei onde está Roth, Andre.

Reichen não pôde falar quando essas palavras saíram de sua boca. Ficou ali, mudo e confuso, um sentimento de fúria se formando velozmente no profundo dele.

—Senti sua presença através de meu vínculo de sangue ontem à noite, quando chegamos pela primeira vez a Boston.

Sua admissão foi serenamente expressa e estável, cheia de segurança. O fez tomar uma pausa, enquanto seu pulso batia com um ritmo violento.

—Ele está aqui nos Estados Unidos?

Ela assentiu com a cabeça fracamente.

—Em Boston.

O sangue de Reichen começou a crepitar.

—Você sabia? Você sabia isso, mas não me disse.

Ele não quis fazer parecer uma acusação, mas o calor tilintou surgindo à vida dentro dele tornando difícil formar palavras. Sua cabeça zumbia, e era difícil fazer algo exceto lutar para manter o controle do fogo aceso que já começava a dispersar-se através de seu corpo.

Roth estava apenas a uma hora de distância.

Todo este tempo, tão perto de seu alcance.

—Não podia te dizer, Andre. Não queria te dar informação que só poderia matá-lo. É por isso que saí do aeroporto sem dizer isso. Mas então me seguiu até aqui, e pensei que talvez se ficassemos algum tempo juntos, da forma que sonhamos fazer, então eu poderia convencê-lo a renunciar a sua necessidade de vingança.

Reichen mal podia respirar. As janelas de seu nariz se encheram do forte aroma acre de fumaça e calor. Por suas extremidades, a eletricidade rangia, voltando-se mais quente ao lapso de segundos.

—Merda, Claire. Devia ter contado sobre isto. Eu precisava saber. Maldita seja, a Ordem precisa saber também.

—Não queria que meu vínculo de sangue com Roth pusesse em perigo a você ou qualquer outra pessoa.

Sua visão começou a ficar vermelha pela ira, e ele se afastou dela, fumegante.

—Claire, foi a única que ficou em perigo todo este tempo. Com Roth tão perto, ele pôde saber que você estava aqui, também. Ele pode aparecer nesta porta a qualquer momento.

—Mas não o fez. — ela disse em voz baixa atrás dele. —Não podia dizer que sabia onde ele estava, ou teria ido atrás dele. Não pode dizer que não teria insistido que o ajudasse a localizá-lo, Andreas. Está tão determinado a reclamar justiça, quanto tempo levaria antes que me pedisse que usasse meu vínculo de sangue para conduzi-lo até ele?

—Jamais.— disse ele, consternado. Então girou para confrontá-la, seu corpo transbordando de calor. —Eu nunca a teria utilizado. Nunca. Deus, não sabe isso?

—Suponho que não estava disposta a averiguá-lo.— respondeu ela. —Andreas, por favor,



não fique furioso comigo...

—Eu estou malditamente furioso com você!— Ele rugiu, incapaz de refrear o medo que segurava firmemente seu coração. Seu peito subia e baixava com cada fôlego que introduzia em seus pulmões. Ele tremeu no mais profundo de seu ser, uma fossa de temor tão negro e infinito, que o poderia ter tragado inteiramente. E o calor de seu poder destrutivo continuava elevando-se, queimando através da razão e autocontrole. —Não posso ficar perto de você agora. Tenho que me afastar daqui.

Quando se moveu para passar diante dela, a mão de Claire saiu disparada para ele.

Muito tarde para advertir que não se aproximasse, ele sentiu seus dedos ao redor de sua mão. Ela gritou pela dor repentina e recuou, sustentando sua mão em seu peito.

OH, Meu Deus. Ele a havia queimado.

Ele tinha pisoteado duramente seu coração e agora a tinha machucado de outra forma. Tal e como temia fazer cedo ou tarde.

Ele deu um passo diante dela e, com alguns passos longos e enérgicos, alcançou a distância da porta.

—Andreas. — ela gritou atrás dele.

Ele não voltou o olhar para trás.

Seu corpo letal pelo calor de sua fúria, saiu violentamente do quarto e saltou fora do balcão do segundo andar para o vestibulo abaixo. A ouviu gritar seu nome outra vez, mas não se deteve mais que por um segundo. Resplandecendo agora, por sua maldição pyrokinesis que gritava através de suas veias e suas extremidades, mente e alma, abriu de repente a porta principal que levava a rua com uma aguda ordem mental. Então partiu para o ar fresco da noite sem olhar para trás.

Capítulo 19

Levou grande parte de uma hora antes que fosse capaz de controlar o pior de seu calor pyrokinesico. Continuava zangado com Claire quando retornou para casa, mas pelo menos não poderia machucá-la mais. Não que ela não sentisse um pouco de dor, deu-se conta enquanto caminhava pelo caminho de entrada e a encontrou parada do lado de fora com o guerreiro que tinha sido enviado de Boston para recolhê-los.

—Ah, viu?— Disse Rio quando viu Reichen. —Você disse que voltaria.

A voz do macho da Raça se ouvia com seu acento espanhol, e quando lhe dirigiu um sorriso de boas-vindas e esticou sua mão, as cicatrizes que danificavam o lado esquerdo de seu rosto virtualmente desapareceram. —É bom vê-lo, meu amigo.

—Igualmente— Disse Reichen enquanto estreitava brevemente a mão do guerreiro.

O par de cabelos castanhos de Rio, Dylan, estava com ele esta noite. Ela deu um passo longo e deu a Reichen um beijo casual na bochecha. —Estávamos todos um pouco preocupados.

—Minhas desculpas— Murmurou, inclinando seu olhar para Claire. Ela mal o olhou, e pode



ver que estava embalando seus dedos queimados perto de seu peito. Reichen se sentiu doente que sua maldição a tivesse machucado, inclusive um pouquinho. Queria falar, mas era melhor ter essa conversa em particular.

De qualquer maneira ela não parecia impaciente para falar com ele.

Nem parecia querer discutir mais a respeito de ir com ele ao escritório central da ordem. Ela seguiu Dylan até o veículo e se dirigiu ao assento traseiro.

—Tudo bem?— Rio perguntou quando as mulheres estavam o suficientemente longe para não escutar. —Não parece muito bem, amigo.

—Me sentirei melhor uma vez que ela esteja a salvo no complexo— Disse.

A verdade é que só ia se sentir melhor quando tivesse a oportunidade de caçar e saciar a sede que ainda tinha do fogo. A última coisa que precisava era ser preso com Claire durante a próxima hora no caminho de volta a Boston. Já era suficientemente ruim a ânsia de sangue para refrescar as última brasas que continuavam queimando dentro dele. Ia ser uma tortura ter que frear sua necessidade sentado a centímetros da mulher da qual sua sede era mais forte.

Rio pareceu dar-se conta disto enquanto caminhavam juntos para a caminhonete.

—Dylan não se importa que venha na frente— disse ele. —Ela e Claire podem viajar juntas na parte detrás e se conhecerem. Dylan é melhor companhia que qualquer um de nós.

Reichen não ia discutir. Pegou o assento do passageiro e se sentou enquanto Rio tirava o Rover da garagem e se dirigia à estrada que os levaria à interestadual.

Ele tinha razão a respeito de que a viagem seria um longo exercício de paciência e controle. Enquanto Claire e Dylan comentavam em voz baixa atrás dele a respeito das coisas que mais amavam na Nova Inglaterra, e onde cresceu cada uma, e uma dúzia de coisas inofensivas e brincadeiras, Reichen olhava fixamente o vidro polarizado da janela e tentava não pensar em sua fome.

Era uma batalha perdida.

Quando saíram da autoestrada no pedágio e chegaram aos limites internos da cidade de Boston, sua fervente fome estava demandando ser alimentada.

—Preciso caminhar por um momento— disse a Rio quando o guerreiro se deteve em um semáforo vermelho. Ele não esperou pela permissão, só abriu a porta e saltou. —O vejo no complexo daqui a pouco, sei onde encontrá-lo.

Do assento de trás, captou o olhar preocupado de Claire. Sentia sua preocupação vibrar em seu sangue, também. Ela pensava que poderia ir atrás de Roth por sua conta.

Poderia estar tentado não fosse pelo clamor de sua sede. Em vez disso, uma vez que a SUV se perdeu na escuridão, Reichen se escondeu pela densa vizinhança de classe operária. Tomou cuidado em permanecer nas sombras do beco, onde era mais fácil conciliar sua presença e suas escuras intenções. Era uma noite chuvosa e tempestuosa em Boston, o que significava muitíssimos menos pedestres nas calçadas ou parados fora do comércio fumando um charuto. Só um punhado de indivíduos mais ásperos e desesperados tinham uma razão para estar fora esta noite, Reichen era um deles.

Procurou as ofertas da cidade com olho fanfarrão, sabendo que quando estava desta maneira, levando a extremo seu poder, era um predador em toda a extensão da palavra. Sua boca



estava seca, suas presas ardiam na língua. Assim, era tão perigoso como o antigo na guarida secreta de Drago. Um monstro sedento.

Enquanto Reichen rondava a parte traseira de uma rua estreita da vizinhança, o golpe de uma porta fez que levantasse bruscamente a cabeça. Um homem humano com boina e jaqueta folgada pisou fortemente no raquítico piso de madeira do alpendre, gritando obscenidades à mulher de mais idade que era só uma silhueta dentro da casa.

—Traz seu traseiro de volta aqui, Daniel! Escutou-me?— Gritou ela, o suficientemente alto para que as quatro quadras ao redor a escutassem.

O jovem a ignorou e continuou caminhando enquanto gritava.

—Sim, sim, apodreça você também MA! Volte para sua garrafa e se afaste da minha maldita erva, me deve 20 dólares pela merda que me roubou.

Reichen inclinou sua cabeça, até que desapareceu em uma rua transversal escura. Com a cabeça curvada e sua boca trabalhando distraidamente em todas as coisas que queria dizer a bêbada que o gerou, o menino nem sequer notou que não estava sozinho no estreito beco.

Não viu Reichen movendo-se atrás dele; provavelmente só sentiu como uma tempestade de neve de ar gelado em seu pescoço tatuado. Antes que o humano tivesse a oportunidade de soltar um ofego Reichen saltou sobre ele.

Rapidamente o baixou ao concreto rachado. Empurrou para cima o queixo do humano e de lado, descobrindo o pulso martelante de seu pescoço. Mordeu profundamente, e tomou um bocado do nutritivo e quente sangue. Alimentou-se avidamente, com gula, ignorando a débil luta de seu anfitrião. Cada gole era amargo em sua língua, e fez pouco para tirar a secura de sua garganta.

Sua fome persistia, inclusive quando a resistência do humano terminou. Reichen continuou se alimentando. Não podia parar. Nem sequer estava seguro de saber como, uma das terríveis consequências de usar seu talento. Podia ter matado o homem não fosse pela consciência repentina de um ferro gelado pressionando fortemente um lado de sua cabeça.

—Este bufê está fechado, idiota.

Reichen grunhiu, só uma pequena parte de reconhecimento chegou a seu cérebro. Continuou bebendo, desejoso de mais.

A trava da pistola soou com um forte som metálico de advertência.

—Recue, ou vai comer chumbo.

Ele grunhiu, agora irritado pela interrupção e ainda muito faminto para deixar sua vítima. O sangue caía a fervuras sobre sua língua, e descia por sua garganta, mas o fogo em seu estômago continuava queimando, impossível de extinguir. Ele deu um olhar fixo e selvagem ao lado para medir o macho de Raça com a arma posta e carregada em sua cabeça.

—Santo inferno— O enorme vampiro resmungou. A ponta gelada da pistola caiu de sua têmpora. —Reichen? Que demônios?

Reichen conhecia este enorme homem de cabelo leonado e olhos verdes. O instinto o chamava de guerreiro-amigo, embora sua postura e tom há um momento pudessem chegar a ser de um assassinato muito sério. Foi essa consciência instintiva que deteve Reichen de converter-se em vampiro quando uma mão forte pousou sobre seu ombro e fisicamente o separou da presa.



Empurraram-no para trás fortemente, e o outro homem agarrou o humano para selar a mordida com uma eficiente lambida.

Reichen observou, sentado no concreto, enquanto o grande macho da Raça lhe dava golpes na testa e apagava sua memória sobre o ataque.

—Agora, saia daqui.

O homem atordoado parou e vagou aturdido para o final do beco.

—Tegan.

Reichen murmurou pesadamente, dizendo o nome que finalmente tinha lembrado.

O guerreiro seguiu seus passos.

—O que está fazendo aqui? A última que escutei, foi que Lucan tinha enviado Rio a Newport para trazer seu traseiro ao complexo.

Reichen deu de ombros.

—Tive urgência de sair durante a viagem.

Tegan não riu. Manteve esse olhar feroz e fixo sobre Reichen, olhando-o como se fosse uma granada a ponto de explodir.

—Está uma merda.

—Estou melhor, agora— Respondeu Reichen, sentindo que o novo sangue enchia seus órgãos e células. Mas não tinha sido suficiente. Sua sede continuava corroendo-o, suplicando por mais. —Estou bem.

Tegan mofou.

—Está tremendo e não pode manter seus olhos em uma maldita coisa.

—Vai passar.

Desta vez um palavrão.

—Me dê sua mão. Não parece que possa se levantar sozinho.

Reichen aceitou a ajuda, agarrando a mão de Tegan e deixando-se erguer para poder parar. Tão logo esteve de pé Tegan deixou escapar um ofego. Suas presas se viam atrás de seus lábios, e o verde de seus olhos de repente tinha brilhos de um âmbar brilhante. Reichen recordou a habilidade do guerreiros de ler as emoções com um toque, e podia adivinhar a corrente de coisas inquietantes que copiou nesse curto toque.

—Que demônios está acontecendo com você, homem?

Necessidade.

—É o fogo... faz-me isto depois. Não é grande coisa.— Quando falou, Reichen se perguntou se era verdade. Convocar seu poder estava ficando mais fácil o tempo todo; sair de seu despertar era outra coisa.

Talvez Claire tivesse razão quando o desafiou sobre sua fúria. Quantas vezes poderia fazer isto e sair inteiro? Logo chegaria ao ponto decisivo e o fogo comeria todo o rastro de sua humanidade?

E se o fogo não o parasse, tinha a sensação que a instável sede que tinha ao despertar o faria.

—Merda— Tegan exalou, prendendo-o num olhar assassino. Tirou um celular do bolso de sua jaqueta e apertou marcar. —Sim, sou eu. Estou na Jamaica Plain. Tenho Reichen aqui comigo,



e vou levá-lo ao complexo.

As mulheres da Ordem fizeram Claire se sentir tão bem-vinda como com seus contemporâneos no Darkheaven. Três dos pares dos guerreiros, Savannah, Gabrielle e Elise tinham preparado um lindo jantar de sopa de creme e biscoitos feitos em casa, e Dylan tinha mostrado um apartamento privado que estava sob o labirinto de corredores revestidos de mármore que ofereceram a Claire para que ficasse ali enquanto estivesse no complexo.

Haviam dito que se sentisse em casa, e não pôde resistir a passar alguns minutos farejando por aí o quartel que se estendia aparentemente de maneira indefinida. Era fascinante e um pouco incômodo dar-se conta que uma organização como a Ordem não existiria se não fosse necessário que existisse. Sentiu-se tão ingênua, refletindo sobre como Wilhem Roth e sua agência e seus companheiros se pavoneavam, presumindo serem os protetores da Raça, quando eram tão corruptos como o câncer, mastigando lentamente a fundação e se afastando do que realmente era verdade e justo. Wilhelm Roth tinha sido um vilão todo o tempo, e Claire tinha sido muito cega para ver.

Mas o que mais doía era o fato que tinha estado apaixonada por Andreas Reichen a maior parte da sua vida, e agora que tinha tido uma milagrosa segunda oportunidade com ele, poderia ser Wilhelm Roth quem os separaria outra vez. Ela só podia esperar que o bem ganhasse sobre um mal como Dragos. Ela só podia rezar que quando o pior acabasse, ela e Andreas pudessem começar a suavizar todo o medo e coragem que se ergueu entre eles.

Ela só podia rezar para que uma vez que o pior tivesse passado, ela e Andreas pudessem começar a diminuir a importância do medo e ira que havia entre eles agora.

A viagem de Newport a Boston pareceu levar anos em vez de uma hora. Tinha odiado que ela e Andreas não tivessem a oportunidade de falar antes que Rio e Dylan chegassem para levá-los ao recinto. E aguentava o nó da fria ansiedade que se instalou em seu coração quando ele tinha saltado do veículo uma vez que chegaram à cidade.

Ela não sabia onde tinha ido, mas ficou um pouco consolada quando Elise tinha informado que estava com Tegan agora, ambos presumivelmente no caminho de volta ao recinto.

Pelo menos, ele estava a salvo.

Pelo menos teria a oportunidade de tentar consertar as coisas entre eles.

Claire virou por um dos sinuosos corredores brancos e seguiu o padrão de golfos negros incrustados no chão. As marcas eram fascinantes, especialmente quando estava perdida em seus pensamentos. Captou um débil aroma de cloro um instante antes que a porta se abrisse na frente dela no corredor.

Uma menina de cabelo loiro parou em seco diretamente em seu caminho. Ela tinha uma toalha envolta em sua diminuta figura, com as alças de um rosado traje de banho inteiriço aparecendo por cima do tecido branco.

—OH!— exclamou Claire, alarmada e surpreendida ao ver a menina no recinto. —Lamento. Não a vi saindo...

Sua voz se apagou enquanto se encontrava olhando um par de amplos e luminescentes olhos da cor da prata polida. Era a cor mais estranha—não realmente uma cor absolutamente,



mas quase brancos. Lisos como cristal...hipnóticos.

—Eu só estava...— murmurou Claire, sem saber o que dizer a seguir porque nesse instante os olhos da menina começaram a mudar.

A superfície de suas íris ondulava, como um lago de repente enviando tremores pela queda de uma pedra dentro da água. Suas pupilas começaram a encolher em diminutos pontinhos, levando Claire mais profundo dentro do encanto dos olhos da menina. Logo viu algo mover-se dentro das espelhadas profundidades.

Era uma imagem tomando forma rapidamente, entrando em foco enquanto Claire olhava fixamente absorta em completa fascinação. Era uma mulher, correndo na escuridão. Gritando, desconsolada.

Era ela mesma.

Claire observava enquanto a visão passava como o clipe de um filme. Mas isto não era um filme, era sua vida. Sua angústia pessoal. Soube instintivamente, enquanto se observava chorando através da espessura das árvores e arbustos, desesperada por alcançar algo—ou alguém—sabendo pela dor em sua alma que o que procurava já estava perdido para ela. Havia um brilho cegador de fogo diante dela, um grande poço de escombros que rugiu com chamas e fumaça, lançando um calor tão intenso que a queimou como se estivesse caminhando em um forno.

Alguém gritou para que recuasse.

Ainda assim, ela correu para isso.

Não podia voltar disso.

Mesmo sabendo em seu coração que ele se foi, ela não podia se afastar dele.

—Andre.— murmurou em voz alta.

A porta se abriu novamente e desta vez saiu uma mulher.

—OH, Deus...Mira— exclamou e rapidamente girou a criança longe de Claire, enterrando o rosto da menina na generosa proeminência de seu ventre inchado.

Claire saiu de seu estupor como se tivesse sido esbofeteada.

—O que acaba de acontecer?

A outra mulher estava agora se ajoelhando na frente da menina, passando uma palma suave por suas bochechas, e murmurando palavras tranquilizadoras. Ofereceu a Claire um olhar de desculpas.

—Olá, sou Tess. Você deve ser Claire. Esta é Mira. Nós só estávamos tomando um banho. Está bem?

Claire assentiu.

—Seus olhos...

—Sim— disse Tess. —Mira é uma vidente. Ela geralmente usa lentes de contato especiais para silenciar seu talento, mas as tirou porque temia perdê-las na piscina.

—Olá, Claire.— disse Mira, agora com cuidado em manter seu olhar baixo. —Não foi minha intenção assustá-la.

—Está bem.— Claire sorriu e passou uma mão pela parte superior da cabeça úmida da menina, embora ainda estivesse muito aturdida pelo que tinha presenciado.

Tess parecia dar-se conta de seu desconforto. Os olhos água marinha da companheira de



raça grávida eram ternos, compassivos.

—Mira, por que não vai agora? Estarei lá para ler uma história para você enquanto esperamos que Renata e Niko retornem de sua patrulha.

—Certo.— A garotinha se voltou para Claire e murmurou para seus pés —Um prazer conhecê-la.

—A você também, Mira.

Depois que se foi, Tess deu a Claire um sorriso compassivo.

—Foi horrível o que te mostrou?

—Sim— respondeu ela, muito afetada para explicar o que viu.

Tess fez uma careta.

—Lamento. Eu gostaria de poder te dizer que as visões de Mira nem sempre se tornam realidade. Seu dom é brutalmente honesto. Ela não pode evitar. Nem sequer pode controlar, razão pela qual agora possui lentes especiais. Cada vez que usa seu talento, ela perde um pouco de sua própria visão.

—Que horrível.— E agora Claire se sentia pior por haver inadvertidamente tirado algo dela. —Não tinha ideia...

—Não poderia saber, assim por favor não se sinta mal.— disse Tess, amavelmente a absolvendo da culpa. —O vampiro que tinha Mira antes que viesse para o recinto usava seu talento constantemente. Niko e Renata a tiraram dessa má situação só há algumas semanas. Temos a esperança que sua visão possa ser restaurada com o tempo.

—Também espero.— murmurou Claire, sentindo pena pela menina, mas seus próprios pensamentos estavam a quilômetros de distância.

Ela tinha que dizer a Andreas o que tinha visto.

Não se enganava que ele escutaria nada do que tinha a dizer, ou inclusive que queria vê-la após a forma em que tinham ficado as coisas em Newport. Mas tinha que tentar chegar nele, embora só fosse para que estivesse a par e pudesse decidir por ele mesmo o que fazer a respeito.

Claire sentiu a outra Companheira de Raça observando-a de perto como se entendesse o peso de seus pensamentos.

—Quando passei pelo quarto de armas há um momento, ele estava lá dentro com Tegan e Rio. Acredito que acabavam de entrar. Quer que a acompanhe até lá?

—Obrigada.— disse Claire, logo começou a caminhar junto a Tess, com o coração apertado fortemente no peito.

Capítulo 20

Nos poucos minutos que Claire e Tess levaram para chegar no quarto de armas da ordem, Andreas já não estava ali. Tegan e Rio estavam parados perto da linha de disparos com Gideon, revisando um carregamento de munições e armas de fogo colocadas sobre uma tábua perto de um grande armário cheio do mesmo. Tegan olhou para cima quando Tess levou Claire ao quarto.



—Viu Andreas?— Claire perguntou ao temível macho Gen Um.

Ele assentiu gravemente.

—Vi. E estou seguro como o inferno que não o recomendaria. Pelo menos não por algumas horas. Ele não está exatamente apto para companhia.

—Tenho que falar com ele, Tegan. É importante.

Quando o guerreiro parecia que ia prendê-la no quarto abaixo, Tess interveio.

—Eu nadava com Mira na piscina. Ela não usava suas lentes e Claire... viu algo.

—Ah, merda.— Tegan não era o único vampiro no quarto a balbuciar uma escura maldição. Ele levou uma mão sob a mandíbula e pensou, logo com um gesto a enviou para o corredor afora. —Seu quarto é acima do vestíbulo. Quinta porta depois da primeira curva.

Claire assentiu dando obrigada tanto a Tess como a Tegan, logo girou e se apressou para fora até o vestíbulo.

Ela encontrou a curva no corredor de mármore e deu uma olhada adiante para contar as portas fechadas enquanto andava rapidamente para a quinta porta.

Antes que alcançasse a metade do caminho para a porta, sentiu que os cabelos finos atrás de seu pescoço começavam a mover-se.

A sensação viajou por sua pele como uma carga baixa de corrente elétrica. Ela conhecia este sentimento em todas as partes.

Andreas.

Ela fez uma pausa em frente a uma entrada aberta a sua direita. A câmara estava escura, iluminada só por uma vela no fundo dentro do quarto. Isto era um santuário de algum tipo. Uma capela, com paredes de pedra esculpida e fileiras emparelhadas de bancos que davam para um altar de pedestal simples e sóbrio.

Andreas estava sobre seus joelhos diante daquele altar, sua escura cabeça inclinada para baixo.

Os pulsos diminutos de luz patinavam por todo seu corpo. Isto não era o calor em escala natural e o fogo que tinha testemunhado antes, mas um pequeno tipo de energia. Em grande medida menos volátil, entretanto o bastante forte para fazer que seus membros e pescoço ardessem em reação. Quando olhou, os pulsos começaram a baixar e diminuir em força. Em pouco tempo, se tinham descorado completamente.

Andreas estava pensativo, e Claire estava disposta a incomodá-lo.

Muito tarde, entretanto. Ele girou sua cabeça e abriu seus olhos, perfurando-a com uma rajada de cor âmbar que se afundava em sua íris.

—Você não deveria estar aqui.— disse ele, sua voz terrivelmente baixa e espessa pela presença de suas presas. —Saia, Claire. Não quero que me veja deste modo.— Ela não tinha que perguntar o que ele queria dizer com isto porque mesmo que seu corpo estivesse liberado do controle de sua pyrokinesis, a miséria estava saindo a jorros dele em ondas evidentes. Ele estava preso em uma profunda influência de sede de sangue. Suas presas estendidas e seus olhos transformados eram provas suficientes disto, mas foram seus dermaglifos que realmente a levaram a pensar nisto. As marcas de sua pele que estavam visíveis na frente aberta de sua camisa eram lívidas com as cores de fome.



Claire foi entrando mais no santuário da capela.

—Você está bem?— Ele grunhiu ameaçando, quando se aproximou dele. Claire pensou que poderia levantar-se e afastar-se dela, mas permaneceu sobre seus joelhos quando ela se moveu ao banco mais próximo dele e sentou devagar.

A visão que viu nos olhos de Mira era ainda muito para sua mente, mas quando olhou Andreas, sua preocupação por ele foi mais imediata. Ela queria estender sua mão para ele, sacudir o resto da chuva – seu cabelo despenteado fora de seu rosto, mas sustentou suas mãos perto, incerta se daria boa-vinda a sua bondade depois do modo que as coisas tinham ficado entre eles em Newport.

—Aonde foi esta noite, Andre?

—Você quer dizer que Tegan não disse como teve que me tirar de um humano antes que eu esgotasse o pobre bastardo? Não disse que teve que pressionar um aço frio em minha têmpora e me ameaçar com uma bala em meu crânio para me trazer de volta aos meus sentidos?

Claire engoliu. — Não. Eu não sabia nada disso.

Em sua negação, ele deu uma olhada longe dela, sacudindo sua cabeça quando olhou fixamente à chama da vela que bamboleava sobre o altar vermelho.

—A não ser que você tenha uma pistola oculta em algum lugar, eu aconselharia que desse a volta e procurasse o inferno mais longínquo de mim enquanto puder.

Ela escutou o perigo em seu tom curiosamente sóbrio, mas ficou ali mesmo onde estava.

—Estou aqui porque fiquei muito preocupada com você esta noite. E porque algo vai acontecer muito em breve que faz com que me aterrorize.

Ele lançou um olhar penetrante para ela, suas sobrancelhas baixaram a intensidade de seu olhar âmbar brilhante.

—O que aconteceu? Tem algo a ver com Roth? Ele fez algo para machucá-la outra vez?

—Nada disso, não. Mas eu vi algo que estou certa que está relacionado com ele. —Diante de seu cenho interrogativo, ela continuou. — Há uma menina aqui no recinto com o presente da premonição...

—Mira. — ele disse o que sabia da menina pelos guerreiros.

—Sim, Mira. Eu vi algo terrível em seus olhos há uns minutos. Eu vi sua morte, Andreas.

Claire exalou brandamente e fechou seus olhos durante um momento, aflita somente por dizer essas palavras.

—Eu vi uma fossa de fogo e escombros, e você estava dentro dela. Eu tentei salvá-lo, mas não pude chegar a tempo. E o fogo estava... tão quente.

Ele amaldiçoou brandamente e levantou. Sua expressão escura disse que estava preparado para negar o que estava escutando, mas Claire o cortou antes que tivesse oportunidade de falar.

—Eu senti sua morte, André. Eu estava ali, na visão. Era verdade. Se você não se libertar desta necessidade de destruir Wilhelm Roth, acredito que vai morrer.

Ele escutou, sua mandíbula se imobilizou no que parecia ser uma severa aceitação. Como se soubesse por um momento que sua morte viria entre chamas e ruína, mas não via nenhuma necessidade de fugir disso.

—Meu Deus.— disse ela, furiosa por entendê-lo apenas agora. —Sempre que deixava o fogo



aumentar dentro de você, olhava sua própria morte direto no rosto. Você sabia disto, verdade? Você sabia todo o tempo, e ainda assim continua usando o mesmo poder que somente o destruirá no final.

Ele escutava como se fosse nada, sua expressão ilegível e exasperadamente impassível.

—Não tenho medo de morrer, Claire.

—Não.— ela disse, forçando a palavra diante de sua língua sobre uma miserável risada. — Você não tem medo disso, André. Agora vejo isso finalmente. Você corre para isso tão rápido como pode. Sou tão fácil de ser afastada disto? Devo ser, já que você continua fazendo.

—O que quer que eu faça?— ele murmurou.

—Abandone sua vingança sobre Wilhelm Roth, aqui e agora. Deixe a Ordem acabar com ele quando perseguirem Dragos, mas não você. Quero que fique longe dele. Acaso não pode fazer isto... por mim?

Sua mão passou meigamente, seus dedos se curvaram ao redor da linha de tremor de sua mandíbula.

—Você está me pedindo para dar as costas àqueles que estiveram dispostos a arriscar suas vidas por mim no passado. Você está pedindo que esqueça tudo o que Roth me fez e a minha família - o que ele fez a numerosas vidas inocentes. Você está pedindo para olhar do outro caminho de um criminoso que não vacilaria em jogar sua fúria sobre você, Claire.

Ela examinou seus olhos ensopados por âmbar - um vampiro com olhos famintos - e viu como uma crua emoção crescia dentro dele.

—Há mil coisas que quero dizer, Claire. Promessas que desejo poder fazer. Mas fui muito longe com Roth agora. Provoquei uma guerra com ele e isto não vai terminar até que um dos dois termine em chamas. Não quero que seja eu, mas não vou recuar diante de qualquer situação que vier.

Deus a ajudasse, mas ela não queria perdoá-lo agora mesmo - não por voltar para sua vida, não por recordar tão intensamente que nunca tinha deixado de querê-lo, e certamente não pela possibilidade de perdê-lo outra vez depois de ter tido um sabor tão extraordinário de felicidade.

Mas quando levou seus dedos aos seus lábios com terno cuidado e com total reverência a cólera de Claire e o medo se derreteram sob seu toque.

E quando beijou o centro de sua palma, logo seguiu com a mesma adoração suave para sua boca, ela se perdeu completamente.

Ela não tentou resistir quando ele recuou, sem fôlego e selvagem, antes de tirar ambos de sua roupa no meio da capela sagrada do recinto. Seus beijos cresceram com mais exigência, mais selvagens.

Ela se deleitou em sua paixão, agarrando seu fôlego quando levantou suas pernas ao redor de sua cintura e a beijou mais profundo. Ele a atravessou sobre ele em um longo e duro impulso, capturando seu agudo ofego de prazer com sua boca.

Então se moveu com ela, carne sobre carne, quando a levou com velocidade rápida e a força que o marcava como algo mais que humano. Claire sentiu a fria pedra firme contra ela com suas costas nuas. E montando na junta da extensão de suas coxas ela sentiu o calor da carne rígida, quente que a enchia tão profundamente, tão deliciosamente.



Andreas a segurou em um abraço apertado quando se conduziu dentro dela, seu ritmo agressivo e a consciência tranquila. Claire entendeu sua necessidade. Ela a sentiu, também. Deu a boa-vinda a cada empurrão, a cada furiosa e cruel retirada.

Ela o queria ouvir gritar sua liberação, inclusive se isto traísse sua paixão à ordem inteira. Ela não se preocupou com nada mais, exceto ele, e a declaração segura de fazer em pedacinhos seus corpos unidos para o que ela rezou não ser a última vez.

—Foda-me.— sussurrou ela contra seu ouvido quando balançou seus quadris contra ela num ritmo mais urgente. —OH, Deus, André... tenho que sentir isto. Por favor, não pare.

Com um grunhido, ele a montou mais forte, enquanto a levava a um nível de clímax que não sabia que existia. Claire se fez pedaços com um grito amortecido, enterrando seu rosto em seu ombro quando seu corpo se contraiu ao redor dele em um grande movimento súbito de sensações. Ele gozou com ela, soprando uma escura maldição quando lançou sua pélvis apertada contra ela e a segurou perto, alagando seu centro com a promessa apressada de sua liberação. Reichen liberou as coxas de Claire e com cuidado colocou seus pés atrás no terreno firme. Ele tremia com as réplicas de sua liberação, mas ainda mais pela necessidade palpitante de enterrar suas presas em seu pescoço sensível.

Ele nunca havia se sentido mais vivo do que quando estava com Claire. Estar com ela somente amplificava isto, uma farsa que tinha levado por todos os anos que ficaram separados. Depois que a maldição de sua pyrokinesis se fez conhecida, tinha sido tão cuidadoso em manter todo mundo à distância. Ele tinha ladrilhado seu coração atrás de uma fortaleza de paredes grossas.

Mas não com Claire. Ela de algum modo tinha feito seu caminho por volta da fibra de quem ele era e quem ele um dia esperou que pudesse ser. Ele era seu companheiro de todas as maneiras que importavam.

Mas não de um modo que ela necessitava.

Ele não devia ter feito isto com ela - por uma dúzia de motivos e mais alguns.

Nada do que tinha acontecido ia mudar sua mente sobre perseguir Roth.

Ela sabia isto, também.

Ele podia ver isto em seus olhos, quando ficou de pé diante dele com as bochechas vermelhas e os olhos marrons obscurecidos ainda pela escuridão aveludada de suas pupilas molhadas pela paixão.

—Já falou com eles sobre como pensa ajudar à Ordem?

Não tinha nenhum sentido em protegê-la da verdade quando era simples que ela o conhecia melhor do que alguém alguma vez o fez. Ou alguma vez o faria.

—Tegan e eu discutimos algumas coisas no caminho de volta, esta noite. Começando amanhã pela tarde, me unirei às patrulhas no lugar do guerreiro que foi ferido. Já que agora sabemos que Roth está em Boston, varreremos a cidade com um olho para localizá-lo, também.

Ela assentiu brevemente, logo se moveu diante dele para recolher sua roupa. Ela se vestiu oportunamente, apressadamente, como se não pudesse se afastar dele rápido o suficiente agora.

Reichen deu uma sacudida fraca de sua cabeça, perdido das palavras corretas.

—Sinto muito, Claire.



—Sei. — respondeu ela silenciosamente. — Eu sinto, também.

Ele não tentou pará-la quando saiu da capela e desapareceu abaixo pelo sinuoso corredor. Tão duro como manter seus pés arraigados no piso, ficou de pé ali como uma estátua, até que esteve seguro que ela se foi.

Então se deixou cair sobre seus joelhos e continuou rezando pela força que precisaria para levar sua vingança através de seu fim necessário.

Capítulo 21

Era pouco depois de amanhecer quando Claire entrou na ducha em seu quarto e se estirou para abrir a água. Observou fixamente, sem ver, a névoa quente que começava a levantar-se do outro lado do vidro.

Estava perdendo-o de novo. De novo para Wilhelm Roth.

Ficou fria ao pensar em tudo o que Roth já tinha tirado de Andreas e dela, meteu-se sob a água fervendo e ficou ali, tremendo pelo frio que reinava dentro de seus ossos. Em poucas horas, o sol se esconderia de novo e Andreas se uniria à Ordem em suas patrulhas de combate — dirigindo-se justo à cidade onde estava Roth agora. Dirigindo-se diretamente à morte.

Ele havia deixado muito claro que nada do que dissesse o impediria de dar sua ajuda à Ordem. Assim como nada o impediria de perseguir a justiça da que tinha necessidade, sem importar o custo para ele. Ou o custo para o amor que estavam redescobrando depois de ficar tanto tempo separados.

Pelo menos desta vez ele não estava partindo sem nenhuma explicação. Tinha suas razões. Boas, nobres razões. Nenhuma das quais na verdade era fácil de aceitar.

Alguma parte desesperada e egoísta dela queria correr diretamente ao grêmio da Ordem e rogar por reconsiderá-lo. Ofereceria qualquer coisa. Diria qualquer coisa.

Mas sabia que ele não podia, ou poderia mudar de opinião.

Ele era um homem muito honorável.

E ela o amava muito para tentar dobrar sua integridade só para satisfazer seu coração destrozado. Mas Deus, doía pensar em deixá-lo ir. Em perdê-lo para sempre.

Dor e fúria a alagaram.

Sentia-se tão confusa e assustada... tão sozinha.

Claire sentou no chão de ladrilhos da ducha e deixou que a água quente e o vapor a engolissem. Fechou os olhos e pensou em quanto seria difícil quando ele saísse com os guerreiros essa noite. Ficar no recinto à espera de sua volta mitigaria um pouco da dor de seu coração, mas só até que considerasse que também estaria lá fora procurando sua batalha com Roth. E se adicionava Dragos a essa equação, também?

Quase não podia suportar imaginar o resultado de uma confrontação dessa magnitude. Mas o que podia fazer para acautelá-lo? Uma pequena e desesperada voz no canto de sua mente sussurrou que havia algo. Algo que ela inclusive não havia considerado. Algo tão desagradável que



causou que a bÍlis subisse pela parte posterior de sua garganta.

Ela iria diretamente a Roth.

Não por piedade porque sabia que não tinha nenhuma, especialmente não agora. Não quando se tratava dela ou Andreas. Mas tão segura como estava desse fato, também estava profundamente segura que Wilhelm Roth desprezava perder.

Sempre tinha sido consumido por ganhar, inclusive o mais corriqueiro dos concursos.

Estaria disposto a aceitar a única coisa que restava para oferecer?

Claire não podia estar segura a menos que tentasse.

Rechaçando-se pelo que estava a ponto de fazer, mas sentindo que era sua última esperança no que concernia a Andreas, inclinou a cabeça para trás e freou sua respiração. Ela era uma perita em colocar a si mesma em um sono rápido, mas encontrar Roth, —esperar que estivesse dormindo também — não era tão fácil. Prendeu a corrente fora da consciência e se desviou para o universo de sonhos, procurando, pedindo encontrar Roth ali.

Levou vários minutos antes de sentir a borda de sua mente através do véu do sono.

O gelo se formou em seu estômago enquanto se movia para ele, fazendo caso omisso a todos os instintos em seu interior que pediam a gritos para fugir em direção contrária o mais rápido que pudesse. Viu-o na frente dela agora. Estava de costas para ela, apressando-se a fazer seu caminho através do que parecia ser uma espécie de arco de terra.

Claire o seguiu em silêncio, formulando seu desesperado chamado.

Diante dele, uma pesada porta se abriu para deixá-lo passar. Claire deslizou atrás dele ao mesmo tempo em que o painel de pedra grossa se fechava.

Roth estava resmungando para si mesmo em voz baixa, palavras ininteligíveis cheias de veneno e frustração. Dentro da outra sala com um aspecto mais clínico que a primitiva câmara anterior, irrompeu além de uma mesa cheia de microscópios, pratos e copos. Quando se aproximava do final da larga superfície, ele disparou sua mão e varreu um grupo de equipamentos para o piso. Claire ofegou quando o vidro quebrado explodiu na frente dela.

—Que merda...— Roth deu meia volta. Quando a viu ali, seus olhos cruéis se entrecerraram e riu, um frágil, perigoso estrondo na parte posterior da garganta. —Bom, bom. Se não é minha cadela infiel.

Ela não deixou que sua bofetada verbal a afetasse.

—Precisamos falar, Wilhelm. Você e eu temos que chegar a algum tipo de acordo antes que as coisas vão mais longe entre você e Andreas.

Agora ele riu com verdadeira diversão.

—Deixe-me adivinhar. Ele a enviou aqui para pedir minha misericórdia? Meu sentido de honra?

—Ele não me enviou, não. Ele nem sequer sabe que estou aqui.— Quando arqueou as sobrancelhas com curiosidade, ela continuou. —Vim te pedir que se mantenha afastado de Andreas. Deixe sua animosidade por ele — e por mim — e deixe Andreas continuar com sua vida.

Roth zombou.

—Não pode falar a sério.

—Estou.— disse Claire. —E estou disposta a oferecer tudo o que tenho para garantir sua



palavra, aqui e agora. Retornarei a você, Wilhelm. Farei o que quiser. Jogue seu ódio contra mim. Só o deixe em paz. Por favor.

Seus olhos se estreitaram como lâminas, cortando-a com sua malícia.

—De verdade é tão ingênua, Claire? Não poderia me preocupar com ele menos.— disse, carecendo completamente de emoções. —Ou por você, se for o caso.

A esperança se acendeu, tênue, mas promissora. Mas Wilhelm Roth soltou uma gargalhada terrível que fez arrepiar os cabelos de sua nuca.

—Nunca foi a respeito de você, Claire. Não sabia? Nenhuma vez suspeitou? Você foi um prêmio que eu queria porque significaria tomar algo precioso dele. Destruir seu Darkheaven e as pessoas mais próximas foi só um prazer que não havia antecipado. Um que adorei, não obstante.

—Está doente, Wilhelm.— Seu estômago se retorceu com desprezo. —Meu Deus. De verdade é um monstro.

—E você, Claire, já está morta para mim.— sussurrou ele, sua voz era um grunhido sem ar que a gelou até o osso. —Você e Andreas já estão mortos. Só que ainda não sabem. Vocês são obstáculos que se interpõem no caminho da grandeza, e serão removidos. Vocês e a Ordem, também.

—Foi isso que prometeu a Dragos?— perguntou ela, inexpressiva —Quanto tempo esteve fazendo suas maldades por ele?

Roth sorriu maliciosamente com seu desgosto.

—Nossa revolução começou inclusive antes que cometesse o engano de tomá-la como minha companheira. Não devia ter me incomodado em perder tempo com você, sem importar quanto me agradava ter tirado você de Reichen. Poderia ter sido tão gratificante para mim se tivesse te mandado para Dragos como as outras mulheres que enviei nos últimos anos.

Claire lutou para dar sentido ao que dizia. Outras mulheres. Roth estava enviando mulheres — queria dizer Companheiras de Raça?— a Dragos. Para que propósito, perguntou-se, mas só precisou supor por um momento.

De fora do éter dos sonhos, uma parede de celas apareceu. Úmida, sem luz, uma horrível prisão. E dentro dela estavam mulheres cativas. Companheiras de Raça. Claire podia ver a marca de nascimento em forma de lágrima e meia lua em algumas delas, inclusive de onde estava.

A mesma marca com que havia nascido. A mesma marca que denotava uma mulher humana como capaz de unir-se com um Raça e levar seus filhos.

Bom Senhor, havia aproximadamente vinte mulheres presas nessas celas. Seu estômago se revolveu ainda mais ao ver que algumas delas estavam grávidas.

—Que está acontecendo aqui?— perguntou ela, horrorizada e enojada. —Que diabos estão fazendo você e Dragos?

Enquanto falava, elevando a voz em indignação, captou o uivo de um animal que emanava de algum lugar dentro do lugar onde estavam ela e Roth . O uivo se elevou a um rugido— um doloroso e queixoso grito que vibrou através das plantas de seus pés e diretamente em sua medula.

Era diferente de tudo que jamais tinha escutado antes... um ruído totalmente estranho que pôs um nó de terror em seus pulmões.



Deus, que lugar era este? Que horrores estavam levando a cabo Roth e Dragos aqui?

O terrível grito continuou, tão forte que sacudiu o chão sob seus pés. Roth jogou atrás a cabeça e uivou junto com a criatura invisível, zombador e sádico.

Logo sorriu, um sorriso assassino.

—Está morta, Claire. Tal qual essas mulheres ali dentro. Ele vai arrancá-la membro por membro. A menos que eu tenha o primeiro prazer. Pense nisso da próxima vez que deixar tocá-la. A próxima vez que o deixar fodê-la, lembre que isto está te esperando. Vou matar ambos, e desfrutar fazendo-o.

Logo, Roth e a câmara de terror se foram. Cortou-se a rede que os conectava no sonho, e Claire despertou tremendo, ofegando sob a água quente da ducha.

—OH, Deus.— murmurou, pondo o rosto entre as mãos. A bílis subiu por sua garganta. — OH, Deus ... o que fiz?

**** Tiamat-World ****

Não foi até uns minutos depois que despertou que Wilhelm Roth se deu conta da profundidade do erro que acabava de cometer com Claire.

No princípio ficou em choque por vê-la em seu sonho—não havia esperado que a mulher tivesse esse tipo de coragem, pondo a si mesma muito perto dele, inclusive no reino do sonho, depois de ter alimentado sua ira com a prostituição com Andreas Reichen. Depois de se surpreender por ela espiando-o, Roth se havia deixado cair em sua provocação, incitando seu medo com um duro olhar que ele e Dragos eram capazes de dar.

Encantou-se em deixá-la ouvir o rugido selvagem do Antigo em sua jaula. Seu horror ao ver as mulheres cativas que Dragos usava em todo tipo de experimentos tinha dado uma deliciosa emoção sádica.

Agora que estava acordado, teve tempo para considerar o preço de seu pequeno jogo.

Tinha mostrado o laboratório e o quarto subterrâneo onde Dragos mantinha todos os seus segredos.

Entenderia ela o que tinha visto? Ele esperava que não.

Claire tinha uma mente inquisitiva, mas o que podia fazer ela com este conhecimento? Dizer a Ordem, é óbvio, mas a graça salvadora era que Dragos já estava antecipando um movimento para os guerreiros em Boston. Tinha estado na mira da Ordem que no final o encontrou na reunião que tinham interrompido perto de Montreal. Dragos estava fazendo novos planos, movendo as peças em seu tabuleiro de xadrez.

Ainda assim, Roth sabia que não podia deixar de dizê-lo. Senão, sabia que sem dúvida alguma, Dragos descobriria a verdade em algum momento. Ele tinha que assumir o erro e deixar que as fichas caíssem onde deviam. Com sorte, sua cabeça não cairia junto com elas.

Formulando suas desculpas, Roth chamou Dragos em sua linha privada.

—Senhor.— disse enquanto o outro vampiro respondia com um grunhido. —Perdoe a interrupção, mas tenho notícias, que, desgraçadamente, não podem esperar.

—Fale.



Roth contou sobre o encontro com Claire em seu sonho. Tomou cuidado em passar por cima da maior parte de sua própria culpa, fazendo uso de seu talento como homem da Raça.

—Ela me espiou sem meu consentimento, Senhor. Quando a descobri ali, no sonho comigo, já era muito tarde para impedir que visse o laboratório.

—Humm— Dragos grunhiu, escutando em um silêncio enlouquecedor. —Está me cansando saber que esta mulher e seu companheiro respiram, Herr Roth. Agora que tem as coisas em marcha em Boston, talvez seja hora de tratar com ela como discutimos.

—Sim, Senhor. O farei. —Clareou a garganta, com a sensação da agressão vertendo sobre a linha telefônica apesar da calma exterior de Dragos. —Para mim será um prazer pessoal afogar a vida dessa cadela - depois de deixá-la me ver matando Andreas Reichen.

—Tenho uma ideia melhor.— disse Dragos, sua voz suave e venenosa. —Quero que venha à sede depois do pôr do sol.

—Senhor?— Roth estava confuso. —E o que acontece com o vínculo de sangue?

—O que tem isso?

—Se disser à Ordem o que viu hoje, não é provável que os guerreiros usem seu vínculo de sangue para me encontrar e o laboratório?

Só houve uma breve vacilação do outro lado. —Esteja aqui ao pôr do sol, Herr Roth. As instruções estarão esperando.

Capítulo 22

O Complexo da Ordem em Boston era uma maravilha arquitetônica e tecnológica. Inclusive apesar da gravidade das razões de Claire para estar ali, não podia deixar de estar impressionada pela extensa rede subterrânea de corredores e câmaras ocultas debaixo da grande mansão de pedra calcária na rua.

A Ordem vivia em comodidade indiscutível, mas ficava claro que se tratava de uma situação tática. Sua função principal na sede, o centro nevrálgico da localização de tudo, era o laboratório de alta tecnologia, com seus bancos de computadores, equipe de vigilância, gráficos e mapas estratégicos das principais cidades nos Estados Unidos e estrangeiro. Tinha entrado em uma sala de guerra, e embora fosse acolhida como uma hóspede por todo mundo que tinha conhecido até agora, enquanto sentava na mesa de conferências, era muito consciente do fato que seu companheiro ainda era Wilhelm Roth e era o vínculo mais próximo a um indivíduo em aliança com o inimigo mais traiçoeiro da Ordem.

—Todo mundo está a caminho.— Gideon disse ao finalizar uma chamada para chamar o resto dos guerreiros e suas companheiras para escutar o que Claire tinha a dizer.

Uma das residentes do complexo feminino de aspecto majestoso, com uma cor de cabelo tão bonito que devia ser natural, pôs a mão em cima da de Claire numa amostra de apoio feminino. Seu nome era Gabrielle, e ela era a Companheira de Raça do líder da Ordem, Lucan, que tinha sido o primeiro a inteirar-se da inquietante notícia que Claire tinha reportado depois que



caminhou nos sonhos de Wilhelm Roth mais cedo no dia de hoje. O grande vampiro Gen Um começou uma trilha na sala, suas longas pernas o levavam pela largura do lugar em não mais de meia dúzia de passos, enquanto que Rio e Dylan o olhavam do outro lado da mesa.

Claire não sabia o que esperar da Ordem, e, francamente, eram mais que algo atemorizantes desde a primeira vez que tinha chegado a sua sede em Boston ontem à noite. Surpreendeu-a ver que não eram o lote de crueldade que sua reputação entre a população geral da raça pintava, mas profissionais, um grupo de companheiros de armas muito unidos.

Com suas Companheiras de Raça, que viviam no recinto com eles, a Ordem era uma comunidade não muito diferente de qualquer um dos Darkheavens que Claire tinha conhecido. Os guerreiros e suas companheiras, obviamente velavam uns pelos outros.

Eram uma família.

Claire registrou uma pequena pontada de inveja por isso, mas sentiu ainda mais culpa quando considerou o fato que Wilhelm Roth poderia ter algo a ver com o perigo que ameaçava os guerreiros agora. Depois do horror que tinha visto em seu sonho recentemente, ela esteve repentinamente, sem vacilações, comprometida com a Causa da Ordem. Tudo que pudesse fazer para evitar que Roth - ou Dragos - infligissem mais dano, ela faria.

Infelizmente, desde hoje ao pôr do sol, seu vínculo de sangue com Roth parecia estar diminuindo progressivamente. Ele estava em movimento, estava certa disso. Poderia ter estado em Boston um par de noites antes quando chegou com Reichen da Europa, e inclusive na noite anterior, quando tinham estado dirigindo desde Newport, mas seus sentidos diziam que já não estava na cidade. Ela esteve explicando isso a Gideon e aos outros que estavam reunidos no laboratório de alta tecnologia antes do início das patrulhas da noite.

—Você tem alguma ideia de onde Roth poderia ir?— Savannah, companheira de Gideon, sentou-se junto dele perto das mesas de trabalho. A alta fêmea negra era uma presença tranquilizadora na sala, uma fonte de força serena que parecia ser um bom contraponto à energia frenética de Gideon. —Houve algum lugar de interesse no sonho?

Claire sacudiu a cabeça.

—Nada que poderia assinalar, por desgracia. Eu gostaria que houvesse.

—Acredita que ele é consciente que soube que estava em Boston?— Rio perguntou com a voz rodando com um rico acento espanhol, suas sobrancelhas escuras baixas sobre os olhos de topázio esfumado.

—É possível que pudesse ter suspeitado que eu soubesse.,— Claire supôs. —E se eu o senti, tenho que supor que ele sentiu minha presença na cidade também.

Gideon assentiu. —Isso poderia ser motivo suficiente para que abandonasse a cidade, se também acreditar que poderia ser persuadida a entregar essa informação para nós.

—E se está cumprindo ordens de Dragos.— Dylan disse prontamente ao lado de Rio. —Então poderia ter se movido a algum lugar perto da guarida de Dragos. Talvez se soubermos onde está agora, encontraremos Dragos, também.

Gideon franziu o cenho, pensativo, e logo olhou Claire.

—Vamos outra vez ao que viu em seu sonho. Talvez Roth nos deixou algumas pistas que ajudem a encontrá-lo.



Claire começou a recordar sua caminhada em sonhos desde o começo. Enquanto relatava os detalhes de seu confronto com Roth, as portas de vidro do laboratório de alta tecnologia se abriram e Tegan entrou com alguns guerreiros, todos vestidos para o combate da cabeça aos dedos dos pés vestidos de negro. E atrás deles estava Andreas, vestido de maneira similar e olhando tudo tão letal como seus companheiros, fortemente armados.

O coração de Claire gaguejou à vista dele. Tinha pensado em ir diretamente a ele depois de sua caminhada em sonhos com Roth, mas não acreditava que pudesse suportar estar perto dele depois da forma que tinha partido na capela. E uma parte mais covarde dela sabia que ficaria furioso por averiguar o que tinha feito. O olhar que lhe deu ao entrar na sala com Tegan dificilmente poderia ser descrito como amistoso. É evidente que já tinha sido informado da finalidade desta reunião improvisada da Ordem.

—Que mais pode recordar, Claire?— Gideon pediu agora. —Você disse que viu equipamentos químicos e mesas forradas com material de laboratório.

Ela assentiu. —Sim, havia microscópios, computadores e vidros e ampolas químicas. Tudo parecia muito técnico, mas eu não poderia dizer que tipo de experimentos estão fazendo ali.

—E mais à frente do laboratório haviam celas fechadas.— Gideon solicitou.

—Sim. Fileiras de celas que continham mulheres presas. Companheiras de Raça. Algumas delas estavam grávidas.— Claire sentiu o olhar fixo de Andreas nela enquanto falava. Queimava a forma que a olhava em silêncio diante de toda a sala. —Falando com Roth, tive a impressão que as Companheiras de Raça estão sendo dadas à criatura.

—Para os efeitos de emparelhamento.— disse Gideon, enviando um olhar sombrio na direção de Tegan. —Uma nova geração de machos da raça Gen Um saindo de um antigo.

Claire reviveu a sensação de enjoo que teve depois de vê-los e escutar o que Roth havia dito.

—Ele disse que fornecia a Dragos Companheiras de Raça desde muito antes que o conheci, o que faz trinta anos.

—Jesus.— Tegan assobiou. —Quantos Gen Uns podia criar no transcurso de umas poucas décadas?

—Se houvesse um fornecimento contínuo de Companheiras de Raça?— Gideon replicou. —Estremeço ao imaginar.

—E quem disse que Roth foi seu único fornecedor?— Rio gravemente acrescentou. Olhou Dylan. —Informe-os das pessoas desaparecidas. Quantas Companheiras de Raça desaparecidas recolheu dos registros dos Darkheavens, meu bem?

—Procurando tão longe?— Respondeu ela, sua expressão sóbria. —Embora os números aumentaram muito nos últimos tempos, encontramos informes que remontam ao começo do século passado. Isto sem contar o número de mulheres que desaparecem das populações humanas a cada ano, que poderiam ser Companheiras de Raça, também. —Voltou-se para Claire para explicar. —Faz uns meses, quando Rio me encontrou, descobri que meu talento especial é ver gente morta. Bom, mortas que são Companheiras de Raça, melhor dizendo. Vi várias no refúgio onde minha mãe costumava trabalhar. Pediram-me que ajudasse suas irmãs em cativeiro e as salvássemos antes que ele matasse a todas. Disseram-me que havia mais, ainda vivas, que estavam embaixo da terra, na escuridão. Deram-me o nome de seu captor, também: Dragos.



—Oh, meu Deus!— sussurrou Claire, assombrada.

—A busca delas se converteu um pouco como obsessão para mim. Após, estivemos procurando registros de pessoas desaparecidas, tentando seguir as pistas para ver se algumas destas mulheres foram vistas, e aonde poderiam ter ido. Talvez possamos encontrá-las. Se pudermos salvar uma só vida, valerá a pena.

—Eu a ajudarei, se puder.— disse Claire.—Se tiver que cobrir todo o território dos Estados Unidos e Alemanha juntos para encontrar Wilhelm Roth e obrigá-lo a renunciar a Dragos, então o farei.

Dylan sorriu.

—Gosto disso.

—Isso não é uma má ideia, sabia?— Gideon se lançou da cadeira giratória e correu de volta a um dos grandes mapas da Nova Inglaterra, que penduravam da parede. Assinalou um pino vermelho em um lugar próximo à fronteira de Nova Iorque e Connecticut. —Sabemos onde Dragos foi visto recentemente. Sabemos que uma vez teve uma residência em Nova Iorque em um de seus disfarces. Se começarmos a procurar nesta região, e varrer para a costa, talvez encontremos algo.— Olhou Claire. —Está muito perto da madrugada para fazer algo esta noite, mas, estaria disposta a ir numa varredura de reconhecimento e usar seu vínculo de sangue para ver se pode obter uma leitura sobre o paradeiro de Roth?

—É óbvio—. Fez que não ouviu o baixo, porém audível, grunhido que emanava da direção de Andreas. Ele poderia tentar dissuadi-la, mas sua mente já estava clara. Ela estava nesta batalha agora também, não importa se gostasse ou não. —Posso estar pronta a qualquer momento.

Capítulo 23

Reichen alcançou Claire enquanto a reunião no laboratório se dispersava. Ficou atrás enquanto o resto dos guerreiros saíam da sala para preparar-se para a última missão da noite na cidade, com o olhar cravado em Claire numa explosiva mistura de indignação e medo absoluto.

—Que diabos foi tudo isso?— Exigiu enquanto ela, Gabrielle e Savannah saíam do laboratório juntas. —Quando Tegan me disse a uns minutos que tinha feito contato com Roth, eu não acreditei. Que demônios estava pensando, Claire? Mais ao ponto, estava pensando?—ela engoliu saliva pelo assalto verbal, mas não se alterou.

—Está bem— disse às duas Companheiras de Raça que a acompanhavam. —Andreas e eu devemos falar a sós.

A fúria de Reichen ardia a fogo lento, enquanto as companheiras de Lucan e Gideon se foram e o deixaram plantado no corredor com uma muito desafiante e imperturbável Claire.

—Meu Deus— disse, sentindo como se o ar tivesse sido tirado dele. A mesma sensação que teve quando Tegan deu a notícia da visita em sonhos de Claire a seu companheiro depois do encontro que tinha terminado com tanta estupidez na capela do complexo. —O que pensava conseguir se aproximando de Roth como fez?



—Eu tinha minhas razões— respondeu ela de maneira uniforme.

—Por exemplo?

—Não importa. Ele não estava interessado em negociar. Estou segura que isso é uma pequena surpresa para você.

Reichen zombou.

—Roth nunca negocia. Toma. E quando não pode simplesmente tomar, rouba. Mata, Claire. Que demônios acreditou que podia ganhar procurando-o, inclusive em sonho?

Ela começou a mover-se além dele, como se tivesse a intenção de deixá-lo em pé no corredor sem resposta.

Antes que pudesse dar dois passos, ele a agarrou pelo braço e a atraiu para ele.

—O que pediu, Claire? Sua liberdade? Sua misericórdia?— Ele franziu o cenho, tão furioso por sua imprudência como aliviado que estivesse viva e quente em sua mão que apertava com força. —Pensou que simplesmente a libertaria se pedisse?

—Não— disse, seu queixo levantado orgulhosamente com sua resposta. —Eu não pedi que me deixasse ir, Andre. Pedi que me levasse de volta... mas só com a condição que ele estaria de acordo em deixá-lo viver.

Ela bem poderia tê-lo golpeado no esterno com um punho de chumbo.

—Você o que?

Bom Cristo, a ideia dela voltando com Roth - sob qualquer condição - era suficiente para fazer que seu sangue fervesse. Ia oferecer a si mesma a Roth, em troca dele? Ele queria rugir sua indignação aos céus.

—Ele não me quer. Nunca quis.— Sacudiu a cabeça enquanto se desprendia de seu aperto. —Disse que só me tomou como sua companheira porque sabia que o machucaria. Esteve tentando machucá-lo por um longo tempo, Andreas.

Que o ódio de Roth se estendesse por muitos anos não era surpresa para ele, mas podia processar apenas um pouco disso quando pensava na gravidade do que Claire esteve disposta a fazer por ele - todavia estava fazendo efeito como azeite quente em seu coração.

—Tem alguma ideia de como teria me ferido se tivesse aceito sua oferta?

—Provavelmente não tanto como me fará mal quando encontrar sua morte tentando acabar com ele.

Reichen merecia isso, sabia que merecia. Mas isso não o impediu de bloquear seu caminho enquanto tentava rodeá-lo de novo.

—Não vai a nenhuma parte perto dele, Claire. Nem com a Ordem, nem com um maldito exército ao seu lado. Ouvi o que disse ali, e sei que quer nos ajudar a vencê-lo, mas não vai deixar o complexo, não enquanto este Roth estiver em alguma parte aí fora. Eu a proíbo.

Ficou boquiaberta.

—Você o que? Você proíbe...

—Não vou deixá-la fazer isso.

—E eu não recorro de pedir sua permissão.— disse, com a ira saltando em seu pulso agora, tão aguda que podia sentir que fazia eco com a dele. —Depois do que vi no sonho de Roth hoje, tenho que ajudar a Ordem a vencê-lo. Por qualquer meio que puder. Eu acreditei que você de



todas as pessoas poderia entender isso.

Reichen sacudiu a cabeça, negando-se a considerar sequer a ideia.

—Não vai fazer, Claire. Não vou deixar.

Ela o olhou fixamente durante um longo momento, logo algo chamou sua atenção além de seu ombro, no outro extremo do corredor.

—Seus companheiros estão esperando.

Ele se voltou para olhar e encontrou Tegan, Rio, e um par dos outros guerreiros de pé perto do elevador que os levaria acima. Assentiu para eles, indicando que necessitaria um minuto mais. Quando olhou de novo Claire, ela já não estava de pé diante dele, mas caminhava a um ritmo determinado pelo corredor.

—Maldita seja.— sussurrou baixo.

Então girou de novo para os guerreiros e se uniu a eles para as patrulhas da noite.

Wilhelm Roth sentia os frios olhos sem emoção dos cinco assassinos Gen Um olhando-o fixo, enquanto realizava outra verificação nos sistemas do laboratório subterrâneo de Dragos. Tudo estava em seu lugar, precisamente como tinha recebido instruções, e agora tudo que podia fazer era esperar. Esperar e ter esperança que Claire estivesse com a Ordem agora, chorando por seus maus tratos a ela e Andreas Reichen, e dizendo a todos os guerreiros da maldita caminhada em seu sonho.

Por mais difícil que fosse encontrar a localização da guarida oculta de Dragos, a Ordem era engenhosa e determinada. Essas eram as qualidades que Dragos contava para levá-los pela metade do caminho à armadilha que ele e Roth tinham feito para eles.

O vínculo de sangue de Claire com Roth e seu sentido da honra ridículo faria o resto.

Roth não tinha conceitos errôneos de que seu futuro estava montado no êxito deste ataque ofensivo esperando pelos guerreiros. Se nenhum dos assassinos a que tinha sido atribuído matá-lo não acabassem com ele e ele falhasse, então Dragos certamente o faria. Enquanto fazia a inspeção final nos detonadores e quilos de explosivos, perguntou-se se não tinha sido enviado numa missão suicida.

Mas não tinha nenhuma intenção de morrer aqui.

Os guerreiros, entretanto ...

Uma vez que fossem guiados até sua armadilha, não teria nenhuma possibilidade que algum deles saísse dali com vida. Ele só poderia esperar que a Ordem enviasse seus membros atrás dele. Seria um grande prazer ver o grupo perecer em um só golpe.

Tão melhor se esse número incluísse Claire e seu amante reconciliado.

Satisfeito por tudo estar preparado no laboratório, Roth se dirigiu à área da prisão de luz-UV para comprovar a configuração uma última vez. Queria que tudo fosse perfeito para a chegada iminente da Ordem... e seu resultante desaparecimento.

Era muito maldito silêncio.

Lucan e o resto da Ordem tinham passado a maior parte da noite revistando minuciosamente a cidade, em busca de qualquer sinal de Dragos ou dos assassinos, ao que



parecia, um Gen Um tinha sido desatado nas ruas para tirar a Ordem.

Várias horas de busca a cada lote abandonado, armazém, beco sem saída e terraço, e Lucan estava com as mãos vazias.

Assim foi com o resto das equipes de patrulha esta noite. Acabava de falar com Niko e Renata, que tinham estado procurando de forma conjunta pelo rio Mystic com Dante e Hunter. Nem rastro de problemas além da merda costumeira da humanidade contra seus irmãos.

Francamente, a relativa paz que estava encontrando esta noite não combinava bem com ele.

Algo parecia ... apagado.

Lucan ainda podia sentir em sua medula que alguns problemas sérios estavam aumentando na cidade na outra noite. Os assassinatos humanos foram significativos em sua brutalidade e seu descaramento. A Ordem estava sendo atraída ao jogo de uma maneira muito evidente, de modo que, por que Dragos pararia seus golpes agora que tinha sua atenção?

Enquanto Lucan fazia um varredura visual de sua área na última hora antes do amanhecer, não podia deixar de sentir que ele e o resto da Ordem se encontravam a caminho de uma tsunami. A maré e o vento tinham soprado forte, deixando um estranho e falso estado de calma.

Tudo estava em silêncio agora, mas a qualquer momento a mãe dessa onda ia derramar-se sobre eles e consumir tudo em seu caminho.

Capítulo 24

—Continuo dizendo que estamos desperdiçando um tempo precioso e oportunidade se ao menos não considerarmos um reconhecimento de dia—. A companheira de Nikolai, Renata, saltou da bancada na sala de armas e começou a passear com suas botas de combate e roupas negras. Seu cabelo comprido e negro até o queixo estava solto da tira que o prendia atrás durante suas patrulhas e agora balançava livremente ao redor de seu rosto enquanto discutia seu ponto pela segunda vez. —Quero dizer, sair, meninos. Resisto a ficar deitada aqui só para nos manter a salvo, sem sair. O pior que podemos encontrar durante as horas de luz são Subordinados, e desafio a qualquer um que me diga que não elimino uma mente humana escrava até em meus sonhos. Com uma mão atada atrás das minhas costas.

Niko sorriu para sua mulher.

—Ela tem um bom ponto, Lucan. Nós não estamos falando de combate, só as enviamos para buscar e trazer o que puderem.

Lucan grunhiu, olhando sob seus cílios escuros.

—Eu não gosto.

—Tampouco eu gosto.— assinalou Rio. —Mas sei que Dylan estará a salvo com Renata. Se as mulheres estiverem abertas a fazer isto, então possivelmente deveríamos deixá-las ajudar. Você já disse, Lucan: precisamos de todas as mãos disponíveis.

Reichen se sentou ao lado e escutou em silêncio, mordendo sua própria opinião, a qual era basicamente que o que a Ordem decidisse estava bem para ele contanto que deixassem Claire



fora do quadro. Infelizmente para ele e suas opiniões, Claire parecia ter outros planos.

Ele a sentiu na soleira da porta da sala antes de vê-la, o impulso de sua união com ela girou sua cabeça em sua direção como se seu centro estivesse conectado com ela por um arame. Ela entrou com a companheira de Dante, ambas movendo-se para a parte de trás da sala quando o debate continuou entre Lucan e Renata.

—Pensa nisso, Lucan. Se trabalharmos à luz do dia, isso nos daria uma vantagem de oito a dez horas.— disse ela.

—De oito a dez horas mais perto de Roth poderia ser uma vantagem crucial atualmente para nos aproximar de Dragos. Se a retirada que vimos esta noite de Boston é uma indicação de que estão assustados e fugiram, então não temos nenhum tempo a perder.

Várias cabeça assentiram de acordo com Renata.

—E se a retirada for um indicador de algo mais?— Perguntou Lucan severamente.

—Se não saíram abruptamente de Boston porque estão preocupados em ser encontrados, mas porque estão trabalhando em algo maior?

—Atualmente, acredito que precisamos assumir que não é medo mas sim uma estratégia.— a voz de Claire chamou a atenção de todos para a parte de trás da sala de armas. Ela olhou ao redor do grupo, persistindo mais tempo sobre Reichen. Seu olhar estava ferido, e ele podia sentir a angústia que tinha seu coração pulsando incomodamente em seu peito. —Não conheço Dragos, mas conheço Wilhelm Roth bastante bem. Ele nunca opera de uma posição de medo. Ele se acredita invencível, mais inteligente que todos os outros. Em qualquer lugar onde estiver, ele tem um plano alternativo para usar qualquer vantagem e golpear inclusive mais forte que antes.

—Melhor razão para usar qualquer vantagem que possamos para encontrá-lo.— acrescentou Rio.

O olhar de Lucan viajou de Claire a Renata e Dylan, o trio de companheiras da raça que sairia à luz do dia em missão. —Todas estão de acordo, então? Querem fazer isto?

—Sim.— responderam em uníssono.

Ele considerou por um longo momento, logo deu um solene assentimento.

—Tudo bem, então. Gideon terá as coordenadas da melhor área para que comecem a procurar. Vamos planejar um encontro para um resumo final no laboratório de tecnologia antes que saiam.

Com alguns comentários de assentimento ao redor, a reunião começou a dispersar-se. Reichen começou a mover-se para Claire, mas antes que pudesse alcançá-la e oferecer uma dúzia de diferentes desculpas que esteve ensaiando em sua mente desde que se separaram da última vez, Renata e Dylan a levaram ao longo de uma conversa rápida.

Lançou só um olhar muito breve quando passou, a mensagem em seu olhar sem deixar lugar a dúvidas. Ele não tinha nada a dizer sobre o que ela estava fazendo. Ele tinha se negado a prometer o que não podia manter, e agora ela estava tentando lhe devolver o golpe. O sabor de seu castigo era muito melhor que o inferno.

Claire se separou dele, logo seguiu com suas duas companheiras para discutir a missão à luz do dia que tinha posto um vulto de gelo no intestino de Reichen.



No momento que o sol levantou, a frustração de Claire com Andreas já tinha se esgotado há tempo. Ela compreendia seu caso e seu aborrecimento. Ela tinha sido insensata ao pensar que poderia negociar com Roth. Inclusive mais insensata ao pensar que podia conseguir o bem-estar de Andreas. Especialmente depois da visão que teve de seu feroz falecimento. Tudo o que soube era da necessidade de resistir tensamente. Isso era o porquê tinha pedido para abandonar sua busca para vingar sua família e a todos exceto lhe suplicar deixar que a Ordem lutasse a batalha com o Roth e Dragos nas primeiras filas. Esse tinha sido um momento de entusiasta e egoísta desespero, um que a havia cegado a tudo exceto seu amor por ele. Tudo o que ela tinha era sua necessidade de mantê-lo perto para que nada nem ninguém pudesse afastá-lo dela outra vez.

Mas quando Claire se preparou para deixar o composto com Dylan e Renata nessa manhã, ela se deu conta que tinha pedido muito. No laboratório tecnológico do complexo com os outros, ela observou em perspectiva como as duas companheiras de Rio e Nikolai, passavam poucos momentos tranquilos murmurando ternas palavras a eles e os abraçando.

Presenciando as suaves despedidas e os persistentes abraços dos dois casais separados durante o dia, Claire sentiu uma pontada de pena pelo que tinha esperado de Andreas. Seu amor não era mais sagrado que o que ela estava vendo ali. A segurança de todos não era mais importante que a de qualquer guerreiro ou suas companheiras de raça.

Andreas teve razão em rechaçar o que estava pedindo.

Claire poderia ter dito muito, mas ele não tinha vindo vê-la com o resto da Ordem. Em seu lugar estavam Tess e Savannah que a empurrou em um rápido e quente abraço quando ela, Dylan e Renata começaram a reunir seus equipamentos para a missão do dia. Lucan e Gabrielle chegaram um momento depois, o líder da Ordem deu um sombrio assentimento quando sua companheira de raça abraçou brevemente Claire.

—Meu agradecimento por sua boa vontade em nos ajudar a tentar rastrear Roth.— disse ele em sua profunda voz de superioridade. —Não espero que seja fácil para você. Ainda há tempo para que mude de opinião, se você não...

—Não.— Interrompeu Claire. Ela deu uma suave sacudida de cabeça. —Quero fazer isto. Depois de tudo o que sei dele agora, preciso fazer isto.

Um severo assentimento foi a única resposta de Lucan, quando Gideon chamou a atenção de todos para uma olhada final através do quadrilátero que tinha marcado para que as fêmeas seguissem. Claire escutou as instruções que a levariam ao sul de Boston e entrariam em Connecticut, começando uma varredura da área do estado da linha de Nova Iorque, onde sabia que Dragos uma vez tinha sido confrontado pelo companheiro de Dylan, Rio, mas conseguiu escapar. Dali, a missão de reconhecimento cobriria tanta terra como fosse possível durante as horas de luz, esperando que em algum lugar do caminho o sangue de Claire unido a Roth levantaria um sólido rastro que a Ordem pudesse seguir depois na escuridão.

—Darei a cada uma um telefone equipado com GPS.— estava dizendo Gideon agora, afastando o mapa que tinha esboçado na parede para pegar os três telefones móveis na mesa. Ele os entregou para Claire, Dylan e Renata. —Os mantenham ligados e se assegurem o tempo todo. Nós vamos monitorar sua localização e progresso daqui, mas queremos comprovações a cada hora, no mínimo. Consigam uma pista de Roth e telefonem o quanto antes. Tudo o que vejam ou



sintam, qualquer uma de vocês, enquanto estiverem nesta missão, telefonem. Se tiverem qualquer razão para parar o veículo, inclusive para correr dois minutos ao banheiro, telefonem. Compreendido?

As três assentiram sua conformidade, embora Renata o fez enquanto girava seus olhos para Claire e Dylan. Debaixo de seu chapéu escondia o cabelo ébano e a companheira de raça usava botas de sola plana, calças jeans escuras, e um suéter de gola negra, bastante passável como roupas de rua, se não se olhasse muito perto os vultos que zumbiam em seus magros quadris. Um pequeno arsenal de lâminas e pistolas estavam embainhadas no cinturão de couro que rodeava sua cintura.

A sua impressionante coleção de armamento, Nikolai acrescentou uma mais: uma pistola de aparência asquerosa, de cano longo igual ao comprimento do braço de Claire. Ele a entregou a Renata, logo situou um carregador de munição em sua palma aberta.

—Seu especial de ponta oca de titânio?— Murmurou ela, logo sorriu como se tivesse recebido um buquê de rosas como prêmio.

Niko sorriu, duas covinhas gêmeas emolduraram seu largo sorriso.

—Nada diz quero você como um disparo feito disto.— Renata o beijou e riu, metendo no bolso o carregador e cuidadosamente pendurando a pistola na correia sobre seu ombro.

—Desnecessário, mas doce. Obrigada, meu bem.

—Estes disparos que defumam Renegados não são só para matar vampiros.— disse Lucan.

—Eles acabam com um Subordinado também. Não duvidem em disparar se sentirem a situação grave em algum momento.

Renata assentiu.

—Confie em mim, sem preocupações ali.— Ela enviou um olhar a Claire e Dylan. —Prontas para pegar a estrada, garotas? *Rock and roll*.

Claire deslizou o telefone dentro do bolso de suas calças soltas, logo se pôs em movimento com as outras duas mulheres quando fizeram seu caminho às portas de vidro automáticas do laboratório tecnológico. Ela não podia evitar que seus olhos procurassem no corredor ao lado, procurando Andreas. Mas ele não estava ali, e tampouco viria. Ela não sabia se o afastaria ou se já o tinha perdido antes de sua confrontação infrutífera poucas horas antes.

Nem isso importava.

Ele não estava ali.

Ele não era dela, e possivelmente nunca seria.

Claire supôs que agora era um tão bom momento como qualquer outro para começar a acostumar-se ao fato de uma vez.

Capítulo 25

Reichen esteve rondando os corredores do complexo durante a maior parte da manhã, tentando sem êxito desfazer-se dos espasmos e tremores que atormentavam seu corpo.



Caminhou silenciosamente descalço pelo longo e adornado mármore branco do vestíbulo, obrigando-se a fazer uma pausa a cada vinte passos mais ou menos quando os tremores e as arcadas eram muito malucas para ele continuar movendo-se.

Seu peito estava úmido, o ar fresco do complexo golpeava sua pele como uma rajada de gelo. Os jeans que usava estavam pesados em suas pernas, pelo tecido úmido de suor. Estremeceu e alcançou a parede para estabilizar a si mesmo enquanto sua cabeça zumbia e outra onda de náusea se apoderava dele. Quando abriu os olhos, sua visão vermelho âmbar brilhava através das aberturas de suas pálpebras.

Saboreou sangue em sua língua e compreendeu com certo alarme que suas presas estavam totalmente expostas e afiadas abrindo a carne de seu lábio inferior. Seus dermoglifos pulsavam por seu corpo, as marcas superficiais já escuras se alargavam com cores de intensa fome.

—Merda.— disse entredentes com força, enquanto a fresca dor golpeava seu estômago e caía de joelhos no duro e polido chão.

Agachado e ofegante, cruzou seus braços sobre seu estômago estirado e conteve um gemido que roçava o fundo de sua garganta. Seus ouvidos zumbiam com o som de seu próprio sangue através de suas veias, a palpitação disso virtualmente deixando-o louco. Inclinou-se para frente para plantar sua testa e bochecha contra a gelada pedra debaixo dele até que a agonia passasse, simplesmente concentrando-se em respirar dentro e fora, dentro e fora...

Deus o ajudasse, mas sua sede de sangue retornava de novo, pior que nunca. Bicando-o como um corvo sobre a carniça durante a maior parte da manhã, a única coisa que o havia mantido afastado de Claire quando ela e as outras companheiras de Raça saíram para começar seu dia de captura de informações para a Ordem.

Felizmente para ele, a maioria dos guerreiros e suas companheiras estavam agora no laboratório de tecnologia ou em seus aposentos privados – uma pequena misericórdia, já que só teria jogado insultos se alguém passasse e o visse em tal lamentável condição.

Convocando cada pedaço de sua vontade, Reichen forçou seus pés e começou a se arrastar pelo corredor. Estava próximo do quarto de armas, quando de repente a escuridão da instalação vazia lhe deu boas-vindas enquanto se arrastava ao interior e desabava contra a parede mais próxima. Deixou-se cair ali, esgotado e miserável, sua respiração entrecortada através de seus lábios e presas.

Poderia ter dormido por segundos ou inclusive uma hora, não tinha ideia de quanto tempo passou antes que o suave som da abertura da porta o sacudisse despertando-o e as luzes do campo de tiro brilhassem ao seu redor. Os refletores ricochetearam no espelho de cristal da área de treinamento, e através do cansaço de sua visão, viu que Tegan estava parado perto da porta, sua mão mal se afastando do interruptor de luz.

O guerreiro murmurou uma forte maldição e um tipo de *deja vú* ressoou, mas o cérebro de Reichen estava muito assediado para tentar compreender seu significado. Sentou-se ali na miséria, grunhindo uma advertência ao outro homem para que o deixasse sozinho.

Tegan zombou e em troca deu um par de passos longos avançado para ele. Penetrantes olhos verdes pousaram sobre Reichen com um sinal de fria compreensão.

—Parece tão merda como se vê, pelo visto.



Reichen engoliu, sua garganta muito seca para falar. Levantou a vista para o Gen Um que considerava um amigo, sua visão naufragando no contínuo palpar com força golpeando sua cabeça. Captou o brilho do olhar entrecortado de Tegan, sabia que o guerreiro podia ler sua agonia nas cores de seus abatidos dermaglifos expostos.

—Esse sangue que tomou na cidade há algumas noites deveria ter durado mais.— disse ele, sua profunda voz como aço martelando. A mandíbula de Tegan se contraiu, os orifícios nasais palpitavam ligeiramente com sua respiração contida quando se agachou de cócoras em frente a Reichen. —Faz quanto tempo que a sede o persegue?

Conseguiu gesticular um encolhimento vago de ombros.

—Todos os dias... Realmente nunca me deixou, inclusive depois de comer.

—Merda.— Tegan passou uma mão por seu cabelo escuro e solto. —Sabe o que é isto, não?

Reichen grunhiu, deixando seus olhos fecharem-se quando suas pálpebras pesavam muito para mantê-los abertos.

—É por causa da pirotecnia.— murmurou com voz rouca. —Ao iniciar os incêndios... logo a fome de sangue aumenta. Aumenta a cada vez.

—E cada vez que acontece, a fome piora.— Disse Tegan, nem de perto fazendo uma pergunta. —Merda, Reichen. Poderia ser a pirotecnia a causadora, mas o que está sentindo é o primeiro sinal da sede de sangue, meu homem. Não caiu ainda nisso, mas está começando a se dirigir para lá, e sabe condenadamente bem o que está acontecendo, não?

Reichen tentou negar com um movimento de sua cabeça, mas Tegan não era nenhum idiota. Quando Reichen olhou o rosto do guerreiro viu a desoladora compreensão ali. Demônios, viu um homem que havia provado esta absurda sede por si mesmo. Um homem que, da profunda vista dele agora, ainda era frequentado pela lembrança de um vício de sangue inclusive mais profundo que o que Reichen lutava cada vez que sua pirotécnica o abordava.

Queria perguntar como havia lutado com isso – como havia ganho contra a feroz sede que poderia converter inclusive os membros mais fortes da Raça em selvagens assassinos - mas justo então seu estômago deu outro violento giro. Grunhiu pela dor dos espasmos, seus membros contraindo-se em seu corpo.

—Respira profundamente.— ordenou Tegan. —Tem que ser mais forte que a sede. Não deixe que se apodere de você.

Reichen fez o que dizia, disposto a escutar qualquer conselho se ajudasse a aliviar parte de sua agonia. Tomou vários minutos antes que o pior passasse. Uma vez obtido, assentiu fracamente, aliviado pela pequena paz que seguiu a dor.

—Me fale da pirotecnia.— disse Tegan quando Reichen soltou um suspiro e se arrastou até uma posição cômoda sentando-se. —Como conseguiu dominá-la tão bem até agora? Demônios, nos conhecemos faz muito, um par de séculos, e não tinha pista de sua habilidade.

—Não estou a vontade com isso.— murmurou Reichen, uma absurda subestimação se alguma vez havia proferido uma.

A expressão de Tegan era sóbria mas não culpada.

—Acredita que não fiz coisas que não lamento? É difícil atravessar inclusive um ano sem machucar alguém ou algo quando não tinha a intenção. Se começasse te contando toda a merda



que fiz mal ou que desejaria poder voltar atrás... Confie em mim, não temos esse tipo de tempo. Assim, por que não começa primeiro. Fale-me da pirotecnia.

Só poderia ter sido a forma do guerreiro que o distraiu, animando-o a falar em lugar de antecipar-se a seguinte ronda de agonia, mas fossem quais fossem os motivos de Tegan, Reichen se encontrou explicando como havia vivido a maior parte de sua vida sem saber da maldição que espreitava dentro dele. Disse primeiro a Tegan como havia chegado a descobrir os fogos através da traição de Roth nos últimos trinta anos... e como o aborrecia ter sido o primeiro a compreendê-lo, era realmente terrível que o calor de sua pirotecnia fazia a alguém que estivesse o bastante perto dele.

—Matei uma jovem inocente, Tegan. Em questão de segundos, ela estava tão carbonizada que não poderia nem sequer reconhecê-la como humana.— Sentiu-se completamente doente de novo — Não pela sede de sangue mas sim pelo profundo aborrecimento que não havia diminuído e provavelmente nunca o faria. Depois disso, estava decidido a não deixar que meu poder surgisse de novo. E trabalhava condenadamente duro para assegurar que não o fizesse. Logo Roth enviou sua equipe de morte ao meu Darkheaven e não houve nada que pudesse fazer para controlar o fogo de novo. Levou tudo e todos os que me importavam.

—Quase todo mundo.— disse Tegan, esses brilhantes e sutis olhos verdes brilharam. —Faz quanto tempo que está apaixonado por Claire?

Reichen soltou um profundo suspiro.

—Faz muito, nem sequer recordo de quando não era apaixonado por ela.

—Bebeu dela, verdade?

Ele assentiu, já não tinha sentido negar.

—E depois da pirotecnia? Então bebeu dela?

—Sim.— disse Reichen, recordando aquela primeira vez que havia posto suas presas em sua garganta, a noite no escritório de Roth em Hamburgo. Parecia uma eternidade agora para ele. — Bebi dela uma noite depois de ir ao Darkheaven de Roth.

—Como se sentiu depois de beber de Claire? Era tão mal a sede depois de ter seu sangue dentro de você?

Reichen considerou por um momento.

—Melhor, suponho. Não tão grave.

Não havia notado até então, mas agora estava seguro que beber de Claire havia diminuído sua necessidade de overdose de sangue. Sempre a ansiava, mas de uma maneira muito diferente a pós-pirotecnia que o convertia em algo próximo a um animal.

Reichen assentiu.

—Faria qualquer coisa por ela, Tegan. Inclusive me afastar, como fiz há tanto tempo.

—E agora...— incitou Tegan.

—Agora...

Reichen franziu o cenho, pensando na maneira que havia deixado as coisas com ela. Ela só havia pedido que ficasse com ela — só o que queria mais que qualquer outra coisa — mas em seu coração sabia que não poderia lhe dar isso. Não, quando seu poder estava tão perto de governá-lo. Mais perto do que queria admitir, inclusive a si mesmo. E logo estava o fato que Wilhelm Roth



e Dragos estavam respirando, ainda caminhando livremente e com intenção de levar a cabo seus perversos planos.

O poder de Reichen era terrível, mas possivelmente uma arma necessária nesta guerra que piorava. Ao menos então poderia servir a um propósito - um nobre. Poderia então servir a um propósito, algo além de suas próprias necessidades e desejos.

—Um fogo mais e realmente não sei se serei capaz de me afastar disso, Tegan. Cada vez aumenta meu poder, torna-se mais forte. Menos controlável. A sede de sangue depois é bastante infernal, mas o fogo em si é a morte para qualquer um que se aproxime. Não me importa o que possa me acontecer, mas Claire...— deteve-se abruptamente, se recusando a considerar a ideia. — Ela não merece ser parte de meu inferno pessoal.

Tegan arqueou uma escura sobrancelha.

—Realmente acredita que ela já não é parte disso? Só porque se afasta dela não significa que estará mais segura sem você.

—Ela viu minha morte, Tegan.

—Que?

—A garotinha, Mira, mostrou uma visão de minha morte hoje cedo. Claire me disse que viu as chamas e a fumaça. Viu-se correndo para o fogo, para o calor, para tentar me salvar.

—Jesus.

Reichen assentiu severamente.

—Entende, é obvio, que não posso deixá-la fazer isso. Ela não pode estar próxima de mim, não quando este fogo comanda. Feri-la é a única coisa que não poderia suportar. Quero-a a salvo de Roth, também. Não me importa quanto tempo leve para acabar com esse bastardo, encontrá-lo e o ver morrer.

—Sim, sobre isso.— disse Tegan. —Poderia ter sua oportunidade mais cedo do que pensa. Em realidade é a razão pela qual vim buscá-lo. Recebemos uma informação de Claire e das outras há poucos minutos.

O alarme vibrou através do sangue de Reichen, inclusive mais forte que a sede de sangue que o estava apunhalando.

—O que aconteceu? Ela está bem?

—Claire está bem. Não aconteceu nada, mas notou a presença de Roth faz algumas horas ao sul daqui. Ficava mais forte quanto mais se aproximavam de Connecticut, assim estão rastreando-o, esperando encurralá-lo em uma determinada localização antes do pôr do sol.

—Roth está em Connecticut agora? Onde, exatamente?— Reichen engoliu com dificuldade, cada músculo tenso. Sentiu que a indignação fluando de sua ira começava a despertar. Reconheceu a necessidade de contê-la, mas sua preocupação por Claire arremeteu contra todo pensamento racional. —Maldita seja, não a quero nem perto desse filho da puta!

—Acalme-se. — disse Tegan uniformemente, notando rapidamente a óbvia nota de calor que havia começado a ranger sob a superfície de Reichen. —Claire não está em perigo nesta operação, prometo isso. Só estão marcando o caminho, e estarão voltando a Boston em algumas horas com qualquer informação que encontrem.

Reichen se acalmou, deixando encostar suas costas na parede. Amaldiçoou secamente e



deixou cair sua cabeça entre os joelhos regozijando-se. Podia sentir Claire em seu sangue, seu vínculo lhe dava a segurança que necessitava de que ela, de fato, estava bem. Ela era uma calma sob a corrente de raiva em suas próprias veias, a água fresca que aliviava o seco calor do fogo esperando a oportunidade para devorá-lo.

—E se isto chegar muito longe, Tegan?— sua voz soava inexpressiva e vazia, inclusive para seus próprios ouvidos. —E se depois de tudo o que passamos, depois de tudo que tentei protegê-la, não for suficiente? Que acontece se a visão for certa? A única coisa de que não posso protegê-la é de mim. Que acontece se Claire se aproxima muito um dia, e o calor a destrói?

—E se está enganado?— disse Tegan. —E se ela for a única coisa que poderia salvá-lo de si mesmo?

Reichen olhou o forte guerreiro Gen Um que uma vez havia derrubado dezesseis cruéis vampiros em uma façanha de legendária eficácia, com uma mão só. Tegan nunca havia sido a mais cálida das pessoas, mas havia uma tranquila sabedoria em seus olhos agora – um espiritual conhecimento que não havia estado presente quando Reichen o havia visto pela última vez, por volta de quase um ano em Berlim. O amor por sua companheira de Raça, Elise, o havia transformado de algum modo. O fez mais forte e ao mesmo tempo havia suavizado alguns de seus lados mais duros.

Mas Tegan e Elise tiveram obstáculos diferentes a superar.

A relação de Reichen com Claire havia sido complicada quase desde o começo. Agora havia se convertido em impossível.

—Não posso me arriscar.— disse Reichen. —Não vou me arriscar. Se afundar, maldito seja, afundo sozinho.

Tegan exalou bruscamente e mostrou seus dentes com um sorriso que não era muito amigável.

—Uma explosão de glória, não é?

—Algo assim.— respondeu Reichen.

O guerreiro ficou de pé abruptamente e lançou um olhar avaliando-o. —Pode pensar que está mantendo Claire fora de perigo pondo-a de lado agora, mas o único que está protegendo é a si mesmo. Se afundar, seja pela pirotecnia ou pela sede de sangue que o consome, é isso o que vai matar essa mulher, e sabe. Só quer se assegurar que não esteja aqui para ver.

Reichen não tentou negar a acusação. Não que Tegan lhe desse oportunidade. Afastou-se de onde Reichen estava sentado, logo caminhou saindo da sala de armas, batendo no interruptor de luz em seu caminho ao sair e inundando o lugar de novo na escuridão.

Wilhelm Roth estava no telefone com Dragos quando suas veias cobraram vida com a presença de sua antiga companheira de Raça. Evidentemente, parecia que Claire não estava longe. De fato, pela forma que seu pulso se movia por seu vínculo de sangue com ela, estava malditamente seguro que Claire estava perto de uns vinte quilômetros de onde ele estava... e se movia cada vez mais perto.



Que demônios estava fazendo?

Olhou o relógio no laboratório de Dragos e franziu o cenho ao ver que passava um pouco da uma da tarde. Plena luz do dia.

Ela e Reichen não haviam pedido ajuda à Ordem, depois de tudo? Ou os guerreiros por alguma razão haviam negado asilo em seu complexo?

Roth não podia pensar em nenhuma razão para que Claire estivesse na área na metade do dia – provavelmente sem a proteção de Reichen ou de alguns dos guerreiros de Boston.

Poderia ser realmente o bastante tola para procurá-lo de novo por sua conta?

Roth poderia ter rido de tal idiotice se não fosse pelo fato que seu objetivo atual para Dragos dependia que Claire levasse a Ordem diretamente às suas mãos. Se estava sozinha, estaria fodendo o plano inteiro.

—Ficou repentinamente muito calado, Herr Roth. Algo está errado?— perguntou Dragos. Sua voz tinha que competir com um estrondoso ruído de fundo no outro extremo da linha, um ruído metálico que não mascarava a fúria que brotava sob a superfície da aparente calma do vampiro. —Estava me dizendo que tudo está em seu lugar, tal como combinamos.

—Sim, Senhor.— respondeu Roth. —Mas há algo... estranho.

—OH?— o tom era tão leve como uma folha suspensa sobre a cabeça a ponto de rodar. — Fale.

—É Claire. Sinto-a aproximando-se, senhor. Acredito que está se aproximando do laboratório. Estou seguro que ela deve me sentir, do mesmo modo que eu sou consciente dela. Minha hipótese é que ela veio me procurar.

—Que horas são?— perguntou Dragos, sua pergunta elevando-se pela repentina explosão de uma buzina e uma voz apagada chiando algo ininteligível sobre algum tipo de voz alta de armazém.

—É quase de tarde, senhor. Uns minutos além da uma.

Dragos grunhiu, contemplando em silêncio por um longo momento.

—Se sua encantadora companheira de Raça vem procurá-lo, de todo modo, a ajudemos a chegar aí. Dê a um funcionário do nível de segurança a descrição da fêmea. Diga que os quero fora e que a encontrem e levem-na à instalação.

—Mas e o plano?— interveio Roth. —Pensei que a necessitávamos para atrair à Ordem até nós.

—Sim.— sussurrou Dragos. —E o fará. Sua dor atrairá o macho que está unido a ela, e ele se assegurará que a Ordem venha.

—Torturá-la?— sugeriu Roth, rasgando-se entre o deleite da iminente dor de Claire e sua própria agonia compartilhada, desde que seu vínculo de sangue com ela absorveria tudo o que ela fosse submetida, também.

Dragos riu do outro extremo da linha.

—Deixarei que os detalhes de seu tratamento dependam de você, Herr Roth. Contate-me logo que saiba algo mais.

—Sim, senhor.— Respondeu Roth.

Fechou o telefone e começou a imaginar as muitas maneiras lentas e sádicas que podiam



fazer Claire gritar.

Capítulo 26

Claire secou as mãos com uma toalha de papel quando saiu do banheiro público de um posto de gasolina situado num lance rural de duas vias em algum lugar perto da fronteira NE de Connecticut. No meio da tarde, o sol já começava sua descida para as copas dos pinheiros, os carvalhos e arbustos sem folhas que cobriam a região de bosques de colinas do estado. Ela entrecerrou os olhos, tampando os olhos dos raios de cor laranja cegador e desejando que tivessem umas horas a mais para continuar sua busca. Estavam tão perto, podia sentir durante todo o caminho em sua medula óssea. Durante o último par de horas ela, Renata e Dylan haviam estado olhando ao redor da área onde o vínculo de sangue de Claire tinha crescido até odiá-lo fortemente. Elas estavam estreitando o cerco sobre Wilhelm Roth milha a milha, reduzindo sistematicamente a gama de lugares em que a Ordem provavelmente o encontraria. Outro par de horas penteando a área e Claire estava segura que teriam sua localização facilmente em uma milha quadrada. Se somente o dia de outono tardio pudesse estender-se um pouco mais, pensou, impaciente quando atirou a toalha de papel usada em uma cesta de lixo e caminhou a curta distância de volta ao negro Range Over da Ordem estacionado no posto de gasolina. Renata estava enchendo o tanque para a viagem de volta a Boston, sua atitude de prudência casual quando se apoiou contra o veículo e olhou os medidores digitais na tela da bomba. Claire não deixou de notar que a mão direita da fêmea havia cruzado pela parte dianteira de seu corpo e se ocultado sob as dobras de sua gabardina escura, sem dúvida, apoiada na culatra de uma pistola ou envolvendo o punho de uma de suas lâminas. Ela estava tão atenta como qualquer um dos guerreiros, e Claire imaginou, tão mortal quando a situação justificava força letal.

Assentindo com a cabeça à medida que se aproximava de Renata, Claire subiu na caminhonete e fechou brandamente a porta do passageiro atrás dela, cuidando de não despertar Dylan, que estava tirando uma sesta rápida no assento traseiro. Tinha sido um dia longo, ainda mais pelo fato que nenhuma delas tinha conseguido dormir muito antes de ter deixado o complexo essa manhã. Claire estava esgotada, mas não podia suportar a ideia de desistir antes que houvesse conseguido um bloqueio sólido em Roth. Ela girou no assento para recolher o mapa em que estavam trabalhando, ressaltando em manchas amarelas, verdes e laranjas, para indicar o número de áreas onde seu sentido de Roth tinha sido mais forte.

—Onde diabos está?— Sussurrou em voz baixa, ouvindo o ding do sino da estação quando um automóvel se deteve na bomba junto dela. Pôs toda sua concentração no ritmo que redobrava seu pulso, tentando não pensar no fato que a percepção de Roth se sentia da mesma maneira.

Sabia ele o perto que estava de encontrá-lo agora? Sem dúvida. Só o simples fato de que o sol ainda não se ter posto não lhe deu nenhum tipo de consolo quando pensou na fúria de sua cara se alguma vez caísse em suas mãos outra vez. Ia matá-la, estava certa. Mas não antes que desafogasse sua irritação nela e cumprisse seu desejo de matá-la.



Sacudida pelo pensamento, Claire girou em seu assento de novo para guardar o mapa. Foi então que se deu conta dos dois homens que saíam do carro ao seu lado. Os homens grandes estavam ambos vestidos de negro, jaquetas de couro e botas de combate.

Eles a olharam e ela os olhou, e um calafrio correu fundo nos ossos de Claire. Seus olhos eram cruéis, estranhamente vazios.

E esta não era a primeira vez que tinha visto o par de humanos hoje.

Claire os havia visto só um par de horas antes, quando ela, Renata e Dylan se detiveram em um restaurante gordurento para o almoço em uma cidade vizinha. Difícil não ver toda essa roupa escura e a ameaça apenas encoberta. Difícil passar por cima da forma como os dois homens a estudavam agora, trocando um olhar sem palavras entre eles antes que um deles voltasse para tirar algo do porta-malas.

Saltou quando Renata abriu a porta do carro.

—Nos seguem.

—Sei— disse Claire quando Renata se deixou cair no assento, fechando a porta com uma mão e girando a chave do contato com a outra. —Vi-os antes. Eles estavam nos olhando, também. Há algo mau com eles – com seus olhos. Me dá calafrios.

—Isso é porque são Subordinados— disse Renata com total naturalidade, pondo a caminhonete em marcha.

No assento traseiro, Dylan sentou e respirou fundo e rápido.

—Oh, merda. Temos companhia.

—Sim, temos.— respondeu Renata, olhando pelo espelho retrovisor. —Ponha o cinto.

Dylan começou a dizer algo mais, mas então Renata pisou no acelerador e as rodas do Range Rover chiaram no pavimento. Saíram do posto de gasolina e entraram na estrada. Em questão de segundos, os Subordinados estavam atrás delas.

Claire girou para medir sua distância.

—Estão nos alcançando rapidamente. Oh Deus meu, vamos bater...

A sacudida repentina do impacto fez o Rover saltar e abrir passo a empurrões pelo caminho. Para crédito de Renata, ela pôde manter o equilíbrio, corrigindo a vibração brusca para a outra via do veículo. Acelerou, ganhando a distância de um par de carros, antes que o sedan investisse de novo, tentando obrigá-las a sair da estrada.

—Há um pequeno acesso mais adiante à direita.— disse Dylan, sua voz elevada para ser escutada acima do ruído do motor e do ar golpeando a cabine. —Entre ali, Renata. É um pouco mais à frente da árvore morta. Vê?

—Vejo— disse Renata —mas não quero correr o risco de capotar e sermos apanhadas no meio do bosque. Espere. Acredito que posso deixar para trás esses safados.

—Não vamos ser apanhadas.—, Dylan insistiu. —Tem que fazê-lo agora!

Claire voltou a olhar ao cabelo castanho da Companheira de Raça e viu a segurança em seu olhar.

—Como pode estar certa disso?

—Devido ao fantasma da Companheira de Raça morta que está sentada aqui do meu lado dizendo que é nossa melhor oportunidade de sobreviver.



Claire sentiu que seus olhos se arregalavam.

—Suficientemente bom para mim nesse caso— disse Renata, aliviada e diminuiu só o suficiente para poder virar e entrar no atalho do bosque cheio de buracos que Dylan tinha indicado.

—Segue adiante— Dylan deu instruções. —Só tem que seguir até que diga que pare.

—Muito bem.— Renata continuou, levantando pó e pedras em seu caminho.

Atrás deles, os Subordinados no sedan tiveram que pisar em seus freios com força, enquanto deslizavam de lado para dar a volta. Conseguiram embora com o carro dando tombos ficar rapidamente em sua cauda. Através da nuvem de escombros entre os dois veículos, Claire mal podia distinguir os dentes e os olhos escuros dos dois escravos de mente humana.

Eram Subordinados de Roth ou pertenciam a alguém mais perigoso ainda que ele - Dragos? Ela não queria saber. Só esperava que as habilidades de condução de Renata e o talento da Companheira de Raça Dylan fossem suficientes para salvá-las. Senão...

Senão, então as árvores deste lance de bosque poderiam ser a última coisa que elas vissem.

—Mais rápido, Renata!— Dylan insistiu. —Segue adiante, tão rápido como puder!

O Range Rover balançou e ricocheteou, ramos raspando dos lados e batendo no para-brisa e nas janelas como tentáculos espinhosos.

E ainda os Subordinados as seguiam.

—Corte à esquerda— Dylan gritou. —Tão bruscamente como puder, Renata. À esquerda e logo acelere!

Claire agarrou o tabuleiro de instrumentos quando o veículo ricocheteou sobre suas rodas dianteiras. A parte traseira da caminhonete se arqueou para trás no que parecia uma volta em câmara lenta, com a elegância de uma bailarina.

Claire olhou pela janela bem a tempo de ver que estavam girando sobre a borda de um penhasco. Debaixo delas a alguns metros um rio corria entre pedras do tamanho de um carro pequeno.

Ela não pôde conter o grito. Tampouco podia fazer outra coisa que olhar com aflito assombro como o sedan vinha direto para elas nesse mesmo instante. Estatelou-se em seu para-choque traseiro com um nauseante crunk por parte do metal e seguiu seu caminho, empurrando-as para frente do caminho quando o carro catapultou por cima da borda e caiu abaixo, estalando contra a água.

—Santa Merda!— Dylan gritou. —Funcionou! Viu isso?

Renata parecia longe da celebração. O Range Rover estava fora de controle, detendo-se abruptamente quando o para-choque dianteiro chocou contra o tronco de uma árvore pequena. Os airbags saltaram pelo impacto, arrojando um gemido e um sopro de fumaça eletrônica.

Aturdida e agitada, levou uns segundos para Claire desinflá-lo um pouco. Renata, enquanto isso, com calma retirou o obstáculo de seu caminho e saiu do veículo. Dirigiu-se para a parte traseira da caminhonete e pegou a arma de aspecto desagradável que Nikolai tinha dado. Logo se aproximou rapidamente, mas de forma constante da borda do aterro. Claire e Dylan saíram do Rover e a seguiram, correndo para seu lado justo quando a Companheira de Raça apontava para os Subordinados, que estavam lutando por sair de seu carro antes que o rio os levasse água



abaixo. Renata deu só dois tiros- cada um golpeou seu objetivo com infalível exatidão.

Os Subordinados, ambos sangrando pelos buracos na cabeça, deslizaram sem vida nas velozes correntes.

—Todo mundo está bem?— Perguntou, olhando por cima com uma tranquilidade constante, desconcertante.

—Estamos bem— respondeu Claire, ainda assombrada por tudo que acabava de presenciar. Pelo menos a forma eficiente e fria de Renata quando matou os dois atacantes letais.

Quando as mulheres se afastaram da beira, Dylan parou em seco.

—Um...? Sabem que esperávamos encontrar Roth para sermos capazes de utilizá-lo para encontrar algo sólido sobre a localização de Dragos?— Olhou Claire e Renata. —Acredito que estamos perto.

—É isso o que a Companheira de Raça morta está dizendo agora?— Perguntou Claire.

—Uh-Huh.— Dylan lentamente levantou a mão para indicar a floresta ao redor delas. —Ela e uma vintena de outras como ela. Estão saindo das árvores umas atrás das outras e ficando de pé diante de nós.

Claire engoliu saliva enquanto olhava para o bosque vazio, os últimos raios de luz do dia iluminando tudo com um resplendor avermelhado. Ela não podia ver o que Dylan dizia, mas o pelo começou a arrepiar-se na parte de trás do seu pescoço.

—Será melhor chamar o complexo— disse Renata.

—Uh-Huh,— Dylan murmurou. —Boa ideia. Porque acredito que podemos estar paradas quase na parte superior da guarida de Dragos agora.

Capítulo 27

Reichen havia dormido confortável a maior parte do dia, mas despertou ainda agitado com a necessidade de alimentar-se. Depois de seu enfrentamento com Tegan, havia conseguido de algum modo chegar do quarto de armas ao seu quarto provisório no complexo, onde havia desabado sobre a cama e rapidamente entrado em um estado de inconsciente esquecimento.

Agora, graças a uma ducha e roupa, finalmente foi capaz de ficar em pé por vontade própria. Estava ansioso pelo impulso de caçar. Sabia o suficiente da sede de sangue para compreender que a fome só pioraria se alimentasse agora, mas isso não diminuiu sua marcha quando percorreu seu caminho pelo corredor para ingressar nos elevadores que o levariam ao nível da rua e a cidade que pulsava com a humanidade além das grades da sede da Ordem. Sua boca fazia água só de pensar, e suas gengivas estavam doloridas com o inchaço de suas presas.

Sobre a terra era pôr do sol, mas Reichen não se preocupava com uns minutos de queimaduras ultravioleta. Aproximou-se lentamente dos elevadores e apertou o botão para chamar o vagão.

Enquanto esperava, impacientemente como um gato, escutou fortes pisadas que vinham de outra direção. Os guerreiros Kade e Brock dobraram a curva do corredor, ambos vestidos com



roupa de combate e um completo armamento pesado. Parecia que estavam preparados para a guerra.

—Ei.— disse Kade, seus olhos mutantes e como os de um lobo se estreitaram quando saudaram Reichen com um ligeiro movimento de sua quadrada mandíbula. Seu cabelo um pouco arrepiado estava coberto por uma boina de malha negra, a mesma coisa escura se estendia pela cabeça raspada de Brock. Os dois grandes machos se detiveram quando Reichen girou para eles.

—Que está acontecendo?— perguntou aos guerreiros, esperando que não perguntassem a mesma coisa.

—Saímos em poucos minutos para os subúrbios de Connecticut, cara.— disse Brock, sua profunda voz baixando o tom estrondoso e disposição de batalha. —Com um pouco de sorte, teremos Dragos sobre seu próprio traseiro em uma bandeja antes que a noite termine.

—Dragos.— Reichen ecoou. —Temos uma pista dele?

—A melhor até agora.— concluiu Kate. —Gideon está recebendo as coordenadas de Renata enquanto falamos.

—Quando retornaram as mulheres?

Brock sacudiu lentamente sua cabeça.

—Não retornaram. A Rover está danificada. Assim as recolheremos quando esta noite chegar.

O alarme provocou um repentino alvoroço em todo o corpo de Reichen.

—Quer dizer... o veículo se avariou com elas?

—Bateu contra uma árvore.— disse Kade. —Poderia ter sido um inferno pior, se os Agentes tentassem tirá-las da estrada e houvessem realmente as pegado. Todas estão bem, e os escravos estão mortos. Renata deu a ambos um caso fatal de envenenamento de primeira.

—Bom Cristo.— O sangue de Reichen corria gelado.

Agentes.

Um acidente de carro e disparos.

Claire...

—Gideon está no telefone com a mulher agora?

Kade assentiu.

—Onde?

—No laboratório de tecnologia.

Reichen pôs-se a correr como uma alma que foge do diabo, os pés e o coração palpitando pela necessidade de escutar a voz de Claire, para ouvir de seus próprios lábios que realmente estava ilesa.

Gideon estava com a maioria da Ordem, todos reunidos e repassando o mapa e as coordenadas que penduravam no fundo da parede do laboratório. Tegan, Nikolai, Rio e o ex-assassino Gen Um chamado Hunter estavam vestidos todos como Kade e Brock, todos com armas penduradas e com um letal propósito.

Reichen entrou na sala e se dirigiu diretamente para Gideon, bem a tempo de escutar o guerreiro pôr fim a sua conversação com Renata e desconectar a chamada.

—Preciso falar com Claire.



—Ela está bem.— disse Gideon. —A situação está totalmente sob controle.

—Como um inferno.— rugiu ele, virtualmente tremendo de preocupação. —Foram atacadas por Agentes e agora estão paradas aí fora? Que porra aconteceu?

—Sabíamos que a missão não era completamente sem riscos.— disse Lucan sobriamente. Quando Reichen girou para enfrentá-lo, o líder da Ordem continuou. —As mulheres conheciam os riscos, também. Aceitaram, e o dirigiram. Bastante bem, de fato.

Reichen se tranquilizou, mas só um pouco.

—Diga-me o que aconteceu.

Gideon deu um rápido relatório dos feitos que Renata havia informado: a certeza que Claire e elas estavam a poucos quilômetros de Roth; a chegada dos dois Agentes que aparentemente as seguiam desde a tarde, a perseguição a grande velocidade que acabou em um bosque a umas três horas de distância, e a assombrosa notícia que o dom psíquico de Dylan não só garantiu a segurança das mulheres mas também, aparentemente as havia levado diretamente às imediações do que poderia ser a guarida oculta de Dragos.

Tão aturdido como estava ao ouvir os extraordinários acontecimentos do dia – igualmente aliviado ao saber que nem Claire nem as outras duas mulheres estavam feridas – outra parte dele estava alagada de confusão... culpa.

Claire deveria estar aterrorizada quando ela e suas companheiras tinham sido atacadas pelos Agentes. Ao menos, sua adrenalina devia ter dado saltos, e entretanto o vínculo de sangue de Reichen com ela não havia dito nada.

—Não sabia?— disse Tegan, seu olhar parecia ler tudo através dele.

Reichen sacudiu lentamente sua cabeça. Esteve deitado enquanto Claire se encontrava em sério perigo. Saber que poderia haver falhado em protegê-la o golpeou como uma punhalada no peito.

E agora ela estava lá fora, vulnerável, bastante perto de Roth para que pudesse senti-lo, e possivelmente dentro do alcance de Dragos, também.

Reichen se arrepiou com o pensamento. Sentiu o primeiro rastro do rangente calor começar a florescer em suas vísceras, enquanto a Ordem voltava a repassar o plano da noite. Empurrando o fogo para o fundo, toda a sua concentração se centrou em Claire, escutou o plano dos guerreiros de procurar na floresta que as fêmeas tinham esboçado, com o objetivo de descobrir a aparente base de operações de Dragos. Da informação do vínculo de sangue que Claire lhes deu, estavam seguros que encontrariam Roth, mas o objetivo ideal seria localizar o próprio Dragos, tirar o bastardo de seu esconderijo e pô-lo nas mãos da Ordem.

Os guerreiros começaram a dispersar, aqueles em uniforme de combate partiram pelo corredor enquanto que Lucan, Dante e Gideon estariam fiscalizando a missão do complexo. Quando Reichen avançou para unir-se a Tegan e aos outros em seu caminho pelo corredor, Lucan o deteve com um olhar.

—Esta é a missão da Ordem, e não podemos permitir nenhum elo fraco na cadeia.— Ao cenho franzido em desaprovação de Reichen, Lucan continuou. —Escute, você foi um inferno de aliado até agora, Reichen. Mas Tegan me pôs à par de algumas coisas. O que está acontecendo com a pirotecnia e os efeitos posteriores. Também ouvi da visão que a companheira de Raça de



Roth viu nos olhos de Mira. Aquilo não é coisa pequena, e não podemos permitir nenhuma responsabilidade neste momento.

Reichen sustentou o perspicaz olhar cinza do guerreiro Gen Um.

—Estou unido a ela, Lucan. A amo. Se quiser que me mantenha fora disto, vai ter que me matar aqui mesmo e agora.

Um silêncio caiu sobre o laboratório e o grupo de guerreiros parados ao redor deles.

—Dei a Ordem todo meu apoio.— disse Reichen. —E isto me custou muito, mas estou tratando com isso. Agora peço que me dê uma coisa: quero Roth morto. Necessito Roth morto, e o mesmo quer a Ordem. Deixe-me acabar com o filho da puta, mesmo que seja a última coisa que faço.

—E se for a última coisa que faz?— pressionou Lucan.

Reichen sacudiu lentamente sua cabeça, sentindo a determinação por suas veias em uma medida muito maior que inclusive no pior de sua pirotecnia.

—Não penso em perder esta batalha, Lucan. Não penso em perder Claire, tampouco.

O vampiro Gen um o olhou por um longo momento, seus olhos cinza escrutinando-o firmemente.

—Muito bem.— disse por fim. —Faça e saia de uma puta vez daqui. Que Deus o abençoe, Reichen. Tenho a sensação que poderá precisar.

***** Tiamat-World *****

O ultimo raio de sol se escondeu atrás da linha oeste enquanto Claire, Renata e Dylan abandonavam a Range Rover atrás delas perto do rio e tomavam o caminho de terra para a estrada. Tinham pego todo o importante da SUV – mapas, notas, armas e munições - e estavam subindo um atalho perto da estrada principal como os guerreiros haviam dito a Renata quando telefonou há pouco tempo.

Enquanto caminhavam pelo estreito atalho durante o anoitecer, Claire não podia deixar de olhar por cima do ombro ou saltar a cada ruído inesperado que saía da escuridão – do bosque que as ladeava. O dia havia sido o suficientemente inquietante, o zumbido em suas veias – a terrível certeza que Wilhelm Roth estava perto – que sua pele tinha também a sensação formigando sobre seu corpo, todos seus sentidos à borda.

Seguiu revisando seus passados sonhos andantes com Roth, para recordar como havia nascido sua promessa de fazer sofrer Andreas e ela. E também reviu, com muita clareza, as numerosas mulheres metidas nas celas de Dragos que poderiam estar não tão longe de onde ela e suas duas companheiras estavam paradas não faz muito tempo. Adoecia-a pensar nos horrores que as cativas companheiras de Raça poderiam estar passando. Horrores que tinham acabado em morte para muitas delas, como evidenciava o grupo de espectros que tinham se apresentado a Dylan naqueles remotos bosques.

Dragos tinha que ser detido. Wilhelm Roth também, e a qualquer outro membro da Raça que aprovasse o tipo de tortura e terror que havia visto pela mente subconsciente de Roth.

Claire sabia que homens como esses tinham que desaparecer, mas não fazia perder seu



medo por aqueles que faziam disto a missão de sua vida ao ver esta classe de mal destruída. Não fazia desaparecer sua preocupação por Andreas e a angustiada visão de fogo e morte que havia orado para que nunca se fizesse realidade.

Enquanto ela e suas duas companheiras procuravam refúgio para esperar os guerreiros vinham ao seu encontro, Claire não podia deixar de pensar na noite que se aproximava e que poderia ser só o começo de uma escuridão até maior por vir.

Capítulo 28

Reichen sentou junto a Tegan no assento traseiro de uma Range Rover negro no que parecia um percurso interminável pela curva noroeste de Connecticut. Rio estava ao volante, Nikolai viajava como guarda armado, mantendo constante contato por telefone celular com Renata desde que os guerreiros saíram de Boston umas três horas antes. Atrás deles em outra SUV ia o resto da equipe que os acompanhava na missão: Kade, Brock e Hunter.

Há quase quarenta e cinco minutos eles tinham saído da interestadual e começado um deslocamento serpenteante ao longo de um caminho rural atrás de outro, seguindo tanto as coordenadas que as mulheres tinham proporcionado como a intensidade dos vínculos de sangue que tinham levado Niko e Rio até suas companheiras inclusive sem o uso de mapas e sistemas GPS. Do mesmo modo, a atração sensorial de Reichen para Claire estava intensificando-se quanto mais longe conduziam com o passar do sinuoso lance de asfalto de duas vias iluminado pela lua.

—Acabamos de passar o pequeno posto de gasolina que menciono.— Niko disse em seu telefone celular quando o estabelecimento fechado se reduziu atrás deles na escuridão. —Agora estamos chegando perto da curva. Deve ver as luzes do Rover a qualquer momento. Vamos acender intermitentemente para que saiba que somos nós.

Mais adiante do veículo a estrada cintilou luminosa quando Rio acendeu intermitentemente as luzes altas algumas vezes.

—Sim, a vemos.— Niko disse quando uma figura escura saiu do bosque a algumas centenas de metros adiante e agitou um sinal de sua localização.

Observando por trás de Nikolai, Reichen não respirou até que Rio conduziu o Rover fora da estrada e no acesso onde as três Companheiras de Raça esperavam. Seu olhar procurou e se fixou duramente em Claire. Ela se via tão vulnerável e fora de lugar rodeada por tanta noite e bosque escuro, para não falar do fato que Wilhelm Roth não podia estar longe do mesmo lugar onde ela estava agora.

Mas Reichen só leu o mais mínimo medo nela. O batimento de Claire era constante e forte em seu coração, e seu modo de andar era firme quando ela e suas duas acompanhantes saíram ao encontro do veículo.

Logo que Rio estacionou a caminhonete tanto ele como Niko saltaram para atrair suas companheiras em abraços aliviados e relaxados. Reichen e Tegan saíram também. Tegan caminhou para trás para receber o segundo veículo que se chegava atrás deles no atalho de terra.



Conversas circulavam em voz baixa sobre táticas e estratégias e comentários rápidos dos planos estabelecidos para registrar minuciosamente a área onde Dylan tinha visto as fantasmais Companheiras de Raça com a esperança de lançar um ataque ofensivo sobre o possível esconderijo de Dragos.

Reichen, enquanto isso, não podia afastar os olhos de Claire. Ele caminhou para ela, cruzando seus braços quando a necessidade de envolvê-los ao seu redor ficou muito forte para negá-la. Não estava seguro que ela daria as boas-vindas à sua preocupação depois da forma que tinham ficado as coisas no complexo.

—Está bem?— perguntou ao notar que ela também tinha mantido suas mãos perto dela enquanto ele se aproximava. —Meu deus, Claire. Ouvi o que aconteceu hoje. Não tem ideia de como estive preocupado...

Deu-lhe um olhar ilegível, encantada por sua roupa de combate negro e com as muitas armas subministradas pela Ordem embainhadas no cinturão ao redor de seus quadris. Então ela o olhou nos olhos uma vez mais e assentiu com a cabeça.

—Estou bem.— disse com voz apagada. —Obrigada pela preocupação.

Deus, odiava esta forçada cortesia, como odiava o fato que a escassa medida de um braço que agora os separava bem poderia ser uma milha. Claire lhe deu essa expressão aperfeiçoada de placidez que tinha pertencido a Wilhelm Roth—a máscara cautelosa e agradável das fotografias que Reichen tinha visto dela. Agora estava pondo esse olhar nele. Deixando-o fora com o mesmo tipo de distância cordial que antes tinha reservado para desconhecidos e outras pessoas que não confiava.

A compreensão cortou fundo, apesar de ter feito por merecer. Inferno, merecia muito mais que isso quando se tratava de Claire. Tinha posto de cabeça para baixo seu mundo inteiro, pondo-a na mira de uma mortal guerra pessoal. O que era muito pior era o fato de ter voltado para sua vida só para arrastá-la para o centro de seu conflito com Roth.

—Claire.— disse em voz baixa, as palavras destinadas só a seus ouvidos. —Há tanto pelo que quero te pedir desculpas, por...

—Por favor, não o faça.— Ela o olhou na escuridão, dando uma sacudida leve de sua cabeça. Não havia condenação em sua voz, nenhuma ferida aberta. Só resignação. —De verdade acredita que procuro que me diga que sente? Não o faço, Andreas, já não. Sobretudo agora. Quando tudo isto terminar esta noite, então pode dizer o que tiver que me dizer.

Ela se preocupava que ele estivesse caminhando para sua morte, e talvez o fizesse. Ele soltou uma respiração lenta, surpreso como sempre pela força que ela levava em seu interior. Acariciou-a por um segundo breve, memorizando a textura de veludo de sua cálida e doce pele.

—Sempre a amei, Claire. Sabe isso, verdade?

Ela pressionou seus dedos meigamente contra seus lábios.

—Não se atreva a pretender que isto seja um adeus.— sussurrou com ferocidade. —Maldito seja, Andre, não se atreva.

Reichen beijou as suaves pontas de seus dedos, logo enganchou seu braço ao redor da parte baixa de suas costas e a atraiu perto dele. A fome o queimou, sangue e desejo ardendo juntos, a dupla necessidade que se centrava na mulher que era tão boa em seu abraço.



—É minha, Claire.— grunhiu em sua boca enquanto a beijava, longa e profundamente. Ao seu redor, os guerreiros se preparavam para propagar-se e começar sua busca nos bosques circundantes. Reichen deu um passo longe de Claire, sentindo o vazio do espaço como uma repentina rajada de ar frio. —Tenho que ir agora.

—Sei.— disse em voz baixa. —Mas vai voltar para mim, verdade? Desta vez, me prometa, Andre... que voltará para mim.

Ele jogou um rápido olhar à escuridão do bosque, seus sentidos formigando com o conhecimento que uma dura batalha vinha logo. Voltou a olhar para Claire e bebeu a visão dela. Sua formosa e extraordinária Claire. Depois desta noite, ela ficaria livre de Roth para sempre. Reichen se asseguraria disso. Depois desta noite, Claire estaria a salvo, não importava o que tivesse que fazer para garantir.

—Tenho que ir.— ele disse de novo.

Seu olhar estava implorando, uma lâmina retorcendo sob seu esterno.

—Andre... Promete isso?

—Mantenha-se a salvo, Claire. Amo você.

Ele desceu ao lado de Tegan e dos outros guerreiros, e não olhou para trás.

Claire ficou ali durante um longo momento, olhando aturdida como o bosque tragava Andreas e os outros guerreiros. Ela tinha mantido sua aparência valente mais tempo do que pensou que podia, mas agora que ele se foi sua coluna vertebral se parecia menos firme, suas pernas um pouco instáveis debaixo dela. Ela se assustou quando uma mão aterrissou brandamente sobre seu ombro.

—Ei.— Era Dylan, sua expressão suave e pormenorizada. —Vamos ao Rover, Claire. É mais quente em seu interior. Rio e eu a acompanharemos até que isto termine.

Deixou-se levar ao redor do veículo que os esperava, dando-se conta tardiamente que Renata se uniu aos guerreiros também. Dentro do Range Rover, Rio estava em duas vias de comunicação tática com cada membro da missão, incluindo Andreas. A conexão com ele, inclusive por meios eletrônicos, deu-lhe um pequeno grau de conforto. Pelo menos podia ouvir sua voz de vez em quando, e saber que ainda estava com ela. Ainda com vida.

Ela se negou a considerar as muitas formas terríveis em que esta noite poderia terminar. Em seu lugar se aferrou à lembrança quente do abraço de Andreas, o beijo apaixonado, suas palavras de amor.

Tinha que voltar para ela.

Ele tinha que sobreviver.

Enquanto mantinha esses pensamentos perto dela como um escudo, a voz profunda de Tegan veio através do receptor montado no painel da Rover.

—Merda, acredito que temos algo aqui.— Houve um rangido de movimento no fundo, o ruído das botas vagando cuidadosamente sobre folhas secas. O guerreiro baixou a voz a um sussurro. —OH, inferno sim... sem dúvida alguma temos algo. Celeiro arruinado há aproximadamente quatrocentos e cinquenta metros ao nordeste da Rover.

—Recebido— chegou o grunhido baixo de Brock. —Movam-se agora.



Claire trocou um olhar ansioso com Dylan quando mais guerreiros informaram que estavam rodeando a localização que Tegan tinha dado.

—Casal de Subordinados situados fora, armados com semi-automáticas,— Tegan adicionou.

—Reichen e eu estamos nos movendo sobre eles. Todos os outros à retaguarda.

Nem um segundo mais tarde os disparos estalaram do bosque longínquo.

Capítulo 29

Wilhelm Roth se dirigiu à sala de controle do circuito fechado da velha fazenda, depois que a Ordem acabou com os subordinados que estavam de guarda na entrada. Os subordinados eram desnecessários, nada mais que um obstáculo para manter as aparências. Apesar de tudo a Ordem poderia suspeitar se Dragos e ele desdobrassem um tapete vermelho para dar as boas-vindas. Tinham que fazer um pouco de esforço por seu prêmio, os fazendo acreditar que eram os que tinham a situação sob controle quando sua chegada havia sido prevista todo o tempo.

Agora que tinham conseguido entrar na instalação subterrânea, seria só questão de minutos para que o grupo de guerreiros e Andreas Reichen encontrassem o caminho pelas catacumbas ao coração do subterrâneo e chegassem ao escritório central de Dragos. Uns minutos depois de ter entrado se dariam conta da armadilha que havia e entenderiam que não havia escapatória.

Em questão de minutos Roth teria o grande prazer de matá-los a todos de uma só vez.

Sorriu com alegria genuína e fez gestos à meia dúzia de assassinos Gen Um que estavam reunidos com ele na sala de controle.

—Dois de vocês vem comigo— disse, sem importar qual deles era criação de Dragos. Os assassinos altamente treinados o acompanharam já que todos eram nascidos e criados para fazer frente à morte. —O resto de vocês proteja a entrada. Assegurem-se de que ninguém entre ou saia.

Quatro deles se moveram para cumprir suas ordens. Wilhelm Roth saiu da sala de controle à espera de seu momento de triunfo sobre Andreas Reichen e seus companheiros condenados.

Tegan e Nikolai foram os primeiros em entrar no túnel úmido e escuro que tinha sido escavado profundamente na terra e fortificado com suportes de aço e concreto. Uns segundos depois que tinham descido, Niko voltou a subir e marcou um sinal para Brock, Kade e Reichen. Hunter e Renata ficaram fora de guarda, cobrindo a saída da busca.

Uma vez que haviam se livrado dos guardas da entrada, Reichen e os outros entraram na velha fazenda, que, logo se deram conta, não era tão velha apesar de tudo. Nada sobre o subterrâneo escondido era o que parecia no exterior.

No outro extremo do túnel facilmente havia várias centenas de metros mais abaixo, o subterrâneo amplo e comprido como um ginásio. As luzes fluorescentes davam ao lugar um aspecto pálido e um resplendor branco, iluminando mesas de estilo cafeteria e cadeiras que tinham sido cuidadosamente empilhadas contra uma parede. As portas de dobradiça com uma janela circular para uma espécie de cozinha e área de serviço, também vazia e, evidentemente,



fechada ao público, embora os aromas de mantimentos recém-cozidos ainda estavam no ar.

—Adivinha quem deve jantar— Kade arrastando as palavras em voz baixa.

Brock franziu o cenho enquanto assentia.

—Seres humanos.

—Subordinados — Tegan corrigiu com um grunhido, —Muitos deles. Dragos mantém um monte de pessoal aqui.

Nikolai grunhiu.

—Sim, mas para que?

—Vamos ver— Tegan disse, assinalando para que se movessem através do corredor.

Arrastaram-se sem fazer ruído passando múltiplos corredores e portas atrás de porta dos quartos com falta de toques pessoais.

—Jesus— sussurrou Kade. —De quantos Subordinados precisa um bastardo retorcido a sua inteira disposição, de toda forma?

—Suficientes para realizar sua expansão.— disse Reichen, detendo-se em frente a um par de portas de aço para olhar dentro por uma fenda.

Além das portas havia um laboratório maciço com armários meio esvaziados e gavetas de arquivo abertas, os cubículos de trabalho torpemente limpos e um piso cheio de equipamentos quebrados no que parecia ter sido uma evacuação apressada. Os guerreiros entraram com cautela, tomando nota do pouco que ficava dos ativos. Havia um punhado de microscópios destituídos e diapositivos partidos, e equipamento que parecia que uma vez tinham sido o sonho úmido de um químico.

—Vejam isto— Kade diz do outro lado do laboratório. Ele indicou um cilindro de aço inoxidável com tampa que parecia uma panela de pressão gigantesca. —Agora, que diabos acredita que isto faz?

Reichen e Tegan se aproximaram com Brock e Nikolai. Olhando o interior do cilindro grande, Kade retirou os selos na parte superior e abriu a tampa, o conteúdo tinha sido eliminado. Entretanto, não havia dúvida do propósito da máquina.

—É um contêiner criogênico— disse Reichen.

Tegan assentiu. Assinalou com o queixo para outra sala próxima, onde estava uma linha de berços claros, como poderia se esperar ver na maternidade de um hospital de humanos, ao longo da parede.

—As incubadoras. Jesus Cristo. Dragos está fazendo uma puta fábrica de cria aqui embaixo.

—Ou era....— disse Nikolai. —Obviamente— ele esclareceu com pressa.

—Talvez sabia que íamos vir— Brock sugeriu. —Não posso falar por ninguém mais, mas estou começando a ter uma má vibração.

Kade deu ao seu companheiro um olhar afirmativo.

—Eu não gosto tampouco, está muito fácil. Isto poderia ser algum tipo de armadilha.

—Todos os ratos parecem ter fugido deste navio— disse Nikolai. —Talvez estejam certos. Dragos não deixaria um sistema como este vulnerável ao ataque, a menos que fosse deliberado. Eu apostaria meu braço direito que esteve aqui e levou tudo de valor com ele.

—Dragos pôde ter desaparecido— disse Reichen — mas Wilhelm Roth continua aqui em



algum lugar, e me encarregarei de encontrar o filho da puta.— A ira o fez centrar-se em um objetivo mais imediato, o que era crucial. —Voltem se desejam. Mas eu vou seguir adiante.

Os olhos verdes de Tegan brilhavam perigosamente.

—Há muitas perguntas sem resposta para voltar atrás sem cobrir cada centímetro quadrado deste inferno. Foda-se, se acredita que vamos deixá-lo fazer isto por sua conta, Reichen.

Reichen sustentou fixamente seu olhar e soube que uma apreciação profunda se formou com este guerreiro. Com toda a Ordem, de fato. O resto dos guerreiros não vacilou em estar de acordo com Tegan, ou cair ao lado de Reichen e se dirigiram mais fundo na instalação vazia.

Justo quando as operações secretas de Dragos não podia ser mais inquietantes, Reichen olhou uma ala longa de celas, iguais às que Claire havia descrito a partir de seu sonho com Roth. Exceto que nenhuma delas continha Companheiras de Raça em cativeiro, um fato de pouco consolo quando era óbvio pelas condições das celas que indicavam que recentemente tinham sido evacuadas.

—Inferno Santo.— Niko murmurou quando o grupo entrou na área para ver de perto. — Devem ter cinquenta jaulas aqui. Se estavam ocupadas com mulheres, que fez Dragos com todas elas?

—Moveu-as, sem dúvida.— disse Tegan. —Possivelmente ao mesmo lugar que transferiu todo seu pessoal e equipamentos, embora poderia ter separado seus arquivos agora que se viu obrigado a abandonar este lugar a toda pressa.

—Isto é uma merda doentia. — Brock comentou enquanto olhava o interior de uma das celas e passava a mão por cima de sua cabeça.

—Não viram nada ainda.— Kade tinha se aproximado de uma porta fortemente reforçada agora aberta. Entrou na sala do outro lado e deixou escapar um assobio. —Que merda?

Reichen e os outros o seguiram. Um silêncio prolongado se estendeu por cada um dos varões da raça, do mais jovem do grupo ao mais velho Gen Um, Reichen nunca tinha sido sacudido dessa forma para ficar sem palavras.

Do outro lado daquela porta havia uma ampla plataforma ligeiramente erguida do piso. E sobre aquela plataforma havia uma grande poltrona com grilhões pesados construídos para um indivíduo de tamanho imenso e força. Aparelhos tão grossos como a coxa de uma mulher. Grilhões para os poderosos pulsos que deviam apoiar mãos bastante grandes para romper o crânio de um humano médio como uma noz.

—Aqui é onde estive guardando o Antigo.— disse Tegan, o primeiro deles capaz de falar. — Santa Merda. Ele teve o Antigo sob seu controle todo esse tempo.

— Como?— perguntou Nikolai, logo deu uma olhada abaixo perto de seus pés e exalou uma maldição.

—Barras de luz ultravioleta. No piso e também no teto. Todo o perímetro da plataforma está rodeado por uma ampla gama de acessórios de luz ultravioleta (UV). Quando estão ativadas, as barras de UV conteriam o Antigo mais forte.

As palavras mal tinham saído da boca de Niko quando se escutou um repentino zumbido, uma mudança no ar ao redor deles. A luz intensa explodiu de todas as direções, tão brilhante e quente que Reichen e os outros não tinham outra opção que cobrir seus olhos com os braços.



Cheirava pele chamuscada. No princípio preocupou Reichen que seu fogo tivesse despertado de um nada. Então se deu conta que era algo ainda pior.

Reichen olhou além da rajada de luz para cima onde estava um vidro na área de visualização que não tinha visto anteriormente na antiga cela até aquele momento.

Dentro dessa área estava Wilhelm Roth, sorrindo com satisfação vendo como Reichen, Tegan e o resto dos guerreiros que tinham vindo com eles se viram cercados pelos raios de luz ultravioleta que os rodeava por todos os lados. Roth deu uma ordem a um par de grandes machos vestidos de negro de olhar duro, e carregados com armas automáticas. Estes homens usavam colares de polímero negro ao redor de seu pescoço, a cabeça raspada e suas gargantas cobertas com dermaglifos de Gen Um. Cada músculo, cada polegada deles era uma arma mortal. Os dois assassinos saíram pelas escadas dos lados da parte superior da plataforma.

Apontaram para Reichen e os outros presos dentro da jaula da luz ultravioleta, e logo abriram fogo.

Capítulo 30

O coração de Claire golpeou ruidosamente contra seu esterno diante da repentina cacofonia de disparos que estalaram no dispositivo de comunicação sobre o painel do veículo. Ela esteve tensamente monitorando os progressos da equipe dentro da guarida de Dragos junto com Dylan e Rio, o medo retorcendo como uma serpente em seu estômago com cada passo que Andreas e os outros davam dentro do horrível lugar.

Agora seu medo disparou sua garganta, explodindo fora dela em um grito quando os sons de balas zumbindo, gritos, e caos encheram o veículo.

—Oh, meu Deus!— Gritou, seu sangue muito frio em suas veias. —Oh, Meu Deus! Não!

Desesperada se equilibrou para a porta em seu lado no assento traseiro, mas Rio girou diante dela e apertou sua mão sobre seu ombro, mantendo-a em seu lugar.

—Fique, Claire. Não pode fazer nada para ajudá-los.— disse, com seu contínuo acento espanhol e seus intensos olhos com cílios escuros. Ele disse entre dentes uma maldição quando mais disparos estalaram através do receptor.

Logo, outro desastre, desta vez no posto ao nível do chão perto da entrada do celeiro, onde Renata e o varão chamado Hunter estavam posicionados.

A voz de Renata entrou no veículo em um ataque sem fôlego.

—Ah, merda. Temos companhia. Quatro guardas à vista neste momento fora do velho celeiro... Merda, acredito que são Gen Uns.

Blam! Blam! Blam!

Mais balas começaram a voar fazendo ruído, interrompendo Renata e fazendo eco pelo bosque como trovões.

—OH, Jesus.— Dylan murmurou de seu assento ao lado de seu companheiro na parte dianteira da caminhonete quando a Ordem foi atacada dentro da guarida de Dragos e fora ao nível



do chão. —Rio... o que devemos fazer?

—Fiquem aqui, as duas.— ordenou severamente, tirando uma pistola de aspecto perigoso de seu coldre em seu cinturão e a carregando. Abriu a porta do lado do condutor e saltou. — Permaneçam na Rover e mantenham-na ligada, caso os efeitos venham mais ao sul e precisem mover o traseiro daqui. Vou atacar.

Os assassinos Gen Um fizeram cair uma chuva de balas sobre Reichen e os guerreiros capturados abaixo na prisão UV. Devolver o fogo não era fácil. Os barrotes de luz eram cegadores e tórridos, oferecendo pouco espaço para esquivar as rondas entrantes enquanto os guerreiros lançavam de volta uma descarga de disparos com suas próprias armas.

De sua periferia, Reichen viu Tegan receber uma bala no ombro. Outra roçou Nikolai na coxa, deixando-o sobre seu traseiro por um segundo antes que se erguesse e carregasse uma segunda pistola, lançando várias rondas semi-automáticas. E acima, seguro atrás do vidro antibalas que o protegia do combate, Wilhelm Roth continuava olhando, ainda deleitando-se. Sorrindo, como se tudo fosse meramente entretenimento e já tivesse ganho esta guerra.

A fúria de Reichen se agitou em um fervor rápido e severo.

A pyrokinesis estava elevando-se em seu interior; ele sentiu a onda de calor correndo sobre sua pele, observando com aceitação indiferente como as balas que deviam ter perfurado seu corpo em seu lugar caíam no instante em que se chocavam contra o campo de energia psíquica que o envolvia.

—Fiquem atrás de mim!— Gritou a Tegan e os outros, abrindo seus braços para criar um campo mais amplo de amparo. —Não muito perto— advertiu. —O calor vai desviar as balas, mas também mata.

Os guerreiros se aproximaram tanto quanto era prudente, utilizando o corpo de Reichen como escudo enquanto continuavam devolvendo o golpe aos seus atacantes, que tinham a vantagem de um movimento sem restrições e potência de fogo aparentemente sem fim.

A visão de Reichen começou a deformar-se diante de seus olhos. Sua pyrokinesis estava se fortalecendo agora mais rápido, ardendo mais tórrida que nunca quando elevou o olhar para Roth. Deixou que sua raiva se expandisse, insistindo as chamas a crescer ainda mais dentro dele. Convocou cada pedaço de fogo a seu mando, deixando que se agitassem e turvassem em suas vísceras, disposto a fortalecer-se enquanto ele as mantinha até o ponto de dor. Passado inclusive do ponto de prudência.

Algum pingo puído de instinto dizia que estava cortejando coisas terríveis, mas ele empurrou de um lado a razão e avivou as chamas radiantes. Degustando a necessidade de vingança - de uma justiça final e sangrenta - como licor potente em sua língua.

—Wilhelm Roth— gritou misteriosamente, centrando todo seu ódio, toda sua energia em vermelho vivo sobre o macho que tinha tomado tanto dele, inclusive antes que tivesse demandado o massacre dos familiares do Darkheaven de Reichen. —Esta noite morre, Roth!

Enfocando seu talento, Reichen empunhou sua mão e deu um murro aos barrotes de luz ultravioleta da cela. Sentiu que não queimava, diferente do calor que já corria através dele. Olhou para cima e teve grande satisfação no repentino e boquiaberto assombro escrito na cara de Roth.



Agora sorriu a si mesmo com um sorriso cheio de ódio e sendo objeto de uma laser-sight*, Reichen saiu da jaula dos Antigos, com um rugido misturado de triunfo e fúria assassina.

Os dois assassinos Gen Um continuaram disparando com suas armas inúteis. Reichen elevou o olhar para eles, o calor ondeando para o exterior de seu corpo com intensidade nuclear. Convocou poder para suas elevadas e empunhadas mãos, logo o liberou sobre o par. Bolas de fogo gêmeas saíram disparadas de suas mãos. Os rolantes círculos muito quentes golpearam seus objetivos num instante, incinerando os vampiros no impacto, os corpos e armas reduzidos a uma série de cinzas sedimentadas e partes de metal fundido que caíam da parte superior das escadas duplas.

—Santa merda!— Um dos guerreiros alardeou atrás dele, mas Reichen não teve tempo de saborear a pequena vitória.

Não quando Roth estava o olhando com olhos abertos em pânico, afastando-se da janela como se estivesse preparando para fugir.

Reichen se agachou, logo saltou no ar. Em um movimento fluido, o fogo envolvendo-o, lançou-se saltando do chão e alcançou a lâmina extensa de vidro que o separava de sua presa. Travou os olhos com Roth, curvando seus lábios fora de seus dentes e presas quando bateu contra a janela e observou a barreira romper-se para o interior em um milhão de pedaços fundidos.

Wilhelm Roth olhou boquiaberto a imponente coluna de fogo infernal que tinha transformado Andreas Reichen em algo muito incrível para expressar. Ele tinha entendido que o talento único do varão nascido Raça era a pyrokinesis, mas isto... estava além do esperado.

Era impressionante em seu poder, e Roth não pôde evitar olhar fixamente, mudo de assombro e temor, quando Reichen andou majestosamente para ele. O chão de concreto chamuscado de negro sob as botas de Reichen. As luzes fluorescentes do teto estalaram e fumegaram quando passou debaixo delas, avançando polegada a polegada através da sala de visita. Roth recuou, sentindo seu cabelo e pele chamuscados pela intensidade do calor ondulante de Reichen.

—Acredita que pode obter algo me matando?— perguntou à forma ardente que espreitava com evidente intenção mortal. —Viu este lugar, Reichen. Pode decifrar para o que foi utilizado durante todos estes anos. Dragos fecundou seu próprio exército aqui embaixo. Fez muito mais que isso, e não pode ser detido agora. Realmente acredita que minha morte fará uma diferença no grande esquema das coisas?

—Vai fazer diferença para Claire.— foi a resposta profunda e deformada pelo calor. —Fará diferença para mim.

Roth continuou recuando, até que os medidores e os interruptores do painel de controle da jaula UV estiveram atrás dele em sua coluna vertebral. —Deixe-me ir, e talvez seus amigos nessa cela vivam.

—Não pode machucar ninguém. Já não.— O olhar de Reichen ricocheteou de ponto a ponto no painel de controle. Os circuitos crepitaram, disparando faíscas e penetrante fumaça eletrônica. Roth teve que escapar do caminho das pequenas explosões, o olhar ardente de Reichen conduzindo-o para o fundo, no canto da sala como um covarde. Roth grunhiu, furioso por ter sido posto contra seus joelhos, particularmente por este varão, cuja morte tinha ansiado e



procurado por muito tempo.

Quando Reichen se aproximou mais, as chamas assassinas por todos os poros de seu corpo, Roth fez uma brusca investida para um dos indicadores no painel de controle. Ele entendia o fato que não ia fugir desta luta agora, mas maldito fosse se aceitasse a derrota sozinho.

Com um grunhido de determinação, Roth bateu seu punho sobre o interruptor de alarme que ativava a sequência de detonação de emergência do laboratório. As sirenes começaram a soar imediatamente acima. Os alarmes soaram em todas as direções, assinalando o começo de uma irreversível contagem regressiva.

Roth se pôs a rir.

—Meu Deus. Isto quase valeu a pena: saber que vou morrer aqui ao seu lado e da maior parte da Ordem. Ver esse olhar em sua cara agora mesmo... sua derrota é evidente, Reichen. Portanto o horror e a indignação - a forte dor emocional - tudo está aí, em seus olhos.— Ele suspirou, maliciosamente dramático. —Só desejaria poder levar Claire junto conosco quando todo este maldito lugar voar pelos ares nos próximos cinco—ah, calculo que em quatro minutos e quarenta e nove segundos.

Capítulo 31

Claire queria que tudo fosse um sonho. Um terrível pesadelo de que simplesmente pudesse despertar e tudo voltasse à normalidade. Desejava voltar três noites atrás, quando ela e Andreas estavam a sós na casa em Newport, fazendo amor, caminhando pelo cais, abraçados sob a lua.

Mas o som da cruelmente animada voz de Wilhelm Roth - do que acabava de fazer a Andreas e aos guerreiros dentro da guarida abandonada... as fêmeas que se afligiriam por seus companheiros em questão de minutos - afundou-se na alma de Claire como um veneno.

—Não posso ficar aqui nem um segundo a mais.— murmurou ela, encontrando-se com o olhar cinzento de Dylan.

—Não podemos sair, Claire. Não ouve os disparos na entrada?

Claire escutava. Rio tinha partido há poucos minutos. Ele, Renata e Hunter estavam ocupados com os assassinos Gen Um que tinham chegado ao nível do chão. Era perigoso sair do veículo; Claire sabia. Entretanto enquanto olhava ansiosamente através do para-brisa fumê o bosque que a rodeava, ela sentia o mais profundo temor.

—OH, meu Deus... não. Isto não pode ser a visão de Mira.

Abriu a porta e deslizou fora da Rover, compreendendo nesse momento que a premonição que tinha visto nos olhos da menina estava a ponto de fazer-se realidade. Aqui mesmo, nos próximos horríveis cinco minutos.

Dylan saiu do veículo e girou em torno dela para agarrá-la pelos braços.

—Claire, por favor, retorne para dentro. Você não pode...

—Este é o mesmo bosque que vi nos olhos de Mira.— gritou ela, doente com a certeza. O mesmo lugar onde havia sentido a angústia de perder Andreas naquele monte de escombros fumegantes e cinzas. —A explosão, Dylan. Isto é exatamente o que Mira me mostrou. Isso



realmente vai acontecer. Oh, Deus meu ... não!

Soltando o frouxo aperto da outra companheira de raça, Claire correu para o escuro bosque, com o coração destrocado, a ponto de estalar em seu peito, e o nome de Andreas em uma desesperada oração sobre seus lábios.

Cada célula no corpo de Reichen gritava para desatar todo o poder de sua fúria sobre Wilhelm Roth. Seria questão de um instante deixar o bastardo nada mais que cinzas para serem pisoteadas sob suas botas.

Entretanto, a incineração de Roth com uma só explosão de sua raiva era muito misericordiosa. Ele merecia sofrer, especialmente depois da covardia que tinha demonstrado ao ativar os explosivos onde nenhum dos guerreiros presos nas jaulas UV tinha alguma esperança de escapar. Seus amigos não deveriam ter que morrer como parte deste ódio entre Roth e ele.

Foi esse pensamento, mais que qualquer outro, que deu a Reichen a habilidade de ignorar seu ódio de Roth e liberar sua raiva sobre o painel de controle que abrangia toda a parede posterior da sala. Lançou raio de fogo atrás do outro sobre os medidores e dispositivos de controle, até que finalmente se produziu um estalo forte e todo o espaço ficou submerso na escuridão.

Não viu Roth mover-se até que o filho da puta tinha conseguido subir por uma porta lateral. Reichen girou para a janela danificada e observou os guerreiros saltando da plataforma desativada da cela.

—Reichen!— Era a profunda voz de Tegan que o estava chamando, embora a visão de Reichen estivesse alagada pela cor âmbar e ondulando com o calor que se intensificava cada vez mais ardente em seu interior. —Reichen, vamos! Deixa o filho da puta. Está morto se ficar aqui.

Era verdade, pensou Reichen. Entretanto, pela forma que seu corpo estava agora, a forma que suas veias buliam de lava e sua mente estava fixa em uma só coisa: a destruição, deu-se conta que o momento que tinha temido durante tanto tempo por fim tinha chegado.

Ele tinha ido muito longe. Os incêndios estavam se intensificando em seu interior, já não podia controlá-los.

—Reichen, maldito seja!— gritou Tegan, vacilante quando o resto dos guerreiros sabiamente se apressavam a sair do lugar. —Esqueça de Roth e vamos tirar o traseiro deste lugar antes que nos golpeie esta merda!

—Cuida dela por mim.— de alguma forma conseguiu dizer, sentindo a garganta ressecada como lenha, raspando cada sílaba. —Coloque-a em algum lugar seguro...faça por mim, Tegan.

Ele não esperou para escutar a escura maldição que saiu da sala abaixo. Reichen saiu atrás de Wilhelm Roth, confiando em seu guerreiro amigo para atender seu pedido. Se pudesse ter certeza da segurança de Claire, não precisava de nada mais.

Nada mais que saber que Wilhelm Roth estava morto.

Ele espreitou pelo corredor onde previu que partiu Roth, observando o arco de metal dobrado, o aço e os reforços de concreto do subterrâneo que protestavam por sua presença. Os carros vazios de fornecimentos de metal se afundavam ao assar junto dele, as janelas de vidro das portas e escritórios se rompiam pela mera intensidade das chamas que estavam vermelho vivo



rodeando suas extremidades e o torso como um impenetrável, vivente casulo de energia.

—Wilhelm Roth!— rugiu ele, aproximando-se do vampiro que estava a uma dúzia de metros de distância.

Roth esteve correndo como o animal que era, mas agora ia mais lento, até deter-se. Sem dúvida percebia a inutilidade de tentar escapar da morte que se aproximava dele, fosse nas mãos de Reichen ou dele, quando destroçou o interruptor do detonador por volta de uns três minutos.

Roth se voltou lentamente para ele.

—Surpreende-me, Reichen. Eu tinha pensado que seu amor por minha infiel companheira era mais forte que seu ódio por mim.

Reichen grunhiu. Ele não ia discutir sobre Claire ou seus sentimentos para ela com este lixo. Roth tinha que saber que com menos de três minutos no detonador, nenhum dos dois ia sair do subterrâneo antes que este explodisse.

Reichen olhou para frente, utilizando toda sua atenção para abster-se de incinerar Roth no ato. Queria fazer dos próximos dois minutos a recontagem de sua vida mas não lhe ocorria um maior objetivo que o de matar Roth segundo a segundo, queimando sua existência polegada por polegada. Quando se aproximou, Roth não teve mais remédio que recuar, enfiando-se mais perto do final do corredor.

Observou que a pele de Roth começava a tingir-se de vermelho. Aproximou-se um pouco mais, conduzindo-o para trás. Gotas de suor estalaram da testa de Roth e o lábio superior, depois todo seu rosto e garganta brilharam com a umidade. E ainda Reichen avançou mais. Roth gemeu quando sua pele exposta começou a empolar e queimar. Um fedor se levantou de seu cabelo loiro quando ele, também, começou a chamuscar sob o calor implacável do talento de Reichen.

Roth gritou quando sua roupa começou a fumar.

—Venha para frente e será muito pior— balbuciou ele, ofegando de agonia. entretanto encontrando ainda a capacidade de deixar atrás seu terror, os lábios queimados em um sorriso sádico. —Esqueceu? Meu vínculo de sangue com Claire... enquanto eu estiver vivo, ela sente minha dor. Torture-me, e a torturará também.

Claire gritou e caiu no chão de joelhos. Mais adiante dela na escuridão, viu Renata, Hunter e Rio derrubar o último dos assassinos Gen Um do velho celeiro. Através das negras bocas da entrada, Claire observou como Kade e Nikolai, depois, Brock e Tegan surgiam das profundezas da guarida de Dragos. E Andreas? Estava a ponto de chamar os guerreiros, mas a dor aguda que a enrolou tão de repente tinha roubado seu fôlego.

Esta a tinha acolhido tão rapidamente, um calor que atropelava seu corpo como se estivesse de pé no coração do próprio forno do diabo. Ou, melhor dizendo, Wilhelm Roth estava de pé nesse inferno diabólico. Era sua agonia que a estremecia, sua dor fazendo eco em seu sangue.

Andre.

Ele era a fonte da dor de Roth. O que significava que ainda estava vivo. Ainda respirando em algum lugar daquele subterrâneo, o que significava que ainda tinha uma oportunidade de sair antes que o pior pudesse acontecer. Ainda tinha uma oportunidade de voltar para ela.

Claire se arrastou até ficar de pé, impulsionada pela esperança.



Ela empurrou através do doloroso enlace psíquico com Roth e pôs-se a correr uma vez mais. Se Tegan e o resto dos guerreiros tinham conseguido sair bem, então estava segura que Andreas não podia estar muito longe deles.

Capítulo 32

Reichen retrocedeu sobre seus calcanhares assim que se deu conta que estava machucando Claire enquanto derramava sua ira sobre Roth. Como o pesado sonho induzido pela luxúria de sangue que ele tinha emudecido em seu próprio vínculo com ela antes daquele dia, seu fogo havia agora arrasado quase todos seus sentidos. Tinha sido arrancado dele quase tudo exceto sua fúria, e o fogo que crescia com isso.

—Por que fez isso?— Reichen perguntou asperamente. —Por que precisava ter Claire?

O sorriso de Roth se estendeu tenso atrás da gretada pele de seus chamuscados lábios.

—Porque você a queria. E porque ela não podia ver que eu era um homem melhor. Você não era nada comparado comigo. Nunca foi. Inclusive tirou o único obstáculo que me separava de perseguir Claire a sério...

—A mulher que você já tinha tomado como sua companheira.— Reichen grunhiu.

—A mulher que você teve a audácia de mimar antes que a tivesse posto em seu legítimo lugar.

Roth olhava Reichen como se este devesse recordar o fato do qual falava. Reichen pensou de novo em seus entendimentos com Roth... e repentinamente recordou uma tímida companheira de raça sentada fora da reunião Darkheaven sobre um balcão ensopado pela chuva.

—A trouxe para dentro e lhe dei minha jaqueta.— disse, retratando sua cara afetada como se tivesse feito esse pequeno favor. —Ela estava gelada e chorando, assim a enviei para sua casa com meu chofer.

—Humilhou-me na frente de meus amigos. Inclusive pior, na frente de meus subordinados. Você e Ilsa, ambos, me humilharam naquela tarde.

—Assim que a assassinou?— Reichen grunhiu, incrédulo.

—Foi atacada por um vampiro Renegado.— Roth disse levianamente. Deu de ombros. —Ninguém me perguntou sobre o incidente, já que foram meus amigos próximos quem fizeram o relatório.

—Fora de toda questão, assassinou uma mulher inocente que confiava em você sobre todos os outros. Depois tomou Claire como sua companheira para retornar por mim.

—Fiz mais que isso.— Roth adotou um ar depreciativo. —Preparei para me desfazer de você, também. Desapareceu um ano sem nenhuma desculpa. Todos se perguntavam se estava morto. E inclusive assim, Claire ainda o queria.

Ele virtualmente cuspiu a palavra. Ciumento e orgulhoso, pensou Reichen, enojado de que algo tão insignificante tivesse causado tanta dor.

O olhar de Roth era afiado, cortante.



—Suponho que depois que me dei conta disso, meu ódio por Claire excedeu inclusive o ódio que tinha por você. Teria desfrutado matando-a, Reichen. Justo como desfrutei ordenando as mortes de seus familiares no Darkheaven e convertendo essa sua humana em minha Subordinada.

Reichen rugiu de angústia e escândalo. Ele tinha que acabar com Roth agora. Enojado até morrer das sujas palavras do bastardo. Ele trouxe suas mãos adiante e sentiu o fogo viajando de seu coração aos seus membros e as pontas de seus dedos que se estendiam para Wilhelm Roth.

—Morre, fodido doente.— grunhiu. E então liberou uma rajada dupla de chama e calor na cara de seu mais traiçoeiro inimigo. A morte de Roth foi instantânea, piedade que Reichen concedeu só por Claire.

Reichen estava ainda gritando com fúria animal, ainda incendiando o chão vazio onde as cinzas de Roth se empilharam, quando sentiu os primeiros ruídos da explosão do edifício sob seus pés.

As paredes ao redor dele tremiam.

Então a terra caiu violentamente com a força da detonação do laboratório.

Claire soube o preciso momento em que Wilhelm Roth tomou seu último fôlego. Veio a ela uma súbita avalanche de paz — um sentido impossível de liberdade que iluminou suas veias e deu aos seus membros uma renovada força para levá-la para frente enquanto corria os poucos metros que restavam para o velho estábulo de onde os guerreiros tinham fugido.

Roth estava morto.

Andreas estava vivo.

Deus... podia o inferno dos dias anteriores, das décadas anteriores que ela e Andreas ficaram separados pelas maquinações de Roth, estar chegando em realidade a um fim?

Ela queria acreditar. Precisava acreditar.

Claire manteve a esperança perto, inclusive enquanto a terra sob seus pés dava um prolongado estremecimento.

—Jesus Cristo!— gritou uma voz masculina por cima dela na escuridão. —Sentiu isso? Este filho da puta está a ponto de arrebentar!

Claire continuou correndo, negando o que estava escutando. Não podia ser verdade. Não podia estar ocorrendo. Não quando Andreas ainda não estava a salvo.

—Volta, volta!— O acento afogado de Rio soou de algum lugar próximo. O grande guerreiro vinha derrubando árvores com Renata, Hunter e um par deles mais da missão. Rio estendeu a mão para Claire, tentou arrastá-la com eles, mas ela se esquivou de sua mão e continuou correndo. Houve mais gritos de aviso, mais movimentos urgentes nos bosques escuros como a noite, enquanto o estremecimento dentro da terra rugia mais alto.

Houve uma violenta sacudida, então um profundo e estrondoso boom!

Uns braços robustos e um forte corpo se envolveram ao redor de Claire, girando-a para amortecer sua queda enquanto a percussão atacava suas costas, por baixo de seus pés. Ela gritou, mas mal pôde escutar sua própria voz enquanto o bosque se agitava e rugia com a força de uma aparentemente interminável e malvada explosão.

—Permaneça abaixada, Claire.— A voz de Tegan soprou quente sobre sua orelha. —Prometi



que a tiraria daqui inteira.

—Não!— gritou ela, sem se preocupar se vivia ou morria, olhando horrorizada como o estábulo abandonado e em ruínas voava pelos céus em uma massa cega de chamas, calor e névoa, produzindo fumaça. Os penachos de fogo saltavam em todas as direções, alcançando grandes pedaços de bosques, estilhaços e brasas queimando sobre o bosque. Mais calor explodiu para fora do buraco fundo na terra junto ao estábulo, na entrada do subterrâneo do qual Andreas ainda tinha que escapar. —OH, Deus meu... não! Ele está ainda ali embaixo! Andreas, não!— Ela se ergueu. A mão de Tegan era firme sobre seu braço, mas ela a afastou com um grito desesperado. —Deixe-me ir, maldição!

A adrenalina e o desespero a enviaram voando sobre os escombros espalhados pela terra, através das espessas árvores que eram iluminadas com uma sobrenatural luz laranja que procedia do fogo que saía de onde o velho estábulo tinha estado não fazia um minuto. Ela sentiu Tegan seguindo-a. Os outros guerreiros estavam entrando, também, silenciosos e cautelosos. Uma das companheiras de raça murmurou uma oração baixa por Andreas, ternas palavras que Claire mal se atreveu a escutar.

Caminhou mais perto até o estrondoso calor. Era insuportável, golpeando como uma caldeira lançada sobre seu rosto. Ainda assim, ela continuava movendo-se para ele, paralisada pela cratera com escombros de terra e cinzas ardendo lentamente que tinha parado dentro com a rajada.

—Andreas.— ela gritou em voz baixa. Depois mais alto, esperando um milagre. —Andreas!— Quando chegou mais perto, o suficiente perto para que as chamas a tocassem, as mãos de Tegan pousaram devagar sobre seus ombros. —Vamos, Claire. Não faça isto a si mesma.

—Andre!— gritou ela, teimosa em abandoná-lo.

Uma nova rajada de brilhos arrojou para cima de dentro do coração da cratera, fazendo que os escombros se movessem e grunhissem. Sentiu a mão do guerreiro sobre ela tensa, e soube que estava preparado para levá-la dali se demorasse outro segundo. Mas Claire não se moveu. Chamou de novo Andreas, sua voz enganchada em um soluço enquanto outro profundo ruído de escombros soava por baixo da terra.

Então se deu conta que algo estranho acontecia ao fosso de cinzas ardendo e chamas em movimento...

No profundo de seu coração, viu algo movendo-se.

—Maldito seja.— disse Tegan, obviamente descobrindo o mesmo que ela. —Maldito e fodidamente seja. Não pode ser...

—Andreas.— ofegou Claire, atemorizada e incrédula, e muito, muito aliviada.

Ela viu como os escombros abriam caminho e se misturavam ao redor dele enquanto escalava fora do centro do inferno e se elevava para manter-se no borda da cratera, seu corpo brilhava com o poderoso calor branco de seu extraordinário e aterrador dom. A fumaça inchava sobre ele em grandes nuvens negras. As chamas rugiam e ondulavam atrás dele como um furioso vulcão, embora ele continuava ali ileso.

—Graças a Deus.— ela sussurrou, seu coração palpitando.

Mas então se deu conta que algo com ele estava mal.



O calor que o envolvia — o mesmo calor que o tinha feito insensível às balas na primeira noite que o tinha visto assim — poderia ter sido a única coisa que o separava da força assassina da explosão, mas o brilho que o rodeava estava mais brilhante que nunca. Mais quente que as chamas que rugiam ao redor dele da explosão.

Seu olhar estava livre enquanto viajava de Claire aos outros reunidos ali. A luz se vertia fora de suas órbitas, abrasadora e desumana. Sem piedade.

Claire deu um passo para ele, vacilante agora.

—Andreas? Andre... pode me ouvir?

Esse abrasador olhar se voltou de novo para ela. O calor a golpeava, empurrando-a vários passos para trás. Ele não a estava olhando, ela se deu conta, mas sim olhava através dela. Ele não a via ali, não mais do que via o resto dos guerreiros — seus amigos — de pé diante dele em um aturdido silêncio. Claire reconheceu o perigo que ele representava assim, inclusive se estava muito longe para reconhecê-lo por si mesmo agora.

Ela teve que atravessar até ele.

—Andre, sou eu, Claire. Fale comigo. Diga que me conhece. Que está bem.

Ele grunhiu, em voz baixa e letal, do fundo de sua garganta. Ela não deixou que isso a assustasse. Mantendo seus olhos fixos nele, ela deu um passo para ele.

—Jesus Cristo.— Tegan sussurrou de perto. Ele se moveu para bloquear o caminho dela. — Claire, não acredito que deva...

Uma bola de fogo navegou pelo ar, aterrissando no chão junto ao pé de Tegan.

—Andre, não!

Tegan saltou fora de seu caminho, levando Claire com ele. Andreas rugiu então, e deixou voar um repentino pedrisco de círculos chamejantes. Pedacos de terra escura rasgavam enquanto as rajadas do tamanho de bolas de beisebol golpeavam o chão, conduzindo a todos em volta. Claire gritou para que ele se detivesse, e por um momento pensou que ele o faria. Ele a olhou, depois repentinamente levantou suas mãos para os lados de sua cabeça e cambaleou vacilante sobre seus pés. O brilho ao redor dele se atenuou enquanto pressionava suas palmas fortes contra suas têmporas, seu rosto se contorcionou numa careta de dor.

Quando Claire olhou junto dela, viu a razão do por que.

Renata o segurava em um fixo e imperturbável olhar. Como a companheira de raça havia feito com os assassinos Gen Um há pouco tempo, agora ela golpeava Andreas com o poder de sua mente. Ele caiu sobre um joelho, o tenso calor viajava por seu corpo como uma luz estroboscópica.

Quando ela afrouxou, Andreas estava ofegando e estremecendo. Mas o brilho ainda o envolvia. E quando levantou sua cabeça, o rugido que saiu de sua boca fez tremer o bosque por completo com uma fúria animal e letal.

Capítulo 33



O fogo se apropriou dele.

Sabia, soube no momento que o subterrâneo tinha estalado ao seu redor, sepultando a tudo, mas não o tinha alcançado. Sabia que estava muito fraco, embora tivesse saído das cinzas e dos escombros intacto, seu corpo protegido pelo calor furioso, que parecia crescer mais forte, mais brilhante, mais incontrolável. Tinha perdido a batalha com sua terrível capacidade, tal e como tinha temido que ocorreria.

Os outros o olhavam, as chamas banhavam a escuridão dos bosques, sobretudo ela, com seus olhos castanhos escuros que arrancavam algo no profundo da alma, amava-a. Nem sequer a loucura do calor implacável poderia queimar esse fato.

Ela vivia em seu coração, essa fêmea. Sua mulher.

Sua companheira, algo primitivo e angustiado gritou dentro dele.

Ele a amava profundamente, totalmente, mas sabia que não podia tê-la. Agora não.

Nunca outra vez.

Jogou a cabeça para trás e rugiu com o pensamento, sua voz soltou uma bola de chamas brancas. A bola se elevou no alto, e logo estalou contra o chão a uma meia dúzia de metros dele, deixando um caminho de faíscas e terra queimada.

—Andreas, por favor— sua mulher soluçou. —vamos ajudá-lo.

O fogo dançava ao seu redor. Os olhos se encheram de lágrimas, suas mãos trementes apareciam atrás da fumaça e da pálida cinza flutuante que se movia como flocos de neve do alto das árvores.

—Andreas, olhe-me. Ouça-me. Sei que pode.— Deu um passo para ele, ignorando as advertências de mais de um dos guerreiros. —Não estou pronta para deixar você ir.— disse com ferocidade, palavras que pareciam fazer eco ao voltar para ele como uma lembrança.

Tinha ouvido essas mesmas palavras neste mesmo lugar mais cedo esta noite? Tinha sido ele o primeiro a dizer a ela?

Não importava. Não podia deixar que importasse. Ela e seus amigos não estavam seguros em torno dele. Tinham que ir.

Ela não ia deixá-lo ali. Podia ver com bastante clareza na inclinação de sua obstinada mandíbula. Grunhiu com fúria, e sentiu o fluxo de outra bola, construindo-se no calor de suas vísceras.

Incrivelmente, ela ficou ainda mais perto dele.

Uma visão passou por sua mente enquanto a via avançar para ele. Viu uma menina com tranças loiras avermelhadas e um suave sorriso estendendo sua mão para ele em um gesto de amabilidade. Viu um brilhante rosto de inocência oferecendo ajuda e compaixão... justo antes que o fogo que vivia dentro dele saltasse para consumi-la.

Tinha matado algo precioso e puro, uma vez. Ele não o faria de novo.

Bramando seu desprezo por si mesmo, enviou uma pequena chuva de bolas de fogo ao chão diante dele. Uma baixa barreira de chamas se retorcia, fazendo-a retroceder. Não era suficiente. Necessitava que ela se fosse — precisava saber que estava muito longe de seu poder destrutivo.

Necessitava que todos fossem agora.

Lançou mais fogo, obrigando todo o grupo a retroceder. À medida que retrocediam, viu o



belo rosto de sua mulher banhado em lágrimas — sua mulher — fixo nele através da parede de chamas que os separava.

—Não, Andre.— Ela articulou. —Não. Não vou deixá-lo fazer isto.

O calor das chamas soprava diante de Claire e dos outros. Atrás da parede de fogo, viu o rosto de Andreas. Seus olhos estavam cheios de tortura e dor. De loucura também.

Resolução dilaceradora e triste ardia em seu olhar.

Ele estava se dando por vencido.

Estava tentando afastá-la dele, para poder lutar com seu sofrimento e sua morte.

Não, Claire pensou, rechaçando com firmeza a ideia. De nenhuma maldita maneira ia aceitar isso. Não depois de tudo o que tinham passado. Não quando esteve esperando por ele, sem nunca ter deixado de amá-lo, em todo esse tempo.

Tinha que haver uma maneira de chegar nele. Tinha que haver uma maneira de ajudá-lo.

—Renata— disse, voltando-se para olhar a outra Companheira de Raça. —Fez algo a ele há uns minutos com sua mente. Atenuou parte do calor que o rodeia...

—Sim— Renata esteve de acordo. —Eu também vi.

—Preciso que volte a fazê-lo agora.

Nikolai se aproximou, com a expressão de uma tumba.

—O talento de Renata é letal, Claire. Não é algo que deseja que faça, confie em mim. Se fizer o mesmo de antes, talvez...

—Poderia o que? Matá-lo?— Claire sentiu a histeria em seu interior. —Olhe-o. Está morrendo. Se não fizermos algo, o fogo o matará. — Olhou Renata, desesperada pela mínima oportunidade de salvar Andreas. —Por favor... por favor, tenta.

Renata assentiu com a cabeça, então afastou a vista para fixá-la com atenção nas altas chamas que cobriam Andreas. Ela o olhou sem pestanejar, enfocando seus olhos como um laser. Claire sentiu que o ar se fazia imperceptível como uma corrente invisível saltando da mente de Renata e apoderando-se de seu objetivo.

Ele caiu para trás no instante que o golpeou.

O coração de Claire cambaleou quando ele jogou a cabeça para trás e gritou, todos os seus músculos se esticando como cabos. Ele agarrou ambos os lados da cabeça e o poder de Renata se duplicou em sua mente, sustentou-a e debilitando a captação psíquica. Andreas estremeceu e rugiu... e enquanto lutava, o resplendor que o alagava começou a desvanecer-se.

—Continua, Renata! Oh, Deus, acredito que está funcionando.

Claire escutou mais de uma maldição dos guerreiros próximos, todos ficaram olhando, tão paralisados como Claire enquanto a explosão mental de Renata era lançada continuamente para apagar o calor de Andreas. Ele caiu de joelhos, dobrado sobre si, ainda com a cabeça entre suas mãos. Parecia estar em completa agonia, mas o calor que se estendia sobre suas extremidades e torso reduziu.

—Por favor, Andre... aguenta.— sussurrou, tinha o coração destroçado de vê-lo sofrer tanto. Justo quando estava a ponto de dizer a Renata que parasse, Andreas caiu para frente e desabou em uma pesada e desossada postura desajeitada.



—Claire, atrás!— Gritou alguém, mas ela já estava correndo para ele.

Ela esquivou as chamas que ainda ardiam sobre o terreno e correu ao lado de Andreas. A energia rangia sobre sua pele, arrepiando seus braços, mas o ardor se foi. O calor estava esfriando.

—Andre— soluçou, dobrando as pernas, colocando-se ao seu lado no chão.

Ela levantou sua cabeça até seu colo e acariciou a bochecha e a testa. Ele estava frio. OH, Deus.

—Andre, ouve-me?— Ela embalou seus largos ombros e se inclinou para pressionar seu rosto contra o dele. —Andreas, por favor, não morra. Por favor... Volta para mim.

Ela o beijou, abraçando-o firmemente. Suplicando que houvesse feito o correto. Tendo fé que ele ainda estivesse ali em alguma parte, e que a aposta que havia feito com sua vida não tivesse sido o pior engano de sua vida.

—Andre, amo você. — murmurou, mal consciente que Renata, Dylan e os guerreiros se reuniram ao redor deles. —Não pode me deixar. Não pode.

Tegan se ajoelhou ao seu lado e pôs sua mão sobre o lado esquerdo do pescoço de Andreas.

—Está vivo. Está respirando, até está frio, tem um pulso forte, ao menos...

—Graças a Deus.— sussurrou Renata, aferrando-se a Niko em um forte abraço enquanto olhava Claire com afinada e compartilhada preocupação.

—Temos que tirá-lo daqui.— disse Tegan. Levantou seu olhar para Renata. —Será capaz de mantê-lo sob controle na viagem de volta a Boston?

Ela assentiu.

—O que for necessário. Ocuparei-me dele.

—Vamos, Claire.— O guerreiro a empurrou brandamente, levando Andreas carregado em seus ombros, como faria com qualquer irmão caído em combate. —Vou levá-lo ao Rover. Tudo vai ficar bem agora.

Claire assentiu aturdida e caminhou junto dele, todos fizeram a curta viagem do bosque ardente e do subterrâneo destruído até os veículos a espera.

Ela queria acreditar em Tegan, mas quando olhou o rosto de Andreas cinza e entorpecido, não podia deixar de pensar que quando se tratava de Andreas, tudo estava ainda a um longo caminho de estar bem.

Capítulo 34

Dragos fechou seu celular e o meteu no bolso de seu casaco de caxemira.

Ficou olhando o céu estrelado sobre um parque industrial da estrada I-90 em Albany, New York, e soltou uma maldição. Wilhelm Roth não estava respondendo suas chamadas. O que significava que Wilhelm Roth estava morto.

O fato que as câmaras de Dragos e seus sistemas de comunicação em sua sede de Connecticut ficaram fora de linha e cessaram o trabalho significava que o subterrâneo tinha sido detonado como estava previsto. Só podia esperar que Roth estivesse assegurado que um bom número de membros da Ordem houvesse explodido em pedaços junto com o laboratório



abandonado.

Quanto a Roth, Dragos não importava realmente se seu tenente alemão sobrevivia à destruição do laboratório; era questão de tempo encontrar outra mão direita que levasse sua missão. E assim havia feito.

Dragos se afastou de seu sedam com chofer para inspecionar o trabalho do substituto de Roth. O macho de segunda geração da raça que tinha sido contratado da Costa Oeste estava fiscalizando o movimento dos ativos de Dragos — uma diversificação necessária pela persistente e agravante interferência da Ordem.

Dragos não tinha chegado tão longe sem antecipar alguns golpes velozes em sua operação. As alternativas se examinaram e estabeleceram pelos anos, e agora era só uma questão de reordenar as peças que já tinha no jogo. A Ordem o havia atrasado só alguns dias — se muito, um par de semanas — logo estaria de volta aos negócios de novo. Mais forte que antes.

Incansável, sem importar que coisas inquietantes tinha visto nos olhos da bruxa menina vidente naquelas semanas em Montreal.

—Estamos preparados para sair já?— Perguntou seu tenente.

O grande vampiro assentiu brevemente de onde estava, atrás de um de vários caminhões semirreboque que tinham sido carregados e estavam esperando para ir ao seu destino designado no parque industrial. As portas duplas do mais próximo de seu tenente estavam parcialmente abertas, revelando os rostos ansiosos das Companheiras de Raça que tinham sido removidas de suas celas do laboratório para serem transportadas a outro lugar. Elas sabiam que não convinha gritar ou tentar escapar. O parque Industrial pertencia a Dragos, atendido por seus capachos.

Além disso, as algemas e grilhões que atavam as mulheres entre si impediria que qualquer uma delas chegasse muito longe, inclusive se fossem tão tolas para tentar.

—As fechem e tirem daqui.— disse Dragos, observando com satisfação como seu tenente fechava as portas e punha o fecho e as fechaduras. Um golpe rápido do punho do vampiro na parte traseira da caminhonete o enviou rodando com um dos capachos de Dragos ao volante.

Mais adiante no pátio, vários caminhões mais esperavam suas ordens de saída. Dragos passou diante dos que continham seus muitos milhões de dólares em equipamentos de laboratório de última geração, seu olhar fixo no grande reboque branco no outro extremo da fila.

Era um contêiner refrigerado, especialmente equipado para a conservação da carga frágil que estava fechada e selada no interior. Dois assassinos Gen Um estacionaram no reboque para montar guarda sobre a carga; outro par iria adiante com o condutor e o sócio de Dragos na Costa Oeste para garantir que não encontrassem problemas no caminho até a estação ferroviária, onde o seguinte lance do contêiner começaria viagem.

—Tudo está preparado, senhor.

—Excelente.— disse Dragos. —Me contatem logo que cheguem a Seattle para fazer a seguinte conexão.

—Sim, senhor.

Dragos viu como a frota de caminhões cambaleava em marcha e saía ao pátio.

A Ordem podia ter interrompido sua operação, mas estava longe de ser derrotado.

Com um sorriso de segurança nos lábios, Dragos caminhou de volta ao seu automóvel. Subiu



no assento traseiro e esperou com aborrecimento enquanto o condutor fechava a porta atrás dele e se apressava a dar a volta, ficando atrás do volante.

Esta noite a guarida que havia feito grandes esforços e gastos para sua construção havia desaparecido, mas Dragos preferia pensar nisso como um passo necessário na evolução de seus planos. Agora começaria uma nova fase em sua operação, e mal podia esperar para começar.

Dragos apoiou a cabeça contra o assento de couro suave e viu através da janela traseira como um fio de nuvens pálidas deslizava através da leitosa lua.

Andreas não despertou nenhuma vez durante as mais de três horas que levou para retornar à sede da Ordem. Tampouco no dia seguinte.

Claire ouviu Tess usar a palavra “coma” em uma conversa com Gabrielle e Savannah quando as três mulheres estiveram preparando o apartamento privado para ele no recinto cedo na manhã. Não podia pretender que não se preocupava, e quanto mais permanecia inconsciente, mais profundo ficava seu pavor.

Esta lenta e indefesa espera era ainda pior que vê-lo lutar contra seu pyrokinesis. Claire segurava sua mão enquanto ele jazia imóvel na cama. Ela sabia que ele estava ali. Podia sentir seu sangue em movimento debaixo de sua pele, podia ver o brilho ocasional de suas pálpebras fechadas quando falava com ele.

—Há algo mais que necessite?— perguntou Tess amavelmente, secando suas mãos com a toalha de papel. A companheira de Dante era treinada em medicina veterinária e possuía um dom ainda maior para a cura psíquica com seu tato antes que sua atual gravidez inibisse seu talento. Agora ela punha sua mão brandamente sobre Claire e oferecia um sorriso compassivo. —De verdade deveria comer, sabe. E descansar um pouco.

—Eu sei.— disse Claire, dando uma olhada na bandeja de comida sem consumir na mesinha gasta da enfermaria e que agora permanecia ao lado da cama. —Estou bem. Comerei alguma coisa logo. A verdade é que não tenho fome. Só quero estar com ele um pouquinho mais.

Tess não parecia convencida.

—Retornarei para vê-la em algumas horas. Prometa-me que o sanduíche não estará nesse prato então.

Claire sorriu com uma segurança que só sonhava ter.

—Por favor, não se preocupe por mim. Estou bem.

Tess meneou a cabeça de maneira quase imperceptível.

—Avise alguém se houver alguma mudança nele, de acordo? Ambos estão na mente e orações de todos agora, Claire.

—Obrigada.— murmurou ela, tocada pela amabilidade que todos no Complexo tinham mostrado. Eles amavam Andreas como um dos seus, tratavam-no como um, e por isso, ela amava a todos, também.

—Virei em algumas horas.—disse Tess enquanto, brandamente, fechava a porta atrás dela.

Claire girou para Andreas e deslizou sua mão sobre sua testa, escovando seu revoltado cabelo atrás de sua cabeça. Observou-o, perguntando-se onde estava em meio de seu profundo sono induzido pelo trauma. Perguntando-se quando — e se — alguma vez encontraria força para



retornar a ela.

—OH, Andre.— sussurrou, olhando o atraente e orgulhoso rosto que havia amado por tanto tempo. Pôs seus lábios sobre os seus e o beijou, incapaz de deter a lágrima que rodou por sua bochecha quando sua boca se pressionou cálida e suave, mas sem resposta, contra a sua.

Claire subiu na cama ao seu lado, precisando estar mais perto. Estreitou-se junto a ele, pousou sua cabeça contra seu ombro e pôs a palma de sua mão sobre o firme batimento de seu coração golpeando sob seu esterno. Fechou os olhos e deixou esse duro pulso fundir em seus pensamentos.

Andreas estava vivo. Enquanto pudesse tocá-lo, respirá-lo, não daria por vencida a esperança de que ele estaria com ela uma vez mais.

E se ele não estivesse preparado para retornar com ela, então ela iria a ele.

—Para sempre desta vez.— murmurou.

Deixando que seus olhos se fechassem, buscou-o no profundo sonho.

Não foi difícil encontrá-lo. Claire caminhou por um inóspito e escuro vazio, desenhado no brilho de um incêndio queimando fortemente na distância. Ela estava sozinha e nua, seus pés descalços caminhando por um caminho de fria e escura pedra que parecia alargar-se em intermináveis milhas... terminando no lugar onde as chamas dançavam como serpentinhas alaranjadas muito mais adiante. Andreas também estava ali.

Claire podia só distinguir a maior parte de um grande macho, deitado no chão em frente da estrondosa parede de fogo. Ele estava nu também, caído sobre seu lado como no chão do bosque depois que Renata o mandou à inconsciência.

Claire se aproximou, dando-se conta que o caminho de pedra escura sobre seus pés era somente uma estreita faixa de superfície, uma traiçoeira linha que só deixava um par de pés deslizar de cada lado dela. O caminho de pedra negra flutuava no mar da escuridão, um abismo, cujo centro queimava como minas do inferno.

E Andreas jazia no final do comprido caminho de pedra fria.

—OH, Deus,— sussurrou enquanto se aproximava, notando como era precária sua posição em realidade. Um movimento descuidado — um escorregão inconsciente — e ele estaria na borda e cairia no inferno abaixo dele.

Claire se aproximou dele cuidadosamente e ajoelhou ao seu lado no verdadeiro precipício de pedra. Delicadamente, temerosa de despertá-lo de repente acariciou sua bochecha com os dedos. Ele não se moveu. Sua pele estava muito fria, sua respiração lenta, baixa.

Ele continuou dormindo, nem sequer sabia que ela estava ali.

—Está bem, Andre.— disse ela brandamente enquanto se movia pela escura e fria superfície saliente.

Aconchegou-se atrás dele, envolvendo seu braço ao redor dele para evitar que caísse e moldando seu corpo contra o seu para lhe dar seu calor.

—Dormiremos juntos aqui por um tempo. Esperarei com você até que esteja preparado para retornar para mim.

**Capítulo 35**

—Se passaram cinco dias, Lucan. Há algumas decisões que precisamos tomar, e rápido.

Lucan assentiu solenemente e olhou o preocupado olhar da companheira de Dante, Tess. Foi ela que descobriu Claire inconsciente ao lado de Reichen um dia depois da explosão no refúgio subterrâneo de Dragos. Nesse tempo, Tess esteve mantendo uma estreita vigilância em ambos, Reichen e Claire, assegurando-se que se mantivessem quentes e cômodos na cama que o casal compartilhava, e procurando alguma maneira de ajudar um ou os dois. Mas até agora, nada tinha funcionado.

—O metabolismo Raça de Andreas é mais forte que o humano de Claire.— ela disse. — Provavelmente ele pode sobreviver outras poucas semanas ou mais sem sustento, mas Claire está se desidratando rápido. A menos que a coloquemos no soro, seus órgãos vitais vão começar a falhar logo.

Lucan olhou para baixo à mulher dormindo na cama. Sua pequena figura estava descansando contra o corpo de Reichen, seus braços carinhosamente ao redor dele, abraçando-o no que parecia ser um abraço ferozmente protetor. Seu sono parecia vastamente diferente do de Reichen. Onde ele se estendia imóvel, insensível, os olhos de Claire piscavam rapidamente atrás de suas pálpebras fechadas. Seus finos músculos tremiam uma vez e outra, como se estivesse presa em um breve torpor, não morta para o mundo nos últimos dias.

—Tentou tudo para tentar despertá-la?— ele perguntou a Tess.

—Tudo, Lucan. É como se seu corpo, como seu coração e mente, simplesmente se recusassem a retornar da inconsciência. Ela está permitindo a si mesma se manter adormecida, estou segura disso.

Ele franziu o cenho, vendo as pálpebras de Claire retorcer com o movimento de seus olhos debaixo delas.

—Ela esteve sonhando todo o tempo?

—Sim, desde que a encontrei assim. Tenho que acreditar que ela está usando seu talento para ficar com Andreas.

Lucan soprou um pesado suspiro.

—Inclusive se morrer no processo?

—Viu-os juntos, verdade?— A voz de Tess era gentil com simpatia e com um pouco de admiração. —Suponho que posso entender a profundidade da devoção, de puro e inquebrável amor, que inspiraria este tipo de sacrifício. Se fosse Dante que estivesse nessa cama e eu pensasse que poderia alcançá-lo de algum jeito, de qualquer maneira, eu estaria justo aí, também. Por mais tempo que leve. Sei que se fosse Gabrielle, você faria o mesmo por ela.

Ele dificilmente ia parar e negar. Mas tampouco podia manter-se à margem e permitir isto sabendo o que estava fazendo Claire, ou Reichen, morrendo enquanto ele observava.

Ele olhou de novo Tess e deu à Companheira de Raça um tenso assentimento.

—Procure o que for que precise da enfermaria para mantê-la hidratada. Eu informarei a todos da situação.



Uns milhares de quilômetros longe de Boston, em um remoto lance distante das vias do trem que se dirigiam ao coração congelado do interior do Alaska, os restos destruídos de um longo e refrigerado recipiente de carga estava aberto e abandonado à intempérie.

Fez a viagem do campo industrial em Albany, Nova Iorque, até a estação de trens que o enviaria para o oeste através do país, chegando como planejado há dias ao porto de Seattle. Daí, tinha sido carregado sem incidentes em uma barça e enviado ao norte, onde estava programado que chegasse ao seu destino final apenas umas dezoito horas mais tarde.

No momento que o primeiro pressentimento de problemas tinha sido detectado pelo tenente de Dragos e posto os guardiães Gen Um escoltando a perigosa carga, já era muito tarde para deter o que estava a ponto de ocorrer.

Agora essa perigosa carga já não estava mais lá.

O contêiner estava vazio, longe dos corpos grosseiramente ensanguentados que cobriam o chão e a terra coberta de neve.

E afastando-se da pista que deixava a luz de lua para o deserto congelado de árvores mais distante dali estava um atalho de enormes marcas de pegadas feitas por uma selvagem, mortal criatura que não era deste mundo.

Uma criatura que esteve aguardando seu momento por semanas de fome e drogas, fingindo letargia e submissão, enquanto esperava sua oportunidade de escapar.

Capítulo 36

A escuridão sem fim se negou a pô-lo em liberdade. Os pulmões de Reichen se expandiram e inalaram ar como se estivesse debaixo da água e acabasse de subir à superfície depois de meio ano se afogando na maré. Ficou sem fôlego bruscamente, imediatamente começou a afogar-se com o sabor acre de enxofre e fumaça.

Sentiu uma ligeira coberta em torno dele no negrume de seu redor.

Os braços do Claire, o mantendo perto.

Seu corpo suave e tenro curvado em suas costas.

Em meio ao inóspito vazio que o envolvia, nunca havia sentido algo tão perfeito e correto.

Sabia que estava sonhando, mas por quanto tempo? Não podia se livrar da sensação de que tinha estado perdido nas trevas deste outro reino por um longo tempo. E Claire estava com ele.

Bom Cristo... esteve aqui com ele todo o tempo?

Ele passou sua mão ao longo de seu aveludado braço. Sua pele estava fria ao tato, alarmante.

Ela não se moveu absolutamente quando ele brandamente a acariciou. O que mais o preocupava era o ofego de sua respiração pouco profunda ao lado de sua orelha, a flacidez notável de seus dedos frios quando os tomou entre os seus e tentou despertá-la.

—Claire— murmurou, com a língua seca, sua voz lenta e oxidada no manto pesado de seu sonho de fumaça. —Claire?



Ela não respondia.

O pânico o agarrou, abrindo seus olhos. Foi então que se deu conta do resplendor das chamas elevando-se por baixo da pedra dura e fria, onde ele e Claire estavam deitados. À medida que se levantava, as chamas cresceram, como se também tivessem estado descansando, mas agora estavam removendo-se com vida renovada.

Além do penhasco havia uma estreita borda para um grande abismo. Um fossa de fogo e lava se revolia nessa queda infernal.

As chamas subiram violentamente, girando e caindo, quase cegando-o com a intensidade de seu calor.

Como uma besta soltando-se de suas correntes, o fogo se equilibrou sobre ele. Brilhantes brincos candentes fizeram um agarre súbito através da borda da pedra, estendendo dedos ávidos de fogo para o lugar onde ele e Claire estavam.

Reichen rapidamente cobriu o corpo de Claire com o seu, passando por cima dela quando o calor rugiu em todo seu redor. O ardor lambeu sua pele nua, abrasador e implacável. Mas não podia tocá-la. Ele não ia permitir.

De maneira nenhuma ia deixar que o maldito fogo se aproximasse dela.

Ele gritou com fúria quando a força de sua pyrokinesis rodou sobre ele e em torno dele. Este calor infernal lhe pertencia - era dele, a terrível maldição de seu direito de nascimento.

O mesmo poder que o tinha protegido da explosão na guarida subterrânea de Dragos.

As memórias desse momento bateram contra ele em um instante. Recordou como tinha tido que convocar cada medida de sua fúria a fim de se proteger do inferno que tinha explodido ao seu redor. A pyrokinesis o tinha liberado da morte na explosão, mas não tinha terminado com ele, ainda continuava ardendo em seu interior.

Preparada para consumi-lo, justo como Claire tinha tentado adverti-lo.

Assim como ele mesmo sempre soube, desde o momento que a primeira faísca se acendeu em seu interior nesse campo de má reputação em Hamburgo.

Se deixasse ir, usando cada fração de sua vontade para manter Claire a salvo do calor - a maldição que o tinha infestado por tanto tempo o teria. E destruiria Claire no processo. Sentiu o fogo em busca dela, assobiando e estalando como línguas de serpentes, com fome para degustar o tesouro que estava negando.

—Não.—ouviu-se grunhir. —Maldito seja. Não.

Com os braços e o corpo envoltos ao redor dela para protegê-la, Reichen devolveu toda sua ira para seu interior. Ele se centrou no calor que vivia no mais profundo de seu ser. Alcançou com sua mente, com toda a sua vontade, sentindo a pyrokinesis tentando deslizar fora de seu alcance e se aferrou a ela, batendo com a força do punho de sua determinação.

Não podia deixá-la ganhar.

Ele tinha que tomar finalmente o controle da besta.

Tinha que domá-lo, aqui e agora.

Para sempre.

Fortaleceu seu forte afeto mental na espiral de fogo dentro dele. Ao seu redor, ouviu o assobio das chamas, o chiado da luta quente que pouco a pouco estava sendo vencida, extinta. Na



periferia de seu olhar, viu as colunas de chamas retorcendo-se e retrocedendo da borda da pedra, de novo no profundo abismo que as tinha trazido.

E ainda não a soltou.

Voltou o rosto para os enrolados e rangentes incêndios que ainda estavam tentando saltar fora do buraco. Mostrando as presas em um rictus apertado rugiu com poder e uma intenção furiosa.

—Não!— Rugiu. —Eu sou seu dono. Incline-se diante de mim!

Foi seu amor por Claire que lhe deu a solução que necessitava neste momento. Sua necessidade de protegê-la, de mantê-la a salvo acima de tudo, foi a força motriz que o fez estar seguro que poderia derrotar a maldição de seu poder destrutivo.

Era o amor que lhe tinha dado em troca, o amor que sentia pulsar nele, em suas veias, no laço de sangue que o relacionava com ela agora e sempre - o que o fez chegar à esperança de que um dia poderia não só dominar sua habilidade infernal, mas também talvez até poderia chegar a vê-la como algo mais que uma maldição.

Sabia com certeza repentina que a maldição que tinha temido durante tanto tempo podia um dia converter-se em um talento que o serviria, em lugar de destruí-lo.

Reichen se aferrou à esperança, e seu amor por Claire, enquanto mandava o fogo sufocar. Ele os enviou de volta abaixo para o abismo, não por medo ou desprezo de si mesmo, mas sim pela força. De uma florescente sensação de controle inquebrável.

Um grito de triunfo explodiu nele quando a última chama brilhante começou a ofegar sua morte.

Os incêndios se obscureceram no buraco.

A cinza e a fumaça asfixiante eliminadas.

Seus olhos piscaram abertos, e Reichen levantou a cabeça e se encontrou não mais isolado na estreita ponte de pedra negra e fria, mas no centro de uma cama grande. Estava enroscado sobre a pequena forma do corpo de Claire, sendo seu amparo, embora o escuro sonho finalmente o tenha posto em liberdade.

Acariciou sua bochecha.

—Claire, está bem? Abre seus olhos para mim, meu amor.

Não houve resposta.

Pânico se enroscou em suas vísceras. Ele disse seu nome de novo, desta vez mais afogado pelo aspecto alarmante dela enquanto jazia imóvel sobre suas pernas, seu cabelo negro e sedoso caia solto sobre a testa fria e pálida. Ele pegou seus ombros magros em suas mãos e deu a seu corpo leve uma sacudida firme.

—Claire. Desperta agora.

Uma dor de frio o apunhalou quando se inclinou e beijou sua boca com os lábios ressecados e partidos. Ela estava tão fraca... morrendo de fome. A espetada que sentia agora era dela. Sentiu a gravidade de sua fome fazendo eco em seu sangue, lamento em suas veias.

Ele pensou no sono sem fim, e o inundante e implacável peso do mesmo. Quanto tempo passou desde que esteve acordado pela última vez? Recordou atacar a guarida vazia de Dragos com a Ordem. Ele recordou matar Wilhelm Roth. Acordou da explosão na sede do quartel, e o



olhar de medo e horror no rosto de Claire quando saiu dos escombros envolto em fogo infernal. Ele recordou sua coragem quando o atacou primeiro com a determinação obstinada, negando-se a deixá-lo morrer.

Então acordou de... um nada sem fim.

Poderiam ter sido dias desde que tinha perdido o conhecimento. Talvez uma semana ou mais.

Quanto tempo esteve Claire com ele no universo de sono, passando por cima de seu próprio bem-estar para consolá-lo através da escuridão?

—Claire, por favor. Abre os olhos. Diga-me que pode escutar.— Ele passou sua mão por seu rosto e cabelo, sentindo que seu coração se rachava enquanto segurava seu corpo debilitado contra o dele.

—Deixe-me saber que ainda está comigo, que não te perdi.

Deus o ajudasse, mas ela não respondeu absolutamente. Estava fria e imóvel, sua respiração muito leve e pouco profunda.

Reichen registrou vagamente o som de pegadas se aproximando da porta aberta do quarto, mas todo seu enfoque estava em trazer de volta Claire. Uma pessoa ficou sem fôlego no corredor, seguido por mais vozes quando um pequeno grupo de guerreiros e suas companheiras se reuniram na frente da porta.

—Inferno Santo — murmurou Tegan, uma maldição que ecoou em mais de uma pessoa.

Reichen não sabia se sua reação surpreendida era pelo fato de que ele estava acordado e ausente da pyrokinesis ou pela condição perturbadora de Claire estendida languidamente em seus braços. Girou a cabeça para Lucan, Tegan e vários outros membros da Ordem que estavam fora do quarto com Tess e o resto das Companheiras de Raça que viviam no recinto. Tess e Savannah estavam segurando tubos de IV e bolsas de líquido claro. Atrás deles, Gideon tinha rodado uma maca da enfermaria.

—Algo está mal com Claire. — murmurou com a garganta seca. Uma rajada fria parecia soprar através de seu corpo, colocando-se atrás de seu esterno.

—Vamos ajudá-la. — disse Tess brandamente, levantando os fornecimentos médicos que havia trazido.

—Não. É muito tarde para isso. — murmurou, sabendo por instinto que ela estava além da necessidade de qualquer intervenção mortal.

Necessitava sangue.

Por muito que tinha temido que só a machucaria, que seu amor não seria o suficientemente forte para mantê-la a salvo do que a pyrokinesis poderia lhe converter. Reichen sentia além de qualquer sombra de dúvida que ele era o único que podia salvá-la agora. Ele grunhiu quando um par de guerreiros começaram a entrar no quarto, como se quisessem afastar Claire longe dele.

Ela era dele - agora e sempre.

—Volta para mim. — sussurrou, logo levantou seu pulso à boca e afundou suas presas profundamente em sua carne.

O sangue disparou por suas veias enquanto levava aos lábios dela a ferida e apertou as punções contra sua língua.



—Bebe, Claire.— sussurrou em voz baixa, segurando a cabeça acima e obrigando-a a viver. Não importava se tinha que implorar. Não importava que tinha uma audiência observando-os solenes, num silêncio incerto a uns metros de distância. —Bebe para mim agora. Por favor, Claire...

A primeira varrida da língua contra sua pele chupando fez que Reichen tomasse uma respiração forte. Logo começou a engolir, fixando os lábios com mais firmeza na fonte de calor, sangue que dava vida. Seu sangue, que se misturaria dentro dela e daria força e vida prolongada.

Seu sangue, que a uniria a ele como sua companheira, agora e sempre.

—Andre— murmurou sonolenta, levantando o olhar escuro para ele. —Tive tanto medo. Pensei que tinha te perdido.

—Nunca— respondeu. —Nunca mais.

Sua boca se curvou em um sorriso débil quando ela voltou para a sucção de seu pulso.

—Toma tudo que necessite de mim, meu amor. — a animou com ternura, com a garganta obstruída pela emoção. Não importava que sua voz e suas mãos tremiam enquanto a trazia mais perto. Era completamente desavergonhado da profundidade de seus sentimentos por esta mulher.

Sua mulher.

Sua companheira.

Sua amada, por último, e para todo o resto de suas vidas.

Quando olhou para onde seus amigos estavam reunidos, surpreendeu-se ao ver que haviam desaparecido. A porta do quarto estava fechada, deixando Claire e a intimidade de seu reencontro sozinhos. Reichen não a apressou nem um segundo. Ele a deixou beber por um longo tempo, contente com simplesmente mantê-la em seus braços e ver como o sangue dava brilho a suas bochechas e vida renovada ao seu corpo.

E muito tempo mais tarde, depois que estava finalmente saciada e forte, recostou-se na cama com ela e a envolveu em seu abraço protetor, fazendo solenes promessas que estava muito ansiosa por guardar, e amá-la com toda a reverência e adoração de um varão de sangue em condições de servidão, que tinha olhado o inferno na cara e agora entendia que estava segurando o céu em seus braços.

Epilogo

Newport, Rhode Island.

Uma semana depois.

Reichen estava de pé, sozinho na borda iluminada pela lua na Baía Narragansett, perdido em uma profunda meditação que havia se convertido em seu ritual noturno desde que ele e Claire abandonaram Boston. Atrás dele, os sons de sua suave música no piano flutuaram sob a casa. Deixou que as consoladoras notas o banhassem enquanto enfocava toda sua energia mental na esfera brilhante de fogo que mantinha suspensa entre suas mãos naquele lugar.



A bola girava mais rápido enquanto ele lentamente erguia suas mãos as juntando mais perto. A luz ficava mais quente, passando do brilho laranja da chama a um intenso azul esbranquiçado. E Reichen o apertava com mais força, comprimindo o poder do fogo em uma área pequena e menor que estava completamente sob seu controle.

A pirotecnia que tinha, que uma vez percorreu seu corpo inteiro como um rajada de fogo selvagem, estava lentamente sendo disciplinada. Finalmente cedendo à sua vontade, obedecendo suas ordens.

O exercício era exaustivo, mas cada vez que trabalhava o fogo progredia nisso. Esta noite havia mantido durante dois minutos seguidos – duas vezes, mais do que havia mantido na noite anterior. Estava decidido a dar forma a sua habilidade em um verdadeiro talento, e tinha que agradecer a Claire por ajudá-lo a conseguir.

Ela era sua fortaleza interna. Seu sangue o mantinha estável, e seu amor o mantinha inteiro. Finalmente estava aceitando a si mesmo como era – tudo o que era, incluindo esta parte dele, que havia tentado tanto negar. Havia passado três décadas vivendo uma existência superficial, fechando-se à emoção verdadeira por temor que o tornasse fraco. Agora sentia tudo exponencialmente em maior medida. Com Claire ao seu lado, estava finalmente aceitando tudo o que significava verdadeiramente estar vivo.

Distante, enquanto afiava o círculo do fogo em uma esfera menor, mais brilhante, registrou que a música dentro da casa se deteve. Levou toda a sua concentração manter a bola girando entre suas mãos. Tanto que não escutou ninguém se aproximando até que uma voz profundamente masculina murmurou uma vívida maldição atrás dele.

—Está bem, Tegan.— disse Claire, enquanto Reichen girava lentamente de frente para eles. Seu sorriso era divertido, e sem um pouco de vaidade enquanto encontrava o olhar de seu companheiro. —Está melhorando nisto. A última vez que o fez, o círculo só conseguiu ficar tão pequeno como uma laranja.

Reichen arqueou uma sobrancelha para ela enquanto esmagava suas mãos e extinguiu as chamas completamente. Seu corpo estava exausto pelo esforço que exigia para dirigir seu talento, mas seu coração se elevou ao ver a confiança de Claire nele. E se alegrava de ver seu amigo de Boston, também.

—Tegan.— disse ele, estendendo sua mão ao guerreiro em sinal de saudação.

O Gen Um lhe deu uma prudente inclinação de cabeça enquanto estreitava a mão que justamente havia estado acesa com calor sobrenatural.

—Impressionante— disse ele, sorrindo agora. —Obviamente alguém esteve comendo seus Wheaties¹⁵.

Reichen riu.

—Tenho algo muito melhor que isso, meu amigo.

Claire se aproximou e envolveu seu braço ao redor dele, enroscando-se ao seu lado. Nunca se cansaria de senti-la apertada junto dele, e a semana que tinham passado juntos em Newport havia sido a melhor reabilitação que poderia ter pedido. Estava satisfeito mais que suas fantasias

¹⁵ cereal



selvagens, mas vendo Tegan agora, tinha que admitir que um crescente comichão crescia para retornar ao centro da ação com seus amigos da Ordem.

—Houve alguma novidade que conduza a Dragos desde que falamos há alguns dias?— perguntou ele, ciente que o guerreiro não havia percorrido todo o caminho de Rhode Island só para uma visita familiar.

—Seguimos rastreando algumas coisas, mas o filho da puta parece ter limpado a área. Sabia claramente que estaríamos rodeando sua área em Connecticut, e não consideramos o fato que poderia ter estabelecido posições alternativas há muito antes. Nossa melhor aposta no momento é perseguir sua rede de sócios da Agência de Execução.

—Qualquer coisa que possa fazer para ajudar.— disse Reichen. —Diga-me onde precisa de mim. Sabe que estou disponível para a Ordem.

—Foi totalmente inestimável, cara. Sem você e Claire, ambos, não poderíamos ter encontrado os laboratórios de Dragos em absoluto. Agora muitas de nossas suspeitas sobre suas operações estão confirmadas. É mais importante que nunca que encontremos Dragos, mas também é necessário encontrar o Antigo que esteve retendo todo este tempo. Não temos nada contundente de onde possa ter transferido a criatura, mas o fato de que está aí fora em algum lugar é um desastre que só se espera que aconteça.

Reichen assentiu moderadamente.

—Soa como se a Ordem tivesse suas mãos repletas, inclusive mais agora que antes.

—Sim, estamos.— Tegan esteve de acordo. —Em realidade, Lucan e o resto de nós em Boston estão de acordo de que poderíamos utilizar um enviado especial para nos ajudar a conseguir apoio entre a população Europeia. Sua reputação foi ouro entre os Darkheavens dali, assim também como com a Agência de Execução. Vamos necessitar de alguém com cabeça fria e excelentes instintos para nos ajudar a conseguir nossas próprias alianças, e ao mesmo tempo arruinar qualquer possível aliança de Dragos com aqueles grupos. Há alguma possibilidade que pudesse estar disposto a deixar seu agradável ninho de amor aqui em Newport para fazer algum tipo de trabalho diplomático para nós de vez em quando?

Reichen olhou para baixo para encontrar-se com o olhar de Claire. Estiveram de acordo em fazer da casa de Newport seu lar, possivelmente inclusive começar uma família própria em pouco tempo. Estava ansioso pela vida que estavam planejando juntos, mas o dever e a lealdade à Ordem o chamavam também.

Ela entendeu aquele fato; viu a aceitação em seus olhos. Ela sorriu e deu uma pequena inclinação.

—Na medida que vai, antes da próxima semana estará aborrecido de fazer malabares de fogo. Estará procurando novos desafios, talvez ambos estaremos. Talvez haja bastante trabalho para nós com a Ordem.— Disse ela, lançando um olhar inquisitivo a Tegan.

O guerreiro sorriu.

—Estaríamos honrados de contar com os dois.

—Não deixei a Alemanha exatamente nas melhores condições.— murmurou Reichen. —A Agência pode me ver ali como um fugitivo, não como um amigo.

—Na realidade.— disse Tegan, —Por todos as tentativas e objetivos, é um homem morto.



Morreu no verão passado, no incêndio que destruiu seu Darkheaven. Agora Roth e todos em seu círculo estão mortos, também. Para qualquer pessoa é um fantasma, Reichen. Dará a você inclusive maior oportunidade de se aproximar de nossos objetivos e descobrir alianças encobertas.

—Um espião da Ordem?— disse Reichen, já gostando da ideia.

—Não estou dizendo que vai ser fácil. Vai ser condenadamente duro o trabalho às vezes. E vai ser mortalmente perigoso, também.— Tegan perguntou. —Acredita que pode fazer isso?

Reichen olhou Claire de novo, sentindo-se mais forte que nunca quando viu a fé e a admiração brilhando atrás de seus castanhos olhos claros.

—Sim— disse ele. —Acredito que posso fazer isso.

Com Claire ao seu lado, amando-o – acreditando nele – poderia fazer absolutamente tudo.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>